

BÁRBARA MORAIS

TRILOGIA ANÔMALOS VOLUME 1

A ILHA DOS DISSIDENTES





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BÁRBARA MORAIS

TRILOGIA ANÔMALOS VOLUME 1

A ILHA DOS DISSIDENTES



Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Bete Abreu

REVISÃO

Renato Potenza Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Tristelune Production

CAPA

Diogo Droschi

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Morais, Bárbara

A ilha dos dissidentes. Anômalos, a série / Bárbara Morais. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2013.

Título original: Wondrous Strange.

ISBN 978-85-8235-074-4

1. Ficção brasileira I. Título.

13-06196

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 869.93

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

 Leitura Fácil

*Aprendemos a voar como os pássaros,
a nadar como os peixes; mas não
aprendemos a simples arte de
vivermos juntos como irmãos.*
Martin Luther King

Sumário

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Agradecimentos

No início, havia meus avós, paternos e maternos, e, se não fosse pelas suas habilidades como contadores de história, acho que não saberia nem como começar a colocar palavras no papel. Foram os anos e anos ouvindo seus causos que me ajudaram a chegar aqui e, se não fosse por eles, seria literalmente impossível a existência dos meus progenitores e, é claro, a minha. Eu sei que seja lá onde eles estejam, estão orgulhosos de mim. (E a Vovó Dorinha deve estar orgulhosa de mim na sua cadeira de balanço em João Pessoa, recitando algum poema sobre passarinhos)

Um grande obrigada aos meus pais, sempre compreensivos, me deixando fazer bagunça pela casa enquanto criava histórias mirabolantes com as minhas Barbies. E obrigada por me passarem essa anomalia genética chamada criatividade em excesso! Amo muito vocês.

Minha irmã merece um parágrafo, pois ela me atura contando TODOS OS DETALHES das histórias que invento, independente de ela querer ouvir ou não (mas, ei, é recíproco). Ela é uma companheira e tanto, uma amiga incrível e, se eu tivesse que escolher alguém para ir numa missão supersecreta comigo, seria ela.

Para os meus tios e tias, obrigada por todo o entusiasmo! Vou fazer uma sessão de autógrafos exclusiva para vocês no Natal, ok?

Agradeço a compreensão de minhas amigas e amigos nas inúmeras vezes em que tive que recusar um programa porque tinha que correr para cumprir todos os prazos! Obrigada pela diversão gratuita no WhatsApp e por tardes de risadas e gordices.

Minha gratidão eterna vai para a Gui Liaga, minha agente, por acreditar que eu podia fazer isso e me dar forças para continuar até o final! A sua dedicação foi muito importante para mim e eu realmente acredito no seu trabalho e no que podemos fazer juntas.

Obrigada à Leka, à Ju e a todos os outros para quem mandei o texto para fazerem leitura crítica! A opinião de vocês me ajudou a deixar a história redondinha para todos os outros leitores e era uma alegria receber e-mails com as suas opiniões. Vocês me deixaram empolgada em ver que mais alguém amava esses personagens, além de mim.

Um beijo para a Babi Dewet, que é linda e me mostrou que isso tudo podia ser possível. Vários coreanos para você.

Para a Iris Figueiredo, que assim como a minha irmã, me suporta com todas as minhas ideias malucas e *plottwists* e mensagens no WhatsApp. Eu te admiro muito.

Para a Dayse Dantas, minha amiga de Banana City, um agradecimento por existir e ser incrível.

Para todos os leitores do blog *Nem Um Pouco Épico* e meus seguidores do Twitter, porque me dão a motivação que preciso para continuar.

Para a Paula Pimenta, que é uma pessoa incrível e muito, muito, boa. Não duvido que ela vá direto para o céu.

Para a Alessandra, a Rejane, o Felipe, o Diogo, a Carol e todas as outras pessoas da Editora Gutenberg, por tomarem conta desta história com o cuidado que ela merece e acreditarem no meu potencial. Não podia encontrar casa melhor para meus anômalos tão incompreendidos.

E, por fim, para você, leitor! Obrigada por dar chance a esta história. Sinta-se à vontade para conversar comigo no meu Twitter @barbaraescreve. Estou doida para saber a sua opinião sobre o mundo da Sybil e os anômalos!

P.S.: Eu sei que estou esquecendo de algumas pessoas. Então, se eu não mencionei seu nome, sinta meu agradecimento neste P.S. ultramegapower especial também! :-)

Capítulo 1

O tempo se arrasta quando se espera.

Nunca acreditei nesse ditado. Pelo menos não antes das quase doze horas que se passaram até que me buscassem naquele quarto branco de hospital. Entre triagens, exames e medicações, estou exausta e com frio. Só quero ir para algum lugar onde a luz não seja constante, para descansar. É pedir demais uma horinha de sono? Não faço ideia de quando foi a última vez que dormi, só sei que foi muito antes do acidente. Era uma manhã de sábado e eu estava em uma cabine da quarta classe do navio com o nome mais estúpido do planeta: *Titanic III*. Não sei o motivo de escolherem esse nome, principalmente depois de os dois primeiros terem afundado. Também não entendo o porquê de eu estar nele e não a bordo do *Rainha Helga* ou algo assim.

Minha jornada havia começado antes, em Kali, a província na qual eu morava. Como o lugar é palco da guerra sem fim entre a União, meu país, e o Império, a vida lá em geral é uma droga. Para dar um pouco de esperança aos habitantes, o governo da província seleciona esporadicamente alguns voluntários para serem removidos para o continente Pacífico como refugiados. Viver como refugiado não parece ser muito melhor que residir em uma zona de guerra, mas pelo menos você não corre o risco de morrer a todo instante. É a melhor entre as minhas opções.

Minha dor de cabeça se torna mais insistente a cada minuto e me distraio ao me lembrar do caos da viagem e de como os primeiros dias haviam sido agradáveis a ponto de me fazer esquecer do drama que havia sido a minha despedida do orfanato. Os últimos momentos a bordo do navio não foram exatamente bons, e me esforço para não relembrar o inferno pelo qual passei.

Ouçoo passos no corredor e me levanto da cama, ajeitando a camisola para manter o mínimo de dignidade. Será que eles estão me testando para resistência ao sono também, além de todas as outras coisas? Eles podiam me deixar em paz, me deixar dormir só um pouquinho... O cansaço fica cada vez maior, e o sinto ir e voltar esporadicamente. Meu comportamento oscila entre extremos. Em alguns momentos, a hiperatividade faz minhas mãos tremerem e caminho por todo o quarto branco e limpo, esperando encontrar pelo menos uma manchinha nas paredes em busca de alguma distração. Em outros, a apatia se instaura fazendo com que até o ato de respirar seja trabalhoso.

Estou exausta e preciso me apoiar na cama. Uma pessoa pode morrer de cansaço? Quanto tempo demoraria? Se tiver de fazer outro teste, tenho certeza de que desmaiarei no meio do caminho. Se enfiarem mais uma agulha no meu braço ou me afundarem em mais um tanque para medir meus sinais cerebrais ou o que diabos for, enlouquecerei. Não é possível que sejam tão cruéis assim.

Ouçõ passos se aproximando da porta e fico mais ansiosa. Por favor, que não seja mais um teste. Por favor, me levem embora. Por favor, por favor, por favor. É só o que consigo pensar. A porta se abre e uma enfermeira entra, com um sorriso plástico estampado no rosto carrancudo e um cheiro insuportável de mentol. Atrás dela, vem um homem fardado com botas pesadas. Qual é mesmo o nome dele? Tenente Jessebel? Ele é o responsável por pessoas *como eu* naquela região e foi quem me recebeu ali.

– Você parece exausta. Não conseguiu dormir? – pergunta a enfermeira, aproximando-se para checar meus sinais vitais.

– Com essas luzes, me espanta que eu não tenha começado a fazer fotossíntese... – o tenente responde com o que parece ser um tom bem-humorado. – Tenho seus resultados, senhorita Varuna. Ansiosa para saber o motivo de ser a única sobrevivente entre as três mil e quinhentas pessoas que estavam no naufrágio do *Titanic III*?

Não, não quero saber. Ao que me consta, se tivesse afundado com o navio, eu estaria dormindo eternamente e não sendo revirada do avesso. O tenente Jessebel não faz ideia do que é ver todas aquelas pessoas se afogando e congelando lentamente, sem poder fazer absolutamente nada para ajudá-las. Ele não vê seus rostos todas as vezes que fecha os olhos nem ouve seus gritos em seus devaneios.

– Aparentemente, a senhorita é portadora de uma mutação peculiar. – Ele continua de forma simpática, ignorando minha vontade. – Você estava ciente disso? Seus pais sabiam da sua condição?

É uma pergunta perigosa, e a enfermeira prende a respiração sutilmente, fingindo medir minha pressão, mas prestando atenção à conversa. Provavelmente, situações como aquela fazem o seu dia na sala de descanso. Uma garotinha sobrevivente de um grande naufrágio e considerada criminosa pelo governo por mentir sobre seu código genético? Não há fofoca melhor.

– Não, senhor – respondo automaticamente, como um robô. – Sou órfã, senhor. Desde pequena, senhor. E só imaginei que poderia ser um *deles* depois que os outros passageiros começaram a morrer e eu não, senhor.

– Você nunca tomou banho de piscina ou de mar? Nem de rio? – Ele se aproxima com as mãos casualmente dentro do bolso. Para um soldado, está bastante relaxado. Será que possui um gravador escondido? Será algum padrão medir a modulação da voz dos capturados para detectar mentiras? Sou inteligente o suficiente para saber que não se deve mentir para oficiais. – Nunca sentiu algo diferente quando estava perto da água?

– Não, senhor. Minha região está em guerra desde que nasci. Minha cidade fica no pé da montanha e não no litoral. Nosso rio é muito sujo; entrar nele seria pedir para ficar doente. Não temos água para desperdiçar assim, senhor.

Ele não responde. A enfermeira continua a me cutucar e a ouvir meus batimentos cardíacos, enquanto o tenente mantém o olhar fixo em mim. Não desvio o olhar. Em Kali, aprendemos desde pequenos que pessoas com poder – militares, políticos, ricos – gostam de intimidar. Se eu piscar uma vez, ele achará que pode me dominar. Não sustentar seu olhar seria dar permissão para que o abuso continue.

Por fim, ele é o primeiro a olhar para o lado, arrumando a arma no coldre despreocupadamente. Sinto o estômago revirar. Armas sempre me deixam nervosa.

– Tudo bem. Enfermeira Norse, arrume roupas para ela. Vamos levá-la agora.

A enfermeira concorda, colocando o estetoscópio no pescoço antes de sair da sala. O tenente permanece ali e faz um sinal para que eu me sente na única cadeira do quarto. Recuso, continuando ao lado da cama, e me apoio nela com mais força. Não posso perder a batalha contra o cansaço agora, não depois de tanto tempo. O homem dá de ombros, se acomodando na cadeira de forma desleixada.

– Você será transferida imediatamente para uma unidade temporária, senhorita Varuna. – Ele arruma a arma novamente. Parece nervoso. – Provavelmente vão fazer mais alguns testes em você. Exames de rotina, como avaliar seu estresse pós-traumático ou verificar doenças infectocontagiosas. Depois, prosseguirá para uma das cidades especiais, onde será alocada em uma família temporária.

– Os campos de trabalho de refugiados são chamados de cidades especiais nesta região? – pergunto espantada. É a primeira vez que ouço esse termo. O tenente ri.

– Você não é mais uma refugiada, garota.

Tento recordar as aulas sobre o funcionamento do governo da União, no continente Pacífico, e o procedimento padrão quanto aos cidadãos *especiais* nas áreas fora de conflito, mas não consigo me lembrar de nada. De onde venho, pessoas com habilidades fora do comum são recrutadas pelo exército imediatamente, independentemente da idade e da vontade. A maior parte das pessoas aceita sem relutar, acreditando ser seu dever como cidadão. Mas a verdade é que somos educados a pensar assim desde a infância. Jamais me pareceu certo, porém isso nunca foi uma preocupação para mim. Seria *cidade especial* o termo utilizado para quartéis militares? Ai não! Eu havia me inscrito para os campos de refugiados justamente para fugir do exército!

Ao perceber meu silêncio e minha confusão, o tenente suspira. Provavelmente, pensa que deveria ocupar seu tempo com outras tarefas. Todos os oficiais encarregados de conversar com garotas adolescentes confusas devem achar isso.

– Eu me esqueço de que os territórios em litígio têm uma política especial quanto a *vocês*. Nas regiões em paz, todas as pessoas como você moram em cidades próprias,

com contato mínimo com a população normal. Não queremos que a raça humana seja degenerada com essas mutações, não é?

– Sim, senhor – respondo, tentando esconder o choque pelo tom impaciente dele.

– Agora que sabe da sua condição, evite ao máximo se aproximar dos humanos normais. Mantenha conversas apenas com oficiais e pessoas do seu tipo. – Ele se levanta, não parecendo mais simpático. – Só faça qualquer outro contato com autorização. Não se meta em problemas.

– Certo, senhor. Não irei, senhor.

Temos mais uma batalha de olhares e, dessa vez, ele vence.

Capítulo 2

O tempo passa e não faço ideia de quanto. Perco a noção das horas depois de acordar desorientada no Centro de Apoio, onde deveriam fazer testes adicionais antes de eu ser enviada para meu destino final. Sem janelas no quarto em que fui mantida, não havia como distinguir o dia da noite.

Só quando estou em um trem para uma das cidades especiais é que volto a me situar no tempo. Um rapaz sentado ao meu lado tenta iniciar uma conversa e eu o ignoro, lembrando-me do alerta do tenente Jessebel e do que repetiram à exaustão no Centro de Apoio. Em vez disso, me concentro na carta em minhas mãos. Além dela, levo apenas uma mochila com as poucas roupas cedidas pelo governo. Afinal, já é o suficiente ser anormal, não preciso desfilar nua por aí.

A carta contém o nome e o endereço da família que vai me acolher na maior cidade especial do continente Pacífico, Pandora. Localizada em uma região chamada Arkai – que é, na verdade, uma ilha –, Pandora fica ao lado de uma cidade de pessoas normais chamada Prometeu.

Rio em silêncio com os nomes. É ridículo como nem sequer tentaram ser sutis – dando o nome da mulher que liberou todos os males no mundo para uma cidade dos anômalos e o nome do titã que criou o homem para a outra.

Tento imaginar minha nova vida nesse lugar, mas só consigo pensar em minha velha cidade, com suas casas malfeitas de madeira se amontoando umas por cima das outras, suas barricadas e a ausência de vegetação. Meu futuro lar não deve ser assim, porque não é como as coisas são feitas nesta parte da União, principalmente em Arkai. Aqui, pelas fotos que nos mostraram na escola, as ruas são ornamentadas ao ponto do ridículo, e até as casas dos mais pobres são melhores do que as de muitos ricos da minha província.

Da mesma forma, quando leio Rubi, o nome da minha futura mãe na carta, só consigo imaginar a velha senhora que cuidava da casa de órfãos onde eu morava. Vóvó Clarisse dedicou sua juventude a ser enfermeira do exército durante anos de conflito e, depois de aposentada, passou a cuidar dos órfãos da guerra com um pequeno auxílio do governo. Não é a melhor casa do mundo, longe disso, mas pelo menos há comida e ninguém passa frio no inverno, como tantas outras crianças abandonadas. Além disso,

vovó Clarisse acredita que podemos ter um futuro melhor e nos obriga a frequentar a escola.

Além de Rubi, há os nomes Dimitri e Tomás escritos no papel. Quem serão? Talvez outras duas crianças órfãs como eu, sob a tutela da tal Rubi? Será que ela espera que eu a chame de mãe? Será que ela é legal ou antipática como as pessoas do hospital e do Centro de Apoio?

Em algum ponto, adormeço embalada pelo barulho das rodas de metal nos trilhos. Tenho sonhos confusos em que pessoas se afogando tentam gritar e acabam afundando ainda mais. Acordo com um susto quando o trem para de vez. Esse é um dos únicos expressos do mundo, segundo um cartãozinho que me entregaram quando embarquei, e o maior em atividade na União. A viagem é sem escalas e vai direto para a estação central de Prometeu, que é a maior cidade normal desse lado do mundo. Aparentemente, tudo aqui é o maior do continente.

Pego minha mochila e sou uma das primeiras a desembarcar, parando um pouco para absorver a grandeza da estação. É, provavelmente, a coisa mais bonita que já vi, ainda mais impressionante que o trem. A estrutura da plataforma tem um estilo diferente, cheia de ferro e aço torcido, com grandes placas de vidro. De início parece algo terrível, mas as construções por aqui têm tanto primor que tudo parece uma obra de arte. Só me movo novamente quando alguém esbarra em mim e me empurra para o lado.

– Sai da frente, aberração!

Atordoadas, começo a procurar minha nova família. Quando me entregaram a carta, garantiram que estariam me esperando e que eu saberia quem eram. Observando a multidão caminhando apressada, sinto-me uma criança perdida. Pareço a única pessoa a não saber aonde ir nem o que fazer.

Centenas de pessoas caminham apressadamente com suas roupas coloridas e seus casacos longos, mas nenhuma vestida com a cor que as pessoas como *eu* precisam usar. Ajeito o casaco amarelo ridículo ao redor do corpo para não sentir frio quando avisto três pessoas com a mesma cor: só podem ser eles.

Aproximo-me ao mesmo tempo que eles começam a caminhar em minha direção. Uma mulher, um homem e um garoto. Presumo que o adulto seja meu futuro pai. Nunca tive um pai antes. Nem um irmão. A casa de órfãos em que eu vivia só aceita meninas. De repente me sinto nervosa.

Paro na frente deles, arrumando a alça da mochila meio envergonhada. Como começar essa conversa? “Olá, sou Sybil! Por favor, tomem conta de mim?”. Para meu alívio, a mulher dá início ao diálogo.

– Você deve ser Sybil Varuna. Bem-vinda. Eu sou Rubi Berglung e esse é Tomás, meu filho. O grandalhão aqui não é meu filho, não entre em pânico. Ele é meu amigo Dimitri, que divide a casa conosco. – Ela termina de falar e eu estendo a mão,

murmurando alguma coisa inteligível entre “obrigada” e “prazer em conhecê-la”. Faço o mesmo com os outros dois, embora o garoto não gaste mais de dois segundos olhando para mim.

– Posso carregar sua mochila? Você deve estar cansada – diz Dimitri gentilmente. Estou prestes a recusar, mas mudo de ideia. Talvez ele me ache mal-educada e quero causar uma boa primeira impressão.

Rubi me lança um sorriso maternal e me conduz com uma mão em meu ombro para a saída, marcada por um grande A amarelo acima da porta. Caminhamos em silêncio, provavelmente uma tentativa de me dar algum espaço. Agradeço mentalmente pela gentileza. Não sei se aguentaria viver com pessoas tagarelas, que querem saber de tudo o tempo todo.

São esquisitos, os três. Acho que devo completá-los de forma a fazê-los destoar ainda mais da multidão. Rubi é alta, com cabelos cor de fogo, lembrando realmente a pedra de mesmo nome. Com as roupas amarelas, fica parecendo um daqueles cones de segurança que proíbem a passagem. Já Dimitri é tão alto quanto ela, o que é espantoso, porque ele parece ser uma das crianças órfãs da guerra, como eu. Cabelo escuro, pele meio morena e olhos castanhos. Lado a lado, ele poderia muito bem ser meu pai biológico ou um irmão mais velho, com aparência responsável demais. E o menino, Tomás, tem um cabelo castanho bagunçado e olhos claros que chamam a atenção, como se fossem bonitos demais para não serem notados. Ele é quase da minha altura, apesar de parecer ser bem mais novo, e aparenta ser uma criança saudável e alegre.

Mas talvez as pessoas não olhem torto para nós por nossa aparência peculiar e sim pelas nossas vestes amareladas. Não é fácil esquecer o que sou agora.

– Vamos pegar o metrô até Pandora – Rubi diz quando saímos da plataforma para o centro da estação. – Você está com todos os seus documentos?

– Sim, estão na mochila. – Tento parecer segura, sem muito sucesso.

– Certo. Preste atenção aqui. De onde viemos fica a plataforma um, onde o trem expresso desembarca. As demais plataformas são de trens para outras cidades com várias paradas. Você só pode pegar um deles com autorização. O mesmo serve para o metrô aqui dentro. Existem pontos de checagem a cada estação. Para voltar para Pandora, basta mostrar sua identificação e estará liberada.

Faço que sim com a cabeça. Já havia sido esclarecida quanto a esse ponto no Centro de Apoio. Aliás, parecia que o objetivo deles era me treinar para minha nova vida em vez de verificar se eu tinha algum trauma depois da tragédia do naufrágio.

– Mas qual documento devo usar? – pergunto, pensando nos inúmeros papéis que recebi.

– Aquele de plástico pequeno com a sua foto – Dimitri orienta. – Os outros devem ficar em casa. O maior é só para quando você for mudar de província em viagens autorizadas, como um passaporte.

– Hum, certo.

– Vou tentar conseguir uma autorização para irmos comprar roupas para você na semana que vem; não acho que consiga se virar só com isso – Rubi diz, reparando a doação do governo que visto.

– Ah, não precisa ter esse trabalho. Tenho roupas o suficiente aqui.

– Você deveria ter dito que as crianças da guerra eram todas assim, Dimitri. Eu teria adotado uma delas muito antes, se tivesse me avisado – ela brinca, apertando a mão que está no meu ombro carinhosamente. – Bem, aqui estamos nós.

Saímos da estação e chegamos a um prédio tão bonito e impressionante quanto tudo o que tenho visto ultimamente. Não há muitos edifícios por perto, mas a rua que atravessamos é exatamente como nas fotos mostradas na escola: cheia de árvores, uma calçada ampla e bem cuidada, a via de bicicleta movimentada e a dos carros bem pequena, no centro.

Uma vez, em uma das minhas aulas, uma garota perguntou por que as ruas de carro eram tão estreitas no continente Pacífico. Minha professora respondeu que era porque, diferentemente das nossas, elas não foram feitas para tanques de guerra, mas para veículos oficiais. Grande parte da movimentação em territórios pacificados se dá por transportes subterrâneos, a pé ou bicicleta. Para nós, acostumados com a guerra, é uma atitude idiota. E se o conflito os alcançasse, o que fariam? Demoliriam os prédios para criar passagem?

Mas enquanto passo pela segurança para pegar o metrô em direção à cidade das *aberrações*, fica claro para mim que a guerra nunca chegará aqui. Aquelas pessoas não têm noção alguma dos horrores de uma batalha. São todos muito educados, inclusive os soldados que nos revistam atrás de armas e produtos não autorizados. Nunca imaginei que oficiais poderiam abrir uma mala com delicadeza. Sorrir, então, estava fora de questão. São todos anômalos, a julgar pelos símbolos amarelos em suas fardas.

Tomás começa a reclamar no momento em que pedem para que ele abra sua mochila, mas é silenciado por Rubi. Contrariado, o menino fica de cara feia durante todo o processo e chega a mostrar a língua para um dos soldados. Congelo no meu lugar quando ele faz isso, esperando uma reação violenta do alvo da sua impertinência, mas o homem só ri, chamando-o de cabeça de sapo.

Passamos pela triagem e percebo que estive tensa durante todo o processo de revista. Rubi, Dimitri e Tomás agem como se aquilo fosse normal, assim como os soldados. Duvido que eles já tenham visto uma revista se transformar em uma carnificina em razão de uma bomba caseira ou algo assim.

Continuamos caminhando, descendo várias escadas rolantes e atravessando diversos túneis.

– Então? – Dimitri se mostra curioso. – O que achou?

– Do quê? – pergunto sem entender.

– Da revista amigável pela qual acabamos de passar.
– Diferente. – Dou de ombros.
– Você se acostuma.
– Ou não – Tomás diz, finalmente prestando atenção em mim. – É um saco que eles tenham de fazer isso. Lembra daquela vez que roubaram o meu chiclete? Não traga chicletes, eles sempre roubam. E chocolates.

– Tomás, eu já disse que tem chocolate suficiente em Pandora para você comer quando quiser – Rubi o repreende e faz um sinal para que eu os siga à direita.

– Mas não são tão bons quanto os que encontro aqui. – O garoto cruza os braços, irritado. Muda a expressão quando avista uma loja. – Mãe, mãe, mãe! Posso comprar uma pizza? Sybil deve estar morrendo de fome, vai. Uma fatia só. Eu divido com ela. Eu tenho dinheiro.

– Ei, ei, calma aí, querido. Assim você vai machucar alguém – Rubi o segura pelo braço, impedindo-o de esbarrar em outra pessoa. – Sybil, você quer um pedaço de pizza?

– Hum, pode ser. – Fico desconfiada. Na verdade, não tenho ideia do que seja uma pizza, mas Tomás ficou tão animado que só pode ser algo gostoso.

– Compre a de pepperoni. Ela vai gostar.

– Você também quer uma de pepperoni, Dimitri? – Rubi pergunta.

– O que é pepperoni? – Pareço confusa e recebo um sorriso de todos.

– É a coisa mais gostosa do universo – Tomás responde e provavelmente minha ignorância culinária funciona como uma deixa para que ele subitamente goste de mim.

O garoto puxa meu braço, me guiando em direção à barraquinha de pizzas. Os dois adultos nos seguem rindo.

Comparamos um pedaço de pizza para cada um e seguimos por escadas e corredores. Chego a pensar que estamos indo a pé para Pandora pelo tanto que andamos, mas finalmente paramos em uma plataforma. Há pelo menos cinquenta pessoas esperando ali, vestidas com roupas amarelas de todo tipo, e um relógio indica que o próximo trem chegará em quinze minutos. Rubi acha um lugar com quatro cadeiras vagas e nos sentamos. Tomás abre a caixa com seu pedaço de pizza e começa a comer de forma desajeitada. Sinto um cheiro maravilhoso e meu estômago revira, fazendo um barulho que denuncia minha fome.

– Pode comer se quiser, Sybil. – Rubi me entrega uma das caixas. – Tomás, cadê seu guardanapo, querido? Eu já disse para não comer assim.

– É mais gostoso. – Ele lambe os dedos de uma das mãos para tirar a gordura e eu rio. – Come. Vai. Está uma delícia. Tudo daqui é melhor do que em Pandora, então é melhor não se acostumar.

Abro minha caixa e encaro o triângulo de massa coberto de queijo derretido e rodela de algo que suponho ser o tal pepperoni. Como comer isso sem me sujar? Pegó

um dos guardanapos, fazendo o possível para não derrubar o recheio. Olho para a pizza por uns segundos antes de dar uma mordida. Ah! Como uma comida pode ser tão boa? Os alimentos em Kali são escassos e o único tempero que temos é *curry*. Sei que existe uma infinidade de sabores aqui, mas nunca imaginei que os experimentaria algum dia. Mastigo bem devagar e me sinto maravilhada com cada pedaço. Tomás começa a rir de mim, mas não me sinto envergonhada. Tenho quase certeza de que devo estar com uma expressão muito engraçada. Quando acabo meu pedaço de pizza, nós quatro estamos rindo.

– Você nunca tinha comido pizza? – Rubi pergunta gentilmente.

Sinto as bochechas queimarem e concordo com a cabeça. É constrangedor que algo tão comum para eles seja um luxo para mim.

– Pelo menos você não teve medo das escadas rolantes! – Dimitri diz. – Rubi, lembra quando cheguei aqui? Quase 18 anos nas costas e me recusando a descer uma escada que andava sozinha?

Rubi dá uma gargalhada e Tomás arregala os olhos. Eu sorrio, balançando a cabeça.

– Você tinha medo de escada rolante, tio Dimitri?

– Até eu fiquei impressionada com isso, tenho de confessar – digo em tom de brincadeira.

– Agora tem escadas rolantes em Kali? – Dimitri parece surpreso.

– O progresso eventualmente chega para as crianças da guerra. – Pisco um olho. Ele ri e me dá um tapinha paternal no ombro.

– Não tão rápido quanto aqui. Se prepare, porque, se a pizza a impressionou, o resto vai deixá-la ainda mais espantada.

Capítulo 3

Sessenta e sete minutos e uma baldeação depois, descemos do metrô em uma parada chamada Bonanza. Esse é mais um dos nomes ridículos que existem nesse lugar, mas não comento nada. Durante o caminho, Rubi, Dimitri e Tomás tentam me inteirar sobre o que eu ia encontrar, como funcionam os transportes ali e sobre a escola. Ouço e tento absorver o máximo que posso, mas esqueço tudo assim que subimos as escadas rolantes e saímos na superfície.

A única coisa que consigo pensar é... *uau*. Rubi explica que nosso bairro é o mais alto da cidade e que dali posso ver grande parte dele e... é incrível. Se eu me impressionei com as ruas estreitas e a arquitetura do prédio da estação de Prometeu, a cidade de Pandora é de tirar o fôlego.

Caminhamos por uma rua de paralelepípedos, ladeada de casas geminadas de tijolos aparentes com flores em todas as janelas. O resto da cidade se estende como um tapete de casas de diversos tamanhos e modelos convergindo para um centro com prédios altos e metálicos, como os ponteiros de um relógio. Consigo ver que cada conjunto de residências forma um grande hexágono e suponho que cada um deles seja um bairro.

– Quantas pessoas moram aqui? – pergunto, piscando os olhos algumas vezes, impressionada com a quantidade de casas.

– Atualmente? Um pouco mais de quinhentas mil – Rubi responde.

Faço um barulho de espanto. De onde venho, as cidades são pequenas, com a maior de todas tendo um pouco mais de dois mil habitantes. Dessa forma, é mais fácil proteger e controlar as idas e vindas dos cidadãos. Na cidade onde eu morava, havia por volta de quatrocentas pessoas e todas se conheciam em maior ou menor grau. A ideia de morar ali com quinhentas mil pessoas é quase assustadora.

– Sybil? Você está bem? – Rubi encosta nas minhas costas, preocupada.

– É só... impressionante. – Balanço a cabeça, desviando o olhar da cidade lá embaixo.

– Você vai se acostumar. Vamos? A casa é um pouco longe da parada e logo o sol vai se pôr.

Concordo com a cabeça, olhando mais uma vez para a cidade. Vovó Clarisse disse uma vez que devemos nos apegar à primeira impressão dos momentos bons, pois ela é

única. Sei que, a partir de agora, esse lugar se tornará mais e mais comum, então me esforço para gravar a sensação que tenho ao ver Pandora pela primeira vez.

O caminho para a casa é uma subida em curva. Dimitri pede que eu preste atenção para aprender o caminho. Viramos na quinta rua à esquerda, na altura de uma loja de bicicletas. Depois, são mais seis ruas até chegar a casa, na esquina da rua da escola onde estudarei. Os três parecem completamente acostumados a caminhar tanto, mas sinto uma dor irritante nas panturrilhas. Os dias desde que saí de Kali me deixaram fraca.

Entramos pela porta de trás, atravessando a área de serviço e indo parar na cozinha. A casa é como todas as outras do bairro, com dois andares, feita de tijolo aparente e com um quintal bem maior do que o jardim. Minha nova casa é grudada na casa da esquerda e Dimitri me explica que um dia, muito tempo atrás, as duas costumavam ser uma só.

Rubi me oferece água e pergunta se quero comer mais alguma coisa, enquanto os outros dois somem pelos aposentos. Bebo um copo de água e vou conhecer o resto da casa.

Após a cozinha, há uma sala de estar pequena e confortável, com dois sofás e uma lareira. Há também um banco de madeira embaixo da única janela do andar, onde um gato gordo dorme despreocupado. Rubi me diz que seu nome é Dorian e ele parece feliz quando o olho com curiosidade. Nunca tive um bicho de estimação antes. Vovó Clarisse achava que cães e gatos eram só mais uma boca para alimentar. Mas, uma vez, um cachorro havia seguido uma das meninas para casa e ele estava tão magro que tivemos pena de deixá-lo sozinho. Todas nos unimos para alimentá-lo e até vovó Clarisse nos ajudou, paparicando-o com restos de comida e ossos. Porém, nossos esforços foram em vão, porque em uma manhã acordamos e o encontramos morto, provavelmente envenenado.

Meus olhos vagam por uma estante cheia de livros e param em algumas fotos cobrindo uma das paredes. Todos eles parecem tão felizes que chega a doer. Sinto um desejo estranho de estar ali também, ao lado deles.

Subindo as escadas, encontro quatro cômodos. Um quarto para cada integrante da família e outro para hóspedes. Penso por um instante se dormirei na sala ou acampada no quintal, mas Rubi aponta para uma segunda escada. A casa é maior por dentro! Subo cada degrau lentamente, sem saber o que esperar, e me deparo com um sótão.

Um sótão inteiro. *Só para mim.*

Quando fui sorteada para sair de Kali e trabalhar em uma fazenda de refugiados, imaginava dividir um galpão com pelo menos dez outras garotas. Jamais pensei que poderia ter um quarto só para mim em toda a minha vida. Nunca tive antes, então qual é o ponto de desenvolver fantasias sem sentido? Isso é quase um sonho. Aliás, tudo até aqui tem sido meio surreal. O naufrágio, o período de testes, a designação para uma família. Eu ainda não consigo acreditar que isso está realmente acontecendo.

Rubi entra no quarto dizendo que posso fazer o que quiser com ele. Faz questão de mostrar alguns livros que ela pensou que poderiam me interessar. Percorro o cômodo, paro em frente a uma escrivaninha e pego um globo de neve. É um prédio antigo, com uma arquitetura parecida com a da estação, e, quando balanço, pequenas partículas brancas e brilhosas caem e se acumulam no telhado. Muito bonito.

– Tomás insistiu que comprássemos para você, como um presente de boas-vindas. – Ela sorri para mim e sorrio de volta, colocando o globo de neve no lugar.

Sinto-me mais confortável e penso que talvez consiga me encaixar nessa nova família. Programo o despertador com a ajuda de Rubi e ela conta que a torneira do banheiro emperra às vezes e precisa de um macete para abrir direito. Depois, finalmente, me deixa sozinha. Mas não antes de avisar que caso tenha fome, posso pegar algo na geladeira.

Pela primeira vez em dias, finalmente presto atenção aos meus pensamentos. O que vem à mente não me agrada: mais uma sucessão de lembranças de pessoas se afogando. Respiro fundo algumas vezes e decido fazer pequenas tarefas para afastar essas visões. Primeiro, desarrumo minha mochila e coloco as poucas roupas nas gavetas de uma cômoda. Depois, guardo meus documentos na estante. E então faço uma lista mental de coisas que precisarei, como cadernos para a escola e outro par de botas de inverno. Quando não tenho mais nada para fazer, pego meu pijama e vou tomar banho.

É meio difícil de acreditar que realmente sou uma *deles*. Uma anômala, uma aberração. Nos ensinam na escola que o início de tudo foi quase trezentos anos atrás, quando a guerra começou. Quando as regiões da União foram atacadas com armas químicas pelos dissidentes, os habitantes do Império do Sol, a resposta foi com armas nucleares. A teoria mais aceita é que a mistura dos dois com a tempestade solar mais forte dos últimos milênios causou algum tipo de anomalia em humanos de várias regiões, fazendo com que seus códigos genéticos se modificassem em uma escala muito maior do que a comum. Avançando oitenta anos no tempo, depois de várias mortes por doenças causadas pelos sucessivos ataques químicos e biológicos, a população mundial foi praticamente dizimada, restando apenas alguns sobreviventes e as *aberrações*.

Nos livros de história, chamam esse período de “Suspensão”. Pelos próximos vinte anos, os conflitos entre as regiões se extinguiram e se tornaram apenas um conflito entre humanos e mutações. Por fim, antes que não sobrasse nenhum ser humano sequer, foi feito um acordo de sobrevivência mútua, no qual humanos deixariam os anômalos em paz, desde que eles não procriassem entre si. Em contrapartida, as pessoas com habilidades especiais se comprometeriam a colaborar com a guerra. A proibição da reprodução mutacional foi suspensa alguns anos depois, em razão do grande aumento da taxa de mortalidade de anômalos, mas ainda assim sofre controle do governo. Apesar

do relacionamento conturbado entre *normais* e *aberrações*, as habilidades dos anômalos são uma arma poderosa na guerra.

Após quase um século, a União e os dissidentes continuam em guerra por territórios, mas os humanos e os anômalos convivem em harmonia. Claro que cada tipo em seu lugar, as *aberrações* em suas colônias dentro dos territórios da União ou em pelotões especiais do exército.

Mesmo o governo fazendo de tudo para separar quem é anômalo de quem não é, nem todos os recém-nascidos passam por testes para a verificação de anomalias genéticas, pois o governo teria de bancar custos muito altos para isso; porém, qualquer indício de anormalidade é motivo para que bebês e crianças sejam submetidos à análise. Uma vez, enquanto ainda morava em Kali, minha companheira de quarto se revelou uma aberração e imediatamente foi recrutada para o exército. Ela parecia normal, até o dia em que teve a sorte de sobreviver intacta a uma explosão de mina terrestre.

Quando me lembro de Amita, sinto saudade de casa e acho estranho como nossas situações são parecidas. Eu fui a única sobrevivente de um desastre, assim como ela, e descobri que sou *diferente*. Sempre fui.

Penso em minha nova habilidade e afundo na banheira para ver se eles não se enganaram. Por melhor que seja a casa e por pior que seja a alternativa, uma parte de mim deseja mostrar que se enganaram e eu sou normal. Abro a boca, tento engolir água e me engasgar e... nada. *NADA!* É como se eu estivesse fora da água, respirando normalmente. Procuro no meu pescoço por guelras, mas obviamente não as encontro. Se soubesse de alguém com uma habilidade dessas diria que é impossível.

Desisto do banho, frustrada. Volto para o quarto e deito na cama, esperando que o cansaço da viagem me faça dormir logo e profundamente. Em vez disso, tenho um sono conturbado e acordo várias vezes durante a noite em razão de pesadelos terríveis. Desisto de vez de dormir e fico sentada na escrivaninha do quarto, rabiscando uma carta para vovó Clarisse.

Capítulo 4

Na manhã seguinte, acordo assustada com o barulho estridente do despertador e a folha de papel que seria a carta para vovó Clarisse está grudada no meu rosto. Tento me lembrar se Rubi havia dito algo sobre ir à escola, mas só consigo entrar em pânico por estar com a bochecha cheia de tinta. Demoro alguns minutos para me limpar e ouço uma batida na porta do banheiro.

– Você está bem? – É a voz de Rubi abafada pela madeira da porta.

– Sim, estou. – Abro a porta e dou meu melhor sorriso. – Só houve um incidente e...

– Isso é tinta no seu nariz? – ela pergunta com um tom de curiosidade.

– Droga. – Volto para dentro do banheiro e esfrego o rosto novamente, passando mais sabão.

Rubi entra, parecendo se divertir. Agora, com calma, posso perceber que ela é bem mais nova do que imaginei a princípio. Não parece ter mais de 30 anos, o que me faz acreditar que Tomás está aqui na mesma condição que eu. Me pergunto qual será seu poder e vejo o sorriso dela aumentar. Por que ela está sempre sorrindo?

– Acabei de voltar da casa da senhora Maple, nossa vizinha. Ela emprestou um dos antigos uniformes da filha, que agora está na faculdade. Como não sabíamos seu tamanho, não pudemos encomendá-los antes. E eu não esperava que você fosse tão pequena, então acho que vão ficar um pouco grandes.

– Obrigada. E tudo bem pelo tamanho – respondo sem graça enquanto me enxugo com uma toalha. – Estou acostumada a usar roupas grandes.

– Você está bem? – Ela se aproxima, mudando a expressão para preocupação. – Ontem à noite, bem, ouvi gritos...

– Tive alguns pesadelos. Não se preocupe, consegui dormir depois.

– Se você quiser, podemos arrumar remédios para dormir. – Ela morde os lábios, parecendo um pouco ansiosa. – Você está com umas olheiras horríveis.

Sinto-me desconfortável e olho para baixo, arrumando uma dobra inexistente do meu pijama. A preocupação dela é comovente, mas não quero dar mais trabalho do que já estou dando. Ela vai me alimentar e me abrigar, não precisa se preocupar com as outras coisas. Como fico em silêncio, Rubi muda de assunto.

– Bem, o uniforme está em cima da sua cama. Não se preocupe quanto aos livros da escola e os cadernos; eles darão tudo quando você chegar lá. O que mais? Hum, Dimitri está fazendo panquecas e deixou o jantar pronto na geladeira para você e Tomás comerem quando voltarem para casa. – Ela se aproxima de mim, segurando no meu ombro e me fazendo olhá-la. – E, Sybil, *nada* disso é incômodo.

Claro que a última frase me deixa meio paranoica. Será que sou tão fácil assim de ler e ela percebeu que não quero dar trabalho? Ou será que o poder dela é exatamente esse, o de ler mentes? Não me sentirei bem se for o caso, porque... bem, é uma pessoa na sua cabeça o tempo todo.

Um dos motivos que levaram as pessoas normais a se separar das aberrações é esse. Alguns têm poderes inofensivos, como o meu, mas outros podem ler mentes, destruir e explodir coisas ou são tão fortes que conseguem parar um tanque de guerra. Esse também é o motivo pelo qual precisamos usar roupas chamativas – por isso o amarelo, a cor da atenção. Conforme explicaram no Centro de Apoio, elas mostram o perigo que representamos.

Eu me arrumo como posso com o uniforme três tamanhos maior que o meu número. Rubi deixou uma caixa de alfinetes para ajustes em cima da escrivaninha e uso quase todos para poder apertar o vestido cinza nos lugares certos. No final, fico parecendo uma criança que pegou a roupa da irmã mais velha, o que só me deixa mais ansiosa.

Estou chegando ali com as aulas em andamento, depois de uma tragédia, vindo de uma região de guerra, com tudo emprestado. Não sei nada sobre a cidade, sobre o que posso fazer ou sobre o *território* em que estou vivendo. Em Kali, as pessoas sempre são receptivas com os novatos porque todos são filhos da tragédia. Mas, aqui, o que devo esperar? Como devo responder às perguntas?

Quando chego à cozinha, Tomás está sentado em uma mesa de quatro lugares muito concentrado em mastigar seu café da manhã, e Dimitri está próximo do fogão, vestido com um avental. Os dois me desejam um bom-dia e meu novo pai (ou seria tio?) me indica uma cadeira, com um sorriso. Logo depois, coloca um prato à minha frente com várias rodela de uma massa fina que não sei bem o que é, mas que me lembra o pão que vovó Clarisse fazia para nós. Pelo visto vou aprender muito sobre culinária nessa casa.

– Você gosta de panquecas? Coma bem, pois seu dia vai ser longo.

– Obrigada – respondo quase em um sussurro, observando Tomás de esguelha para saber como comer aquilo.

Eu o copio e jogo o conteúdo de um dos potes da mesa em cima da massa, uma calda escura de algo que não sei o nome. Corto um pedaço e levo o garfo à boca. *Hummm!* Será possível que não existe uma comida ruim nesse lugar? É como se o que

eu estivesse habituada a comer fosse uma cópia de uma cópia malfeita de tudo que eles têm aqui.

Enquanto devoro minhas panquecas, Rubi desce as escadas já completamente vestida com um terno para o trabalho. Rouba um pedaço de panqueca da frigideira de Dimitri e recebe um tapa na mão, seguido de um olhar de repreensão.

– Poxa, tenho de ir para o trabalho logo; o dia de folga de ontem deixou tudo bagunçado – ela diz fazendo graça. – Faz umas para eu ir comendo no caminho?

– Devia ter avisado antes. Seu almoço está no pote com a tampa azul na geladeira. – Dimitri nem sequer levanta os olhos. Separa quatro panquecas em um guardanapo e enrola, fazendo uma trouxinha. – Não se esqueça de perguntar para a Helena se quer que eu faça mais comida para ela.

– Sim, sim, sim. Obrigada. – Rubi pega a trouxinha e dá um beijo na bochecha dele. – Não sei o que faria sem você aqui.

Quando ela se aproxima, abaixo os olhos e continuo a comer, me perguntando qual é o tipo de relacionamento entre os dois. A ruiva se inclina e beija Tomás na bochecha, mandando que ele tome conta de mim e da casa. Depois, se despede de mim da mesma forma, para a minha surpresa, me desejando sorte no primeiro dia de aula.

Assim que ela sai, Dimitri abandona o avental e percebo que ele está vestido para o trabalho, assim como Rubi. Ele se acomoda ao meu lado e sorri ao ver meu prato vazio.

– Estavam boas?

– Ótimas. Muito obrigada.

– Que bom que gostou. Tom, seu material já está arrumado?

– Sim, tio – o garoto diz antes de beber todo o leite do seu copo.

– Então guarde seu almoço na bolsa junto com ele. É o pote com a tampa verde.

Tomás concorda e tira sua louça da mesa, colocando na pia da cozinha. Depois, se dirige para a geladeira, pega o pote e desaparece dentro da casa.

– E você? Ansiosa? – Dimitri pergunta, e eu concordo com a cabeça. Me levanto e coloco a louça na pia como Tomás. Ele continua: – Meu trabalho é no caminho da escola de Tomás, então eu o levo todos os dias. A sua escola é do outro lado, então pedi para Naoki, a filha do nosso vizinho, ir com você. Ela vai esperar você do lado de fora.

Concordo com a cabeça, me sentindo mais nervosa ainda.

– Aqui está a sua chave – ele diz, tirando um chaveiro de bonequinha de madeira do bolso. Eu me aproximo da mesa e o pego, colocando no bolso do uniforme. – Seu almoço está no pote com a tampa laranja. Você pode comer a comida do refeitório, mas, acredite em mim, vai preferir a minha. O pote com a tampa rosa é o de Naoki; então, por favor, poderia levar para ela?

– Ela é a filha da senhora Maple que me emprestou essas roupas?

– Não. Ela é filha do senhor Saitou. Eles moram na casa da frente. O senhor Saitou é viúvo e trabalha à noite, então não tem tempo para cozinhar – ele diz, como se isso explicasse o porquê de ele fazer almoço para todo mundo. – Na geladeira também há vários potes com outras refeições para você e o Tomás. Eu e Rubi geralmente chegamos tarde em casa, então...

Ele é interrompido pela campainha. Olha para o relógio e levanta uma sobrancelha, fazendo um sinal para a porta da frente.

– É Naoki. Vá pegar as suas coisas, senão vão chegar atrasadas.

Subo as escadas correndo e quando estou no segundo lance, consigo ver Tomás abrindo a porta. Desço alguns minutos depois com a mochila nas costas e encontro uma garota com um uniforme igual ao meu me esperando com um sorriso sincero e segurando os dois potes de almoço. Ela é alta comparada a mim e tem um cabelo preto muito liso. Além disso, tem os olhos um pouco puxados e uma expressão amigável.

– Você deve ser Sybil. Prazer em conhecê-la, sou Naoki Saitou. Eu cumprimentaria você, se não estivesse meio ocupada aqui.

– Ah, desculpa! – Pego meu pote de suas mãos. Naoki se endireita e, em vez de apertar minha mão como espero, ela me abraça.

– Agora sim. Se vamos ser vizinhas, é melhor que sejamos amigas. É bom finalmente ter alguém da minha idade na rua! Vai deixar a caminhada mais rápida. Segura aí. – Ela me passa o pote dela e abre a mochila, para depois guardá-lo lá dentro. Tira o meu da minha mão e espera que eu faça o mesmo. – Isso aí, boa garota! Se continuar assim, vai se dar muito bem.

Eu sorrio e ela abre a porta, gritando um tchau para Dimitri e Tomás. Naoki parece mais moradora da casa do que eu e não para de tagarelar por todo o caminho. Descubro algumas coisas no seu monólogo interminável: em que série ela está, quais matérias faz, quantas ruas devo andar até chegar à escola, quem vai de bicicleta e quem não vai, a melhor maneira de usar o uniforme e não parecer idiota, quais professores são chatos e quais são legais, onde posso esquentar a minha comida, como pegar livros na biblioteca e quem é legal ou não. Quando finalmente chegamos ao colégio, chego à conclusão de que a mutação da garota com certeza é *falar*. Muito. Pelos cotovelos, sem parar, eternamente.

Caminhamos até a secretaria da escola e Naoki se despede com um boa sorte, dizendo que vai me esperar no fim do corredor. Eu me acomodo em uma das cadeiras e aguardo até que me chamem, entrando na sala da diretoria um pouco apreensiva. Minha vizinha havia me explicado que, como estou entrando depois do início do período letivo, será difícil organizar as minhas aulas. Além disso, aparentemente minha escola anterior tinha um currículo diferente, então não pegarei todas as aulas do meu ano, que é um abaixo do dela. Quando perguntei como ela sabia disso tudo, recebi como resposta um sorriso enigmático.

A diretora é uma mulher de meia-idade, com o cabelo começando a ficar grisalho e olhos que me lembram os de algum animal selvagem. Ela dá um sorriso ao me ver e indica uma cadeira, oferecendo um chocolate quente que não tenho coragem de recusar. Coloco a mochila ao lado da cadeira e dou um sorriso para ela. Diretora Hart, diz a plaquinha em sua mesa.

– Ah, muito bom. Querida, você tem um sorriso lindo – diz a diretora, antes de se sentar. – Bem, tenho algumas perguntas antes de passar seu horário. Por enquanto, é esse aqui. – Ela me mostra um papel com vários quadrados, alguns deles preenchidos. – Como você deve saber, temos aulas de matérias comuns e matérias para o desenvolvimento de nossas habilidades. Só que as suas, pelo relatório que recebi do governo, estão em um nível muito rudimentar... Falei com os professores responsáveis e eles pediram para eu fazer algumas perguntas. Nada complicado, é mais como um teste de nível.

– Tudo bem. – Dou de ombros. Não me importo em ficar para trás nas matérias, não mesmo. Talvez pessoas mais novas fossem mais receptivas. – E as outras matérias?

– Ah, claro. Você fará quase tudo com as pessoas do seu ano, menos biologia e matemática. Estará dispensada das aulas de química porque seu currículo é muito mais avançado nessa área e a educação física não é obrigatória, porque você já fez horas demais. Isso a deixa com alguns horários livres que poderá preencher com matérias extracurriculares ou treinamento. A escolha é sua.

Ela estende uma lista de matérias e passo os olhos por cima, fazendo uma leitura dinâmica. Há nomes como “treinamento de bestas”, “literatura comparada” e “explosão 101”.

– Sem problemas. – Deixo a lista em cima da mesa e beberico meu chocolate, já um pouco mais frio.

– Bem, a primeira pergunta que tenho aqui é: você sabe nadar?

– Não.

– Não? – Ela parece surpresa. – Certo. O quão boa você é usando armas?

– Bem, você viu minhas notas de educação física. Na média – digo, me movendo na cadeira, desconfortável. A aula que eu mais detestava na escola em Kali era educação física. Éramos obrigados a fazer o início do treinamento militar, inclusive aprendíamos a mirar e a limpar armas.

– Certo. – Ela anota algo no papel. – Você gosta de animais?

– Gostar eu gosto, mas eles não gostam muito de mim.

– Uhum... E como você se sente em relação à água?

– Ela é necessária para viver, não?

– Fora isso.

– Normal. – Ela anota mais alguma coisa.

– Você já reparou algo fora do comum? Por exemplo, seus dedos não enrugarem quando você fica muito tempo em contato com a água ou você nunca sentir frio ou nunca ter pegado alguma doença em razão da mudança de clima?

– Nunca reparei, não.

– Você fica doente com frequência?

– Não. Minha avó costuma dizer que sou forte como um touro, apesar de ser mirradinha.

Ela anota mais alguma coisa e espero mais perguntas. É bem parecido com os inúmeros questionários aos quais eu havia respondido no Centro de Apoio e no hospital; fico me perguntando se eles não podem simplesmente passar as informações adiante e me poupar do trabalho de ter de responder tudo novamente.

Por fim, a diretora Hart levanta a cabeça e mostra meu horário novamente, quase todo preenchido.

– Vamos começar com essas. Se depois de algum tempo você sentir que as aulas estão se tornando enfadonhas, é só falar com os professores que mudamos você de turma. O mesmo serve caso ache o contrário. Não há problema nenhum, nós podemos errar, principalmente com alguém que não sabe muito sobre a natureza da sua mutação.

– Tudo bem. Agora tenho de escolher as outras matérias para preencher os buracos?

– Sim.

– Então vou querer essa daqui. – Aponto para uma chamada “símbolos e códigos visuais”. – E o que a gente faz nessa aula de “estudos avançados de técnicas especiais”?

– Ah, é basicamente estratégia.

– Como jogar xadrez e coisas assim?

– É, mais ou menos. – Ela desvia o olhar de mim, encarando um ponto desinteressante na sua mesa. Por que falar daquela matéria a deixa inquieta? – Por que você não pega “debate”?

– Eu não gosto de falar em público – respondo. – Vou querer essas mesmo.

A diretora suspira, pegando meu horário e escrevendo as duas matérias nos espaços vagos.

– Eu não sei se TecEsp combina com o seu perfil, senhorita Varuna... Os alunos dela são especiais e apresentam maior compreensão da nossa sociedade e da nossa comunidade.

– Se eu tiver algum problema, venho aqui trocar – digo com um sorriso que considero apaziguador. – Fiquei interessada. Minha matéria favorita na outra escola costumava ser estratégia de guerra e táticas de guerrilha. Acho que não terei problema nenhum em acompanhar essa turma.

– Se você diz... – A diretora não parece muito convencida, mas entrega meu horário. – Susana está com todo o seu material e o código do seu armário. Na hora do almoço, se você aparecer aqui, ela a levará até o zelador, onde vocês podem pedir uniformes que *caibam* em você. Acho que até quarta-feira você já os terá prontos e não precisará vir para cá com essas roupas emprestadas.

A última parte soa ofensiva, um pouco como se ela não gostasse de ver uma garota com roupas desajeitadas na sua escola. Saio da sala da diretora e encontro Susana, a secretária, com uma pilha de livros em cima do balcão que separa a secretaria da sala de espera. Recebo mais um dos sorrisos que todos os adultos dão para mim. Será pena? Será uma forma de tentar me compensar pelas minhas perdas? Ou uma forma de me acolher? Não tenho certeza se gosto disso.

– Bom dia – a secretária diz. – Você deve ser a senhorita Varuna, não? Deixe-me ver como ficou seu horário... Esses aqui são os das matérias que você já pegou.

Arregalo os olhos, porque tem uns quinze livros empilhados ali, alguns mais grossos e outros mais finos. Susana olha com concentração para meu horário e depois abaixa atrás do balcão. Eu me aproximo e analiso os livros. O primeiro é *Princípios básicos da matemática*. Depois, *Idiomas antigos: etimologia e sintaxe* e por aí vai. Tem quatro livros que creio serem para a aula de literatura, sendo um deles *O retrato de Dorian Gray*, que já li.

A secretária faz outra pilha, essa com livros que não fazem muito sentido para mim. *Biologia das mutações: uma abordagem concisa*, um livro preto sem título, *Símbolos e cores na arte do entretenimento*, *Azul profundo: lições de um mergulhador*. Ela termina criando outra pilha, com um caderno grosso e um estojo pequeno. Posso sentir seu olhar em mim, provavelmente com pena do tanto de coisa que terei de carregar sozinha até meu armário, seja lá onde ele for. Pelo menos isso, porque se eu tivesse de levar e trazer esses livros todos os dias, provavelmente morreria esmagada pelo peso do conhecimento em uma semana.

– Aqui está seu horário. Escrevi atrás uma lista de livros por matéria, para que você não precise carregar tudo para cima e para baixo em todas as aulas. – Susana me devolve o papel e me entrega uma chave. Há o número 582 nela. – Essa é a chave do seu armário. Você pode deixar os que não vai precisar aqui e vir buscar na hora do almoço, quando vier para tirarmos sua medida para o uniforme.

– Tudo b...

– Pode deixar que eu a ajudo! – Eu e a secretária levamos um susto, com direito a um gritinho dela.

Quando me viro, percebo que enquanto estávamos preocupadas com meus livros, um garoto havia entrado e se sentado em uma das cadeiras de espera. Há quanto tempo ele está conosco? É mais um dos gigantes daqui, com pernas longas e um cabelo

bagunçado cor de ferrugem. É a segunda pessoa em dois dias que vejo com o cabelo dessa cor. Seria algum tipo de marca ou efeito colateral de ter uma mutação?

– Brian, já disse para você não aparecer assim. – Susana leva uma mão ao coração. – Se você puder ajudá-la, eu adoraria.

– Não precisa, eu consigo me virar – respondo, quase imediatamente. Pela expressão no rosto dos dois, provavelmente não era o que eu deveria falar. – Quer dizer, não se incomode. Não quero dar mais trabalho do que já estou dando.

– Ah, qual é o trabalho de ajudar uma donzela indefesa a carregar seus livros até o armário? – Brian diz e levanto uma sobrancelha, sem ter muita certeza se ele está brincando ou *realmente* me chamando de donzela indefesa. Ele continua: – Imagina como eu me sentiria sabendo que bandidos a atacaram no caminho e você perdeu toda essa fonte de conhecimento inesgotável? Não... Você me faz um favor? Não o cont...

– Brian, por favor! – A diretora abre a porta e o chama para dentro. – Não assuste a menina nova.

Ele se levanta e arruma o cabelo antes de entrar na sala. Olho para Susana, em busca de explicações.

– Brian tem um *probleminha* com disciplina – ela diz se desculpando, com um meio sorriso. – Os pais dele já fizeram de tudo, mas não conseguem impedir que ele seja... – ela hesita, procurando uma palavra adequada –... espirituoso.

– Hum. Entendo – falo e coloco a mochila em cima do balcão, tentando enfiar os livros das aulas do dia dentro dela. Cogito ir embora porque Susana está olhando para mim com aquela expressão que adultos geralmente têm quando acham que estão diante de um provável casal, mas como é o meu primeiro dia ali, não posso me dar ao luxo de ser antissocial. – Onde fica o armário, senhora?

– Ah, Brian sabe onde é – ela responde, dando um sorriso meio insinuante. – Ele é bem bonito, não é?

– É? Não percebi. – Dou de ombros, fechando a mochila com algum trabalho. Susana faz um bico, mostrando que não está satisfeita com minha resposta. Espero, sinceramente, que ela não decida insistir no assunto. – Senhora, no meu horário diz que hoje tenho aula de natação. Existe algum traje especial para isso? Faremos o pedido para ele junto com meu uniforme?

– Ah, sim. Claro. Mas, por hoje, acho que a professora Rios consegue arrumar um maiô para você.

Não tenho outra escolha a não ser me sentar em uma das cadeiras e esperar pelo garoto. É óbvio que Susana não para de olhar para mim, seja qual for o motivo. Encaro um dos cartazes informativos na parede atrás dela, tentando ignorá-la, e percebo que estou desenvolvendo uma paranoia. Qualquer pessoa aqui dentro pode ser um leitor de mentes. E se Susana é uma dessas e sugeriu que Brian é bonito porque ele demonstrou interesse? Mas, se ela lê pensamentos, por que perguntou?

Volto a contar os segundos, como costumo fazer quando estou entediada. Setenta e dois segundos depois, Brian atravessa a porta da diretoria. LITERALMENTE.

– Brian! Eu já disse para você PARAR com isso! – Susana diz, indignada. – Use a porta como as outras pessoas.

– Eu não queria deixar a novata esperando. – Ele dá um sorriso malicioso e pega a maior pilha de livros do balcão.

– Que diferença iria fazer você abrir a porta ou não? – Ela continua brigando com o rapaz. – Eu já disse que...

– Mãe, você realmente quer que a novata chegue atrasada? – Ele faz um sinal com a cabeça para que eu pegue a outra pilha. – Logo no primeiro dia de aula? Não, né? Exatamente como eu imaginei. Venha, novata. Vou tentar andar devagar para você poder me alcançar. – Ele pisca um olho e sai em direção à porta.

Mais uma vez, não tenho certeza se me sinto ofendida ou agradecida. A revelação de que Susana é mãe de Brian me faz pensar – entre outras coisas – se eles não têm um sobrenome. De qualquer forma, pego os livros que sobraram e o sigo apressadamente pelos corredores.

Capítulo 5

A caminho do meu armário, encontramos Naoki sentada em um dos degraus da escada, me esperando.

– Brian! Você conseguiu resgatá-la! Que maravilha! – A menina bate palmas e pega os livros do meu colo. – Ainda bem que não o pegaram modificando o sistema de som ontem ou Sybil aqui teria de carregar tudo isso sozinha.

– Você não tinha me dito que ela era só uma criança. – Ele franze a testa e me encara. – Você está bem, pequeninha? Não doeu carregar todos esses livros?

– Brian, ela tem quase a nossa idade – Naoki fala, com um falso horror na voz. – Sybil, esse é Brian O’Donnel. Ele mora na diretoria e, nos tempos livres, frequenta uma casa que fica duas ruas acima da nossa.

– Sybil, essa é Naoki – Brian responde, imitando a amiga com uma voz estridente. – Ela é fofoqueira, tagarela e mora mais na sua casa do que na dela.

Os dois me fazem rir genuinamente, algo que não faço há muito tempo. Parecem um casal de velhos casados, sempre brigando e pegando no pé um do outro, ou uma dupla de comediantes, como se estivessem sincronizados para continuar em um fluxo contínuo de gracinhas. Tenho a leve impressão de que acontece algo ali além da amizade, mas os dois continuam conversando animadamente, com eventuais interrupções da minha parte, até chegarmos em frente ao meu armário. Eles começam a me ajudar a

arrumar os livros, fazendo comentários sobre as matérias e os professores, quando percebo outra pessoa se aproximando.

– Brian, meu velho. – É um garoto com a pele cor de chocolate e olhos assustadoramente claros, quase brancos. Ele cumprimenta Brian com uma série de tapinhas barulhentos nas costas. Depois que terminam, ele se vira para mim e para Naoki e dá um sorriso amplo. – Bom dia, Naoki. Está muito cheirosa nessa manhã. E quem é essa menina que não consigo reconhecer?

– Bom dia, Lê. – Naoki arruma o cabelo atrás da orelha e sorri gentilmente. – Essa é Sybil. Você sabe: a que está morando na casa de Rubi agora.

– Ah, a garota nova. Por isso o cheiro da comida de Dimitri está por todo o lugar. Você comeu panquecas, não foi? – Ele sorri para mim e eu me sinto um pouco invadida pelos seus olhos transparentes.

– Sim. – Olho para Naoki, desconfortável. Qual é o problema desse garoto?

– Leon, você sabe que isso assusta quem não está acostumado – Brian diz, pegando-o pelo ombro. – Sybil, não se preocupe. Leon não enxerga, então se guia pelos cheiros, sons e sensações. E é muito bom nisso. Você não está fedendo a panelas.

– Muito bom, Brian. O que aconteceu com o livre-arbítrio? Quer que eu conte para ela que você recebeu uma suspensão semana passada por atravessar a parede do banheiro feminino e ver as meninas trocando de roupa?

Brian fica da cor dos seus cabelos e os dois entram em uma briga de brincadeira, envolvendo socos e vários “sua mãe gostou disso ontem à noite”. Naoki revira os olhos, murmurando algo como “garotos!”. Termina de arrumar o armário, achando muito engraçado a troca de elogios entre os dois.

– Ele é realmente cego? – pergunto a Naoki, fechando o armário. Os garotos estão tão entretidos em se empurrar contra os armários que se esquecem de nós.

– Se a sua definição de cego é não ter as plenas funções visuais, sim. Ele sabe se é dia ou noite e é basicamente isso. Se a sua definição de ser cego é ter dificuldade para se locomover porque não vê, então não. Não faço ideia de como é o mundo para ele, mas pense como se ele fosse um cachorro. Ouve muito melhor do que nós, sente mais cheiros, mais gostos e tem um tato muito mais apurado.

– Deve ser um inferno – digo. Com isso, os dois garotos param. Leon se vira para mim com uma sobrancelha arqueada e me pergunto se eles estavam ouvindo nossa conversa.

– Então, qual é o seu horário? – ele pergunta, arrumando a mochila nas costas e se aproximando. – Naoki e Brian estão no terceiro ano, mas eu estou no segundo, como você. É bem provável que estejamos nas mesmas aulas.

Vejo Naoki e Brian trocarem olhares preocupados e tenho vontade de perguntar o que os perturba. Em vez disso, tiro meu horário do bolso do vestido e o leio em voz alta para Leon, que fica surpreso.

– TecEsp? Eles realmente deixaram você ficar em TecEsp?

– Por que a surpresa, Leon? Você sabe muito bem que uma vaga ficou disponível recentemente. – Naoki parece um pouco ressentida ao falar.

– Eu sei, é só que... – O garoto fica apreensivo.

– Qual é a dessa matéria, aliás? – pergunto ao reparar na mudança de humor dos meus novos amigos. Os três me olham como se eu fosse uma alienígena. Não sei se é porque tomei a iniciativa para falar algo ou porque entrei em uma matéria sem saber o que é.

– TecEsp é uma matéria... perigosa – Brian finalmente responde. – Tem gente que brinca dizendo que ela é, na verdade, *técnicas avançadas para suicídio*.

– Você brinca dizendo isso – Naoki o repreende, revirando os olhos. – Sybil, não tem como descrever exatamente o que ela é sem que você a faça. Geralmente, eles só deixam disponível para pessoas que acham que vão acrescentar algo à aula e se estava na sua lista de matérias, eles acreditam que você possa ser útil. Não desperdice. Existem pessoas que matariam para estar nela.

– Como você – Brian acusa, com um meio sorriso. Naoki o empurra, visivelmente irritada.

– Pare de ser idiota!

– Por que vocês dois não param com isso e se casam logo? – Leon brinca. – Sybil, como suspeitei, estamos na mesma turma. Nossa primeira aula é história mundial. Deixe esses dois brigarem em paz e vamos indo. Faltam menos de cinco minutos para o sinal tocar e se não chegarmos logo, não vamos pegar um lugar bom.

– Nos vemos no almoço. – Naoki me dá um abraço, ao qual retribuo de maneira desajeitada. Não estou habituada a essas manifestações de afeto constantes. Quando me solta, empurra Brian pelo ombro. – Vamos, seu imprestável. Se eu tiver de me sentar perto do Pé Grande novamente, eu mato você.

– O que se pode fazer com um amor tão puro e juvenil quanto esse? – Brian coloca uma mão sobre o coração. – Sybil, não existe ninguém mais qualificado que Leon para assistir aulas com você. Você verá: ele é um n-e-r-d.

Leon suspira, impaciente, e faz um sinal para que eu o siga. Observo-o em silêncio enquanto subimos as escadas, me perguntando como ele consegue fazer as coisas. Se Brian não tivesse dito, eu nunca suspeitaria que ele não enxerga. Quando chegamos ao último andar do prédio (o terceiro), Leon para no topo e espera que eu o alcance. Franze a testa, olhando para o lado direito do corredor.

– Eles estão usando uma sala a mais aqui em cima. Que peculiar. – Balança a cabeça e me conduz na outra direção. – Eu consigo saber de onde vêm os sons pela intensidade deles, se você estiver curiosa – ele explica quando chegamos em frente a uma porta.

– Interessante – digo com um sorriso. Seria uma habilidade muito útil em uma emboscada ou algo assim. Se fosse em Kali, ele estaria na frente de batalha, mesmo tendo 16 anos.

Entramos na sala e rapidamente todos param de conversar. Ignorando o total silêncio, o garoto ao meu lado se dirige a um dos lugares na frente e aponta para que eu sente ao seu lado. Eu me acomodo na carteira, mas o olhar de todos está obviamente direcionado para mim. É claro que Leon não está vendo nada daquilo, então ele continua a agir normalmente, me dizendo de qual livro vou precisar e se oferecendo para me ajudar com a matéria que já foi dada.

O sinal toca e o silêncio permanece até que a professora entra na sala. Ela também parece espantada com a ausência de barulho e faz uma piadinha que não consigo

entender, mas que dissipa a tensão. Antes de começar a aula, dá um sorriso gentil para mim.

– Classe! Hoje temos o prazer de dar as boas-vindas a Sybil, que veio lá de Kali – ela diz. – Não vou fazê-la passar a vergonha de vir aqui na frente se apresentar, mas gostaria muito que um de vocês se voluntariasse para poder contextualizar o assunto atual para ela.

Os olhares se voltam para mim e, depois de alguns segundos desconfortáveis em que ninguém se manifesta (nem Leon, ao meu lado), um rapaz loiro levanta a mão, no fundo da classe.

– Andrei? – A professora cede a palavra, reticente.

– Pelas últimas três aulas, nós discutimos a formação da União e como os países se unificaram e passaram a ser divididos em províncias. – O garoto fala como se isso não importasse muito. – E, hoje, segundo os capítulos que deveríamos ter lido, vamos aprender sobre o papel dos anômalos nisso tudo.

– Parece que você está prestando atenção nas aulas, apesar de... bem, ser você – a professora diz brincando, e a turma ri junto.

Sinto-me desconfortável pelo menino e olho para Leon, esperando que explique o que está acontecendo. Não sei se percebe meu movimento, mas não fala nada. A professora prossegue:

– Todos nós sabemos que quando a União surgiu, procuraram na história a melhor forma de governo, a que nos daria mais sucesso. A resposta foi óbvia: os romanos. Não foi o maior império em extensão, mas foi o que durou mais tempo, o que se expandiu melhor, o mais organizado.

Quando ela faz uma pausa, para efeitos dramáticos, um pedaço de papel surge na minha mesa. Olho para os lados, procurando quem enviou, antes de abri-lo.

– De lá, nós tiramos nosso sistema político: um senado composto por representantes de cada província, governados por um cônsul que é eleito por eles. De lá, tiramos os nossos novos nomes, quando surgiu a necessidade de se renomear tudo e apagar o passado para recriar um futuro brilhante. Alguém pode me dizer onde é que nós entramos nessa história?

O bilhete dizia: *“bem-vinda ao inferno, varuna. aproveite a estadia”*, sem nenhuma letra maiúscula.

Fico tensa e a professora escolhe uma menina que senta na frente para responder.

– Nós estragamos os planos deles – ela declara.

– Prefiro acreditar que criamos um desafio que foi fundamental na construção da noção de nacionalidade do novo país – diz nossa tutora em um tom irreverente. – E nós demos um desafio interessante para eles: nomear o maior número de cidades mutantes com elementos da mitologia greco-romana.

– Como Pandora – digo em voz alta, e a professora parece surpresa de me ver participar.

– Exatamente, Sybil. – Ela me dá um sorriso. – Mas nós estamos nos antecipando um pouco. Vamos começar no início da União, quando dos primeiros sintomas de que alguma coisa estava errada com o material genético dos cidadãos do nosso jovem país.

Outro papel aparece em minha mesa e tenho vontade de virar para trás para ver quem os está passando para a frente, mas tenho vergonha porque a professora pode ver. Quando leio o novo bilhete, mordo os lábios para conter uma risada, sem muito sucesso.

“pode ser pior que pandora: tem uma cidade de anômalos chamada recanto das éguas mais para o sul do continente.”

Leon, ao perceber minha agitação, se vira para mim, preocupado, e pergunta:

– Você está bem?

– Sim – afirmo, olhando para meu caderno.

– Está conseguindo acompanhar?

– Sem problemas. – O que suponho ser verdade, mas os segundos de atenção que perdi ao ler o bilhete me deixam um pouco perdida.

Quando finalmente me situo, outro bilhete aparece embaixo do meu cotovelo na cadeira, mas o ignoro firmemente, na tentativa de me dedicar ao máximo pelo menos no primeiro dia de aula.

Minha determinação é gigante, porque enquanto a aula corre, mais bilhetes se acumulam. Chega a um ponto em que não vejo escolha senão lê-los e a cada pedaço de papel tenho de me controlar para não olhar para trás e descobrir quem é a mente por trás deles. Todos os bilhetes têm a mesma caligrafia e são escritos sem nenhuma letra maiúscula.

Talvez a intenção fosse me assustar – mas a cada papel que leio, me sinto mais tranquila. É praticamente um presente de boas-vindas.

Capítulo 6

Sete horas depois, Leon me deixa na frente de um prédio grande, um pouco afastado da escola, que me lembra uma estufa. Agradeço por ele ter se incomodado em fazer aquilo e recebo um sorriso como resposta. Sinto minha cabeça doer um pouco depois de tantas horas de aula e de informações tão diferentes. Um cérebro pode entrar em pane por informações demais?

Abro a porta e o cheiro de cloro me envolve. Então paro por alguns segundos, chocada com a quantidade de água que tem ali. Quantos litros? Tento me lembrar das minhas aulas de matemática em vão, mas chego à conclusão de que aquela quantidade de água seria o suficiente para suprir pelo menos mil pessoas durante um dia.

Fico sem saber o que fazer, ainda meio paralisada com a piscina. As coisas aqui são bem diferentes, e é impossível levar toda essa água até Kali, sei disso. Contudo, é tão injusto que eles possam se dar a esse luxo enquanto centenas de pessoas morrem de sede. Meus pensamentos se dissipam quando uma mulher loira surge de uma das portas. Ela tem cabelos cacheados, altura mediana e olhos gentis. Veste uma roupa preta grudada no corpo, deixando suas longas pernas de fora. É realmente bonita.

– Senhorita Varuna! Estava esperando você. Susana me passou as suas medidas e arrumei uma roupa de banho exatamente do seu tamanho. Venha, venha, venha. Não podemos perder tempo! Quero descobrir o que você é capaz de fazer ainda hoje.

Vou atrás dela, um pouco atordoada com seu entusiasmo. A professora Rios me entrega uma roupa parecida com a dela, só que menor e com detalhes vermelhos. Eu me troco em uma das cabines do banheiro do vestiário, me sentindo ligeiramente insegura. Entendia a necessidade de não entrar na água com o uniforme, mas precisava ser algo tão *revelador*?

A professora bate palmas de alegria quando me vê e percebo que há mais alguém ali, dentro da água. Sinto minhas bochechas corarem e contenho a vontade de me cobrir. Não quero parecer uma selvagem que nunca havia visto uma piscina fora das revistas e dos livros.

– Ela ficou tão bonitinha no maiô, professora. – Pela voz é um garoto, embora eu não consiga ter certeza encarando a figura que está apoiada na borda da piscina. Tenho a vaga impressão de que já o ouvi antes, mas acho improvável. – Tão pequenininha. Tem certeza de que ela está na escola certa?

– Andrei, por favor – a professora o repreende com humor. – É claro que Sybil está no lugar certo. Não deixe a menina constrangida. Vamos, já para a água!

– Onde eu entro? – pergunto, parando na borda.

– Em qualquer lugar – a professora diz e logo depois se joga na piscina, fazendo um barulho enorme e espalhando água para todos os lados. Ela afunda e volta à superfície enquanto fico ali, paralisada e bastante nervosa. – Venha, a água está ótima. Somos só eu, você e Andrei nessa aula, então podemos nos dedicar e ensiná-la a nadar. Só que não dá para fazer isso se você não entrar na água. Não tenha medo, você sabe que não pode se afogar.

Fico confusa. Não tenho certeza se ela diz isso porque sabe do acidente ou só quer parecer simpática. Não me sinto confortável com a ideia de que todos saibam o que passei, que todos se comportem como se entendessem o que aconteceu. Não sei se quero continuar com isso, não dessa forma. E se quando eu entrar na água, eu me lembrar? Demoro algum tempo para me convencer de que devo seguir em frente e, quando faço, me aproximo da borda da piscina. Embora o fato de eu não me afogar seja verdade, não tenho coragem de me jogar como ela. Uma coisa é testar minha habilidade na banheira, outra é nessa piscina enorme.

Sento na borda e entro aos poucos, ficando de pé na parte rasa. Sinto que o garoto está me observando e olho para ele antes que mergulhe e suma para o fundo. Continuo entrando e a água vai aos poucos envolvendo minhas pernas até a metade da barriga. A sensação é incrível e dou um sorriso. A professora me incentiva a mergulhar e, depois de alguns segundos ponderando, faço como ela pede.

– Isso, muito bem. – A professora Rios se aproxima. – Antes de ensiná-la a nadar, quero descobrir exatamente o que você consegue fazer. Por exemplo, digo que Andrei é como um tubarão. Ele consegue nadar como ninguém embaixo da água e manter-se lá por tempo ilimitado, pelo que medimos. Além disso, vários detalhes de sua anatomia foram adaptados para que ele consiga perceber as coisas na água tão bem quanto fora dela. Quanto a mim, consigo manipular a água em estado líquido e em vapor, da maneira que quiser.

– Você consegue fazer isso? Isso quer dizer que pode fazer chover se quiser? – pergunto maravilhada. – Ou fazer roupas secarem?

– Chover um pouquinho só. Quanto às roupas, prefiro deixar que o sol faça esse trabalho – diz ela sorrindo.

Concordo com a cabeça, observando o vulto do garoto nadando ao redor das pernas dela, como se fosse um peixe. Ele se afasta, sem sequer se levantar para respirar. Me espanto por algum motivo idiota, porque, ao que me consta, também sou capaz de fazer isso.

– Então, para podermos começar seu treinamento, preciso saber exatamente que tipo de habilidade é a sua. Sei que não é como a minha, mas talvez não seja

exatamente como a de Andrei. Com base nisso, posso desenvolver exatamente o que você vai precisar aprender.

– Tudo bem.

– Então vamos começar com vários exercícios para que eu meça seus tempos e tente deduzir algo, tudo bem?

– Sem problemas.

E pela hora e meia seguinte, ela me faz atravessar a piscina da forma que eu achar melhor (que é andando), me faz mergulhar para pegar objetos em várias profundidades da piscina e faz uma brincadeira entre mim e Andrei para ver quem fica mais tempo embaixo da água. Dá empate.

Para a última meia hora, somos deixados livres para fazermos o que quisermos e escolho ficar lá boiando, olhando para o teto de vidro do galpão e pensando na vida. Claro que logo sou interrompida pelo meu companheiro hiperativo.

– Como foi seu primeiro dia no inferno? – ele quer saber, deixando só a sua cabeça para fora da água. Paro de boiar de costas e fico flutuando ao lado dele.

– Foi você que mandou os bilhetes? – pergunto retoricamente. Depois do seu comentário, é óbvio. E aí lembro que na primeira aula da manhã, o menino que explicou o conteúdo anterior era Andrei! Era ele! O garoto dá uma risada engraçada e me contendo para não rir dela. – Bem, não se parece em nada com um inferno.

– Mas é. Você vai ver. Aliás, impressionante a demonstração de fôlego que você deu ainda agora. Se a professora ensinar direitinho, você pode ser quase tão boa quanto eu.

– *Quase* tão boa? Como você é modesto. – Dou um meio sorriso e ele ri novamente. Dessa vez, não consigo não rir também. – Aliás! A professora Rios disse que detalhes da sua anatomia são adaptados...

– Você quer saber quais? – ele pergunta, levantando as sobrancelhas, com um meio sorriso.

– Você tem guelras?

Andrei olha para mim como se subitamente guelras tivessem aparecido no *meu* pescoço e nega.

– É só que não faz muito sentido para mim. Como a gente consegue ficar tanto tempo embaixo da água?

– No meu caso, meu pulmão tem uma capacidade um pouco maior do que a normal. Quando estou na água, meu metabolismo desacelera e gasta menos oxigênio, me deixando ficar lá por mais tempo. Ou algo assim – explica, mexendo as mãos enquanto fala. – Não sei qual é o seu caso. Dois anômalos semelhantes podem ser explicados por fisiologias extremamente diferentes.

Pisco duas vezes para tentar processar o que ele acabou de falar e, quando estou prestes a comentar alguma coisa, o garoto joga água na minha cara. Levo um susto e

retribuo. Começamos uma guerra involuntariamente, jogando cada vez mais água um no outro. Andrei engasga sem querer e tenho uma crise de riso.

Quando nos acalmamos, ele se apoia na borda da piscina.

– Sinto muito pela recepção da sala hoje de manhã. Nós não estamos acostumados a receber alunos novos. – Ele sorri, como um pedido de desculpas. Seu sorriso é tão contagiante quanto sua risada. – Não ajuda muito alguém ter tido que morrer para você entrar na nossa classe.

– Eles mataram alguém para me mandarem para cá? – digo, arregalando os olhos, assustada.

– Claro. Eles escolheram no uni-duni-tê e, BAM, deram um tiro na pessoa no meio da sala. – Sinto meus olhos arregalarem ainda mais e ele ri muito alto. A professora chama sua atenção e ele dá de ombros. – Claro que não, Sybil! Seeley, esse era o nome do garoto, foi convocado pelo governo para uma missão supersecreta e não voltou. Aquele seu amigo cego, Leon, estava junto. Aliás, os dois eram amigos *demais*, se é que você me entende. – Ele balança as sobrancelhas de forma sugestiva e mergulha, dando uma volta na piscina e depois voltando para onde estou.

Fico completamente chocada. Andrei está insinuando que Leon era *namorado* do garoto morto? Não consigo não me sentir culpada, e ele ri novamente ao ver minha expressão. A risada dele começa a me irritar.

– Eu estou só brincando, Sybilzinha. Ele se sentava no lugar onde você senta, ao lado de Leon. Não faço ideia se eram amigos ou não. Mas você sabe... como eles dizem, os nerds devem se unir e coisa e tal. Além disso, as pessoas por aqui se dividem em grupos, por poderes. É óbvio que você acaba ficando amigo com quem passa mais tempo, mas é absurdo.

– Você está insinuando que, querendo ou não, vou ter de ser sua amiga? É isso? – pergunto, pensando se gosto da ideia de ser amiga dele. Ele sorri e percebo que há algo além de gaiatice no seu olhar. Não lembro de tê-lo visto na aula ou no refeitório, mas talvez seja porque seu cabelo está preso em uma touca preta do mesmo tecido da roupa que usamos. Também lembro do comentário que a professora fez e de como todo mundo riu.

– E por que você não ia querer? Eu sou uma pessoa maravilhosa. Tirando toda a parte da risada de hiena e a mania feia de achar que todas as pessoas do mundo estão tendo casos umas com as outras.

É a minha vez de rir, e ele ri comigo.

– Soube que você está em TecEsp – o garoto fala, quando paramos de rir.

– Ah, sim. – Levanto uma sobrancelha. – Há alguma coisa sobre mim que ninguém saiba?

– Hum, vejamos. A cor da sua calcinha hoje? Rosa, não é? Então acho que não. – As risadas continuam. Apesar do comentário, não me sinto constrangida. Ele então diz,

com um tom meio sombrio: – Você sabe, as notícias são passadas pelas paredes no inferno.

Formulo a teoria de que é mais fácil falar com Andrei porque ele lembra muito a minha melhor amiga. Quer dizer, ex-melhor amiga. Nina era uma garota barulhenta, com uma risada contagiante, e sabia tudo sobre todos e brincava sobre qualquer coisa. Era três anos mais velha que eu e havia sido recrutada e transferida para outra unidade do exército antes mesmo que eu fosse escolhida para vir para cá, e isso era o mesmo que considerá-la morta. Para ela, eu provavelmente também estava morta. Sinto uma dor no peito, mas Andrei logo faz alguma brincadeira e acabo esquecendo. É assim que tenho levado os últimos dias.

A aula termina com outra guerra de água, inclusive com a participação especial da professora. Troco de roupa no vestiário e, quando saio, descubro que Andrei está me esperando do lado de fora. Só quando paro ao lado dele percebo que não é tão alto quanto as outras pessoas daqui, o que quer dizer que ainda é maior do que eu. Seu cabelo loiro e comprido praticamente o transforma em outra pessoa.

– Você fica diferente sem a touca.

– Seu vestido parece um saco de batatas, mas você não me vê falando isso – ele brinca.

– Sua delicadeza me comove – digo e olho para baixo, torcendo para que ele não perceba que minhas bochechas estão coradas. De todas as coisas, ele tem de comentar justo sobre a minha roupa?! Arrumo a mochila nas costas e olho na direção da escola. – Preciso encontrar Naoki para voltar para casa.

– Ah, sim. Saitou. Ela é uma boa garota. Mais histérica que eu, se isso é possível. Ela já deu um daqueles gritos ultrassônicos para você ver? – Ele vê minha cara de espanto e faz um biquinho de frustração. – Você não sabia, é isso? Que tipo de vizinha ela é, escondendo sua mutação assim?

– Eu não acho que seja muito educado perguntar sobre isso.

– Você me perguntou se eu tinha guelras. – Aponta, enfiando as mãos nos bolsos.

– É diferente – digo, me defendendo.

– Não, não é. Mas tudo bem, não sou conhecido pela minha sensibilidade e, honestamente, não me importo que você tenha perguntado. – Ele levanta uma sobancelha e faz um sinal para que eu o siga. – Onde você combinou de encontrá-la?

– Na frente da escola.

– Vou ensinar um atalho, então.

Seguimos por um caminho que passa por uma horta, dando a volta no prédio principal da escola pelo lado de fora e, finalmente, chegando a sua frente. Naoki está lá, sentada nos degraus da escada, e acena quando nos vê. Posso ver à distância que está curiosa.

– Oi – ela diz, mais tímida do que eu esperava. Essa é a menina que me abraçou poucos minutos depois de me conhecer? – Como foram as aulas, Sybil?

– Ótimas. Naoki, esse é Andrei.

– A famosa Naoki. – Ele estende a mão, mais controlado do que instantes antes. Qual é a deles? – Ouvi falar muito de você durante as duas horas que passei nadando com Sybil.

Ele está fingindo que não a conhece, é isso? Foi Andrei que me falou sobre o poder dela! Me controlo para não rir.

– Ah, sério? – Ela olha para mim com um sorriso. – Sybil e eu somos vizinhas. Estou fazendo o possível para ajudá-la.

– Ela me disse. Muito legal da sua parte, considerando que você nem é do ano dela e tudo o mais. – Andrei enfia as mãos nos bolsos e parece um pouco nervoso. – Vocês vão para casa de bicicleta?

– Não, vamos andando. Não é tão longe assim – Naoki responde. – Você mora na direção da Colina?

– Ah, não. Moro para lá, na John Wayne. – Ele aponta na direção oposta à que viemos pela manhã.

– Na John Wayne? – Naoki parece surpresa. – Sério? Quem é o seu pai?

Andrei olha para mim com o canto do olho e depois para Naoki, lambendo os lábios. Fico curiosa com toda aquela conversa. Pelo tom de Naoki, o fato de Andrei morar na tal rua John Wayne quer dizer que ele é *importante*.

– Ninguém interessante, na verdade. – Ele dá de ombros. – Olha, eu preciso ir. Sybil, até amanhã. Não vá se afogar na banheira.

E, para meu alívio, ele volta ao normal, soltando sua risada característica enquanto caminha para a rua contrária a nossa.

Capítulo 7

Os próximos dias moldam uma rotina. Todas as manhãs, eu e Naoki caminhamos juntas para a escola conversando, embora ela fale praticamente o tempo todo. Não me importo com a tagarelice dela. Sempre gostei de ouvir histórias, e as das pessoas que moram nessa cidade são fascinantes. Tão distintas das de Kali! As prioridades são tão diferentes! É um alívio poder conversar sobre assuntos bobos em vez de estar sempre preocupada com a vida.

Quando chegamos ao colégio, encontramos Brian e Leon nos esperando e nos separamos em seguida, cada dupla indo para as suas salas. Andrei me passa bilhetes hilários o dia inteiro, se sentando mais perto da frente para não ser pego enquanto esgueira os bilhetes para mim, e é quase impossível prestar tanta atenção nas aulas quanto Leon. Almoçamos todos juntos, inclusive Andrei. Por algum motivo bizarro, aos poucos ele se inclui no grupo de amigos de Naoki tanto quanto eu. Tenho vontade de perguntar várias vezes se ele não tem seus próprios amigos, mas não acho que seja um assunto que ele vá levar na brincadeira. Tampouco quero parecer grosseira.

Depois do almoço, sempre tenho treinamento na piscina com a professora Rios e o garoto loiro da risada engraçada. Volto para casa com minha vizinha, encontro com Tomás, esquento a comida para nós jantarmos e, mais tarde, Naoki chega para fazermos os deveres juntas. Bem mais tarde, Dimitri chega em casa antes de Rubi e nos questiona sobre o dia. Então coloca Tomás para dormir, me deseja uma boa noite e se acomoda em uma poltrona para ler um livro.

Rubi só chega muito depois e é muito difícil vê-la nas noites dos dias de semana.

Mas a rotina muda subitamente quando as aulas de “técnicas especiais avançadas” começam. Nos primeiros dias de escola, minhas tardes de sexta-feira eram livres e eu geralmente caminhava sozinha para casa antes de Naoki. Mas nessa sexta, Leon me avisa que vamos ter aula.

– Hoje? – pergunto espantada.

– Bem, tinha de começar um dia, não é? – Leon responde e me dá dois tapinhas carinhosos no braço. – E que dia é melhor do que hoje? Nós podemos ir atrás da sua bicicleta amanhã. Naoki vai gostar de estar junto.

Faço um muxoxo. Ele, Brian e Andrei tinham prometido levar Tomás e eu ao bairro com as melhores lojas de bicicletas da cidade. Rubi acha que já é hora de Tomás

começar a ir sozinho para a escola e, como fica longe de casa, a bicicleta é a melhor opção. Além disso, eu também preciso de uma. Aparentemente só Naoki mora perto da minha casa, e se, nas palavras de Rubi, eu quiser visitar um dos meus “amigos bonitinhos”, precisarei de uma.

– Tudo bem. O que devo esperar da aula?

– Ah, você sabe – ele respondeu vagamente. – Acho que nada além do que você via na sua outra escola, na zona de guerra.

– O quê? Estratégia de guerrilha, tiro ao alvo e sobrevivência em ambientes inóspitos? – pergunto com descrença. Não consigo entender por que essas atividades seriam úteis aqui, em Pandora, onde tudo é tão calmo e pacífico. Já tenho dificuldades em entender por que somos treinados. Leon explica que é para que nossas habilidades não se atrofiem e que faz parte do nosso pacto com o governo.

– Bem, não só isso – ele diz evasivo. – Você vai ver. Não tem como saber sem ir para a aula.

– Você não acha que Naoki deveria estar lá? Ou outra pessoa no meu lugar? – Fico pensativa. – Não acho justo que eu chegue aqui subitamente e me ofereçam uma matéria que é exclusiva e eu nem sei o que é.

– Não se preocupe, Sybil. Se você a escolheu, mesmo sem saber o que é, ela é para você. As pessoas que estão nessa aula são as que fazem pouco caso dela.

– Como Brian e Andrei.

– Exatamente. Você sabe, eles são praticamente um programa de comédia ambulante. Se bem que acho que todo mundo riria só de ouvir a risada de Andrei – ele diz, rindo só de lembrar dela. – Sério, de onde você tirou essa figura?

– Das profundezas do oceano – respondo, e nós dois rimos. – Naoki me disse que fez uma pesquisa e descobriu que ele chegou à escola ano passado, mas não se lembra de tê-lo visto com ninguém.

– É bom que ele tenha feito amigos. E que eles sejam tão legais quanto nós, é claro. Você sabe, nós somos as melhores pessoas dessa escola.

Isso não é inteiramente verdade, mas chega perto. As pessoas da escola se dividem em grupos, exatamente como Andrei havia me dito no primeiro dia de aula. Tem o grupo dos musculosos, meninos e meninas igualmente, que praticamente não cabem nas roupas. Há um com pessoas longelíneas e de pele pálida, que conversam entre si em sussurros, e isso quando conversam em voz alta! Eles são bem silenciosos e Andrei me disse que são telepatas, me fazendo ficar bem distante deles. O bando das pessoas animadas é um daqueles que fazem muito barulho e atraem a atenção de todos. Isso quando não estão colocando fogo “acidentalmente” em algo, como nas cortinas do refeitório. Há os mais novos e os mais velhos, há os que moram na mesma rua, os que passam o almoço na biblioteca, há os solitários que se sentam no fundo. Leon, Brian e

Naoki conseguem migrar entre grupos diferentes, mas não há receptividade quanto a mim e Andrei.

Além disso, há uma óbvia hierarquia que coloca um grupo de cinco ou seis pessoas acima de todos os outros. Até Leon, uma das pessoas mais gentis que já conheci na vida, os chama de “nojentinhos”. Eles migram de grupo em grupo, provavelmente tentando garantir lealdade. Eles nem sequer passam perto de nós, embora volta e meia eu veja um dos garotos ou uma das garotas lançando sorrisos felinos na nossa direção, como se planejassem algo.

Minha conversa com Leon é interrompida pela chegada do professor e ele entra no seu estado de quase transe. Sempre é interessante observar sua concentração. Em vez de copiar tudo no caderno como eu faço ou só ignorar o professor como Andrei faz, Leon fica de cabeça meio abaixada, praticamente imóvel, ouvindo tudo o que os professores falam. Se você perguntar qualquer coisa para ele depois da aula, ele consegue dizer com as mesmas palavras do professor. É como se fosse um gravadorzinho.

As aulas passam e, logo antes do almoço, não consigo conter minha ansiedade. Uma coisa foi escolher a matéria, outra será começá-la, principalmente depois de tanto ouvir sobre as aulas. Tenho vontade de levantar da aula de biologia das mutações, caminhar até o corredor acima e arrancar Leon e Andrei da sala de aula para eles me acalmarem.

Sou a primeira a sair da sala quando o sinal toca e a primeira a se sentar na mesa em que geralmente comemos. Tiro o almoço que Dimitri sempre deixa pronto para mim da mochila e cruzo as pernas, esperando que algum dos meus amigos chegue.

Em vez disso, quem se aproxima é uma garota morena, com o cabelo na altura dos ombros. Eu a reconheço como participante do grupo dos *nojentinhos*, uma das garotas que se acham melhores do que os outros, e fico tensa. Já ouvi o suficiente para saber que aquele interesse súbito é problema.

– Sybil Varuna, não é? – Ela se acomoda em uma cadeira na minha frente, apoiando os cotovelos na mesa. – Você é tão bonitinha, tão pequenininha, que é difícil não reconhecê-la nos corredores. Parece uma bonequinha.

– Obrigada – digo, olhando para a porta, nervosa. Volto a olhá-la e decido ser educada. – Desculpe, mas não ouvi seu nome.

– Porque eu não disse. – Ela dá um meio sorriso, me lembrando um leão faminto. – Anya Kurnikova; estou no seu ano, mas em outra turma.

– Prazer em conhecê-la, Anya – digo, encarando-a. Ficamos em silêncio e me lembro da sucessão de autoridades que tive de encarar no último mês.

Ela é a primeira a desviar, olhando para as próprias unhas.

– Fiquei sabendo que você está em TecEsp.

– Aparentemente toda a escola sabe disso – respondo com humor.

– Bem, você realmente *sabe* o que significa estar nessa aula? – Anya se inclina na minha direção, arrumando o cabelo atrás da orelha. – Sabe o que eles fazem?

– Não, mas vou descobrir assim que o almoço acabar.

Anya fica furiosa, tirando os cotovelos de cima da mesa e se empertigando. Ela é tão branca que seu pescoço fica vermelho. Provavelmente não está acostumada ao pouco caso que eu havia demonstrado em relação a ela.

– Você deveria desistir e dar a chance para alguém que pelo menos é desse lugar, sabe? Não vejo por que uma garota como você, vinda de não sei lá onde, foi escolhida para essa matéria enquanto existem pessoas muito mais capazes aqui.

– Ah, não, obrigada – digo e arrumo o cabelo atrás da orelha. O refeitório está começando a encher e as pessoas olham para nós com curiosidade. Onde estão meus amigos?

– O quê?

– O que o quê?

– O que você disse? – Ela se levanta e coloca as mãos na cintura, irritadíssima.

– Eu disse que se eu for desistir, vai ser para algum amigo meu entrar, e não para uma pessoa mal-educada como você. – Meu tom é calmo e a encaro com persistência.

– Se você me der licença, preciso almoçar.

A vermelhidão do pescoço de Anya sobe pelo seu rosto e ela parece estar prestes a me matar. A forma como contorce o rosto faz parecer que está a ponto de chorar de raiva. Não consigo imaginar o porquê, se não tive a intenção de ofendê-la nem nada.

No instante em que penso isso, sinto minha mesa começar a tremer. Fico alerta e coloco as mãos sobre ela, tentando entender o que está acontecendo. Então os tremores ficam mais violentos, ouço o vidro da janela atrás de mim rachar e meu instinto é me enfiar embaixo da mesa. Ninguém me disse que temos terremotos em Pandora. Ninguém. Por que não me avisaram?

Demora alguns segundos para eu perceber que nenhum outro lugar, além de onde estou, está tremendo. *Nenhum outro lugar.*

Quando percebo o que está acontecendo, saio de debaixo da mesa indignada. Anya está rindo, mas o resto do refeitório fica em silêncio. Bom saber que eles não concordam com isso. Anya faz o vidro atrás de mim rachar ainda mais, em um ponto que dá certeza que mais um pouco e ele cairá em cima de mim. Dou um passo para trás, mas tropeço em uma das cadeiras.

– Anya! – Não reconheço a voz que chama a atenção dela, mas estou mais ocupada em não cair do que em identificá-la. – O que você está fazendo?

E, tão subitamente quanto começou, o tremor para. É esquisito sentir o chão estabilizado e me sento na cadeira, sem entender direito o que havia acontecido. Por mais que eu esteja em Pandora há pouco mais de um mês, ainda é esquisito me

lembrar que as pessoas daqui possuem *habilidades especiais*, como provocar tremores de terra localizados.

Uma garota negra e alta, que reconheço como uma das amigas de Anya, se aproxima dela e sussurra violentamente. Anya parece contrariada, como uma criança tomando bronca da mãe, e fica com os braços cruzados e a cabeça baixa.

Nesse meio-tempo, Naoki e Brian se aproximam e estão ao meu lado, perguntando se estou bem. Respondo com um aceno de cabeça, observando Anya como se ela fosse venenosa.

– Você está bem? – É a menina negra que pergunta, se virando para mim. O tom dela é de preocupação. – Se machucou?

– Eu estou bem. – Eu me levanto, arrumando o vestido. Sinto os olhos de toda a escola em cima de mim, sinto suas expectativas. – Eu só acho que a sua amiga não vai ficar bem depois que alguém vir o que ela fez com o vidro.

Isso faz Brian rir. E Naoki. Anya fica furiosa novamente (dá para notar pela forma como ela fica vermelha), mas a menina negra faz um gesto e ela se paralisa, como se por mágica. Ela sorri para mim.

– Percebo que vocês dois têm uma amiga muito corajosa, Brian e Naoki.

– Percebo que você tem uma amiga muito irritada, Uri – Brian responde. – Você deveria controlá-la. Não pega bem para a sua imagem se uma das suas amigas for uma louca descontrolada.

Espero uma reação tão ruim quanto a de Anya, mas ela não vem. Em vez disso, a garota ri.

– Todos nós conhecemos Anya, Brian. Não é segredo para ninguém que ela é uma louca descontrolada. – Fico chocada, e ela faz um sinal com a mão para que eu esqueça aquilo. – Isso não apaga o fato de ela ser uma boa amiga.

– Ela quase matou Sybil – Naoki protesta com seu tom melodramático. – Sendo que ela não fez nada.

– Estou ciente disso. – Ela olha para Naoki rapidamente e depois volta a falar com Brian. Percebo que ele é o líder aos olhos dela. – Onde está Leon?

– Leon? Não faço ideia. Ele deve estar chegando – respondo e ela olha para mim, fixamente. Por fim, sorri.

– Diga a ele que peço desculpas pelo ocorrido. Anya não vai mais perturbá-los. Eu me certificarei disso.

Ela estala os dedos e Anya volta a se movimentar, seguindo-a, mas antes lança um último olhar de ódio para mim. Brian pega minhas coisas e Naoki me guia para outra mesa vazia, longe da janela quebrada. Eles parecem achar aquilo normal, mas fico remoendo os últimos acontecimentos na cabeça enquanto começo a comer. Ficamos em silêncio.

– Então você já tem uma inimiga? Você é rápida, Sybil. Muito rápida. – Andrei me assusta quando chega e derramo um pouco do meu almoço no colo.

Ele e Leon se sentam nas cadeiras restantes, cada um com uma bandeja.

– Vocês deviam ter me avisado que eu teria tantos problemas escolhendo essa matéria antes, porque aí não a escolheria – resmungo enquanto me limpo. – De verdade, Andrei. Achei que o mundo estava acabando em um terremoto e tudo ia desmoronar.

Ele segura meu ombro de forma reconfortante e olha para Leon.

– O que você acha disso, como ilustríssimo Alpha da nossa matilha, reconhecido por ninguém mais ninguém menos que Vossa Majestade, Uri Kigaard?

– Acho que Anya deveria procurar outra coisa para fazer e nos deixar em paz.

É impressão minha ou Leon está de mau humor?

– Aliás, por que vocês demoraram tanto? – Naoki pergunta. – Se estivessem esperando na porta da sala dela como sempre fazem, nada disso teria acontecido. Vocês sabem: Anya só se aproveitou da ignorância de Sybil para fazer aquilo. Vocês poderiam ter impedido.

– Sybil não precisa de ninguém para salvá-la – Andrei diz e me sinto grata de uma forma esquisita por ele reconhecer isso. – De verdade, você já viu como um tapa dela dói?

Pela brincadeira, ele recebe um dos tapas doloridos, e aponta para mim dizendo: “Estão vendo?”. Brian e Naoki riem, mas Leon continua sério.

Eu o cutuco e ele vira o rosto para mim.

– Você está bem? – pergunto em um sussurro.

Ele responde com um aceno de cabeça e volta a comer. Olho para Andrei buscando alguma explicação para a mudança de humor repentina de Leon e ele dá de ombros. Fico em silêncio pelo resto do almoço e não como quase nada, para a felicidade de Andrei e Brian, que dividem meu almoço entre si com gratidão. Naoki fica silenciosa também, provavelmente se ressentindo por não fazer parte da aula de TecEsp.

– É verdade que você disse para Anya que se fosse desistir, seria para dar lugar a algum amigo seu? – Leon pergunta, se virando para mim. Ele havia me dito que não precisa olhar para a pessoa para ouvi-la, mas as pessoas gostam disso.

– Sim. Por que eu daria a minha vaga para a Anya Treme-Terra quando a Naoki está morrendo de vontade de fazer parte também?

Ele sorri para mim e balança a cabeça, sussurrando algo quase inaudível. Fico confusa e me concentro na conversa animada que Brian e Andrei estão tendo sobre algum tipo de filme novo que envolve aviões e missões de guerra. Brian é viciado em filmes e já disse várias vezes que quer ser diretor de cinema, por mais que seja impossível para um anômalo chegar tão alto na carreira. Andrei não tem a mesma

pretensão, mas passa uma quantidade de tempo imoral assistindo televisão. É meio assustador que os dois não tenham se tornado amigos antes, tendo tanto em comum (inclusive o humor).

Naoki fica cada vez mais quieta e tenho a impressão de que ela está diminuindo na cadeira. Coloco uma mão sobre a dela e aperto, em um gesto reconfortante. Tenho vontade de dizer algo, mas ela pode achar que é por pena. Começo a achar que provavelmente eu deveria ter ouvido a diretora e deixado outra pessoa entrar no meu lugar, considerando os problemas que uma simples matéria havia me trazido.

O sinal toca, me deixando com o sentimento de que ainda vou me arrepender muito de ter escolhido “técnicas especiais avançadas” para preencher meu currículo.

Capítulo 8

– Cidades *especiais*. – A voz grave do professor me assusta e tenho um sobressalto. Andrei me segura pelo braço, para me acalmar. – Cidadãos *especiais*. Técnicas *especiais*. Se nós somos tão especiais, por que estamos presos aqui?

O auditório fica em silêncio e eu fito a figura que acabou de entrar, ansiosa. Somos mais ou menos cinquenta alunos e o único lugar que acomoda todos nós é o anfiteatro. Várias cadeiras ficaram vazias e as pessoas se aglomeram por afinidade, o que quer dizer que eu, Leon, Andrei e Brian estamos em uma das fileiras da frente, sem ninguém por perto. O professor olha para nós e dá um sorriso.

– Estou brincando, é claro – ele continua, e a sala inteira parece voltar a respirar. – Estava com saudade de vocês. Ficaram bem enquanto eu estava fora? O quê? Vocês choraram imensamente a cada dia sem mim? – Todos riem e o professor coloca a mão no peito, dramaticamente. – Assim vocês querem partir meu coração!

– Professor, a última coisa que a gente quer é partir seu coração – comenta uma garota que nunca vi antes, como um flerte, e as amigas dela dão risadinhas. – Como o senhor está?

– Muito bem, Lalita. Muito bem – ele responde, piscando para ela. Depois, caminha até nossa direção, e sua expressão fica séria. – Infelizmente, tivemos uma perda na última viagem de campo que realizamos. Leon, quer falar algo sobre Seeley antes de começarmos?

– Não, senhor – Leon responde baixo e se mexe na cadeira, desconfortavelmente.

– Tudo bem. Eu entendo. Classe, um minuto de silêncio pela memória de Seeley Santos. – Ele fica quieto por alguns segundos e torna a andar pela sala. – Pronto. Bem, para substituir nosso garoto maravilha, nós temos uma aluna nova. Sei que muitos de vocês questionaram essa escolha, mas, quando eu soube que nossa Sybil Varuna nasceu e cresceu em Kali, não consegui resistir à vontade de tê-la como parte do nosso grupo.

Sinto minhas bochechas esquentarem e ele faz um sinal para que eu vá até a frente, perto dele. Prendo a respiração e balanço a cabeça em negativa, nervosa, mas ele insiste. Por fim, é necessário que Andrei me empurre para que eu desça os degraus. Quando fico ao lado do professor, me sinto uma criança comparada a sua altura.

– Sybil, por que você não se apresenta?

– Não acho que seja necessário, senhor. – Tento não parecer mal-educada, mas estou tão chateada com a situação que não me esforço muito.

– Sybil, por favor. Olhe para os seus colegas; eles estão morrendo de vontade de conhecê-la melhor. Eles já se conhecem bem demais. Dê um sopro de novidade em suas vidas.

Ele, então, põe a mão nas minhas costas e me direciona para o centro da sala, praticamente me empurrando. Percebo que todos mantêm os olhos questionadores fixos em mim; só Andrei exibe um sorriso zombeteiro. Tenho vontade de chutá-lo! Olho melhor para meus amigos e vejo Leon segurando um papel escrito “vá em frente” de cabeça para baixo. Respirando fundo, sigo seu conselho.

– Meu nome é Sybil Varuna, tenho 16 anos e vim para cá no programa de refugiados de guerra – digo. Dou uma olhada para o professor, enxugando o suor das minhas mãos no tecido do uniforme. Ele faz um sinal impaciente para que eu continue. – O navio em que eu estava naufragou e fui a única sobrevivente.

– Incrível, Sybil! – o professor comenta como se eu tivesse 5 anos. – E como isso aconteceu?

– Houve alguma pane nos motores e nós batemos em uma formação rochosa submarina. O navio estava quase todo evacuado quando finalmente afundou. – Respiro fundo e ergo a cabeça. Não devo satisfação para nenhuma dessas pessoas. – Nós ficamos por horas na água quase congelada. Não sei bem os detalhes, mas o socorro demorou para chegar e todos se afogaram ou congelaram antes que isso pudesse acontecer. – Continuo com um esforço homérico para não esboçar nenhuma emoção na minha voz.

– Todos menos você. Porque você é uma de nós. Você é *especial*.

– Assim me disseram – respondo, olhando para o chão na esperança de que um buraco se abra e me engula.

– Assim disseram a você. – Ele ri. – E seus pais? Eles estavam com você?

– Essa é uma pergunta maldosa – digo, levantando o rosto para encará-lo e ignorando a posição de superioridade que ele tem, por ser meu professor. – O senhor provavelmente viu a minha ficha e sabe muito bem que sou órfã. É essa a condição para que menores de idade se elejam para o programa de refugiados.

– Oh, a garota é corajosa! – Ele faz chacota e a turma inteira ri de mim. Eu me sinto constrangida novamente e tenho vontade de sumir. Essa aula é de humilhação pública? – Mas seus pais provavelmente eram como nós.

– Eu não os conheci, senhor. – Tento ser ríspida, para ver se ele para com a provocação. – Não saberia dizer.

– Foram eles que nomearam você?

– Sim. – Lambo os lábios, irritada. Não tenho certeza se gosto desse professor. – Fui encontrada em uma cestinha na porta de uma igreja com o meu nome escrito em

um papel.

– SÉRIO?

– Não. – E é a minha vez de fazer a turma rir. O professor não parece ficar sem graça e ri junto com o pessoal. – Tive a sorte de ser deixada na porta de um orfanato, e lá eles sortearam meu nome e meu sobrenome.

– Mesmo?

– Dessa vez, sim – respondo e percebo certa decepção no rosto dos meus colegas.

– Tem certeza? Pois me parece muita coincidência seu sobrenome ser Varuna, o nome do navio de guerra tripulado por anômalos mais famoso da União, e você ter justamente uma habilidade relativa à água.

Dou de ombros. Não há o que comentar sobre isso, porque realmente é uma coincidência. Uma coincidência bem esquisita, mas minha vida nunca foi normal mesmo. Tenho certeza absoluta de que fui uma das crianças entregues para a adoção no momento em que nasci, ainda pela parteira. Se meus pais tivessem me dado um nome, por que não teriam me dado mais alguma coisa para mostrar que eu pertencia a eles? Eu havia visto crianças serem deixadas com dinheiro, cartas, pingentes, heranças de família. Não é o meu caso. Ninguém me queria.

– Tudo bem. Alguém contou a você quais são as regras dessa aula?

– Não, senhor.

– Vejo que vocês estão se mantendo nelas – diz ele se voltando para a classe, que responde com risos. – São três muito simples: você não diz para ninguém o que se passa por aqui; você não faz alarde que é parte da turma; você sempre respeita os outros membros. Se você as descumprir, sua vida vira um inferno, certo?

Olho para ele, esperando ouvir que é brincadeira, mas ele está sério. Toda a sala está. Sinto o peso da responsabilidade sobre meus ombros e concordo com a cabeça, nervosa. É por isso que ninguém me dizia o que exatamente acontece nessa aula? E por que o segredo? Que tipo de coisas eles fazem aqui? Dissecam animais, cometem assassinatos? Segredos nunca me deixam confortáveis porque sempre há alguém que quer tirá-los de você. E eu já vi *exatamente* o que acontece quando alguém está determinado a descobri-los.

– Sybil? – O professor chama minha atenção. – Obrigado pela apresentação. Pode voltar a se sentar.

Subo as escadas e me acomodo em minha cadeira, entre Leon e Andrei. Não percebo que estou tremendo até que Leon pergunta se estou bem. Respondo com um “sim” baixinho, enquanto o professor começa a tagarelar sobre as melhores formas de tentar prever o que um inimigo vai fazer sem ser um telepata.

O tempo e o andamento da aula de TecEsp me acalmam um pouco, mas acabo por desenvolver uma aversão tremenda ao professor. Ele é chamado de Z e ninguém sabe seu nome verdadeiro. É o homem mais pretensioso do universo, com suas tentativas de

ser engraçado e sua mania de fingir ser melhor do que os outros. Além disso, todas as outras pessoas o idolatram, como se ser agraciado por um comentário maldoso de sua parte fosse uma bênção divina.

E é por causa dele que, agora, sempre começo as sextas-feiras emburrada. Naoki não entende meu mau humor, mas é algo que não posso compartilhar. No final, quem ouve a maior parte das minhas reclamações é Andrei, em vários bilhetinhos distribuídos nas aulas ao longo da semana ou durante longas conversas em nossos encontros na piscina. Ele sempre me ouve pacientemente, parecendo se divertir com minha verborragia incomum.

Na verdade, não há nada em TecEsp que seja diferente das aulas extras ministradas em Kali. Volta e meia o professor nos leva para um dos ginásios, nos separa em grupos e nos faz treinar o uso conjunto dos nossos poderes. Às vezes, nos divide em dupla e pede para que joguemos xadrez, a fim de aumentar nossa concentração e rapidez de pensamento. O professor Z também gosta de fazer monólogos intermináveis sobre a situação dos anômalos no mundo, sobre outras cidades, sobre as leis que estão sendo votadas em Prometeu e outros assuntos cansativos.

Algumas vezes Naoki pergunta o que acontece nessas aulas, enquanto estamos deitadas no chão do meu quarto com ela trançando meu cabelo. E por mais que diga que minhas evasivas não a magoam, eu sinto seu ressentimento. Ela está naquela escola há mais tempo do que eu e não ficou com a vaga disponível. Por que sou mais especial que ela? Por que pessoas que não olham nem sequer duas vezes para ela passaram a me cumprimentar diariamente?

Toda a situação também não me deixa confortável. Por mais que a minha amizade com ela esteja progredindo, eu me sinto muito mais íntima até de Brian do que dela, como se meu segredo fosse uma barreira física entre nós. Ela pode dormir na mesma cama que eu, passar o dia inteiro na minha casa, pegar emprestado meu cachecol e outras dezenas de coisas banais, mas não pode ouvir tudo o que eu tenho a dizer, pois isso implica tocar em assuntos dos quais ela não faz parte.

Fico tão infeliz com isso tudo, que, na quinta aula de TecEsp, Andrei sugere que eu saia da matéria, se estou tão desconfortável assim. Quando pergunto a opinião de Naoki sobre o assunto, ela quase surta.

– Isso é um absurdo! Ninguém sai de TecEsp, a menos que se forme ou morra. Eu só faria isso se quisesse me tornar uma pária social.

Desisto logo da ideia, antes que nosso conflito aumente.

Capítulo 9

O inverno chega e passo duas semanas pensando que qualquer dia desses serei encontrada congelada em minha cama pela manhã. Mesmo ligando os aquecedores no máximo e dormindo com cobertas e pijamas grossos, durante a noite, o frio sobe pelos meus ossos e me faz tremer. Toda vez que acordo no meio da madrugada me sentindo gelada penso no quão irônica é a minha situação. Sobrevivi a temperaturas ainda mais baixas dentro da água, sem grande esforço, e agora não consigo suportar o início do inverno!

A sorte é que, com essa habilidade, não tenho problema nenhum em continuar meus treinos na piscina. Finalmente a professora Rios (que, aos poucos, se tornou minha professora favorita) me ensina a nadar e estamos trabalhando formas de se locomover embaixo da água sem precisar fazer muito esforço. Descobrimos que, enquanto Andrei é naturalmente mais hidrodinâmico e consegue nadar incrivelmente rápido, tenho problemas com isso. Se fico muito cansada, o ar começa a faltar e preciso subir para respirar.

Para minha vantagem, ele não é resistente ao frio. A piscina da escola é aquecida, mas quando Andrei sai da água quente começa instantaneamente a bater o queixo. Já eu, enquanto estiver molhada, não sou capaz de sentir frio. Talvez eu deva começar a dormir dentro da banheira!

Quando começa a nevar, para mim, o frio diminui consideravelmente. É uma relação meio ilógica e, enquanto Naoki e os outros se encasacam mais, tenho vontade de tirar o casaco e rolar na neve. Ahhh, a neve! É uma coisa branca, úmida, entre gelo e água, tão agradável de sentir na pele. Nunca vi nada parecido e começo a desejar que neve todos os dias, para desespero dos meus amigos. E, quando conto isso para a professora Rios, ela ri e obriga Andrei a sair para termos uma aula ao ar livre. É uma das aulas mais divertidas do ano! Terminamos com uma guerra de bolas de neve. Obviamente, a professora Rios ganha, já que ela consegue manipular a água.

O inverno me dá saudade de vovó Clarisse e me faz escrever longas cartas com detalhes sobre meu cotidiano. Consigo imaginá-la sentada na cozinha, lendo-as para as outras órfãs da casa, e tento adicionar o máximo de histórias que consigo para animá-las. Vovó me responde com cartas igualmente longas e, ao lê-las, sinto falta das pessoas que um dia foram minha família, mas não do lugar. Não consigo pensar em nenhum

aspecto de Pandora que em Kali seja melhor, muito pelo contrário. Faço uma promessa a mim mesma de que conseguirei uma maneira de tirar Clarisse de lá. Acredito que até um campo de refugiados aqui em Arkai seja melhor do que a mais luxuosa casa da zona de guerra.

Em uma de suas cartas, vovó me conta que uma menina do abrigo finalmente teve filho, mas ela resolveu dá-lo para a adoção. Além de ser difícil criar uma criança em Kali, tenho quase certeza de que a menina é um ou dois anos mais nova que eu. Não sei exatamente como aconteceu, mas suspeito que ela provavelmente se envolveu com algum soldado e depois foi abandonada. Não seria a primeira, nem a última.

Soube também que o garoto considerado por vovó meu “namoradinho” havia morrido em uma explosão de mina. Ela tem essa mania irritante de achar que todos os garotos com quem andamos são nossos namorados, mas não era o caso. Benji era um garoto três anos mais velho que eu que praticamente me perseguia. Não éramos amigos e eu tinha certeza de que estava só esperando meu aniversário de 18 anos para pedir minha mão em casamento à vovó Clarisse, sem se importar com minha vontade. Eu o detestava e geralmente me escondia nas tendas quando o via se aproximar. Mesmo com tudo isso, eu me sinto um pouco deprimida em saber de sua morte.

Em todas as cartas, ela deixa claro que está contente por eu estar feliz e sempre as termina com um “você sabe que eu te amo” antes da assinatura. Algumas vezes Dimitri pede que eu leia as cartas em voz alta para ele e nós trocamos experiências e histórias. Descubro que ele veio para cá com 17 anos e foi adotado pela mesma família que adotou Rubi. Desde então, os dois são como irmãos. Quando Rubi ficou grávida de Tomás e o pai do garoto sumiu, Dimitri a convidou para morar com ele e, assim, criaram uma nova família.

Conforme me habito às pessoas e à vida em Pandora, meus pesadelos se tornam menos frequentes. Em compensação, quando os tenho, são três vezes piores do que antes. Os desconhecidos que gritavam por ajuda são substituídos pelas pessoas de Kali e as vozes deles me assombram por horas depois que acordo.

Mas o último é o pior de todos. Se antes eu boiava na água, vendo-os se afogar, nesse eu os sinto se aproximando e tentando se segurar em mim para não afundar. São pessoas desfiguradas, com os dedos nodosos e o rosto coberto por uma pele que parece ser pequena demais. Não consigo reconhecê-las pelas feições, mas de alguma forma sei quem são. Uma criatura ruiva me segura pelos tornozelos, um garotinho me puxa pela cintura. Uma garota morena segura meu joelho e um garoto de pele negra puxa meu cabelo. Tento me soltar para não afundar, porém mais um vulto loiro se junta a eles e não consigo mais me manter na superfície. Tento gritar, mas engulo água e engasgo.

Quanto mais tento me soltar, mais afundo. As pessoas continuam gemendo e pedindo por ajuda, mesmo embaixo d’água, e não sei o que fazer. Engulo mais água e, subitamente, ela se transforma em fogo. Os gritos se tornam ainda piores e o calor é

insuportável. Minha pele arde e tento berrar, mas a água que engoli também se transforma em fogo e eu me sufoco, sem saber qual das sensações é a pior. Não consigo respirar e tenho vontade de arrancar minha pele fora, mas não consigo me mover. Tento puxar o ar, mas meu pulmão parece que vai explodir. É essa a sensação de se afogar? De se sufocar? É assim que é achar que vai morrer?

Acordo desesperada, com os lençóis jogados no chão e a cama parecendo um campo de batalha. Meu estômago embrulha e respiro fundo várias vezes, só para garantir que consigo.

– Sybil? – Tomás pergunta em um sussurro e levanto os olhos, vendo o garoto parado na porta do meu quarto com uma expressão assombrada. – Você está bem?

– Melhor agora. – Minha voz sai rouca. Sinto a garganta seca.

– Eu trouxe água. – Ele estende o braço rigidamente, sem entrar no quarto, e percebo, com um humor inesperado, que ele está esperando um convite para se aproximar.

– Obrigada. – Dou um sorriso fraco e me levanto para pegar o copo da mão dele. – Quer entrar?

Tomás concorda com a cabeça e se acomoda na cadeira da minha escrivaninha, parecendo preocupado e constrangido. Eu me sento na cama, com as pernas cruzadas, sem saber exatamente o que fazer.

– Eu também tinha pesadelos quando era pequeno – diz ele, tentando me confortar. Sinto uma gratidão imensa por aquele menininho. Ele não tem a obrigação de se preocupar e, ainda assim, está aqui, tentando fazer algo por mim. – Eles eram horríveis. Havia uns monstros com uns tentáculos e umas aranhas gigantes que devoravam tio Dimitri e a mamãe.

– Que horror! – digo, fazendo uma careta. – Eca! Tentáculos!

– É! Eu sei! – o menino diz com veemência e se acomoda na cadeira, seus pés flutuando a milímetros do chão. – Toda vez que eu tinha pesadelo, mamãe sempre aparecia e ficava comigo até eles irem embora. Se você quiser...

– Não precisa se preocupar comigo – respondo com um meio sorriso.

Ele cruza as pernas em cima da cadeira e me encara com olhos estranhamente sérios. Às vezes ele me dá a impressão de ter muito mais idade do que realmente tem.

– Nós somos a sua família agora. A gente não se preocupa porque tem de se preocupar, mas porque nos importamos com você. – O discurso é muito adulto e tenho certeza de que ele está repetindo algo que ouviu de Rubi ou de Dimitri. De qualquer maneira, sinto um aperto no peito e bato na cama ao meu lado.

– Você quer ficar aqui até que eu volte a dormir? – pergunto e Tomás hesita um pouco antes de concordar com a cabeça. – Mas amanhã você tem aula e tem de acordar cedo.

– Você também. E eu consigo ficar uma noite sem dormir – ele diz e estufa o peito, em um tom de desafio.

Dou um sorriso e tento não rir, com medo de ofendê-lo.

– Então tudo bem. Mas, se você quiser, minha cama é gigante e você não precisa ficar acordado.

– Sério? – ele diz, meio surpreso. – Não tem problema?

Nego com a cabeça e me enfio nas cobertas, deixando espaço para ele se acomodar. É esquisito nos primeiros minutos, mas logo nos acostumamos. Só depois que Tomás cai no sono, com a cabeça encostada no meu ombro, que percebo que mal consigo me lembrar do horror do pesadelo. Arrumo o cabelo de Tomás gentilmente, sentindo uma gratidão imensa pelo que ele fez e com a certeza de que faria o mesmo por ele.

E percebo que ele está certo: eles são minha família agora.

Não poderia ter conseguido uma melhor.

Capítulo 10

Nesses dois meses, eu e minha nova família visitamos Prometeu três ou quatro vezes. Em uma delas, vamos só eu e Dimitri e fico sentada em uma sala de espera, em um sofá anormalmente grande, balançando os pés enquanto ele trata de assuntos do seu trabalho. Nós dois estamos usando o amarelo obrigatório para nos distinguir, mas, dessa vez, ele está com um conjunto de terno dessa cor e eu, com um vestido. Parecemos pai e filha, prontos para irmos para algum culto esquisito em que as pessoas só se vestem de amarelo.

Enquanto o espero, lendo um dos livros para a escola, um garoto se senta ao meu lado. Levanto os olhos ao perceber que ele usa uma camisa chique de linho amarela.

– Livro interessante – diz e sorri abertamente. Seus dentes são muito brancos e contendo a vontade de cobrir meus olhos.

– Ah, sim. É para a escola. – Tento voltar a ler, mas ele parece decidido a conversar.

– Eu li isso para a escola também – ele comenta e suponho que ele já tenha se formado, apesar de não parecer ter mais que 17 anos. – Antes de descobrir que ela não serve para nada.

– Interessante – murmuro, relendo a mesma frase pela quinta vez. Quem sabe assim ele não me deixa em paz?

– Então, vestido bonito. Você fica bem de amarelo.

– Obrigada.

– Eu nunca a vi por aqui. Você não vem sempre, vem?

– Não – respondo com impaciência.

– Hum, eu venho. Sempre que meu pai tem algo para resolver aqui na prefeitura ou no senado. – Ele não se importa com minhas respostas monossilábicas e eu o encaro com uma expressão de desinteresse. O garoto ignora e continua tagarelando. – Por isso suspeitei que você fosse nova, porque senão eu teria visto você. Eu, com certeza, me lembraria.

Concordo com a cabeça, fingindo ao máximo que estou lendo. Não entendo o interesse dele por mim. Será possível que ele vai me contar a sua vida inteira?

– Você sabe, meu pai é um cara muito importante – ele continua, não tirando os olhos de mim. Tenho vontade de dar uma resposta mal-educada, mas me contendo. – Para aberrações como nós. Isto é, se não fosse por ele, duvido que você estaria lendo

esse livro aí para a escola. Provavelmente estaria sendo usada como escrava para produzir comida como aqueles mendigos que vêm da zona de guerra.

Isso me faz parar e fechar o livro com um estalo alto, encarando-o irritada. O gesto o faz sorrir de forma convencida. Olhando-o diretamente, posso ver que ele tem cabelos escuros e olhos claros, um rosto anguloso e um queixo quadrado.

– Os refugiados trabalham por comida e abrigo, em um lugar seguro onde não serão explodidos por uma mina ou uma bomba, ou onde não terão medo de serem assassinados. Eu tenho certeza de que o que você chama de condições de semiescravidão são condições humanas e aceitáveis – digo, colocando o livro no meu colo. – Além disso, há a chance de se tornar cidadão legal das províncias do continente Pacífico e viver uma vida com condições mais dignas, sem ser acordado por avisos antibomba no meio da noite ou perder um conhecido por semana.

Ele me encara surpreso, mas contente por chamar minha atenção. Provavelmente é esse o seu objetivo desde o início, porque minha aparência não dá espaço para dúvidas quanto a minha origem.

– Desculpe se a ofendi, não ia imaginar que você era a favor dessas pessoas roubando nossos impostos.

– Desculpe se sou uma *mendiga* que está roubando seus impostos.

– Oh, oh, oh! – Os olhos dele brilham, como se se sentisse vitorioso. Dá um sorriso que tenho certeza de que Naoki ia achar lindo, mas só acho desagradável. – Eu devia saber, com essa aparência exótica. Baixinha assim, com esse cabelo e essa cor de pele diferente... Desculpe, de verdade.

Reviro os olhos, irritada, e volto a abrir o livro. Mas o garoto não desiste.

– Em qual das cidades você mora? Em Pandora? Em Medusa? Ou em Equidna?

– Realmente espero que não seja no mesmo lugar que você – respondo rispidamente.

– Você não deveria falar assim comigo. – O tom dele muda, e ele me lembra uma criança contrariada. – Você sabe quem é meu pai?

Nego, impaciente. Mesmo que o pai dele seja uma estátua de ouro que jorre comida pelas mãos, ele não merece nenhum tipo de respeito da minha parte. Não depois de me insultar daquela forma. Eu não imaginava que pudessem existir pessoas que pensassem assim.

No momento em que o garoto decide me contar sobre seu famoso pai, uma porta se abre e várias pessoas saem dali. A reunião de Dimitri chegou ao fim e ele se aproxima de mim com um sorriso, que diminui quando percebe a minha expressão e quem está sentado ao meu lado. Dimitri olha para o garoto e faz um sinal para que eu me levante.

Atrás dele reparo em um homem muito bem-vestido com um terno fino e de bom gosto, apenas com uma gravata em um tom amarelo, mais escuro e mais discreto do que as roupas que visto. Ele para em frente a nós e abre um sorriso frio.

– Vejo que sua filha conheceu meu filho. – Percebo que seu sorriso é quase idêntico ao do garoto, contudo mais predatório. – Ela se parece bastante com você.

Dimitri coloca uma mão em meu ombro, paternalmente. Espero que ele negue o fato, mas ele só agradece o elogio.

– Vocês deveriam nos visitar qualquer dia desses. É só me avisar, Koukleva. Temos uma piscina aquecida e um jardim de inverno maravilhoso.

– Pode deixar que me lembrarei, Fenrir. Obrigado pelo convite – Dimitri diz, apertando mais ainda meu ombro. Tomo isso como um sinal para que eu não fale.

– Qual escola ela frequenta? – o garoto pergunta para Dimitri, como se eu não existisse mais agora que está na presença de um homem.

– A mais próxima de nossa casa – Dimitri responde rápido. – Se vocês nos permitem, ainda temos vários assuntos para resolver. Com licença.

– Ah, sim, claro. Despeça-se do senhor Koukleva e da senhorita, Áquila. Não seja mal-educado.

– Até breve. – Ele aperta a mão de Dimitri e se inclina na minha direção, me dando dois beijinhos no rosto com seu sorriso de tubarão júnior.

Dimitri me puxa e praticamente me arrasta para fora do prédio. Minha reação imediata é limpar as bochechas.

– Você está bem? – Ele se abaixa, me examinando dos pés à cabeça. – Se eu soubesse que o filho dele estaria lá, nunca teria trazido você.

– Eu estou bem. Ele só foi bem irritante.

– Sybil, você não disse nada para ele, disse? Sobre seu nome, onde você mora ou algo assim?

– Não – respondo, meio ofendida. – Ele é um idiota. Por que eu faria isso?

– Bom – ele diz, suspirando. – Desculpe por isso, de verdade. Você não sabe o quanto fiquei preocupado quando reconheci o garoto ao seu lado...

– Espere aí, não é como se ele fosse um lobo mau que devora meninas vivas. – A expressão de Dimitri me diz o contrário. – Ele só é um garoto mimado babaca, certo?

– Sybil, Áquila pode manipular as vontades. Já ouvi histórias terríveis sobre ele. A última coisa de que eu gostaria era que algo como aquilo acontecesse com você.

– Manipular vontades? Como obrigar os outros a fazer o que ele quer?

– Você acha que o pai dele o leva para as reuniões só porque quer dar uma volta, como eu fiz com você? Não. – Ele passa uma mão pela testa, preocupado. – Além disso, os dois são daquele tipo de pessoa que acha que uma mulher não vale nada. Você viu.

– O que era essa reunião, a propósito?

– Queremos construir mais um bairro em Pandora, mas o governo não quer financiar. É isso. Alguns lugares estão realmente superlotados. – Dimitri balança a cabeça, me abraçando pelo ombro. – Mas isso não interessa agora. Aonde quer ir? Quer tomar um sorvete, mesmo estando mil graus abaixo de zero?

Eu rio, nervosamente, e ele me leva para um café, onde acabamos tomando um delicioso chocolate quente. Eu poderia fazer uma ode de cinquenta páginas à comida de Arkai! Depois, passeamos pelo centro da cidade e observo com atenção a forma como a neve se acumula nos postes, nas calçadas e nos peitorais das janelas. Compramos presentes para Tomás e Rubi e mais um par de botas forradas com pele de coelho para mim.

Quando finalmente voltamos para casa, o episódio está praticamente apagado de minha mente.

Capítulo 11

A primavera chega e traz com ela passarinhos e flores de todas as cores. O tempo passa inacreditavelmente rápido e, quando paro para pensar, não consigo decidir se faz um século que cheguei aqui ou se foi no dia anterior.

É exatamente em uma sexta-feira de primavera, quando o clima está agradável o suficiente para me fazer arriscar sair sem meia-calça por baixo do uniforme pela primeira vez em meses, que o professor Z nos obriga a participar de uma atividade especial em equipe.

Já sei que especial é sinônimo de *completamente idiota* quando se trata das aulas de TecEsp, mas não tenho escolha. Dessa vez, somos divididos em grupos de quatro pessoas para uma espécie de *Caça ao Tesouro*. Reúno-me imediatamente aos meus amigos, mas o professor anuncia que a escolha será por sorteio, para logo dar uma explicação irritante sobre como nem sempre na vida estaremos com pessoas que confiamos e que aquilo é um teste de rapidez, camaradagem e adaptação. Em razão disso, faz com que cada um de nós tire um número de um saco de papel e nos agrupa dessa maneira.

Acabo em um grupo com duas garotas um ano mais novas e um garoto um ano mais velho que eu. Não consigo me lembrar por nada no mundo quais são seus nomes, mesmo depois de eles se apresentarem, então crio apelidos. A garota mais alta e fina vira “Pernilongo”, principalmente por ter asas delicadas escondidas sob o uniforme e pernas esqueléticas e compridas. A outra garota me lembra um urso, então a chamo de “Ursa Menor”, porque ela é mais baixa e troncuda, e sua habilidade parece ser uma força além do comum. Por último, o “Cientista Maluco”, um garoto magro, com os olhos meio vidrados, que tem como capacidade pensar mais rápido do que todo mundo. Ele pisca sem parar e tem dificuldade para se expressar, porque raciocina muito mais rápido do que consegue falar. Chega a dar pena.

Não somos a pior combinação e espero que Cientista Maluco consiga bolar algum tipo de estratégia para que sejamos mais rápidos do que o resto da turma, ainda dentro das regras. O professor determina que desde que chegemos ao prêmio final sem nos matar, podemos fazer tudo para vencermos. Não há muito que eu possa fazer enquanto estivermos fora da água, então torço para que uma parte desse teste insuportável pelo menos envolva o uso dos meus poderes. Senão, provavelmente serei forçada a entrar

em buracos pequenos demais para os outros, mas não para mim (não seria a primeira vez).

Começamos todos com um papelzinho azul, cada um com uma dica diferente. O nosso diz:

*Não importa a distância ou a barreira
A tradição é o mais importante
Lançamentos que ultrapassam fronteiras
Saltos o deixam exultante*

Demoramos alguns instantes para chegar à conclusão de que é a pista de atletismo (a parte das barreiras ajudou bastante) e corremos até lá, passando pela piscina coberta e pelo ginásio de esportes. Quando chegamos, percebemos que nossa pressa é infundada. Não tem mais ninguém lá.

A ausência de outras pessoas me faz crer que provavelmente cada grupo tenha sido levado a achar pistas em lugares diferentes, que, no final, levarão ao mesmo tesouro. Ou cada grupo possui um tesouro diferente, embora seja pouco provável. O professor Z tem uma mania irritante de nos fazer competir.

Não temos a mínima ideia de onde a pista pode estar quando chegamos na arena de atletismo. Ela é dividida em várias partes: do lado de fora, há uma pista de terra batida, que é onde acontecem as competições de corrida. No meio há um gramado, com a estrutura para os saltos em vara e os arremessos de martelo e disco. Tem um vestiário pequeno e um lugar no qual guardam os equipamentos e os obstáculos. Cientista Maluco relê os versinhos em voz alta, e é frustrante que não haja uma dica mais específica. Naturalmente, nos dividimos para procurar nos diferentes lugares.

Em vez de nos ajudar, Cientista Maluco senta na grama, encarando o poema e murmurando.

– Ei! Você não vai ajudar a gente? – Pernilongo pergunta, cruzando os braços com raiva.

– Eu estou ajudando – ele declara. – Estou analisando o poema.

– É óbvio que é aqui – diz irritada Ursa Menor. – Não tem nenhum outro lugar com barreiras, lançamentos e saltos na escola.

– Acho que vocês estão fazendo uma leitura muito literal. E se, na verdade, forem barreiras psicológicas? E se a distância for o nosso sucesso? Podem ser as salas de aula. Pode ser a sala de história!

Nós três trocamos olhares e me controlo para não rir. Ursa Menor balança a cabeça, como se não conseguisse acreditar no que está ouvindo.

– Vá procurar a próxima dica nos equipamentos – ela fala para o garoto, com um tom que não dá margem para discussão. – É aqui.

– Como você pode ter tanta certeza? – ele a desafia, levantando o queixo.

– Ah, por favor, vamos terminar logo com isso! – exclamo. – Se continuar assim, vamos ficar o dia inteiro aqui.

Cientista Maluco considera minhas palavras por alguns segundos antes de se levantar, limpando a grama da calça e resmungando que veríamos que ele estava certo. Eu, ele e Pernilongo ficamos na sala de equipamentos enquanto Ursa Menor procura do lado de fora.

Depois de alguns minutos vasculhando martelos e discos e uma infinidade de protetores corporais na sala de equipamentos, Ursa Menor aparece na porta da sala de equipamentos com um papel verde na mão.

– Onde estava? – Pernilongo pergunta, entusiasmada.

– Na caixa de areia do salto com varas! – a garota responde animada. – Vamos para o próximo?

Ela me entrega o papel e leio a próxima charada em voz alta, para todos:

*Você pode até não me ver
Mas eu vejo você
Todo dia, na entrada
Enquanto você come uma empada*

A rima é tão ridícula que nós quatro temos uma crise de riso. Na entrada, enquanto come uma empada? Qual é o problema do professor? Dessa vez, Cientista Maluco se mostra prestativo e nos informa que há uma câmera de vigilância virada para a entrada do refeitório. É óbvio demais: comida, o olho que tudo vê. Praticamente cruzamos o terreno da escola correndo para voltar para o prédio. No local, encontramos apenas dois funcionários, que nos lançam olhares de indiferença e voltam a seus afazeres.

Para pegar a próxima dica, Pernilongo liberta suas asas e voa sem muita dificuldade, encontrando um papel rosa grudado atrás da câmera. Quando a menina pousa, nos aglomeramos ao seu redor cada vez mais animados. Estamos indo muito rápido. Se continuarmos assim, vamos ganhar!

*O murmurinho interminável no ar
Várias escolhas levam a um só saber:
Não se distraia ou pode se perder
Entre as minhas paredes, só não deve ficar*

Ficamos em silêncio, encarando o papel. Posso quase ouvir nossos cérebros se movimentando para tentar decifrar o verso. O que pode ser? Um lugar com barulho, pelo murmurinho presente na rima. Várias escolhas? Se perder? Pode ser qualquer

lugar. Pode ser um *corredor*. Quando digo em voz alta, os outros concordam. Mas o problema é... existem zilhões de corredores em toda a escola! Ursa Menor bufa e fica mexendo sem parar na barra da blusa enquanto pensamos.

Cientista Maluco bola um plano meio bobo que consiste, basicamente, em nos fazer percorrer todos os corredores da escola com a maior eficiência e velocidade possíveis. Cada um ficaria com um andar e no final nos reencontraríamos na frente dos banheiros do primeiro piso do prédio principal. Ele calcula que a probabilidade é que o papel esteja nesse prédio, já que a última dica foi aqui também.

Por falta de melhor opção, aceitamos e nos dividimos. O cara é um gênio, não é possível que dê errado. Precisamos permanecer em silêncio, já que os outros alunos estão tendo aula. Fico com o corredor do último andar, percorro-o de uma ponta até a outra, olhando em armários, paredes, extintores de incêndio, alarmes e entrando até no banheiro. Bebedouros, portas, maçanetas, janelas... Nada. Por um instante, desejo ter a habilidade de Leon. Ele provavelmente saberia em dois segundos onde está a dica, por sentir perturbações na vibração normal do corredor. A percepção dele é surpreendente.

Desisto, desço as escadas e encontro Pernilongo sozinha com uma expressão pouco simpática. Ela se levanta, na esperança de que eu tenha achado algo, mas faço um sinal negativo e ela volta a se sentar. Sento ao seu lado e parece demorar uma eternidade até que Cientista Maluco desça também. Ele faz o mesmo sinal que eu e se acomoda ao meu lado, meio frustrado. Se Ursa Menor não achar, teremos de partir para o outro prédio.

Quando ela finalmente desce, está com um papelzinho amarelo entre os dedos e é praticamente erguida por nós três com as comemorações, mas não nos arriscamos com medo de não conseguir carregá-la. Não faço ideia de quanto tempo se passou, mas acho que ainda estamos com vantagem sobre os outros grupos. Nós nos reunimos ansiosos, lendo a próxima dica.

*Me espalho até o céu
Me espalho por toda parte
Por séculos dou abrigo e vida
Bela como uma obra de arte*

Essa é difícil. Muito difícil. O que é que se espalha até o céu e por toda a parte? E a parte da obra de arte não ajuda muito. Pode ser... sei lá, o ar? Como isso não é plausível, começamos a considerar coisas cada vez mais absurdas. Os prédios? O próprio campus? A diretora? E se fosse algo mais abstrato ainda, como a *vida humana*? Essa última consideração vem de Cientista Maluco, é claro.

No final, Pernilongo tem uma epifania de que a vida humana não pode, por séculos, ser abrigo e vida, porque não faz sentido algum. Ursa Menor tenta ver se

Cientista Maluco concorda com Pernilongo quando ela diz que talvez fosse uma árvore. O problema desse raciocínio é que, se há muitos corredores nessa escola, imagina o número de árvores. Mas Pernilongo parece ser uma especialista nesses assuntos, porque insiste que não pode ser nenhuma outra árvore senão a mais antiga da escola.

Quando descubro que estamos indo para uma cerejeira, fico me perguntando que tipo de árvore é essa. Sigo-os assim mesmo. Ao avistar a enorme árvore, entendo por que o poema enfatiza o fato de ela se *espalhar*. É uma senhora árvore, com raízes saindo da terra como grandes cobras marrons e numerosos galhos nodosos em todas as direções. Ela está coberta de pequenas flores cor de rosa e dá para entender a parte sobre ser uma obra de arte. Cientista Maluco para ao meu lado, com as mãos nos bolsos, admirando-a.

– Antigamente, as pessoas se reuniam nos territórios do Império para assistir essas árvores florescerem – ele diz, parecendo empolgado em poder mostrar seu conhecimento. – Para elas, a fragilidade das flores de cerejeira é um lembrete de como a vida humana é ínfima perto de toda a grandiosidade da natureza.

– Isso é bonito – respondo com um meio sorriso, pegando uma das flores na mão e passando o dedo pelas pétalas. Ela se desmancha quando pressiono demais. Penso em como basta uma bobagem, um deslize, para que as pessoas percam a vida. Lembro de todas as pessoas que conheço que se foram por motivos tão pequenos, mas irremediáveis. – E faz tanto sentido!

Ursa Menor nos chama e saio do meu transe, lançando um sorriso meio sem graça para Cientista Maluco quando nos separamos.

Começamos a vasculhar os lugares onde algo poderia estar escondido. Pernilongo levanta voo e procura nos galhos mais altos. Eu subo em cima de algumas raízes e passo as mãos pelo velho e riscado tronco da árvore, em busca de algo, enquanto Ursa Menor e Cientista Maluco procuram entre as raízes. Eu me movimento com cuidado para não quebrar nenhum galho; a ideia de machucar essa árvore parece uma heresia.

Ficamos um tempo interminável ali e Cientista Maluco volta a reclamar que estamos perdendo minutos preciosos se quisermos ganhar. Ignorando seus resmungos, enfio minha mão em um buraco na árvore, tão pequeno que quase não cabe. Vasculho com os dedos e sinto um *pedaço de papel*. Dou um berro animado e Pernilongo logo desce, flutuando ao meu lado. Puxo a mão de uma vez, prendendo o papel entre os dedos. Eu não deveria ter feito isso; sinto arranhões e uma ardência seguida de dor intensa. Meus olhos se enchem de lágrimas, mas mordo os lábios e tiro a mão pelo espaço que sobra. Torço para que nenhum inseto venenoso tenha me picado.

Curiosamente, o papel é da mesma cor do sangue que sai lentamente pelo arranhão nas costas da minha mão. Ursa Menor entra em pânico e tira um lenço do bolso do uniforme, colocando-o em cima do meu ferimento. Tento lhe dizer que não é

nada grave, mas ela insiste em fazer um curativo improvisado. Quem diria que alguém desse tamanho pudesse ser tão sensível? Agradeço, meio sem jeito. Enquanto isso, os outros dois tentam decifrar a próxima pista:

*Estou entre o céu e a terra
Mais fundo que o mar, mais precioso que o ar
Poucos são os que chegam a me encontrar
No lugar onde falha a guerra*

Se o poema da árvore foi difícil, esse é pior ainda. Mas algum senso de reconhecimento brota aos poucos na minha mente. A cada releitura, *sinto* que sei qual é o lugar. Só preciso me concentrar mais. Meus companheiros não percebem que fiquei subitamente calada e continuam uma discussão acalorada sobre a pista. Provavelmente é um lugar aonde ninguém vai aqui na escola... Sinto a resposta ali, na ponta da língua, mas não consigo elaborar.

E, então, claro como o dia:

– É a piscina! – berro. – É o único lugar onde tem água aqui! Essa parte final... de poucos serem capazes de encontrar. Se o tesouro estiver no fundo da piscina, só eu e Andrei podemos pegá-lo. É lá.

Os três me olham espantados. Ursa Menor e Cientista Maluco duvidam, mas Pernilongo não questiona, talvez em solidariedade por eu não ter falado nada contra sua ideia da árvore. Como não temos melhor alternativa, vamos, meio correndo, meio andando, em direção ao galpão que abriga a piscina.

Capítulo 12

No momento em que abrimos a porta e sentimos o cheiro de cloro, sei que estamos no lugar certo. Encontramos o professor Z sentado em uma cadeira ao lado da piscina, lendo um livro. Ele levanta os olhos para nós e sorri.

– Ah, vocês já chegaram? Incrív...

Ele é interrompido por um grupo barulhento e ofegante que entra às pressas. Olho para trás e encontro Andrei. Trocamos sorrisos cúmplices.

– Ah, inusitado. – O professor se levanta. – Bem, são dois de vocês agora. Vão em frente.

– O quê? – Cientista Maluco pergunta. – Ir em frente para onde?

– Para o lugar aonde poucos vão, para encontrar o tesouro. – Ele aponta para a piscina, impaciente. – Ali!

Meu grupo olha para mim e fico um pouco constrangida. Mesmo que eu tenha desejado isso, não quero ser a pessoa que pegará o tesouro e muito menos competir com Andrei! Ele ganharia sem esforço.

E, quando me viro para trás, percebo Andrei já tirando os sapatos e a camisa para entrar na água. Ele está de roupa de banho? Ele tira a calça e percebo que não. Eu realmente tenho de fazer isso? Olho para meu time e sei que sim, tenho de fazer. É o mínimo para recompensar o trabalho em equipe que havíamos tido. Fico nervosa de pensar que todo mundo vai me ver só de calcinha e sutiã, mas quando percebo que Andrei está prestes a entrar na piscina, decido que não me importo muito.

Respiro fundo e entro no modo competição: tiro meu uniforme em uma velocidade recorde e, só com as roupas de baixo, pulo na piscina a tempo de ouvir Andrei berrar um “NÃO VALE”. Logo depois, as vibrações na água indicam que ele me seguiu. Nado rápido, procurando alguma coisa diferente no fundo da piscina que conheço tão bem como minha casa.

Desconfio de que o professor deixou o final do teste para ser ali a fim de a competição ser entre as duas únicas pessoas da turma com habilidades aquáticas. O que será que ele pretende com isso? Sinto outra perturbação na água e começo a me preocupar se realmente só estamos nós dois ali dentro. Não vejo Andrei em lugar algum enquanto nado, mas a piscina é grande e o meu alcance de visão é pequeno. Continuo a procurar e sinto algo me pegar pelo calcanhar e puxar. Eu me viro,

chutando a esmo com o outro pé. Se for Andrei, ele está acostumado. Se for outra pessoa... Bom, quem mandou me puxar?

Tento ver quem está atrás de mim e reconheço um garoto do terceiro ano, anormalmente grande. Não consigo me lembrar de sua mutação. Ele se aproxima e fico assustada. Sinto suas mãos se fecharem nos meus punhos, me puxando para a superfície. *Dói. Muito.* É como se os ossos da minha mão estivessem sendo esmagados. Não tenho certeza se é por causa da força física ou se é psicológico, mas só mantenho um pensamento em mente: preciso afundá-lo. Ele me arrasta na direção da borda da piscina e tento chutá-lo, sem sucesso. Ele me carrega como se eu fosse uma boneca. Ouço gritos desconexos e sei que em algum lugar fora da piscina meu grupo torce por mim.

A água se agita novamente e as mãos do garoto me soltam, finalmente, trazendo alívio imediato para minhas mãos. Tenho quase certeza de que a dor era psicológica. Percebo vultos confusos e vejo Ursa Menor dentro da piscina praticamente pendurada no pescoço do garoto. Com um sinal, ela aponta para o fundo e não hesito em obedecê-la. Mergulho, dessa vez nadando o mais próximo do piso de azulejos possível. A água está agitada e suponho que a luta entre meu atacante e minha aliada continua, mas tento ignorar e volto a bater as pernas para me mover.

Não faço ideia do que possa ser o tesouro, mas, pela lógica, deve estar no lado mais fundo da piscina. As únicas pessoas que conseguem mergulhar os seis metros de profundidade sem maiores problemas são eu e Andrei. É uma competição que consigo aguentar.

A água fica cada vez mais escura e a marcação na lateral da piscina indica que já nadei sessenta metros e estou a três de profundidade. Continuo, achando esquisito que eu esteja só. Andrei entrou junto comigo e ele nada mais rápido. Paro na marca dos cinco metros de profundidade, me segurando nas bordas para não flutuar. Dessa distância, o outro lado da piscina é quase impossível de ver, mas percebo algum movimento e trato de voltar a nadar. Dessa vez, vou com uma mão na parede, porque ainda não consigo não boiar. A professora Rios diz que preciso controlar a quantidade de ar que guardo nos pulmões, mas quando tentei fazer isso na última aula quase morri engasgada.

Eu me empurro para baixo, Tateando o chão atrás de algo. Não acho que Z vá fazer com que o tesouro seja óbvio, então espero algo pequeno, como uma pedra ou algo assim. Cada segundo no azul profundo da piscina, enquanto procuro o tesouro, é um segundo a mais de tensão. Percebo que estou preocupada com Andrei. Ele já deveria ter aparecido. Se ele já tivesse achado o tesouro, com certeza me avisaria. Eu faria o mesmo. Fico mais agoniada quando penso que ele pode estar com problemas, então decido fazer uma busca só e depois emergir. Não adianta nada ficar ali até me cansar e, depois, subir no desespero.

Quando estou prestes a desistir, vejo algo dourado no canto direito da piscina. Fico animada e nado até lá, percebendo que é um anel. Seria aquele o tesouro? Dou um sorriso e estico a mão para pegá-lo.

Faltam milímetros, quando sinto *algo* me atingir em cheio na barriga, me jogando contra a borda da piscina com força. Demoro alguns instantes para recobrar os sentidos e vejo uma garota morena, os cabelos negros espalhados por toda a parte, tateando furiosamente o fundo da piscina atrás do anel. Suponho que seu ataque fez com que a água o levasse para longe e volto a procurar o tesouro. A garota vê minha movimentação e fica irritada, me empurrando contra o chão da piscina. O empuxo da água luta para me puxar para cima, enquanto ela me empurra para baixo. Tento segurar suas mãos para impedi-la, mas minha atacante se esquiva com uma rapidez invejável. Então, decido partir para a violência e a seguro pelo pescoço.

Meus dedos se fecham ao redor dele e sinto algo pegajoso. A garota arfa e leva as mãos ao pescoço, arrancando as minhas de lá violentamente. Demoro um pouco para perceber que ela tem *guelras* e enfio os dedos exatamente DENTRO delas. A garota tenta gritar, mas é impossível embaixo da água. Pelo menos, ela me solta e aproveito a folga para nadar para longe. Não consigo deixar de sentir nojo e, mesmo embaixo d'água, tenho vontade de lavar as mãos. Sinto alívio e uma pontada de culpa ao pensar que é bom que nem eu nem Andrei tenhamos *guelras*.

Ainda procuro o anel e o vejo flutuando um pouco mais à frente, perto da marca dos oitenta metros de distância. A garota não volta a me atacar e fico aliviada, até olhar para trás e ver que ela prende Andrei no fundo da piscina. De onde ele veio? Bem, se consigo me livrar dela, ele também consegue. Continuo nadando e, finalmente, pego o anel, enfiando-o no meu dedo anelar. Cabe direitinho e fico surpresa.

Não tenho muito tempo para deleitar o fato de o anel ter sido praticamente feito para mim, pois a garota-peixe me atinge novamente, me jogando contra a parede. Parece que é a única coisa que sabe fazer e, dessa vez, estou preparada e me recupero logo, segurando-a pelo pescoço e usando todo o meu peso para prendê-la contra o chão da piscina. Ela se debate e começamos a flutuar. Ela consegue se virar e nos afundar novamente, apertando meu pescoço. Tento espelhar seu gesto, mas ela se afasta, ficando fora do alcance das minhas mãos. Minhas pernas estão presas entre as dela e não há muito que eu possa fazer para me soltar. Prendo minhas mãos ao redor das dela, tentando fazer com que me solte. Não é possível que esteja tentando me matar, é? A única regra é que mortes não são permitidas.

Então seu peso sai de cima de mim e eu nado para cima, experimentando a recém-adquirida liberdade. Andrei e ela se atracam no fundo da piscina como se estivessem fora dela em um ringue, um rolando por cima do outro, ela puxando o cabelo dele e o arranhando, ele a prendendo entre os braços. Fico parada e ele olha para mim, fazendo um gesto para que eu suba. Andrei sabe que eu estou com o tesouro. Ele sabe e está me

dando a chance de ganhar a competição, mesmo que sejamos de times diferentes. Andrei está lutando com uma psicótica de guelras para que isso aconteça. Sinto meu coração apertar. Duas opções passam rapidamente em minha mente. Uma delas é ir até lá e ajudá-lo. A outra é subir e vencer a competição, ali e agora. Pondero por alguns segundos e a garota-peixe o pega pelo cabelo comprido e o joga contra o outro lado da piscina, com força. Espero vê-lo nadando na minha direção, em vão. A garota se aproxima de onde ele está e temo o pior. Faço a escolha com rapidez e tomo impulso na parede, nadando com velocidade.

Andrei está flutuando na água, subindo devagar, e a garota-peixe o puxa para baixo, parecendo satisfeita. E distraída. Aproveito a situação para atacá-la por trás, puxando seu cabelo e a empurrando na direção da parede. Ela bate a cabeça e parece desnorreada. Puxo o garoto, abraçando-o pela cintura e nadando para cima. Com duas pessoas, uma delas desacordada, é difícil. Penso que talvez nossa perseguidora nos deixe em paz, achando que desistimos, porque ela não parece saber qual é o tesouro. Mas ela me persegue enquanto subo, tentando puxar meu pé para me afundar, mesmo parecendo estar confusa e descoordenada. Se eu soubesse que uma batida de cabeça na parede a faria ficar assim, teria feito antes.

Chegamos à superfície e Andrei desperta de uma vez, sorvendo uma grande quantidade de ar e se segurando em mim com força.

– Sybil? – Ele diz, meio confuso. – Você...

– Me ajude a levar você até a borda porque não aguento mais – respondo, arfando. É bom poder respirar novamente.

Ele obedece, sem falar mais nada, e chegamos a uma lateral. Metade da turma está lá, esperando, ansiosa, e nos observando. Quando saímos da piscina e me lembro de que Andrei está apenas de cueca preta e um par de meias combinando, sinto vergonha porque estivemos tão perto um do outro. Também estou só com um conjunto de calcinha e sutiã pretos e as meias brancas do uniforme e, para piorar, todos estão olhando para nós! Mesmo querendo sair correndo e me esconder dentro dos vestiários, nossos colegas parecem não se importar com a ausência de roupas e nos abordam, dando gritos e abraços. O professor começa a aplaudir.

– Onde está? – ele pergunta, olhando para mim e para Andrei freneticamente.

Levanto a mão esquerda e lá está o tesouro, em meu dedo anelar. Meu grupo explode em comemorações e sou arrebatada pelos braços de Pernilongo e Ursa Menor. Cientista Maluco não me abraça, mas dá dois tapinhas no meu ombro com um sorriso vitorioso, como se o mérito fosse todo dele. Não sei por que estamos tão felizes, afinal não vamos ganhar nada com isso. Ou vamos? Será só pelo prestígio de vencermos? Ou pela alegria da competição?

– Andrei ajudou também – eu digo quando me soltam, puxando-o para perto. Meu grupo agradece, mas o de Andrei lança olhares feios para ele.

– Muito obrigada, Andrei – Pernilongo diz, arrumando o cabelo atrás da orelha e dando o sorriso que as meninas sempre dão a ele.

– Por nada – ele responde, com seu jeito despreocupado de sempre, e passa uma mão pelo meu ombro. – Deveríamos nos vestir. Estou ficando com frio.

Concordo com a cabeça, me abraçando e me cobrindo como posso.

– Vocês terminaram de comemorar? – o professor pergunta, se aproximando com os braços cruzados. – Bom, muito bom. Sybil, parabéns. Você fez um trabalho formidável. Andrei, muito bom trabalho também, mesmo não sendo do mesmo grupo que ela. Demonstra que vocês dois conhecem bem a habilidade um do outro e podem trabalhar bem em equipe.

Por algum motivo, eu me sinto constrangida e passo uma mão pelo braço, me aquecendo. Andrei cruza os braços e olha para o professor como se soubesse o que virá a seguir.

– Estamos atrás de pessoas com esse espírito. Assim como você, Ava. Sua interferência foi louvável, fazendo o que pôde para ajudar Sybil, mesmo não sendo exatamente sua zona de conforto.

Ursa Menor dá um passo à frente, parando ao nosso lado. Então, esse é o nome dela. Ava. É bonito. Dou um sorriso para ela e ela parece orgulhosa de estar ali. Andrei se move desconfortável e me segura no pulso, provavelmente querendo me dizer algo.

– E Leon. Você demonstrou habilidades de liderança incríveis, como sempre. Não esperava menos de você.

A multidão abre espaço para Leon se aproximar e ele para ao meu lado com a expressão impassível, a mão encostando de leve na minha. Andrei o encara, mas Leon não percebe, é claro. Não entendo a impaciência do meu amigo até o professor continuar a falar.

– Muito bom, alunos. Por hoje é só, estão dispensados.

Aos poucos a turma começa a sair do galpão. Eu me viro para pegar minhas roupas e acompanhá-los, mas Andrei me segura no lugar. Em pouco mais de um minuto, estamos os quatro destacados pelo professor sozinhos com ele. Z nos olha de cima a baixo e anuncia:

– Sybil, Andrei, Leon e Ava: vocês vêm comigo. Acabaram de ser *escolhidos* para uma missão ultrassecreta do governo.

Capítulo 13

Minhas mãos não param quietas.

Mexo nos cordões do casaco amarelo, mexo no botão de metal da calça, mexo no cabelo, mexo no cabelo de Andrei, mexo nas suas mãos, bagunço e arrumo o cabelo de Tomás, tranço e destranço meu próprio cabelo.

Eu só desejo, de verdade, que não tivesse lutado com tanta vontade para pegar aquele maldito anel, que continua no meu dedo. *Uma missão ultrassecreta do governo*. Se eu quisesse fazer parte de uma coisa dessas, teria me alistado no exército ainda quando morava em Kali! E não lutado por um anel com uma adolescente com uma mutação esquisita que a deixava com cara de peixe dentro da água!

Desde o teste da aula de TecEsp, já se passaram sessenta e duas horas. Um pouco mais que o tempo necessário nos dado por Z para voltarmos para casa, avisarmos nossos responsáveis, fazermos eles assinarem as papeladas de autorização e arrumarmos uma mala com o essencial para uma semana.

Ao saberem da notícia, Dimitri e Rubi pareceram preocupados, mas quando perceberam o nível de ansiedade provocado em Tomás (e em mim), fingiram estar bem com isso. Só no dia seguinte, quando Rubi insistiu para fazermos uma atividade de “meninas”, conversamos sobre a missão.

– Você sabe o que significa participar de uma dessas missões? – ela perguntou enquanto caminhávamos na direção da rua principal, onde fica o metrô.

– Que eu provavelmente vou ter de fazer alguma coisa idiota como pegar um tesouro pirata no fundo do mar? – Dou a resposta debochada que Andrei me deu quando fiz a mesma pergunta, no dia anterior, enquanto voltávamos para casa. Rubi balança a cabeça.

– Não é tão simples assim – ela respondeu e ficou calada por alguns instantes. Fiquei apreensiva ao ver sua expressão de cansaço. – Se houvesse alguma forma de impedir você de ir, eu faria.

– Mas é só você não assinar os papéis.

Rubi olhou para mim com um meio sorriso e me abraçou pelo ombro.

– Não é tão simples assim. Você soube do garoto...

– Que faleceu na última vez? Sim – interrompi, apressadamente.

– Eu não quero deixá-la nervosa... – Bom, ela estava fazendo um péssimo trabalho, pois eu me sentia mais ansiosa a cada minuto. – O fato é que essas ações podem ser perigosas. Há uma controvérsia sobre a utilização de crianças nessas missões, mas eles continuam usando-as. Principalmente, porque, depois que elas crescem, fica mais difícil convencê-las a fazer coisas ridículas como buscar *tesouros* no fundo do mar.

Fiquei em silêncio e enfiei as mãos nos bolsos da calça, pensativa.

– Isso é o governo de Pandora ou... você sabe. Da *União*?

Rubi espelhou meu silêncio anterior enquanto passávamos em frente a uma loja de bicicletas. Ela suspirou.

– Z é meu chefe – ela contou abruptamente e me surpreendeu. – No meu departamento, nós fazemos missões como a que você fará. Eu faço parte de logística e pesquisa, não da pesquisa de campo. Não é um trabalho bonito o que fazemos, Sybil. Não é necessariamente certo, também. E nós somos basicamente tratados como armas pelos nossos superiores e não como *pessoas*. Você sabe, é o único motivo pelo qual nos deixam treinar e desenvolver nossas habilidades. Para que possamos *ajudá-los* na guerra idiota que travam há décadas.

Olhei para ela ainda mais chocada do que antes. Todos sabiam que aquilo era verdade, mas nunca tinha visto ninguém colocar em palavras tão claras quanto ela. Não consegui evitar olhar para os lados, com medo de que alguém nos ouvisse e nos delatasse para as autoridades. Essa atitude não combinava muito com o povo de Pandora, mas alguns hábitos são difíceis de morrer.

– Eu odeio o Z – disse, decidindo que, já que estávamos falando a verdade uma para a outra, deveríamos continuar assim. – Tem algo esquisito nele, nada confiável. Isso sem falar na sua prepotência! Eu não me sinto segura participando de uma missão organizada por ele.

– Você é muito sábia para uma garota de 16 anos, Sybil. – Foi a resposta que ela me deu antes de me apressar para descer as escadas do metrô. – Se você precisar de qualquer coisa durante a missão, fale comigo. Em hipótese alguma fale com Z ou outro subordinado dele.

Concordo com a cabeça e seguimos para nosso passeio no centro de Pandora, em uma tentativa frustrada de me fazer ficar mais calma.

Com todo o mistério envolvendo as missões, não é de espantar que eu mal pregue o olho na noite de sábado para domingo. Nem que fique anormalmente calada e inquieta enquanto estamos indo para o centro de Prometeu no carro do pai de Andrei, que parece não se importar com meu nervosismo e aproveita a situação para treinar suas melhores piadas sem graça enquanto tento não ter um colapso nervoso. A esquisitice do senhor Novak consegue me deixar um pouquinho mais relaxada. Ele e o filho compartilham o mesmo senso de humor autodepreciativo e o mesmo rosto, embora seus cabelos curtos sejam escuros e os olhos, muito claros.

Durantes os vinte minutos que ficamos no carro, conheço um pouco mais da profissão do senhor Novak. Ele é apresentador de TV em um programa matinal de culinária direcionado ao público feminino, mas seu sucesso não se dá só pelo dom na cozinha, mas pela personagem que interpreta: Madame Charlotte. Andrei fala dele como se fosse um gênio artístico, embora prefira que não saibam quem seu pai é. Nem todo mundo consegue entender o que ele faz. As pessoas geralmente não desconfiam que Madame Charlotte, aquela mulher simpática com alguns traços masculinos, na verdade é Charles Novak, o pai respeitoso de um garoto de 16 anos.

Dimitri se revela um fã incondicional das receitas de Madame Charlotte e eles se dão bem imediatamente, tagarelando por grande parte do caminho sobre temperos e receitas que me dão água na boca. Rubi se diverte e propõe um duelo de jantar qualquer dia desses lá em casa, o que faz o senhor Novak rir alto e prometer arrasar com um “ratatui” (seja lá o que isso queira dizer). Tento me concentrar na conversa, mas minhas mãos geladas me lembram para onde estou indo. Tomás está sentado no meu colo e se ocupa em verificar minha mochila pela décima quinta vez. Começo a desenvolver a teoria de que meu irmão mais novo tenha alguma espécie de transtorno de ansiedade, o que acho ser bem incomum para um menino de 11 anos. Andrei me encara por algum tempo antes que eu perceba e, quando me viro para olhá-lo, levanta uma sobrancelha.

– Essa conversa sobre comida está me deixando com fome – digo, antes que ele possa fazer algum comentário sagaz.

– Certo. Sei. – Ele mexe as sobrancelhas e olha para a frente. – Você está tão nervosa que sua mão deve estar a uns trinta graus abaixo de zero.

– Isso não é nem possível – Tomás diz, fechando minha mochila e olhando para o outro garoto. – E pessoas como nós têm a temperatura um ou dois graus mais alta que o normal.

– Até Sybil, a garota picolé?

– De onde saiu esse apelido, Andrei?

– Você não sabia que os círculos mais subterrâneos da nossa escola a chamam assim? Porque você não sente frio e tudo mais.

– Isso não é verdade, eu sinto frio! – digo indignada e só quando ele começa a rir, vejo que está brincando comigo. – Ah, agora você vai ver quem é que vai querer não sentir frio!

Encosto uma das mãos nas suas costas, por debaixo da blusa, e ele se assusta em um salto. Tomás e eu começamos a rir. Andrei faz cócegas em mim como vingança e eu faço cócegas (sem querer) em Tomás, que ri tanto que mal consegue reagir.

Quando finalmente paramos em frente ao grande prédio da Inteligência, onde Rubi trabalha, minha barriga está doendo. Atribuo às risadas, mas sei que também é de nervosismo. Descemos do carro e minhas pernas começam a tremer quando

encontramos um homem magrelo vestido de amarelo e com óculos tortos nos esperando. Ele cumprimenta Rubi, Andrei e eu, mas não parece perceber os outros. Nos avisa que Z chegará em quinze minutos para o início da missão e decidimos gastar esse tempo tomando sorvete em uma lanchonete do outro lado da rua. Apesar de toda a conversa anterior e das risadas, quando penso em comida fico enjoada.

– Você está nervoso? – sussurro para Andrei quando ficamos próximos, segurando seu braço. Ele esfrega minhas mãos geladas enquanto espera o sorvete, tentando esquentá-las sem sucesso. – Nem um pouquinho?

– Não – ele responde e pega seu sorvete de menta e chocolate. – Nem um pouquinho.

– Você não está bêbado ou algo assim, está?

Ele ri.

– Meu pai me deu calmantes. – Ele pisca os olhos duas vezes antes de encostar a testa na minha, fazendo meu coração bater mais rápido. – Não se preocupe, Sybil. Se você prometer cuidar de mim, prometo cuidar de você.

Eu sorrio, balançando a cabeça e me afastando dele. Enxugo o suor das mãos na calça, sem entender por que havia ficado tão mais nervosa subitamente. Atravessamos a rua lentamente e Tomás insiste em segurar minha mão para atravessá-la.

– Sybil, você traz um presente para mim? – ele pergunta entre as lambidas no seu sorvete de chocolate. – Bem grande e legal? Por favor? Por favor?

– Sybil não vai fazer uma excursão de férias, Tomás – Dimitri o repreende, diminuindo o passo para deixar Rubi, Charles e Andrei andarem na frente. – Ela provavelmente não vai poder trazer nada.

– Mas uma coisa bem legal... como um cristal! O irmão da Elaine Alves participou de uma missão e trouxe um pedaço de vidro verde muito incrível e agora ela fica mostrando para todo mundo – conta Tomás, enquanto lambe o sorvete que escorre pela sua mão. – Vai, Sybil. Por favor? Aí posso mostrar para ela como a minha irmã é mais legal que o irmão dela...

– Tudo bem, Tomás – concordo com um sorriso. – Mas como quer um presente se você *nunca* me deu nada?

Ele faz uma expressão de surpresa, como se nunca tivesse reparado que precisaria me dar algo em troca para ganhar também. Quem compra os presentes de Rubi é Dimitri e vice-versa. Rio da cara dele e digo que é brincadeira, mas ele fica todo sério e tira uma coisa do bolso, me entregando com a mão fechada. Eu estendo a mão e ele solta um botão grande e azul nela.

– Pronto. É meu amuleto da sorte. – Ele sorri, mostrando covinhas fofas, e eu agradeço com um forte abraço.

– Vou cuidar dele direitinho e prometo trazer alguma coisa muito legal para você, tudo bem?

– Sybil – Andrei me chama e levanto os olhos, vendo que o professor Z nos espera com os braços cruzados na frente do prédio, junto ao homem magrelo de óculos e a Leon e Ursa Menor, quero dizer, Ava.

– Um minuto – peço e dou um beijo na bochecha de Tomás. – Cuide da sua mãe e do seu tio enquanto eu estiver fora, viu?

– Eu prometo. E vou vigiar Naoki também.

– E nós prometemos nos comportar – Rubi completa, rindo. Ela me abraça e sussurra apenas para mim: – Lembre-se: qualquer coisa peça a *mim*. E a mais ninguém.

Por fim, me despeço de Dimitri e arrumo a mochila nas costas, me juntando aos outros. Andrei se despede do pai e se abaixa para abraçar Tomás antes de entrarmos no prédio. Olho para ele pelo menos trezentas vezes no caminho da entrada até o elevador e quando chegamos lá, ele segura minha mão, discretamente, e me acalmo um pouco. Nós quatro praticamente nos empilhamos em um dos cantos do elevador, enquanto Z e seu assistente ficam perto da porta. Acho que o medo do que pode vir acontecer dali para a frente nos faz ficar unidos como pinguins durante uma tempestade de neve.

Eles nos guiam até uma sala de espera e nos deixam lá com a promessa de que voltarão em menos de uma hora, sem maiores explicações ou instruções. A sala tem vários sofás espalhados, uma mesa de reunião com cadeiras e um pequeno refrigerador, mas nenhuma janela. Se não fosse minha mania de andar por aí com relógio e de contar segundos quando estou nervosa, não teríamos ideia de quanto tempo ficamos ali, esperando.

É quando estou arrumando o cabelo de Ava, com um penteado trançado que aprendi com vovó Clarisse, que ouvimos passos através da porta fechada, mas ninguém entra ainda. Talvez parte da missão seja nos ensinar a ter paciência, talvez parte da missão seja nos enlouquecer. Seja como for, o primeiro a se levantar é Leon, enquanto ainda estão no corredor. Depois Andrei se coloca ao lado dele, em alerta. Por fim, termino o cabelo de Ava às pressas e nós duas nos juntamos a eles.

A porta se abre e três soldados entram, satisfeitos por nos verem em pé e esperando. Um deles, o superior, dá um passo à frente. Nenhum deles é como *nós*.

– Boa noite, senhores – ele diz, em um tom respeitoso. – Espero que não tenham esperado muito.

– Ah, imagina. Nem deu tempo de crescer musgo nos meus pés – Andrei soa sarcástico e fico chocada. Como ele ousa falar assim com um militar? Mas o homem só ri.

– Da próxima vez anoto suas preferências... Novak? É isso? – ele responde e a ameaça em sua voz é visível. Em vez de desviar o olhar, Andrei encara o homem de igual para igual e me sinto estranhamente orgulhosa. Que rebelde eu sou.

– Ficarei satisfeito em informar seus superiores da sua competência, se isso acontecer. – O tom de Andrei é quase displicente, mas surte o efeito desejado. O oficial

o fita demoradamente antes de fazer um gesto para as cadeiras.

– Sentem-se. Deixe-me explicar o que vocês farão dessa vez. – Ele se vira para Leon com um meio sorriso que o garoto não pode ver. – Parece que você terá problemas com esse daí, hein?

– Andrei é um bom garoto com gente que ele conhece. – É o que Leon responde e eu quase rio. – Pode acreditar em mim, ele não dará problema algum. – Andrei tem a decência de permanecer calado dessa vez e nos acomodamos nas cadeiras em volta da mesa de reunião.

– Então... – Ava começa, cruzando os braços. – Do que se trata tudo isso? Por que vocês precisam de nós e *para quê*?

– A pergunta de ouro – o oficial diz, se acomodando no outro extremo da mesa. Os outros dois soldados se posicionam cada um de um lado. – Compreendam... a tarefa para a qual vocês foram incumbidos é algo extremamente sigiloso. Todas as informações e todos os detalhes devem ser mantidos em segredo. Todos sabem que vocês sairão em missão, não há motivos para mentir quanto a essa parte. Mas eles vão perguntar o *quê* vocês vão fazer e não importa quem pergunte – seus pais, amigos, namoradinhos ou até professores – vocês estão proibidos de falar sobre isso. Nunca comentem algo sobre a missão com alguém. Uma palavra e destruirão tudo pelo qual lutamos tão ferrenhamente.

Ficamos calados. O militar não nos deixa confortáveis e suas últimas palavras soam falsas, como se fossem outro idioma. É mais ou menos como o princípio das aulas de TecEsp, mas duvido que essa seja uma aula idiota de treinamentos aleatórios. Algo tão sigiloso assim e eles confiam em quatro adolescentes ainda na escola? Só eu percebo algo de errado nisso?

– Como vocês podem ter tanta certeza assim de que vamos ficar calados? – É Ava quem finalmente pergunta, em um tom insolente.

O oficial se curva em nossa direção e abre um sorriso assustador. Inconscientemente e como se fossemos um só, todos nós recuamos.

– Vocês não vão querer saber o que vai acontecer caso falem algo – ele responde com um meio sorriso, se deleitando com nosso medo.

Ficamos em silêncio e prendo a respiração. São momentos decisivos, os que passamos em silêncio sob os olhares dos soldados. Por fim é Leon que se pronuncia.

– Certo. Qual é a missão dessa vez?

– Certo, é muito simples.

Mas não é. Nunca é. *Simples* é uma palavra que não existe na minha vida.

Capítulo 14

Depois de ouvirmos as instruções para nossa missão, vamos para o subsolo e somos separados em quartos. Meu quarto tem paredes brancas, uma cama de ferro com um colchão fino e uma mesinha no canto com um copo de água e uma jarra; não diferente de todo o resto, não há janelas.

Começo a suspeitar que o governo da União tem uma aversão estranha a janelas. Deito na cama, deixo minha mochila aos meus pés e tento repassar meu papel na missão maluca que faremos, mas minha cabeça dói. Só quero dormir, mas quando finalmente consigo fechar os olhos e relaxar, ouço uma batida na porta.

Caminho, cambaleante, e abro a porta, imaginando que provavelmente é Andrei querendo encher meu saco, dormir na minha cama ou os dois. Mas quando foco minha visão é Ava que vejo, abraçando a si mesma, com o cabelo ainda com as tranças que fiz.

– Posso entrar? – ela pergunta e parece muito mais jovem do que antes.

Lembro-me de que é a mais nova de nós e dou passagem, com um sorriso.

– O que você achou disso tudo?

– Quer sentar? – Faço um gesto para ela se acomodar na minha cama e ela concorda. Sento ao seu lado. – O que eu acho disso tudo? Nós entramos no lugar, pegamos o que temos de pegar e depois voltamos para casa. Simples assim.

– Não é simples assim. – Posso perceber o medo em sua voz e coloco uma mão no seu ombro para reconfortá-la. Honestamente, eu não havia me permitido ter medo ou estaria devorando minhas unhas nesse exato momento. – Você sabe que não é. Aquele menino, o Seeley... Ele... morreu. E se eu morrer, Sybil? Eu sou a mais nova de vocês, tenho menos treinamento e...

– Opa, não é assim. Você sabe que só cheguei aqui faz o quê? Cinco meses? Seis? Eu nem sei nadar direito. – Tento reconfortá-la, mas só fico mais nervosa. Seguindo o raciocínio de Ava, sou a mais provável a morrer.

– Mas você é uma sobrevivente, Sybil. Você sabe atirar com qualquer arma que eles derem para você e sabe sobreviver em situações extremas por dias se precisar, porque ensinaram isso para você a vida inteira. Mas eu... o que sei além de esmagar algumas pedras e derrubar pessoas?

– Vai por mim: esmagar algumas pedras é muito mais legal do que ser um monstro marinho. – Ela ri, mas vejo que não acredita em mim.

– É frustrante, sabia? Ter essa coisa. Ninguém parece me levar a sério só porque... eu sou assim. Os garotos não gostam de garotas mais fortes que eles.

Ah, não! Isso está virando um consultório sentimental? Não sou psicóloga e não entendo praticamente nada sobre garotos. Não que eu nunca tenha saído com um ou beijado. Até porque as coisas acontecem muito cedo em Kali e sempre tem um ou outro garoto bonitinho disposto a sanar as curiosidades de uma jovem dama. Mas, tirando isso, não faço ideia de como é ter um relacionamento amoroso ou algo do tipo. Todos os casais que conheço são... *amigos*. Suspeito que o amor é só um tipo diferente de amizade.

– Com certeza tem alguém que gosta de você; você só não percebeu ainda – digo sem jeito. Por que ela está preocupada com garotos em uma situação como essa?

– Não, não tem. – Ela suspira com o corpo todo, encurvando a coluna. – Você tem tanta sorte de ter Andrei.

Tiro a mão das costas dela. Sinto meu rosto ficar quente e fico desconfortável. A conversa está cada vez mais surreal.

– Ele é meu amigo, Ava.

– Eu o vi segurando sua mão no elevador.

– Porque ele é meu amigo, oras! Amigos ajudam uns aos outros, independentemente do sexo – respondo meio nervosa e não sei por que me sinto chateada. Provavelmente por ela insistir em algo tão irritante.

– Tudo bem, não precisa ficar nervosa. – Ela cruza os braços, mas me dá um sorriso. – Isso quer dizer que tenho alguma chance com ele?

Não devo, mas fico chocada. Ava tem interesse em Andrei dessa forma? Como ela pode? Tudo bem, Andrei não é feio. Muito pelo contrário... Mas Ava? E Andrei? Ava e Andrei? Nem os nomes deles combinam! Como ela pode achar que tem chances com alguém com um nome tão parecido com o dela?

– Eu não sei – acabo respondendo, sentindo um aperto no peito esquisito. – Se você quiser, eu pergunto.

– Não, não! Não precisa. – Ava fica vermelha e abaixa o rosto. – Eu não acho que ele tenha olhos para mim.

– Só porque você é mais forte fisicamente do que ele? Ava, por favor. Você está me ofendendo se acha que meu melhor amigo é esse tipo de pessoa. – Deito na cama, olhando para o teto.

Ela fica em silêncio e depois se deita ao meu lado, olhando para cima como se o teto branco fosse o céu estrelado. Minha cabeça ainda está um turbilhão com as ideias que Ava colocou nela. Além do nervosismo para o dia seguinte, há também uma sensação estranha todas as vezes que penso na possibilidade de Andrei beijá-la. Será que ele já beijou alguma garota? Será que ele gosta de meninas fortes como Ava? Uma vizinha chata me diz que não é possível, enquanto outra se sente extremamente triste

só de pensar em ser. Meu coração bate rápido e acho que estou ficando louca. Decido que devo estar ficando doente ou algo assim, porque parece ser a única explicação para o que estou sentindo.

Ainda estamos em silêncio, uma ao lado da outra, quando batem na porta novamente. Ava é a primeira a se levantar e eu a acompanho, caminhando lentamente atrás dela. Dessa vez, tenho certeza absoluta que é Andrei. Uma parte de mim, uma parte muito cruel, anseia por ver a reação dele ao encontrar a outra garota ali também.

Abro a porta e lá está ele, encostado na soleira com um sorriso. Quando vê Ava, o sorriso desaparece e ele fica subitamente desajeitado.

– Eu... eu achei que você estava sozinha – ele diz inseguro. – Volto depois, não era urgente. Só queria falar sobre algo que Tomás me disse...

– Não, Andrei. Pode entrar – digo e abro a porta. Ava está próxima à cama, parecendo ansiosa. – Nós só estávamos conversando sobre amanhã. Ava está nervosa.

– E você? – Ele me olha, parando na minha frente com as mãos nos bolsos. – Melhorou desde mais cedo?

– Um pouco – respondo, dando de ombros e olhando para Ava. – Conversar bobagens ajuda um pouco.

Ele entra e se joga na minha cama, parecendo confortável demais de uma hora para outra. Fecho a porta e olho para Ava de maneira encorajadora, mas ela parece confusa. Eu me sento ao lado de Andrei na cama, com as pernas cruzadas, e convido Ava. Ela opta por se acomodar no chão, perto da cabeceira da cama.

– Então, Ava – Andrei diz enquanto tenta me empurrar para fora da cama com os pés. – Como você se sente sendo a pessoa mais brilhante do nosso grupo?

– O quê? – Ela levanta o rosto e o encara, as orelhas ligeiramente vermelhas. – A mais brilhante?

– Óbvio. Você é a mais nova e... Sybil! Pare de me empurrar para fora da cama!

– Pare você de me empurrar para fora da MINHA cama – respondo, empurrando-o para o lado e me acomodando no espaço que consigo. Ele suspira e revira os olhos, voltando para Ava.

– Como eu ia dizendo, você é a mais nova e está em uma missão dessas. É claro que você é brilhante.

– Você acha? – ela diz, um pouco relutante. – Acho que só me chamaram pela minha força física.

– E quantas pessoas como você existem em nossa escola? Mas não, eles escolheram você. Você só pode ser a melhor. – Ele me abraça pelo ombro e me acomoda na curva do seu braço. – Não é, Syb?

– Com certeza – digo, apoiando os cotovelos no tórax dele para tentar me desvencilhar dos seus braços. Ela ainda parece estar confusa e não consigo entender o

porquê. – E você me salvou daquele maluco na piscina. É óbvio que tem um bom coração.

– Obrigada. – Ava sorri e abaixa a cabeça, arrumando uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Eu só não vejo como posso ajudar na missão...

– Eu também não faço ideia do motivo de eles precisarem de duas pessoas com habilidades parecidas, mas, ei, você não me vê sofrendo, vê? Só curta o momento. Nós vamos ganhar uma viagem de helicóptero de graça, vamos conhecer o território inimigo de perto e, talvez, pular de paraquedas. Não é genial?

– Às vezes acho que você não bate bem da cabeça – diz Ava, e sou a primeira a rir, sendo seguida por Andrei e por ela. – Mas fiquei mais tranquila, obrigada.

Ela se levanta e eu a acompanho, perguntando para onde ela vai. Quando ouço que ela voltará para seu quarto, começo a protestar, mas ela insiste. Ficamos só eu e Andrei no quarto. O garoto está deitado na minha cama, olhando para o teto.

– Ela gosta de mim, não é? – ele pergunta.

– Como você adivinhou? – eu digo, me acomodando ao lado dele. A cama é estreita, mas sou pequena o suficiente para dividi-la com alguém.

– Você só faltou escrever com canetinha na testa dela. Por favor, seja mais sutil da próxima vez – ele diz, dando tapinhas no meu ombro.

– Ai! E você, o que você acha? – Não consigo evitar perguntar.

– Eu só acho que você deveria dormir. – Ele levanta o braço e me acomodo, usando-o como meu travesseiro. – Prometo que não deixo nenhum monstro vir pegar você durante a noite.

– Deixa de ser bobo – digo, mas quem está sendo boba sou eu, refletindo sobre o que Ava havia dito sobre mim e ele. Ela está certa em dizer que eu tinha sorte em tê-lo, mas será que está certa ao implicar que somos mais do que amigos? Tento mudar minha linha de pensamento e encosto o queixo no seu tórax. – E se eles quiserem pegar você, Andrei? O que vai fazer?

– Vou me esconder atrás de você, é claro. Se eu me encolher bem, consigo. – Ele me abraça pela cintura, fazendo meu coração acelerar. – Vá dormir, Sybil. Amanhã nós teremos muita coisa para fazer.

– Andrei.

– O que foi, Sybil?

– Você tem certeza de que tudo vai dar certo?

– Sim – ele diz, mas sua voz não parece confiante. – Acho que sim. Não pense muito nisso, vá dormir.

– Você deveria estar dormindo há muito tempo. Eu imagino que não dormiu nada na noite passada.

– Não sou eu que não durmo direito por causa de pesadelos, Sybil – ele diz, em um tom gentil. – Pode ficar tranquila; vou estar bem aqui se você precisar.

– Foi isso que Tomás disse? – Fico surpresa, mas logo percebo que não deveria. Isso é a cara dele. – Aquele tagarela!

– Ele adora o fato de ter uma irmã mais velha tão incrível como você. – Posso quase ouvir o sorriso na voz dele. – Eu adoraria.

Sinto o estômago embrulhar e fico em silêncio por algum tempo sem saber o que responder. A respiração de Andrei fica cada vez mais lenta, indicando que caiu no sono. Por mais que eu goste de ter alguém no quarto comigo, ele deveria voltar para o seu. Tenho medo de me mover e acordá-lo. Posso ouvir seu coração batendo embaixo dos meus dedos e a respiração calma, o peito subindo e descendo.

– Andrei? – digo e minha voz sai meio rouca, como se eu estivesse doente.

– Sim?

– Boa noite.

– Boa noite – ele responde e consigo ouvir o riso em sua voz.

Capítulo 15

É Leon que nos acorda na manhã seguinte, com uma expressão de confusão. Andrei o chama de bisbilhoteiro e fico escandalizada com a piada de mau gosto. É óbvio que Leon devolve com algum comentário igualmente terrível, o que indica que está de bom humor. Desde que fomos escolhidos para a missão, ele estava anormalmente quieto e pensativo. Enquanto ouvíamos a explicação do que teríamos de fazer, parecia estar em transe, longe dali, sem processar nada.

– Você está muito engraçadinho hoje, Andrei. Vamos ver até onde você continua assim – Leon diz, se acomodando na cama. – Vistam-se e peguem suas coisas; estão nos esperando para irmos embora. Ainda temos um trem para pegar.

– Nós *estamos* vestidos, Leon! – digo revoltada e me sento ao seu lado, o empurrando. Ele ri. – Você mandou que dormíssemos com a mesma roupa que iríamos viajar, lembra?

– Bem, eu imaginei que já que vocês estavam no mesmo quar...

– Leon, por favor – Andrei o interrompe. – Seu quarto é exatamente ao lado deste. Pare de tentar deixar Sybil mais constrangida ainda.

O garoto ao meu lado ri e percebo que é *exatamente* aquela a intenção dele. Isso o faz receber um tapa bem merecido no braço, mais ou menos na mesma hora em que Ava entra no meu quarto. Quando é que meu quarto virou um ponto de encontro?

Pela expressão da menina, ela está chocada. Posso até ler seus pensamentos: ele é cego, Sybil! Como você está batendo nele? Coitadinho! Leon, como é de esperar, está achando tudo muito engraçado. Ele se diverte de forma doentia quando as pessoas acham que nós estamos cometendo uma crueldade sem tamanho só porque ele não enxerga. É uma injustiça tremenda, já que ele é provavelmente mais capaz de se locomover e sentir as coisas do que qualquer outra pessoa.

– Não fique chocada, Ava. Ele mereceu – Andrei diz com humor e pega minha mochila. – Nos encontramos na porta do meu quarto, tudo bem? Preciso pegar minha mochila.

– Você está com as suas coisas, Ava? – Leon se levanta e me puxa para eu ficar de pé ao seu lado.

– Sim – ela responde quase em um sussurro e penso em quão injusto é tudo isso com ela. Ela é a mais nova, é a única que não é nossa amiga, é o peixe fora d'água.

– Sybil, passe no meu quarto e pegue minha mochila, já que Andrei fez o favor de levar a sua – ele diz para mim, dando um tapinha nas minhas costas. – Vai lá. Nos encontramos na porta do quarto de Andrei.

Adivinhar suas intenções é sempre impossível, então não questiono e vou para o quarto dele. Ponho a mochila preta nas costas, percebendo que é muito mais leve do que a minha. Talvez proponha uma troca com ele. Só quando me abaixo, vejo algo diferente na lateral do criado-mudo. Eu me aproximo e empurro o móvel o suficiente para ver que são símbolos entalhados na parte de trás. Passo os dedos pelas fendas, curiosa. Leon seria até capaz de fazer algo assim, mas não é do seu feitio. Será que é algum vestígio da última missão? De perto, os entalhes não fazem muito sentido, então me afasto para ver se têm algum significado maior ou se é puro vandalismo.

Fuja enquanto pode – diz a mensagem formada. *Fuja*.

Sinto um calafrio e empurro de qualquer jeito o criado-mudo na direção da parede, praticamente correndo para sair do quarto. Por que alguém faria uma coisa dessas? A sensação de que quem escreveu a mensagem teve um fim trágico é inevitável e me pergunto se ainda há como fugir, mesmo se eu quiser.

Eu me junto ao grupo na frente do quarto de Andrei e tento fingir que nada aconteceu enquanto somos guiados para a próxima etapa da missão. Estamos anormalmente silenciosos quando somos colocados em mais uma sala para esperar.

É difícil não estar uma pilha de nervos. A quantidade de tempo que nos deixam esperando é inacreditável e começo a acreditar que pontualidade não existe no vocabulário dos nossos superiores. A mensagem entalhada me assombra e faço planos para o caso de termos de fugir, mesmo sabendo que nunca dariam certo.

Quando finalmente nos buscam, entramos em um carro que nos leva para uma estação militar, onde pegamos um trem de carga e somos acomodados em um dos últimos vagões, junto com vários caixotes de madeira imensos. Sentamos perto de uma das paredes e o trem começa a andar. O barulho repetitivo das rodas nos trilhos me deixa mais calma, mas não consigo relaxar. É claro que precisamos ir de forma clandestina até nosso destino, porque é uma missão secreta, e, por isso, conjeturo todas as possibilidades. Se poucas pessoas sabem onde estamos, é muito mais fácil fingir que aconteceu algo e dar um fim em nós.

Compartilho isso com o grupo e Andrei ri da minha cara, como se eu estivesse sendo ridícula. Ava fica nervosa e sai pela janela para tomar um ar. Provavelmente é forte o suficiente para escalar até o teto sem cair. Leon fica calado. Eu me esqueço constantemente que ele já participou de uma dessas missões e que perdeu um amigo (embora ele se recuse a falar sobre Seeley quando o assunto vem à tona). Andrei também parece se lembrar disso e se acomoda ao lado de Leon. É assim que ele é. Percebe exatamente quando as pessoas precisam de apoio.

Os dois começam a conversar baixinho e não consigo ouvir nada além de sussurros por causa do barulho do trem. Fico frustrada e coloco a cabeça para fora da janela, para tentar ver onde está Ava. O vento bagunça meu cabelo e tenho de tirá-lo do rosto várias vezes antes de perceber que há uma escada bem escondida logo ao lado da janela. Se fosse noite, nunca conseguiria vê-la. Olho para cima e chamo por Ava, mas minha voz se perde no caminho.

Considero subir para encontrá-la, mas mesmo me debruçando na janela não consigo alcançar a barra mais próxima. Ava aparece na beirada do teto e me pergunto como está se segurando. Ela me vê e desce os degraus, entrando de volta no vagão.

– E aí? – pergunto preocupada. Ela parece mais calma, mas seu cabelo cacheado está todo bagunçado e suas bochechas estão vermelhas.

– A vista é linda! – ela exclama com um sorriso e senta em cima de uma das caixas. – Estamos passando por algum tipo de plantação, com várias plantas altas, do mesmo jeito, se estendendo até o horizonte. Do outro lado, tem um campo com uma grama bem aparada, com vários animaizinhos brancos. Não sei se são vacas ou ovelhas.

Sorrio e olho pela janela. De onde estou, só consigo ver o campo com a plantação. Ava continua tagarelando sobre o que viu nos poucos instantes em que ficou lá fora e me acomodo ao seu lado, rindo e fazendo comentários. Ela então muda de assunto, dizendo que andar de trem a lembra de um livro.

– Qual? – Eu me mostro curiosa e ela fica muito vermelha.

– É um romance bobo – ela responde, cruzando as pernas. – Sabe? Daqueles ambientados na época do início da guerra, entre um espião dos dissidentes e uma mocinha rica da União. Eles se apaixonam em um trem e ele fica dividido entre sua lealdade para com seu país e o amor por ela. É tão legal, dá vontade de ter vivido nessa época.

– Parece interessante. – Tento me fazer interessada, mas o assunto do livro é algo que não me agrada. Não acho a romantização da guerra que esses livros fazem uma coisa legal. É engraçado pensar que quem gosta de histórias como essa talvez nem tenha tido uma experiência sequer com conflitos e guerras. Esse tipo de romance jamais chamaria a atenção das pessoas em Kali.

– Hum, não é o seu tipo de livro – diz ela percebendo. – Mas eu a vejo carregando livros da biblioteca por aí. Quais são?

– Eu não gosto de livros sobre a guerra... – Dou de ombros. – A maior parte dos que eu leio é assim... espera aí. – Desço da caixa de madeira e procuro em minha mochila pelo tomo vermelho que peguei da biblioteca. Entrego para ela e ela ri.

– *Pânico na Colina*?

– Sim! É um suspense sobre um grupo de adolescentes que vai para um acampamento em uma colina e eles começam a morrer, um a um. Um deles descobre

que tem uma mutação e é quem acaba salvando todo mundo. Quer dizer, salva os que ainda estão vivos...

– Eu não gosto de livros com anômalos como protagonistas – ela diz desconfortável, me devolvendo o livro. – Nem desse tipo de história. Tenho medo.

– Entendo. Deve ser pelo mesmo motivo pelo qual não gosto de livros sobre a guerra. – Coloco o livro no colo e estico as pernas. Pela expressão de Ava, provavelmente soei mais rude do que pretendia. Tento não parecer grosseira, sem sucesso.

– E-eu... – diz ela hesitante – sempre esqueço que você veio de Kali. Como era viver lá? Você não sente saudade?

Saudade? Não. No máximo de vovó Clarisse. Mas do resto? De ter de racionar água e comida? Ter trapos e roupas de segunda mão para vestir, ser revistada o tempo inteiro? Nem um pouco. Quanto aos meus amigos, nunca tive muitos. Tentava não me apegar. Em Kali é assim, um dia você está jogando carta com seus melhores amigos, e, no outro, em seus funerais. Sem falar na agonia diária de nunca saber quando vai acontecer um combate. Quando eu era pequena, sofri muitas vezes por perdas de crianças que, mesmo não tendo o mesmo sangue que eu, eram consideradas parte da família por morarem debaixo do mesmo teto. Mas conforme você cresce, é como se uma carapaça se criasse em volta do seu peito para proteger você do sofrimento.

Tento explicar como posso, para não parecer uma pessoa sem coração.

– Era tudo ruim. Tudo. A comida, a vida, a escola. O céu era constantemente cinza, as árvores estavam sempre ressequidas, a água era sempre salubre. Você não sabe, mas antes de vir para cá, eu nunca havia visto tanta água junta em um lugar só como na piscina da escola. Sinto saudade de algumas pessoas, mas não tenho vontade alguma de voltar.

– Mesmo que você seja uma *aberração*? – E aí está a pergunta. E aí está toda a questão.

Eu já suspeitava que Ava tivesse sérios problemas com o fato de ser uma de nós, mas ela nunca havia falado nada tão abertamente sobre o assunto. Até agora. Sinto pena e seguro sua mão, tentando arrumar algum jeito de fazê-la se sentir melhor. É óbvio que eu não trocaria ser uma *aberração*, como ela diz, e viver em uma casa boa, com uma cama confortável, comida abundante e família querida por ser normal e viver em uma zona de guerra. Tento me convencer que ela não faz ideia de como é ultrajante alguém achar que há algo de bom em viver na miséria. Ela é só imatura. Como é o dito popular mesmo? *As crianças viram adultos mais cedo em Kali*. Ava é só uma criança.

– Mesmo que eu seja uma aberração. Aliás, não vejo nada de errado nisso. É superlegal ser quase um peixe – falo em um tom mais animado e ela ri, um pouco triste.

– Quero ver se diria o mesmo se sua mutação fosse mais física...

– Eu ficaria igualmente satisfeita se me trouxessem para cá. Se fosse em Kali, eu provavelmente morreria logo, pois me colocariam na linha de frente das batalhas. – Suspiro e sinto um aperto no peito ao me lembrar de todas as pessoas que conheci e nunca voltaram. – Ava, você não tem noção nenhuma do que é viver com medo o tempo inteiro. Você não sabe o que é não ter nada além de alguns grãos para comer porque um armazém foi explodido no último ataque. Você deveria ver o fato de ter nascido em Pandora, com um poder especial, como uma bênção e não um fardo.

Ela olha para nossas mãos, para a caixa e para a janela, se recusando a me encarar. Solto sua mão e a observo, em silêncio. Por mais que ache o contrário, Ava é uma garota muito bonita. Tem um cabelo cacheado lindo, com tons de cobre e chocolate; tem sardas no nariz que a deixam mais bonitinha, e os olhos verdes são como os campos de plantação lá fora. Ela é forte, mas não demasiadamente. Minha primeira impressão continua: ela é como uma urso, sempre com uma energia intensa em cada movimento.

– Ava – eu chamo e ela olha para mim, triste. – Por que você está assim? Eu daria qualquer coisa para conseguir levantar o tanto de peso que você consegue.

– Sybil, você não entende. Sabe como me chamavam quando era pequena? “Homenzinho.” Eu sempre fui *musculosa* desse jeito. É legal para uma garota ter um poder de telepatia ou de criar fogo ou algo assim, mas um poder físico? Todas as pessoas riem de mim. Até os garotos que têm mutações parecidas com a minha não querem ser meus amigos. Eu só sou útil em momentos de treino, mas, fora deles, sou a “menina estranha”.

Sinto-me ofendida e culpada ao mesmo tempo. Não deveria tê-la apelidado de Ursa Menor, mesmo que mentalmente. E me sinto ultrajada por ela achar que não a entendo. Eu entendo sim. É o mesmo motivo pelo qual ninguém respeita Naoki: quem quer ser amigo de uma garota tagarela que pode explodir seus tímpanos caso se descontrole?

– Ava, se você for ouvir tudo o que as pessoas esperam de você, vai viver a vida que elas querem. Várias pessoas vão achar que você é só músculo e nenhum cérebro, mas você tem de se perguntar se isso é real. A impressão que elas têm de você não é a verdade. Não é o respeito delas que vai fazer você melhor ou pior! O que os outros acham de você não a define, e sim como você se vê, a forma como pensa de si mesma.

– É muito fácil para você falar – diz ela com a voz seca e me sinto mal com seu rancor.

– Sim, é muito fácil para uma órfã que veio para cá ser semiescrava em uma fazenda de refugiados. É muito fácil para Andrei, também, que é filho de um homem que se veste de mulher e apresenta um programa de televisão. Também é fácil para Leon, que é cego e tira as maiores notas da escola. – Ela parece um pouco arrependida

e se encolhe um pouco. Aperto sua mão. – Ava, você não está sozinha. Pare de achar que há algo de errado em você. Você é maravilhosa.

Ela solta minha mão e murmura que precisa de algum tempo sozinha. Sai pela janela novamente e suspiro, com medo do que ela possa fazer. Não sei se minha conversa ajudou ou atrapalhou e me sento meio infeliz no espaço que Andrei abre entre ele e Leon.

– Bom trabalho com ela – Leon diz, dando dois tapinhas em meu joelho. – Poderíamos adotá-la.

– Vocês ouviram? – Eu olho para Andrei e ele nega com a cabeça. Olho para Leon. – É claro que você ouviu.

– Supersentidos, Syb. Não me culpe. – Ele dá de ombros e se vira para Andrei, explicando. – Ela tem sérios problemas de autoestima.

– Eu já havia percebido – ele diz, abraçando os joelhos. – A escola pode ser dura com quem não consegue se encaixar.

– Como você antes de me encontrar? – eu o provoco e ele ri.

– Eu diria que sim, mas você vai ficar insuportavelmente convencida depois disso. – Ele arruma o cabelo atrás da orelha. – Recebi um convite de Uri para fazer parte do grupo dela no primeiro mês de aula.

Leon faz um barulho que parece o de um gato atropelado e eu engasgo. Depois, começo a rir.

– O quê?

– É. Eu recusei. Ela é idiota, convencida e acha que consegue manipular e mandar em todo mundo. Odeio gente assim. E aí ela operou sua magia para que ninguém falasse comigo. E confesso que também tive um pouco de preconceito de me aproximar de alguns grupos. Depois, eu só desisti. Eu podia ser um exército de um homem só. Uma ilha.

– Ah, você é uma ilha. Grande, adora boiar, não sai do lugar. – Eu abraço um dos seus braços. – Mas Uri? Uri veio falar com você?

– E me tornou um proscrito. Você está achando isso muito engraçado, né? – Ele tenta ficar sério, mas seus lábios formam um sorriso discreto.

– Ela faz isso com todo mundo que acha que vale a pena e é uma “ovelha desgarrada” – Leon diz. – Ela planejava fazer isso com Sybil, mas, por sorte, Naoki é vizinha dela. Senão a teríamos perdido.

– Eu não andaria com ela.

– Andaria sim! Você confia em todo mundo – diz Andrei. – Se ela chegasse no primeiro dia de aula e oferecesse um lugar e comida gostosa, nós a teríamos perdido.

– Vocês falam como se eu fosse um cachorro vira-lata que escolhe as pessoas por quem dá a melhor comida.

Os dois riem e falam várias coisas desconexas como “É a mais pura verdade” e “Você acabou de se descrever”. Cruzo os braços, irritada. Só porque tenho um apreço maior por comida gostosa e engordei alguns quilos depois que comecei a comer bem, eles inventaram essa história de que eu amo comida e que minha outra mutação é ter um buraco negro no estômago.

– Parem com isso! Eu passei fome – digo, cutucando os dois. – É óbvio que vou querer sempre o melhor!

– Não se preocupe, Sybil. Nós ainda te amamos mesmo que você esteja gordinha – Andrei zomba, apertando a gordurinha nas minhas costas.

– Eu não estou gordinha, Andrei! – Eu o empurro, ficando vermelha. – Leon, fale para ele qu...

– Eu não enxergo – diz ele me interrompendo, levantando as mãos e se livrando da responsabilidade –, embora Brian diga que você ficou muito melhor agora. Sabe, mais cheinha em certas partes. – Ele começa a rir, colocando as mãos em cima do peito.

– Ai, meu Deus! – Escondo o rosto nas mãos e os dois riem mais ainda. – Agora esse lugar virou o trem da confissão? É isso? Leon, se tiver alguma coisa a falar, fale agora ou cale-se para sempre.

Ele fica imediatamente sério e rígido, olhando para a frente. Andrei para de rir e eu levanto o rosto, assustada pela mudança súbita do clima.

– Sobre Seeley... – Começa, bem baixinho, e nós dois nos inclinamos para ouvir. – Eu...

Ele é interrompido por Ava, que volta para dentro do vagão com muito barulho, tropeça em uma caixa e quase cai. O cabelo dela está desgrehado e ela aponta para fora, falando coisas sem sentido.

– O que foi? O que foi? – Andrei se levanta rapidamente.

– Fumaça. Lá fora. Está tipo... tudo pegando fogo lá na frente. Acho que vamos ter de parar. O que será?

Capítulo 16

– Escondam-se! – Leon ordena, se levantando de uma vez e parando no meio do vagão. – Rápido! O que estão esperando?

Andrei puxa Ava para trás de uma caixa grande, levando suas mochilas, e eu me escondo do outro lado entre duas caixas, longe da luz que entra pela janela, em posição fetal, abraçando minha mochila. Leon fica no meio do vagão por um tempo e depois pega sua bolsa no chão e se esconde entre a parede e a caixa que fica exatamente na frente da porta. Os únicos sons que ouço por longos minutos são os do trilho e do meu coração batendo forte. Gradativamente, o barulho do trem diminui e ele para. Fico só com meu coração e o tempo passando na minha cabeça. Cinco segundos. Dez. Um minuto. Dois. Três. Dez.

Finalmente ouço vozes masculinas, ainda abafadas. Sinto se aproximarem e fico mais nervosa. Quando chegam ao vagão anterior ao nosso, posso ouvi-los claramente. Minha perna começa a formigar e tento me mover, mas quando ouço a porta deslizar, fico imóvel. Ouço os passos secos de botas indicando que são soldados e o barulho de caixas sendo arrastadas. Eles continuam andando e alguém grita: “Está limpo”; depois é a vez de abrirem nosso vagão.

Prendo a respiração, à espera de que a qualquer instante nos descubram e nos levem presos como reféns. Então me lembro de que não estamos em Kali, mas em Arkai, e uma coisa dessas é praticamente impossível de acontecer aqui. Não cruzaremos para o campo inimigo até chegarmos a uma cidade chamada Monte Nevado, um território da província de Hari. Provavelmente não estamos nem na metade do caminho. Não chegamos sequer ao túnel que liga a ilha de Arkai a Hari, pelo mar. Quem poderiam ser essas pessoas então?

Os homens entram no vagão, mais preguiçosos e barulhentos que antes. Olham algumas caixas, arrastam outras, passam perigosamente perto de onde estou. Um deles finalmente diz algo.

– Por que temos de olhar esses vagões um a um se você tem visão de raios X? – Seu tom é grave e parece estar chateado. Ouço-o chutar algo.

– Se ela funcionasse do jeito que você acha que funciona, eu não precisaria aguentar sua cara feia e sua idiotice – responde o outro, com a voz mais próxima de onde estou. – Parece que esse é só um vagão militar normal.

– O maquinista jurou que tinha algo interessante nos vagões – diz um terceiro, entrando no meu campo de visão. É alto e está vestido com roupas pretas, um capuz de inverno e uma arma pendurada no ombro, mas não há nada amarelo em sua roupa. Nem a insígnia com o A usado pelos soldados da União. São mesmo anômalos? – Provavelmente está no último vagão. Vamos.

– Esses maquinistas dizem qualquer coisa para nos deixar felizes. Nós devíamos ser mais rígidos com eles – opina o de voz grossa.

– Eles já nos ajudam bastante sempre parando quando pedimos – repreende o terceiro. Ele parece ser algum tipo de líder. – E alguns inclusive trazem informações e comida para nós. Não podemos exigir demais ou seremos descobertos.

– Você realmente acha que eles não sabem que nós existimos? De verdade? – diz o primeiro se aproximando e entrando no meu campo de visão junto com o outro. Ele é mais baixo e posso ver seu cabelo escuro, além das roupas e da arma. Não parece ser muito mais velho que eu. – Você acha que eles não sentiram falta de uma dúzia de anômalos nas suas cidades e que não sabem que os trens sempre são parados em lugares diferentes do campo?

– Hank, cale a boca! – ordena o homem da visão de raios X. – Acho que encontrei algo.

Os outros dois saem do meu campo de visão e param depois de alguns passos. Suspeito que estão perto das caixas onde Andrei e Ava se escondem e contendo a vontade de sair do buraco onde estou para ver o que está acontecendo. Ouço barulho de alguém batendo em madeira e, depois, da caixa sendo destruída.

– Uau! Por que eles carregam essas coisas em caixas de madeira assim? – ouço o mais irritante falar. – É ração desidratada. Por que não levam em sacos ou caixas de papel?

– Cale a boca e encha sua mochila – rosna o líder irritado. – Temos novas bocas para alimentar hoje à noite.

Ninguém fala mais nada e suponho que estão ocupados enchendo suas bolsas com ração. Depois de quatro minutos, um burburinho começa e sei que são os homens cochichando, porque Ava e Andrei não seriam loucos o suficiente para fazer algo que atraísse atenção. Por fim, o líder volta para onde posso vê-lo e se aproxima perigosamente de onde estou. Eu me encolho mais ainda, abraçando mais a mochila e afundando o rosto nela. Será que o homem com a visão de raios X me viu? Sou a única que não está escondida diretamente pelas caixas.

O homem se abaixa, encostando uma mão na caixa acima de onde estou. Se ele a mover, serei vista. Meu coração bate tão rápido que me espanto por todos não estarem ouvindo. Ele me vê. Tenho certeza de que me vê, por causa do sorriso que lança em minha direção. Tento me esconder, mas sei que é tarde demais. Quando ele se levantar, seremos descobertos. E aí, o que essas pessoas esquisitas farão conosco?

– Acho que você se enganou, John – ele diz quando se levanta. Sinto alívio imediato e uma gratidão inexplicável. – Não há nada naquele buraco.

– Sêrio? – John parece surpreso. Mal sabe ele que deixou passar outras três pessoas no cômodo. – Acho que é esse fogo que me deixa perturbado. Minha visão não funciona muito bem no calor.

– Vamos, podemos deixar o trem ir. Já conseguimos comida suficiente. Hank, tampe a caixa.

Ouçõ barulhos indistintos seguidos pelo som da porta do vagão se fechando. Volto a respirar normalmente e nem sequer sinto a perna em que estou apoiada esse tempo todo, mas não ousa sair do lugar. Volto a contar o tempo, nervosa. Oito minutos depois, o trem volta a se movimentar.

– O que foi isso? – Leon pergunta em um tom baixo e suponho que podemos sair dos esconderijos.

Rolo para fora do buraco, jogando a mochila para o lado e esticando as pernas, sentindo dores pontiagudas nas coxas e nas costas. Eu me espreguiço e Ava e Andrei saem de trás de uma das caixas, assustados. Andrei se aproxima da caixa que foi aberta pelos homens e bate na tampa de madeira.

– Inacreditável! Aquele cara, o tal Hank, conseguiu refazer a tampa da caixa que eles tinham arrebentado! Eu vi. Eles destruíram de forma que não dava para arrumar – explica espantado.

– E o cara da visão de raios X me viu – digo, me abaixando ao lado dele e batendo na madeira. – E o líder deles também. Mas escolheram fingir que não viram nada.

– Isso foi surreal.

– Quem são eles? – Ava pergunta. – Por que pararam um trem só para pegar rações?

– Parece que são... espíritos livres – diz Leon, que escolhe as palavras com cuidado. – Vocês não os ouviram? São anômalos, mas vivem clandestinamente.

– E tem isso? – pergunto, me levantando. – Achei que o governo soubesse de todos os anômalos que existem.

– Se eles soubessem, você não teria descoberto que é uma de nós em um acidente – ele responde, caminhando de um lado para o outro. – Bem, acho que essa interrupção não trará nenhum problema para a nossa missão. Mesmo que tenham visto Sybil, escolheram não denunciá-la. Provavelmente acham que ela é uma passageira clandestina tentando fugir.

– Você está preocupado com a integridade da missão quando Sybil poderia ter sido pega? – Andrei pergunta, meio estupefato.

– Ela não foi pega! É isso que interessa – Leon conclui e se acomoda entre duas caixas. – Fiquem de guarda. Preciso dormir um pouco. Se virem algo suspeito, me acordem.

Andrei olha para mim, meio chocado.

– Você viu isso? – Ele aponta para onde Leon está deitado.

É engraçado ver como Andrei fica frustrado com a praticidade de Leon. O que ele queria? Que o garoto surtasse e pedisse para que voltássemos só porque nosso trem havia sido interceptado? Nós temos uma missão e ela é a prioridade no momento. Eu compartilho do pragmatismo de Leon, então só balanço a cabeça em resposta.

– Deixe-o em paz, Andrei. Trouxe um dominó. Vocês dois querem jogar? Acho que temos pelo menos mais umas três horas pela frente, se não formos parados novamente. E se ficarmos perto da janela, podemos ficar de olho no que acontece lá fora.

Ava fica mais animada e Andrei dá de ombros, ainda parecendo incomodado com algo. Por fim, aceita se sentar em cima de uma das caixas e jogar dominó conosco. Depois da minha quarta vitória consecutiva, todos os problemas parecem ter ficado para trás e ficamos cada vez mais barulhentos e competitivos. Até parece que estamos em uma excursão escolar.

Capítulo 17

Paramos rapidamente em uma cidade portuária em Hari para trocar de trem. Já é quase noite e Leon aproveita que passamos em frente a uma agência telegráfica para mandar uma mensagem para a central em Pandora, dizendo estar tudo bem até o presente momento. Depois, caminhamos pelas calçadas, entre os prédios de tijolos aparentes, até a estação de trem dos civis. Estamos todos vestidos com o amarelo horrível que nos identifica como anômalos e temos documentos de autorização que nos permitem ir a Monte Nevado visitar nossa tia Heidi. Segundo nossas novas identidades, somos Gretta, Aimée, Pierre e Baltazar, todos da mesma família. O arranjo seria incomum para humanos normais, mas, para anômalos, com famílias tão diversas e filhos adotivos de todo o tipo, não levanta suspeita alguma.

– Ei, Baltazar – digo, cutucando Andrei e segurando o riso. Aponto para uma das lojas que ladeiam nosso caminho. – O que você acha de comprar um desses chocolates para levar para nossa tia?

– Parecem bons, não é, Gretta? – Ele enfia as mãos nos bolsos e para.

– Por que vocês pararam? – Leon se vira quando percebe que ninguém mais o acompanha.

– Gretta quer levar uns chocolates para tia Heidi, Pierre – Andrei responde com um sorriso.

– Podemos entrar? – peço, fazendo voz de criança com fome.

– Não acho que seja uma boa ideia. – Ele parece ansioso. – Nosso trem sai em meia hora.

– Mas a estação é logo ali na esquina. Por favor? – insisto, continuando com o teatro. – Só uma caixinha? Mamãe me deu dinheiro...

– Você sabe que quanto menos gente nos vir, melhor – Ava sussurra, se aproximando de mim.

– Mas é chocolate. E tia Heidi ama chocolate. – Olho para Leon, suplicante. Não que ele consiga ver.

– Cinco minutos. – Ele cede e Ava suspira, balançando a cabeça. – Ouvi dizer que os chocolates daqui são os melhores de toda a União.

Eu o abraço como agradecimento e nos amontoamos na vitrine, olhando as fontes de chocolate derretido, os tabletes e os bombons. Sinto a boca salivar e procuro pelos

preços, mas não acho nenhum. Entramos, então, e é como se fôssemos sugados para um mundo paralelo em que tudo é de chocolate. Bichinhos, árvores, pirulitos, bengalinhas: existem chocolates em todos os formatos e de todos os tamanhos. Até Ava está maravilhada. Como uma loja tão pequena pode ter tantos doces?

Uma atendente se aproxima andando rapidamente e sorrio para ela. Quanto será que custa uma barrinha de chocolate? Mas antes que eu pergunte, a moça começa a falar rapidamente.

– Com licença, vocês não podem estar aqui dentro. – Ela se mantém a alguns metros do nosso grupo, como se tivesse medo de chegar mais perto. – Por favor, se retirem.

– O quê? – pergunto, sem entender o que ela quer dizer. Os outros três ficam calados, provavelmente tão chocados quanto eu.

– Vocês são cegos? Não viram a placa na porta? Nós não atendemos pessoas *como vocês* – ela diz com escárnio. – Por favor, se retirem antes que eu tenha que chamar a contenção!

– O quê? – repito sem acreditar. *Pessoas como nós?* O que ela quer dizer com isso? Adolescentes? Pessoas sem dinheiro?

– Venha, Gretta. – Andrei me segura pelo ombro. – Não vale a pena.

– Mas eu tenho dinheiro, não vamos roubar... – continuo a olhar para a mulher, chocada. Percebo que ela está tremendo, mas se controla ao máximo para continuar na mesma posição.

– Vamos – Leon diz, se juntando a ele. Ava também se aproxima e eles praticamente me arrastam para fora.

– Mas... – olho para a loja mais uma vez e lá está ele colado ao vidro da porta de entrada, o aviso que eu sempre tinha ignorado antes. O aviso que não existe em Pandora: o grande A amarelo dentro de um círculo e cortado ao meio. *Proibida a entrada de aberrações.*

É fácil esquecer que somos todos diferentes dos outros. É fácil, depois de tanto tempo vivendo entre *iguais*, não lembrar de como as pessoas com poderes são tratadas. E então começo a notar o que nossas vestes amarelas significam: as pessoas mudam de calçada para não passar perto, as mães escondem as crianças, os vendedores ambulantes se afastam. Temos portas, lojas, bebedouros, banheiros e vagões de metrô diferentes. Temos *cidades* diferentes. Precisamos de autorização só para ir de um local a outro. É como se fôssemos portadores de alguma doença contagiosa, transmitida pelo ar ou pelo toque.

Tento me lembrar se algum dia já pensei assim. Imagino quantas crianças escondidas pelas mães para que não se aproximem de nós poderão ter também habilidades especiais. Quantas delas são como eu, esperando só uma tragédia para descobrir que não são tão iguais aos outros assim. Eu me esforço para não chorar de

frustração ao pensar nos chocolates que poderia ter comprado – não fosse minha *condição*. E me lembro do que Ava perguntou, horas antes, no trem: vale a pena ser uma *aberração*, se for para ser tratado assim?

Mas não. Eu me consolo ao pensar que as pessoas são tão hostis aqui porque estamos em uma região que não fica perto de nenhuma das cidades especiais. Em Prometeu, ninguém olha duas vezes para pessoas vestidas de amarelo, ninguém muda de calçada. Eles estão acostumados, sendo a “cidade guardiã” de Pandora. Todos os dias centenas de nós andamos nas suas ruas tentando resolver problemas, fazendo compras ou pegando trens para outros lugares.

– Você está bem? – Andrei pergunta enquanto entramos na estação pela porta destinada a nós. Eu achava que era para evitar a superlotação das entradas, mas percebo que é para não nos misturarmos.

– Não é como se fosse a primeira vez que não posso ter algo que quero – respondo rispidamente e me arrependo no momento em que vejo a expressão dele mudar de preocupação para raiva.

– Você não precisa ser grossa comigo só porque está irritada. Estamos todos no mesmo barco – ele diz, aumentando a velocidade dos passos para alcançar Leon.

Ava me espera alcançá-la e caminha ao meu lado, um pouco atrás dos meninos. Em minha imaginação, ela está cantarolando uma canção da vitória em sua mente, uma melodia infinita de “eu disse, eu disse”. Sinto raiva dela, apesar de saber que não faz sentido. São suas palavras e sua frustração que estou sentindo, não as minhas. Estou satisfeita com minha vida e não é por causa de um chocolate que não quero tê-la. Sinto uma vontade louca de pegar o trem e voltar para casa, imediatamente.

Aqui, mesmo nos trens de passageiros, existem vagões separados. Ou melhor, existe *um* vagão destinado a nós, com quatro cabines. Fora nós quatro, que ocupamos uma delas, outras cinco pessoas estão em nosso vagão. Nenhuma delas sequer olha duas vezes para nós, sentadas como sacos nas suas cabines, ocupadas com seus próprios assuntos.

Andrei fecha a porta assim que entramos e guardamos nossas bolsas no bagageiro. Ele se acomoda ao lado de Leon, tentando me evitar. Fico ao lado de Ava, por falta de opção, cruzando as pernas e olhando para fora.

– Você deveria ter deixado Sybil sentar na janela – Andrei fala, cutucando Leon. – Ou melhor, *Gretta*.

Leon vira a cabeça para mim.

– Você quer sentar na janela, *Gretta*? – ele pergunta.

– Não.

– Então eu não deveria ter cedido a janela para ela, *Baltazar* – Leon diz para Andrei e depois se inclina na direção dele, sussurrando algo que o faz olhar para a porta.

– Que horas vamos chegar ao nosso destino? – Ava diz e chama a minha atenção. É a primeira vez desde o incidente da loja que olho para ela e percebo que suas bochechas estão anormalmente vermelhas, mesmo agora. Mesmo com a raiva que ainda sinto dela, não consigo não sentir pena.

– É uma noite inteira. Devemos chegar antes do amanhecer. Você sabe como dizem: as coisas são muito mais secretas naqueles instantes logo antes do sol nascer – explica Leon. – Pelo menos é o que minha mãe diz. Quando tudo fica mais escuro, é mais fácil dos gatos se esconderem.

Eu rio e Andrei sorri, olhando para o lado de fora. Nós conhecemos as sabedorias esquisitas da mãe de Leon muito bem, pelo tanto que ele comenta. Já tivemos inclusive o prazer de ouvi-la dizer essas pérolas nas vezes em que fomos a sua casa. Ao contrário de mim e de Andrei, que temos mães que trabalham fora o tempo inteiro, a mãe de Leon trabalha em casa. Ela é escritora ou algo assim, mas escreve com um pseudônimo porque seus livros são vendidos para as pessoas *normais* também. Todas as vezes que vamos à casa dele, ela está lá e não consegue ficar longe de nós. Ela diz que precisa de juventude para manter-se criativa.

Bem, ela tem bastante juventude em casa: quatro filhos, todos biológicos. Leon é o do meio e seu irmão mais velho mora em outro setor da cidade, com esposa e filho.

– Você acha que ela já está com saudade? – Andrei pergunta curioso. Provavelmente porque ele duvida que sua própria mãe sequer saiba onde ele está. É um assunto proibido falar sobre ela.

– Com certeza – diz Leon rindo. – Da última vez que eu vim, ela jurou que nunca mais ia me deixar participar de uma missão e implorou para meu pai fazer o que pudesse para impedir. Mas olha só eu aqui novamente... – ele suspira, balançando a cabeça dramaticamente. – Ela quase o matou dizendo que a culpa era dele por ter me passado os genes da responsabilidade.

– Literalmente? – pergunto e nós três rimos. Além de ser uma filósofa, a mãe de Leon tem um temperamento forte. E quando ela fica com raiva, solta raios e trovões. *De verdade.*

– Olha, chegou bem perto dessa vez. Nós agora temos uma sala-cozinha, exatamente como ela sempre quis.

Rimos novamente e Andrei se vira para Ava.

– E os seus pais, Ava? O que eles acharam de você participar dessa missão?

Ela parece acordar de um transe, desviando o olhar da paisagem lá fora para Andrei. Processa a pergunta e dá um meio sorriso.

– Eles ficaram muito orgulhosos. Um dos meus pais é o chefe da polícia de Pandora, então vocês sabem...

O tempo parece parar, porque ficamos em silêncio quase sepulcral. Ela é filha do chefe da polícia? Eu nem fazia ideia que o homem largo e de pescoço grosso que

aparece na televisão de vez em quando dando alguns avisos de segurança poderia ser relacionado a ela. Ava fica muito vermelha e arruma o cabelo atrás da orelha.

– Ele quer que eu siga seus passos – continua, esperando quebrar o desconforto. – Não que meu outro pai concorde. Ele quer que eu seja o que eu quiser.

– Ah, você tem dois pais? – Andrei diz com um sorriso. – Isso é legal. Eu tenho duas mães, se bem que uma delas vira meu pai quando dá na telha.

Eu rio com a tentativa dele de romper o desconforto e Ava acaba rindo também.

– Aliás, como é viver com Madame Charlotte? Me espanta que você não seja enorme. Se eu tivesse um pai que cozinha tão bem quanto o seu, eu provavelmente nunca pararia de comer.

– Bem, é normal. Você sabe, todo mundo acha que só porque ele se veste de mulher ele é gay ou tem trejeitos femininos, mas não. Ele só gosta de se vestir de mulher. E de cozinhar. E de tricotar. Fora isso, ele é um pai como outro qualquer.

– Que sempre deixa comida pronta na geladeira, como Dimitri – eu complemento com um meio sorriso.

– As comidas de Dimitri são famosas na escola! – Ava comenta. – Em um embate, quem vocês acham que ganharia? Dimitri ou Madame Charlotte?

– É empate – diz Leon. – É verdade! Eu já comi da comida dos dois e tenho o paladar mais apurado de todos. É empate.

– Vou dizer para o Dimitri; ele vai se sentir lisonjeado.

– E você, Sybil? O que seus pais disseram?

É esquisito ouvir alguém chamá-los de “meus pais”. Mesmo que eles tecnicamente sejam meus pais adotivos, não consigo chamá-los assim.

– Ficaram preocupados. Você deveria ter visto a cara que eles fizeram. E aí Tomás começou a fazer perguntas e ficar meio maluco, então eles se acalmaram e me deram parabéns – respondo, suprimindo a conversa que tive com Rubi um dia depois. Sinto ser desnecessário compartilhar isso.

– Qual é o relacionamento deles, afinal? De Dimitri e... qual é o nome da sua mãe?

– Rubi. Eles são amigos. – Olho para Andrei, meio que pedindo ajuda. Eu me sinto desconfortável revelando tanto assim da minha vida para alguém que conheço há menos de quatro dias. – Resolveram dividir a casa para que Tomás tivesse alguma figura masculina e para que as contas diminuíssem um pouco.

– Ah, é? E o que eles fazem? Porque sei que a mãe de Leon é escritora e que o pai dele trabalha como médico. Sei que o pai de Andrei é um apresentador de televisão. Um dos meus pais é o chefe de polícia e o outro é arquiteto. E os seus? O que eles são? Algum deles é famoso? – Ela parece ansiosa para saber mais sobre eles e dou um sorriso sem graça.

– Os dois trabalham para o governo. – Ela olha para mim querendo que eu elabore mais, mas fico calada. Ela faz um biquinho de frustração.

– Onde no governo?

– Eles são importantes – Andrei responde, me salvando. – É só isso que você precisa saber.

– E quais são os poderes deles?

– Acho que já chega – Leon diz com voz firme, se ajeitando na cadeira. Ava se assusta e fica calada. – Estamos revelando coisas demais sobre nós; não sabemos quem pode estar ouvindo.

– Desculpa, eu só estava curiosa – ela sussurra em resposta e volta a encostar a cabeça no vidro. – Sinto muito.

Andrei então muda de assunto para algo muito idiota que acaba nos fazendo rir. Pergunto se querem jogar dominó novamente e recebo um sonoro não, só porque venci todas as partidas anteriores. Comemos a refeição que estava prevista nas passagens e quando ficamos em silêncio, tiro meu livro da mochila e leio até cair no sono, o barulho do trem servindo como canção de ninar.

Capítulo 18

Acordo com Andrei me cobrindo com um casaco e percebo que estou tremendo de frio. Ele tenta me convencer a continuar a dormir, mas perco o sono.

– Quando foi que ficou tão gelado? – pergunto em voz baixa.

Sabíamos que em Monte Nevado faz mais frio que Pandora, mas não imaginava que fosse tanto. Ava e Leon estão dormindo, cada um encostado na janela, cobertos com seus respectivos casacos. Andrei veste um sobretudo e suponho que o frio o acordou e ele tomou a liberdade de pegar nossos casacos em nossas mochilas e nos cobrir.

– Algum tempo atrás. Quando você começou a tremer, achei que era hora de pegar os casacos – ele diz, dando de ombros. – Você vai ficar acordada?

Digo que sim com a cabeça e ele se espreguiça, se acomodando no banco.

– Então vou dormir um pouco – ele diz, inclinando a cabeça para trás.

– Você não dormiu nada desde que saímos de lá? Quantas horas se passaram? Sete? Oito?

– Eu e Leon estamos revezando, não se preocupe.

– Vocês deviam ter me acordado também. – Eu me encolho dentro do casaco em uma tentativa frustrada de fugir do frio.

– Agora você está acordada. Se ficar mais frio ainda, Ava trouxe um gorro e um cachecol e Leon, um par de luvas. – Aponta para o bagageiro. – Eu só trouxe este casaco.

– O que significa que você provavelmente morrerá de frio.

– Você sempre pode me emprestar um dos trezentos cachecóis que trouxe.

– Ah, cale a boca! Eu não sabia o quanto “um pouco frio” queria dizer. Aparentemente, nem você.

Ele ri e balança a cabeça, se movimentando no banco várias vezes até achar uma posição confortável. Pego meu livro e tento ler, mas a única luz que tenho é a da lua entrando pela janela. Desisto e coloco as pernas em cima do banco, como uma bolinha. Não sei se é porque estou prestando atenção, mas parece que a cada instante fica mais frio e começo a esfregar as mãos. Tento me concentrar em outra coisa, no que tenho de fazer quando voltar para casa ou na matéria que vou ter de estudar por conta

própria para fazer as provas. Mas, no final, minha atenção acaba sendo atraída para o banco na frente do meu.

Andrei dormiu com uma velocidade incrível e sua cabeça pende para o lado, na direção de Leon. Imagino o quanto deve ser desconfortável dividir o assento com uma pessoa quase tão grande quanto você e me arrependo de não ter insistido para trocar de lugar com Leon, quando Andrei sugeriu. Dessa forma, eu não precisaria me preocupar se ele ia ter uma hipotermia por estar usando só um casaco.

Ele vira a cabeça e uma mecha de cabelo cai sobre o rosto; tenho de me conter para não arrumá-la. Já tivemos inúmeras discussões sobre o cabelo dele, mas ele se recusa a cortar mais curto do que está agora. Da mesma forma, já tivemos inúmeras discussões sobre como eu deveria deixar meu cabelo solto mais vezes. Não consigo evitar o pensamento de que o cabelo de Andrei parece prata sob a luz da lua, caindo sobre as bochechas. Sinto uma pontada esquisita no peito e respiro fundo, desviando o olhar enquanto sinto as bochechas arderem. É assim que uma pessoa se sente quando está ficando doente? É a segunda vez que me sinto esquisita em tão pouco tempo.

Com medo de arruinar a missão com uma gripe súbita, subo no banco do trem e puxo nossas mochilas, me enrolando com um cachecol e agasalhando os outros de forma exagerada. Aproveito e arrumo o cabelo de Andrei atrás da orelha, enrolando meu cachecol menos chamativo no seu pescoço. Ele nem se mexe.

Volto a me sentar no banco, desconfortável com a falta do que fazer. Como é que Andrei aguentou tanto tempo acordado sem surtar? Leon tudo bem; ele está acostumado a ficar muito tempo concentrado. Tento calcular que horas são, quantas horas faltam para chegar, quanto tempo se passa, mas sempre sou distraída por algum movimento dos outros três. Está tudo tão silencioso que tenho medo que minha respiração os acorde, então decido dar uma volta e esticar as pernas.

Fecho a porta da cabine atrás de mim com cuidado e encaro o corredor iluminado fracamente pelas poucas lâmpadas. Sinto uma curiosidade imensa de saber quem são as outras pessoas que estão ali, se elas estão dormindo, como elas se acomodaram no vagão; caminho na ponta do pé, checando às cabines e parando por algum tempo perto das portas fechadas.

Na primeira delas, ouço a respiração pesada e os roncos de alguém. Na segunda, não escuto nada. Na terceira, ouço sussurros e me inclino até quase encostar o ouvido na porta, tentando discernir o que falam. Sei que é errado, mas é melhor do que ficar sentada morrendo de tédio.

– Obviamente não são daqui – diz uma voz de mulher e um riso a acompanha. – Você viu como são barulhentos e olham as pessoas nos olhos?

– São só crianças. Elas vão acabar aprendendo... – a segunda voz é de um homem, áspera. Tenho a impressão de que seu dono é um senhor cheirando a tortas de ameixa, com óculos equilibrados na ponta do nariz e o cabelo branco como a neve.

– Aposto que são de alguma daquelas cidades... Esse é um dos problemas deles, você sabe? Nós, que vivemos fora, sabemos nosso lugar. Mas eles? Aham que o mundo é deles. Pensam que têm direito de ficar andando por aí, se exibindo para cima e para baixo no meio das pessoas normais.

– Não seja tão dura! – o homem a repreende. – Eu acho incrível que eles tenham tanta liberdade assim.

– Ah, é? Você acha incrível? E quando um desastre como o daquele garoto... qual era mesmo o nome dele? Pedro ou algo assim... Enfim, e quando ele destruiu aquele gerador de energia e matou todas aquelas pessoas? Você achou incrível? Achou? E a perseguição que se seguiu, você achou bonita? – A mulher usa um tom acusatório. – E todas aquelas pessoas que foram *mortas* por causa da liberdade? E o fato de agora termos de andar para todo o lado com essas autorizações? Você acha isso legal?

– Mar...

– Não, eu vou dizer o que acho, François. Eu acho que essas cidades tornam mais fáceis para que eles nos destruam. Se todos estivermos lá, eles podem acordar um dia e decidir que não nos querem sujando a sociedade perfeita que eles têm, nem ameaçando seu DNA sem falhas. E aí, o que eles fazem? CABUM.

– Você está exagerando, Marie – François responde impaciente. – Pare de achar que eles vão acabar conosco. Eles precisam de nós. Ou você realmente acha que vão vencer essa guerra sem nossa ajuda?

– François, você é um tolo. Um tolo. – Eu me sinto ofendida pelo senhor. Essa mulher não parece entender o conceito de coexistência. – Essa guerra existe desde antes do pai do seu pai ter nascido. Você realmente acha que ela vai acabar um dia? Nós não abriremos mão daquele território, muito menos os dissidentes. Eles precisam daqueles recursos muito mais do que nós.

– Eu só não entendo o porquê – diz o senhor frustrado. – Nós estudamos isso; eles têm mais petróleo e água do que nós. Por que fazem tanta questão de terem Kali também?

– Porque está acabando. Enquanto aprendemos a lidar com o pouco que temos, eles continuam gastando sem parar. Aí você sabe... eles sempre precisam de mais. Foi por isso que viraram dissidentes, para início de conversa. Você estudou isso.

– Sim, o acordo de Hyderabad. Não me trate como um idiota, Marie. Qualquer criança aprende sobre isso.

Bem, de fato. O acordo de Hyderabad havia sido assinado centenas de anos atrás e foi o responsável pelo início da Guerra Vermelha, a que nos dividiu entre União e Império do Sol. Antes, existiam vários países e cada um deles tinha seu próprio governo, mas todos faziam parte de algum tipo de organização maior e seguiam suas regras. Quando se reuniram em uma cidade chamada Hyderabad, na região onde fica Kali hoje em dia, para determinar as regras de usos de recursos naturais, alguns países se

recusaram a fazer parte da organização mundial e ameaçaram os que faziam, caso eles comessem a aplicar as sanções previstas no acordo. O que, obviamente, não foi atendido, ou não estaríamos aqui.

A conversa para. Sinto meu coração acelerar com o medo de ser pega. Volto a andar, dando passos leves, caminhando até o fundo do vagão onde ficam os banheiros. Instantes depois de sair da frente da porta, ela se abre e o homem sai, se esticando. É um senhor exatamente como imaginei, vestindo uma gravata-borboleta vermelha com um conjunto de terno amarelo. Não consigo evitar um sorriso e ele sorri de volta para mim enquanto passa pelo corredor.

– Está frio, não? – comenta quando chegamos ao banheiro.

– Sim. Eu não sei como minha tia consegue morar em um lugar tão frio assim – começo a dizer antes mesmo de perceber que posso falar demais.

– Ah, você está indo visitar sua tia? – ele pergunta com curiosidade. – Vocês quatro?

– Somos irmãos. Adotados – respondo simpaticamente. De certa maneira me sinto culpada por mentir para esse senhor, mas ao mesmo tempo me lembro que não podemos confiar em ninguém.

Entro no banheiro e me olho no espelho. Tenho olheiras enormes e alguns fios do meu cabelo estão soltando da trança. Resolvo refazê-la. Enquanto penteio os cabelos com os dedos, reflito sobre o que acabei de ouvir. Não acredito no que Marie disse. Por que as pessoas normais iam querer se livrar de nós? Até onde sei, somos muito úteis no campo de batalha e em algumas missões, como a que estamos prestes a fazer agora. Também não quero acreditar no que ela comentou sobre a guerra. Sim, o conflito dura séculos, mas certamente acabará um dia. É impossível que continue por tanto tempo, por mais que pareça eterno. Pelo menos é o que espero. A perspectiva de nunca haver paz é assustadora.

Não que faça muita diferença agora. Entendo por que as pessoas não parecem se importar com o que acontece em Kali ou em outras zonas de guerra. No aconchego dos seus lares, com comida abundante, aquecedores e programas televisivos com gostos duvidosos, quem se interessará por algo que acontece a milhares de quilômetros de distância? E Kali é praticamente autossuficiente em termos de população e de recursos militares, então não há sequer a necessidade de mobilização mundial para ajudar.

Termino minha trança e a amarro em um coque baixo, lavando o rosto em seguida e saindo do banheiro. Encontro o senhor encostado na janela ao lado, fumando um cigarro com aroma de menta. Ele solta a fumaça e sorri para mim, como se estivesse satisfeito em me ver andando por aí.

– Em qual delas você mora? – ele pergunta.

– O quê?

– Em qual das cidades, quero dizer. Nunca fui a nenhuma. Ouvi dizer que há uma imensa na velha ilha chamada Pandora – ele tagarela, tentando ser simpático.

Esboço um riso constrangido. Se descobrir de onde somos, nossa missão vai por água a baixo.

– Moramos em uma pequena – digo, tentando me safar. Qual é o nome que está em nossas autorizações mesmo? Não consigo me lembrar. É algo engraçado, que rendeu uma boa piada entre nós. Não é nada mitológico, ou eu me lembraria de primeira. Tem a ver com contos de fadas ou então... Finalmente me lembro. – Canto do Cisne. O senhor conhece?

– Ah, sim! Conheço. – François sorri. – Muito bem. Famosa pelos vinhos.

– Sêrio? – Me surpreendo e percebo que não é uma reação esperada. Fico nervosa e tento inventar uma desculpa qualquer. – Achei que eles só ficavam na região...

– Que nada! Dizem que a grande cõsul só bebe dos vinhos de lá. Cidade pequena a sua. Mas famosa!

– Acho ótimo saber – digo, enfiando as mãos nos bolsos. Não tenho ideia das intenções desse homem. Será que desconfia de algo? Decido sair dali o mais rápido possível. – Se você me der licença... Acho que meus dedos dos pés congelaram.

Ele ri e se despede com um aceno, dando uma baforada do cigarro. Não parece mais tão legal como antes e me apresso para voltar para minha cabine. No meio do caminho, me deparo com sua acompanhante, Marie. Ela é uma senhora também, com um porte altivo e praticamente da minha altura. Olha para mim com reprovação, como se o simples fato de estarmos respirando o mesmo ar a ultrajasse.

Ando ainda mais rápido e entro em minha cabine, fechando a porta atrás de mim.

– Que bom que você voltou – Leon diz e eu me assusto, levando uma mão à boca para não gritar. – Opa, o que aconteceu?

– Nada.

– Bem, acho que vamos chegar em breve. É hora de acordar esses dois. – Eu me acomodo no banco, sentindo um pouco de alívio por finalmente voltar para cá. Esse foi o passeio mais estranho da minha vida.

Capítulo 19

Monte Nevado, mesmo na hora mais escura antes do amanhecer, é a cidade mais bonita que já vi. As casas com seus telhados brancos, as janelas com pequenos vasos cheios de flores coloridas, os postes de ferro com lâmpadas de vidro. Tudo parece saído do sonho de uma garota de 5 anos muito caprichosa.

Observo com curiosidade cada uma das vitrines cuidadosamente expostas nas laterais das ruas perpendiculares à estação, cheias de roupas, chapéus, bolsas, sapatos e utensílios peculiares. Quase me perco do grupo quando paro para entender o que é um dos amontoados de ferro exposto em uma delas e tenho de correr para alcançá-los.

Somos recebidos na estação por uma senhora vestida em um terninho verde-escuro sem nenhum traço de amarelo, que é o uniforme do exército para mulheres. Pelo comportamento que se segue, tenho certeza: ela mal nos deseja bom dia e nos guia pelas ruas com um passo apressado, me fazendo praticamente correr para alcançá-la. Poucas pessoas caminham na rua a essa hora da madrugada e logo nos enfiamos em um veículo oficial, provavelmente sem termos sido vistos por ninguém.

Dessa vez, Leon me deixa ficar na janela do carro e, quando partimos, as casas passam por nós como se fossem pessoas apressadas indo ao trabalho. Tento absorver cada detalhe, desejando que tivéssemos ficado mais de dez minutos lá. Logo a cidade dá lugar a longas plantações amarelas que não reconheço. A visão é incrível e não deixo de pensar em como é irônico que uma cor tão alegre possa também ser associada ao preconceito e ao medo. Em um dos campos, uma família de coelhos saltita, sem nenhuma preocupação no mundo.

O carro está tão silencioso que consigo ouvir a respiração de Andrei, dormindo com a cabeça apoiada em meu ombro. Tenho a impressão de que todo mundo também consegue ouvir meu coração acelerado. É nossa última etapa antes da pior parte da missão, e a falta de hospitalidade dos oficiais que nos receberam é perturbadora. Talvez se tivessem puxado conversa, eu tivesse a ilusão de que seria fácil. Mas sem isso, só posso supor que eles estão evitando se apegar a nós no caso de algo dar errado.

Muitos quilômetros depois, a paisagem de plantações começa a se transformar em vastidões desertas. Logo é possível avistar as cercas de metal da base militar. Sinto o estômago revirar e observo meus companheiros na esperança de conseguir algum tipo de alívio. Pelo menos um de nós tem de estar seguro do que vamos fazer.

Em vez disso, encontro indiferença e mais ansiedade. Ava está com os nervos à flor da pele, as mãos descosturando a barra da blusa com uma destreza incomum para o tamanho dos seus dedos. Leon está com a expressão indecifrável de sempre, com seus olhos claros encarando tudo e não vendo nada ao mesmo tempo. Ele está com o queixo apoiado na mão e eu tomaria isso como confiança, não fosse sua incapacidade de ficar parado em uma só posição. Andrei acorda um pouco antes de chegarmos e parece desnorteado, não servindo de ajuda nenhuma. Bela equipe me arranjaram!

Passamos pelo menos cinco minutos no portão antes de sermos liberados para entrar. O carro vai direto para o prédio mais afastado, virado para o oceano gelado. Estacionamos e somos praticamente expulsos, sendo conduzidos pela oficial antipática para o lado de dentro. O interior é a mesma coisa de todos os prédios do governo: nenhuma janela, luz artificial, uma brancura impecável e enlouquecedora.

Os passos de nossa guia se tornam cada vez mais apressados à medida que andamos. Fica muito difícil acompanhá-la. Andrei tropeça uma vez e Ava o impede de cair. Tenho de forçar as pernas a continuar se movendo, depois das horas de trem e do cansaço da longa viagem. Torço para que nos deixem dormir pelo menos três horas antes de partirmos, mas quando entramos em uma das salas, vejo que minhas esperanças são infundadas.

É um depósito cheio de equipamentos. Aqui as paredes são prateadas, feitas de algum tipo de metal resistente. Sempre fico chocada com a quantidade de metal, plástico e borracha que o exército usa. Tenho quase certeza de ter lido em algum lugar que pelo menos sessenta por cento dos nossos recursos são convertidos em artigos militares.

– Eles estão aqui, doutor – anuncia a mulher, as palavras saindo como um latido de cachorro.

– Muito obrigado, tenente. Pode se retirar. – Uma voz masculina ressoa nas paredes metálicas e a mulher obedece, saindo da sala em silêncio. Nenhum adeus ou desejo de boa sorte.

Ficamos sozinhos e procuro nervosamente por câmeras. Passei por todo o tipo de avaliação nos meus primeiros dias em Arkai e o temor de ter de passar por tudo aquilo novamente me domina. E se isso for só uma desculpa para nos estudar ou algo assim?

Meus pensamentos são interrompidos pela aparição de um homem magrelo, todo vestido de branco e usando óculos com lentes tão grossas que fazem seus olhos parecerem bolinhas de gude pretas. Ele nos encara e arruma os óculos, resmungando algo para si mesmo antes de nos dar as costas novamente.

Permanecemos calados, embora eu possa ver Andrei usando cada grama da sua força de vontade para não começar a reclamar.

– Então são vocês. Quando é que vão começar a me mandar adultos qualificados? Não é possível que desperdicem meu intelecto superior enviando crianças desse tipo! –

ele reclama com uma voz grossa que não combina muito com sua aparência; balança muito as mãos enquanto fala. – Quantos anos a mais nova tem? Doze? Achei que havia uma lei que proibisse menores de 15 anos de participar.

Olho para meus pés, mordendo os lábios para não dizer nada. É óbvio que ele fala de mim, a mais baixa e a mais magra dos quatro. Ele está nos diminuindo só por causa da nossa idade? Sinto vontade de responder, mas me controlo. Aposto que tenho muito mais experiência de campo que ele. Leon dá um passo à frente e cruza os braços.

– Senhor, não viemos aqui para sermos ofendidos. Se não for colaborar com nosso objetivo final, peço que nos leve ao responsável por nós e...

– Eu sou o responsável por vocês! – diz o homem com um sorriso maldoso. Ele abre uma pasta de couro em cima de uma mesa branca grande. Espalha alguns papéis e volta a nos encarar. – Vamos repassar o plano. Qual de vocês é... Sybil Varuna?

Levanto a mão e ele faz um barulho de reprovação.

– Como uma garota de 12 anos conseguiu todas essas qualificações?

– Qualificações? – Andrei olha para mim e mexo os pés, desconfortável.

– Sim. Aparentemente sua companheira é quase uma especialista em bombas. Mais um ano e ela se tornaria uma, na verdade. Você consegue desarmar e montar bombas com que velocidade, Varuna?

– Bem, não muito rápido. Não era uma das mais rápidas da turma, mas eu sobrevivía mais do que morria nas simulações – respondo, tentando ignorar minhas lembranças sobre as aulas de sobrevivência de guerra.

– Mas você vai ter de servir – ele conclui. – E sistemas de segurança?

– Sistemas de segurança? – pergunto chocada. – Se a fiação for igual a...

– Tudo bem, tudo bem. Estão vendo? – Ele aponta para mim, falando com Leon como se ele pudesse ver seu gesto. – É por isso que odeio quando vocês vêm para cá. Meu plano pedia especificamente um mergulhador, um especialista em eletricidade e um espião para poder se esgueirar pelos sistemas de segurança. E o que me mandam? Quatro crianças! Quatro aberrações.

– Por que você não cala a mald... – Andrei começa a falar alto, mas Ava o interrompe, dando-lhe uma cotovelada nas costelas.

– Senhor, eu me recuso a ficar aqui enquanto ouço suas ofensas – Leon fala em um tom formal, mas ameaçador. – Eu realmente detestaria ter de fazer um relatório dizendo que fomos tão mal recebidos aqui e que a sua má vontade foi responsável pelo insucesso da missão.

O homem para, encarando Leon com curiosidade. Por fim, ele dá de ombros e arruma os óculos novamente.

– Não digam que não avisei.

– Nós ficaremos bem. Somos uma boa equipe. Confie em nós – diz Leon encerrando a discussão.

Com um suspiro dramático, que sacode todo o corpo esquelético, nosso responsável se acomoda em uma cadeira de alumínio, empurrando uma pilha de bugigangas para o chão. Eu me pergunto como ele consegue achar algo no meio de toda aquela bagunça.

– Muito bem, vocês devem estar familiarizados com a função específica de cada um, certo? A missão consiste simplesmente em invadir a fortaleza na Ilha da Miséria e conseguir alguns arquivos confidenciais para nós. – Concordamos com a cabeça e ele continua. – Agora vou repassar os detalhes.

O homem dá um murro desnecessário na mesa, pressionando um botão que faz uma estrutura de metal com um pedaço de tecido descer do teto devagar, rangendo. As luzes se apagam e uma imagem é projetada, como se a sala tivesse se transformado em um cinema particular. Fico espantada, mas contenho minha curiosidade para não dar mais motivo para o homem nos irritar. A imagem toma contornos definidos e vejo que é um mapa detalhado da região em que estamos. Posso ver a base militar, o mar e, mais à frente, uma ilhota.

A proximidade da ilha dos dissidentes com o território da União me surpreende. Que ousadia dos inimigos terem um território tão próximo ao nosso! Ainda mais uma base militar com arquivos confidenciais! Olho para Andrei para ver sua reação, mas seu rosto está impassível.

Nosso supervisor começa uma ladainha infinita sobre como seremos lançados ao mar e teremos de nadar o quanto pudermos até chegar à ilha. Lá teremos de nos infiltrar em duas frentes: Leon e Ava se disfarçarão de soldados e eu e Andrei, que somos menores e temos mutações relacionadas à água, vamos nos esgueirar pelos tubos de ventilação até a sala onde ficam os arquivos secretos. Depois que chegarmos à sala e tivermos os arquivos, Leon e Ava terão a responsabilidade de criar uma distração para podermos sair sem sermos percebidos. Se tudo der certo, em menos de trinta minutos estaremos fora, boiando no oceano em direção ao território da União.

Em razão de meu treinamento com bombas e sistemas, fico com a responsabilidade de desativar o sistema de segurança da entrada da fortaleza. Se eu cometer algum erro, por menor que seja, coloco toda a missão em risco. E, pela expressão do Dr. Magrelo, como resolvo chamá-lo, provavelmente não voltaremos para casa se isso acontecer. De repente, sinto as mãos suarem e fico enjoada.

Ele continua falando, mas deixo de prestar atenção quando ele entra em uma discussão acalorada com Ava sobre como ela e Leon devem se infiltrar e enxugo o suor das mãos na roupa. Repito o mantra que costumava recitar em todos os exercícios de desarmamento: *não posso ficar ansiosa. Quanto mais nervosismo, maiores as chances de erro. Fique calma. Respire fundo.*

– Vocês dois. – O homem se vira para mim e Andrei, e me assusta.

A imagem na tela mostra uma planta-baixa da fortaleza. Eu me pergunto como eles conseguem esses arquivos de forma tão detalhada.

– Vocês vão levar a planta do edifício, mas é melhor que não percam tempo olhando para ela. Observem: a sala que vocês devem entrar fica aqui. – Ele se levanta da cadeira e aponta para uma sala no coração do prédio, no que suponho ser o terceiro andar. – Como estarão dentro dos tubos de ventilação, é bom que saibam exatamente os caminhos que terão de percorrer.

– Senhor, são três andares – digo. – Teremos de subir até lá pelos tubos de ventilação?

– Não são três andares, garota. Nós só não sabemos ao certo qual delas é a planta verdadeira.

Andrei faz um barulho de indignação, mais parecendo um palavrão abafado, e cruza os braços, com sua melhor expressão de revolta.

– Você espera que nos infiltremos em uma fortaleza inimiga e nem sequer nos dá material para isso?

– Vocês terão todo o material necessário – responde o homem, sem perder a calma. – E esses são os três layouts básicos de disposição das fortalezas inimigas. Pode ser qualquer um deles. Vocês vão se dar bem.

– Só se sua definição de “se dar bem” é não cumprir a missão. – Andrei e o Dr. Magrelo travam então uma batalha de olhares. Ava olha para o chão e parece controlar o riso. Leon lambe os lábios, em silêncio, como se estivesse esperando por algo. O homem bufa e desvia o olhar de Andrei. Contenho a urgência de parabenizá-lo.

– Da forma que são insolentes, vão fazer um favor para a nação se morrerem durante a missão – resmunga nosso mentor, alto o suficiente para todos nós ouvirmos.

Ficamos em silêncio, o ressentimento quase palpável. A pior parte, para mim, não é nem esse cara idiota achar isso. A pior parte é que ele só havia vocalizado um sentimento que paira entre nós desde que fomos convocados para essa missão.

Se realmente morrermos, não fará nenhuma diferença para os humanos normais. Esse pensamento é tão comum que dá base para os argumentos dos exércitos que nos usam como armas em sua guerra sem propósito. Eu me lembro do que a mulher do trem disse e me pergunto se eles hesitariam em se livrar de nós, caso não sejamos mais necessários. E a pior parte é que, em algum nível, acreditamos nisso. Nós, anômalos, achamos que temos algum tipo de dívida que nos faz aceitar sem questionar o fato de sermos usados pelo governo. Eu nunca questionei, por exemplo. E olhe só onde isso me trouxe?

Mas qual é o tipo de obrigação moral que nos impele a ser a “proteção suprema da nação”? Se você é anômalo, você faz o que foi mandado. É o mínimo que podemos fazer para compensar o fardo que representamos para a raça humana. Pela primeira vez,

consigo ver tudo com mais clareza. Pela primeira vez, me sinto um soldadinho de brinquedo nas mãos de uma criança cruel.

Pelo sorriso no rosto do Dr. Magrelo, ele parece bem satisfeito com o efeito do seu comentário. Enfia uma das mãos no bolso e morde os lábios. A submissão e a obediência não interessam para ele; o que importa é que saíamos daqui humilhados.

– A sorte de vocês é que não sou eu quem manda aqui. Então, devo dar o máximo de ferramentas e instruções para que voltem com o arquivo de que precisamos. – O tom dele é amargo.

Ele passa por nós e o acompanhamos com os olhos, enquanto ele pega alguns objetos nas muitas estantes espalhadas pela sala. Aquilo me lembra os filmes de espões que assistimos nas aulas de história, onde existe todo tipo de bugigangas para combater o mal e salvar o mundo.

– Esses aparelhos foram projetados por mim para outras finalidades, mas acredito que ajudarão vocês, se conseguirem entender como funcionam.

O ar de superioridade do Dr. Magrelo começa a me tirar do sério. Qual é o critério para definir uma pessoa muito inteligente de normal ou anômalo? E qual é o critério para estabelecer quem é babaca o suficiente para ser uma autoridade? Não sou uma pessoa de emoções fortes, mas a cada palavra que o homem profere enquanto explica os mecanismos que iremos usar, eu o odeio mais. É como se calculasse cada palavra para abalar nossa confiança, como se cada letra fosse uma bala.

De posse dos nossos trajes térmicos, vamos nos trocar no lugar indicado. Eu e Ava entramos em um pequeno banheiro e nos vestimos em silêncio. Preciso segurar minha língua para não reclamar e penso em quanto autocontrole Andrei deve estar usando nessa situação. Posso ver Ava tremendo enquanto puxa o material emborrachado da veste pelas pernas e imagino que está tão irritada quanto eu. Quando decido perguntar, batidas frenéticas na porta me fazem desistir e nos apressamos para sair.

As roupas são ridículas: pretas e coladas no corpo, em um híbrido entre maiô e macacão. São térmicas e impermeáveis, além de terem microfones embutidos permitindo transmitir informações para um pequeno fone que inserimos no ouvido direito. Com as mochilas pretas, feitas do mesmo tecido que as roupas, nas costas, ficamos parecendo um tipo esquisito de tartaruga. Essa é a intenção, pois queremos que os radares nos captem como um grupo de animais marinhos perdidos.

Saímos rapidamente do banheiro e Andrei e Leon estão tão ridículos como tartaruguinhas que, apesar de tudo, não consigo não rir. Andrei me encara e mordo a língua para conter o riso, enquanto ele faz uma careta. O Dr. Magrelo surge com uma expressão impaciente e nós o seguimos. Ouço algo sobre um helicóptero estar nos esperando, mas as palavras se perdem entre prateleiras entulhadas e artefatos quebrados. Quando finalmente paramos, o homem está em frente a uma porta aberta, com um sorriso de satisfação.

– É isso. Boa sorte – diz sem simpatia alguma. Tenho vontade de cuspir na cara dele.

Leon se apoia em meu braço enquanto saímos pela porta. O heliporto fica a menos de dez metros do prédio, em uma descida íngreme. Caminho com cuidado, um passo na frente do outro, para Leon conseguir me acompanhar. Ava e Andrei acabam descendo em uma semicorrida que acredito ter se tornado uma competição.

O garoto não me solta até estarmos acomodados dentro do helicóptero, cada um com sua mochila no colo. Suponho que esteja tão nervoso quanto eu, até que ele se aproxima do meu ouvido e sussurra algo que é engolido pelo barulho das hélices.

– O quê? – berro, na tentativa de ser ouvida.

– Seeley! – responde, no mesmo tom de voz que eu. – Ele não morreu na missão.

Fico nervosa e tiro o cabelo que insiste em voar no meu rosto. Do que está falando?

– Ele não morreu em uma missão – ele repete, mais baixo. – Sybil, nós nunca deveríamos ter vindo. Eu não conseguirei escolher. Não de novo...

– Do que você está falando, Leon? – pergunto em um tom mais baixo. Estou completamente assustada.

– Do que vocês estão falando? – Ava grita em nossa direção, acomodada no banco da frente, e a expressão de Leon muda completamente.

– Do idiota lá dentro – Andrei responde por mim. – Não é?

Olho para meus joelhos. Mesmo que não saiba o assunto da conversa, Andrei sabe que é algo que não deve ser compartilhado com Ava.

– A maioria deles é dessa forma. – O tom de Leon é amargo. – Se eu tivesse de conviver com pessoas assim a vida toda, provavelmente acabaria morto.

– Acho que eles estão certos. Não são obrigados a nos aturar – Ava responde sem olhar para nós. – Se eu fosse como eles, não seria gentil com aberrações como nós.

– Ava, eu *achava* que era como eles até seis meses atrás. O que mudou de lá para cá? – digo, mas me sinto cansada demais para ter essa conversa agora.

Ela responde algo, mas prefiro ignorar e ver o que há dentro da minha mochila. Minhas roupas, um mecanismo que parece um relógio (coloco logo no pulso), uma caixa de ferramentas, kits de primeiro socorros e de sobrevivência e uma caixa preta comprida e de algum material que não consigo identificar. Tento abri-la, sem sucesso.

– Você estava com a cabeça na lua quando ele explicou essa parte, não é? – Andrei grita para chamar minha atenção.

– O que é isso? – Sacudo a caixa e tento forçá-la mais uma vez. – E se eu ouvisse mais uma palavra daquele idiota, ia vomitar na cara dele.

– É uma pasta para os arquivos que vamos *pegar emprestados*. Ela só abre em contato com sua digital.

– Então por que ainda não abr... – E, como mágica, a caixa se abre, revelando seu interior vazio. – Nossa! Como fiz isso?

Meus três companheiros riem e Leon é quem me ajuda.

– Procure uma superfície lisa. Depois, deslize o dedo... – Fiz como ele mandou e a caixa fechou.

– Que incrível!

– É por segurança. Você ouviu a parte em que ele disse que depois de guardar o documento, você deve entregá-la para Andrei?

Dou um sorriso sem graça e olho para o garoto sentado à minha frente. Não, eu não havia ouvido nada disso. Mas se Andrei tinha prestado atenção e nós estaremos juntos durante toda a missão, qual é o problema? Eu sei a parte mais difícil, que é nos colocar lá dentro. Depois, é só improvisar.

Capítulo 20

Quem parece disposto a improvisar é Andrei: enquanto descemos do helicóptero por um cabo de aço para o mar, ele decide que mergulho livre é a melhor opção. Depois de alguns segundos de pânico, ele finalmente reaparece na superfície da água, com a expressão mais travessa possível.

Entro devagar na água e meu coração dispara. Não gosto do mar. O aroma de sal me deixa enjoada e me faz desejar o cheiro de cloro da piscina com todas as minhas forças. O azul intenso é uma promessa de coisas desconhecidas, como monstros e cadáveres boiando. Meus pesadelos constantes sobre as terríveis horas que passei à deriva com nada além do mar por quilômetros e quilômetros brotam em minha mente.

Andrei, por outro lado, parece muito satisfeito com a situação em que nos encontramos. Eu e ele somos os guias de Ava e Leon, que nos seguem para o fundo do mar com respiradores cobrindo seus narizes e bocas. Enquanto eu os acompanho devagar, Andrei parece um peixe, nos ultrapassando e voltando para nos alcançar. Eu o advertiria sobre o cansaço, se pudesse, mas ainda não dominamos a arte da comunicação subaquática, e nós dois não somos golfinhos.

O mecanismo em meu pulso indica a proximidade e as direções que devemos seguir para chegar ao nosso destino. Não tenho certeza de como ele funciona, mas é mais ou menos como um sonar. Emite ondas que escaneiam o terreno e indicam, com base em marcações geográficas, o caminho que temos de fazer até chegar ao alvo. Além disso, também indica a existência de qualquer coisa que não tenha a composição do terreno em que você está, como peixes ou elementos metálicos. É um instrumento importantíssimo em zonas de guerra, principalmente como ferramenta para busca de minas terrestres. É um dos motivos pelo qual ele está em meu pulso e não no de Ava ou de Andrei.

O oxigênio dos respiradores de Ava e Leon parece ter sido milimetricamente calculado, porque chega ao fim quando a fortaleza entra em nosso campo de visão. Eu me pergunto silenciosamente como eles vão voltar. Aliás, apesar de todo o planejamento cuidadoso, ninguém se preocupou em como iremos sair da fortaleza.

Tento ignorar os avisos silenciosos de que estamos caminhando para uma armadilha, enquanto ajudo os membros menos privilegiados de nosso grupo a nadar na

direção da ilha. Andrei vai à frente, para tentar reconhecer terreno, e logo volta para nos ajudar. Nesse trecho, fomos instruídos a ficarmos calados. Não sabemos o tipo de tecnologia usado pelos dissidentes. Às vezes, podem identificar qualquer som que não seja de animais aquáticos.

A ilha é um rochedo com uma estrutura metálica incrustada, construída em três camadas. A primeira, mais próxima do mar, tem um píer com pequenos barcos de pesca presos. A segunda e a terceira são cercadas por formações rochosas, tornando o acesso difícil.

Mas, por baixo, a ilha é cheia de cavernas e pequenos lagos de água salgada. Na maior delas, há um cano de esgoto e uma plataforma de desembarque, que dá acesso a um túnel gradeado que só pode ser uma rota de fuga de emergência. Não temos problemas em nos aproximar da sua entrada e é aí que meu papel começa.

Tiro a caixa de ferramentas de dentro da mochila e a prendo no cinto da minha roupa. Recebo desejos silenciosos de boa sorte dos meus companheiros e mergulho o mais fundo que posso, procurando as paredes da caverna. Quando encosto em uma, subo até a superfície, observando o teto com cuidado. Se há algum equipamento de segurança, é mais provável que esteja por ali. Meus olhos demoram para se acostumar com a escuridão, mas, quando se acostumam, consigo ver claramente duas câmeras de segurança apontadas para a reentrância. Aprendemos que não é normal ter vigilância nas fortalezas mais afastadas dos territórios dissidentes, então a presença delas indica que aqui é um lugar importante.

Procedo à parte dois do plano, procurando as melhores cavidades da caverna para apoiar meus pés e minhas mãos para escalar. É a primeira vez que faço isso em pedra de verdade e o que me dá mais medo não é cair no mar: é fazer barulho e ser pega pelos inimigos.

Em Kali, todas as crianças recebem o básico do treinamento militar. Armas, disfarces, sobrevivência em lugares ermos. Depois dos 12 anos, optamos por seguir os estudos em um dos cursos que nos dão mais chances de uma vida melhor ou optamos por começar a trabalhar.

No curso de desarmamento de bombas, uma das principais matérias é a superação de obstáculos. Não só os físicos, mas os psicológicos também. O medo é o seu pior inimigo quando você está entre a vida e a morte.

Finjo que estou em um dos exercícios da minha antiga escola. Neles, a eficiência era o mais importante. Não adiantava nada terminar primeiro e deixar o serviço incompleto, como também não fazia diferença ser lento e terminar tudo perfeitamente. Agilidade e precisão.

Uma mão depois da outra, um pé depois do outro. Controlo a respiração.

Fecho os olhos e tento me guiar pelo instinto, meu corpo grudado contra as rochas. Meu pé escorrega uma vez e fico imóvel, com medo de que alguma pedra caia

e dispare alarmes. Quando nada acontece, continuo subindo, cada vez mais alto. Meu coração é como um tambor nos meus ouvidos e suspeito que vão ouvi-lo e me descobrir aqui.

Tudo continua como está.

Alcanço a primeira câmara e abro o estojo de ferramentas, procurando cegamente com uma das mãos pela lanterna. A outra mão é o que me impede de cair. Pego a pequena lanterna e me aproximo ainda mais da parede, na tentativa de enxergar melhor a fiação. São três fios: um vermelho, um preto e um verde. Não faço ideia de qual deles cortar. A vantagem é que nenhum deles pode me explodir.

Mesmo assim, estou tremendo enquanto procuro o alicate na bolsa de ferramentas e coloco a lanterna na boca, para iluminar meu trabalho. Mal consigo manter minha mão firme o suficiente para cortar o cabo preto. Preciso tentar duas vezes antes de cortar o vermelho. Quando corto o verde, minha mochila escorrega por um ombro e, na tentativa de endireitá-la e continuar equilibrada na pedra, deixo o alicate cair no mar, com um barulho capaz de acordar até os mortos.

– Merda – sussurro baixinho, guardando a lanterna e me grudando contra a parede. Meu coração parece que vai sair pela boca e minha respiração fica pesada, como se estivesse levando o mundo nas costas. Faz tempo desde a última vez que me senti tão assustada assim.

Longos minutos parecem se passar antes que eu crie coragem para me mover novamente. Sei que não pode ser tanto tempo assim, ou alguém já teria vindo me buscar, mas o tempo também se arrasta quando se está assustado. Pelo menos tenho certeza de que a câmara se desligou já que cortei todos os fios e preciso chegar até a outra antes que o inimigo perceba algo errado. Checo novamente a mochila e volto a me locomover pelas pedras.

Tento pensar em outras coisas. Penso em Naoki nos esperando em casa. Penso em como começar a relatar essa experiência para Tomás, em seu rosto se animando cada vez mais enquanto invento uma coragem que não existe. Lembro da comida de Dimitri e do que pedir para ele fazer quando eu voltar. Panquecas, com certeza. Talvez um daqueles ensopados de carne. Quem sabe um pouco daquele pão delicioso coberto de açúcar e creme que só ele sabe fazer. Rubi me vem à mente e o seu aviso de cuidado, e desejo silenciosamente que ela estivesse aqui comigo para me apoiar.

Chego até a outra câmara e procuro algo que possa substituir o alicate perdido para cortar os fios. Encontro um canivete e abro-o com os dentes, passando a lanterna para a mão que está me prendendo contra a parede. É uma manobra difícil e acabo fazendo um corte dolorido no lábio inferior, mas não há tempo para hesitar. Quanto mais eu demorar, mais fácil de eles perceberem algo errado.

Luto contra os fios, contra a queda e contra as rochas da caverna que insistem em se enfiar de forma incômoda entre meus dedos. É um trabalho de carnicheiro o que

estou fazendo. Os fios estão praticamente pulverizados quando termino, pouco tempo depois, e meus dedos têm arranhões e cortes por toda a parte. O ferimento em minha boca arde e levo as costas do meu braço até ela, na tentativa de diminuir o fluxo de sangue.

Cortados os fios, murmuro o sinal que combinamos no pequeno microfone costurado no uniforme, esperando que nadem rapidamente para não perdermos mais tempo. Olho para baixo e calculo a distância que tenho de descer e suponho que é o tempo de se aproximarem.

A descida sempre é mil vezes pior do que a subida. Se não houvesse o perigo de ouvirem, eu só me jogaria e deixaria a água me levar. Em vez disso, sou obrigada a descer meio cega de dor, olhando para baixo a cada instante para descobrir onde pisar. Me sinto aliviada quando finalmente entro na água, mas só até mergulhar. De repente uma ardência nos dedos e nos lábios me enfraquece.

Fecho os olhos e me agarro à parede, me arrastando até ficar completamente fora da água. Os cortes das minhas mãos são irrelevantes quando comparados com a dor na minha boca. É como se enfiassem dúzias de facas ao mesmo tempo! Tenho quase certeza de que preciso de pontos. Fico um tempo com a cabeça encostada na pedra, respirando fundo para poder me recompor enquanto pressiono as costas da mão no corte. Eu sei que se ficar tempo suficiente embaixo d'água, a dor vai embora. Sei que isso não é nada comparado ao que pode me acontecer, caso o inimigo me descubra aqui. Não posso me dar o luxo de perder mais nenhum minuto e crio coragem para ir ao encontro dos meus amigos.

Nado até a reentrância e vejo Andrei, Leon e Ava se aproximarem. Eles parecem cansados e fico exaltada. Será que aconteceu algo? Subo na plataforma de desembarque e ajudo os três a se juntar a mim, com um pouco de dificuldade.

Ava e Leon se acomodam nas pedras ao meu lado, silenciosos, enquanto Andrei segue adiante para reconhecer terreno. Ava me encara por um longo tempo e encosta a mão em minha bochecha, do lado onde está o corte. Balanço a cabeça para dizer que não é nada, mas ela me impede e, de forma desajeitada, tira um lenço da mochila e entrega para mim.

Tento dar um sorriso como agradecimento, mas minha pele repuxa o machucado e a dor volta. Pressiono o lenço nos lábios até Andrei voltar com a notícia de que podemos avançar. Há um pequeno túnel que leva para a entrada gradeada e caminhamos com cuidado, tentando não fazer barulho. Mesmo com a palavra de Andrei, busco por outros equipamentos de segurança, mas não vejo nenhum.

Andamos mais um pouco e paramos, esperando que algum guarda venha verificar o que há de errado com as câmeras. Ava e Leon precisam da roupa deles para se infiltrar e causar distração, enquanto eu e Andrei vamos atrás do que interessa, na esperança de

não sermos pegos. Como a ilha é cercada de vida selvagem, nosso plano se baseia na suposição de que é normal que haja alguma obstrução no sistema de segurança.

Leon parece exausto. Ele senta no chão, encostado à parede, e fica imóvel, com os olhos fechados. Ava para ao seu lado e tenta controlar sua respiração, sem muito sucesso. Para uma pessoa pesada como ela, deve ser difícil nadar esse tempo todo. Quem não parece cansado é Andrei, que chega perto de mim e verifica meus ferimentos. Fico de pé, com o lenço encostado na boca porque é a única forma que a faz doer menos. Imagino que Leon está tão relaxado assim porque pode ouvir algo ou alguém se aproximando bem antes de se tornar um perigo.

Sinto os olhos de Ava sobre nós enquanto Andrei me faz tirar o lenço da boca para ver o ferimento e passa o dedo no canto dela. Não consigo não pensar no que ela disse antes de a viagem começar. O toque de Andrei é delicado, delineando o contorno dos meus lábios com um cuidado exemplar. Encaro seu rosto e seus olhos muito sérios. Tem uma pequena ruga de preocupação na testa, o que o deixa com uma aparência muito mais responsável do que realmente é. Desvio o olhar quando sinto um calor esquisito no peito. De onde vêm essas reações?

Sou distraída por um movimento súbito de Leon, que se levanta abruptamente. Entendemos aquilo como um sinal de que alguém se aproxima e eu e Andrei nos escondemos longe da abertura, em uma curva do túnel.

Ava e Leon se acomodam cada um de um lado da grade e eles têm algo nas mãos. Prendo a respiração com a expectativa. Nos baseamos nas informações de que os adversários fazem as rondas dois a dois. Se forem mais de dois guardas, não temos muitas chances de vencê-los. Mas temos sorte. Logo posso ver um homem e uma mulher se aproximarem. Ava salta por cima do homem e deixa a mulher para Leon, que antecipa o movimento dela e a acerta na cabeça. Ela cai no chão e fica onde está.

Enquanto isso, Ava trava uma luta com o homem, que parece não ter sido pego tão de surpresa quanto a garota. Ele tenta pegar a arma presa ao cinto, mas Ava segura seu braço com tanta força que a mão do adversário afrouxa e a arma cai. Ele tenta chutá-la, mas ela parece ser feita de pedra, mesmo sendo mais baixa que ele. O soldado xinga algo na língua estranha dos dissidentes, e ela o acerta com um soco no rosto, fazendo-o cair ao lado de sua companheira, já desacordada.

Por que a parte deles parece tão mais simples que a minha? Só uns golpes de caratê e pronto! Eles nem precisaram de ajuda!

Leon levanta a mão e acena, nos informando que podemos começar a segunda parte do plano. Enquanto Ava desarma e despe os guardas desmaiados, Andrei me puxa para voltarmos para a água. De onde estou ainda tenho tempo de ouvir Leon falando algo em um comunicador, mas não consigo entender, pois é em outra língua.

Não foi nada, é o que imagino que diz. Não foi nada.

Capítulo 21

Esperamos algum tempo sentados na plataforma de desembarque para ter certeza de que Ava e Leon estão bem infiltrados antes de nós os seguirmos. Aproveito a oportunidade para fazer um curativo em minha boca, que ainda dói. Se vamos nos enfiar em um tubo de esgoto, é bom que eu não tenha nenhum corte exposto. Andrei encontra o kit de primeiros socorros dentro da mochila e faz questão de me ajudar. Seus dedos estão um pouco trêmulos enquanto enrola rapidamente os esparadrapos nos meus, e encosto minha testa na dele para tentar acalmá-lo. Ainda não podemos falar com medo de atrair atenção indesejada, mas ele me olha nos olhos e dá um meio sorriso, apertando minha mão.

Depois de terminar com meus ferimentos, saímos da plataforma e nadamos até o suposto tubo de esgoto. Tento não pensar na infecção que posso pegar com a quantidade de cortes nas mãos. Tento não pensar em paredes brancas de hospital, em dias sem dormir e em tragédias. Tento não entrar em pânico. Andrei está comigo, então nada de ruim vai acontecer.

Quando nos aproximamos, descobrimos que o encanamento é de uma rede de escoamento de água. Isso significa que a probabilidade de encontrar um duto de ventilação é alta. Quem em sã consciência colocaria a ventilação e o esgoto no mesmo lugar? Trocamos sorrisos e me sinto mais corajosa. Então nos esgueiramos para dentro.

Andrei me puxa pela mão enquanto caminhamos meio encolhidos acompanhando o pequeno fluxo de água. Se fôssemos um pouco maiores, não caberíamos no espaço apertado. A água não chega aos tornozelos e o cano se prolonga até se perder de vista, por metros e metros a fio. Suspeito que é possível atravessar até o outro lado da ilha sem sair dele.

Paramos quando temos certeza de que ninguém vai nos encontrar. Andrei se senta em um dos cantos e tira os mapas e uma lanterna da mochila, à procura da planta-baixa que mais se encaixa no que vimos pelo lado de fora. Sigo caminhando ao longo da parede. Seria muito mais fácil se Leon e Ava conseguissem encontrar esse arquivo sozinhos e nós ficássemos do lado de fora só como apoio. Mas somos uma equipe e, se isso fosse possível, não estaríamos todos aqui.

Olho mais adiante e reparo algo brilhante. Ando até lá e percebo que é uma grade prateada, cobrindo um espaço retangular, grande o suficiente para uma pessoa passar.

De lá, sai um vento constante que faz algumas ondas na água sob meus pés. Dou um sorriso e olho na direção de Andrei, fazendo um sinal com a mão.

Ele enfia o mapa na mochila de qualquer jeito e se aproxima. Eu me viro para a grade e tiro uma chave de fenda do estojo de ferramentas, desparafusando-a para podermos entrar. Depois de uma discussão silenciosa, Andrei entra primeiro, seguido por mim. Recoloco a grade no lugar.

Então estamos dentro do sistema de ventilação, que é uma estrutura metálica tão frágil que parece que vai entortar com nosso peso. Como Andrei é mais pesado que eu, me arrependo de ter ficado atrás. Apenas movendo os lábios, peço para que ele fique abaixado e passo por cima dele, a fim de ir à frente para testar a capacidade de peso da estrutura. Esse é um imprevisto no qual não havíamos pensado. E se não conseguirmos nos locomover ali dentro?

– Estamos dentro – Andrei sussurra para Leon no microfone embutido em sua roupa. – Não, está tudo bem.

Mas não está. Ele me segue com dificuldade enquanto avançamos, pois, apesar de ser menor que Leon ou Ava, ainda é grande demais para o espaço apertado dos dutos de ventilação. O metal que nos envolve não cede com o peso, mas consigo ouvir barulhinhos nos locais em que uma placa se junta na outra. Tento ir mais rápido, para evitar um desastre, quando percebo que quem sabe o caminho é ele e não eu. Paro onde estou e volto um pouco, olhando para trás.

– Você descobriu qual é a planta? – minha voz falha um pouco e minha boca dói no lugar onde está a bandagem.

– Acho que sim. – Ele se aproxima de mim; seu cabelo molhado está grudado contra o rosto. Passo uma mão para arrumá-los, por reflexo. – Você quer o mapa?

Balanço a cabeça e faço um gesto para ele passar adiante. Para espões em missões secretas estamos um pouquinho enrolados. Só um pouquinho. Aposto que os livros que Ava lê não são tão emocionantes assim.

Depois de alguma dificuldade, um dedo no meu olho e um pisão em seu braço, Andrei toma à frente com a mochila pendurada nas costas e sigo logo atrás dele, planejando segurá-lo pelo tornozelo caso ele caia.

O caminho é longo e enfadonho. Algumas vezes paramos para beber água, algumas vezes para tentar decifrar o mapa. O caminho é sempre para cima, cada vez mais para dentro. Em um dos corredores, temos de dar uma volta enorme porque encontramos um exaustor que mais parece uma ferramenta de tortura ou algo do tipo. Em um dos momentos, precisamos parar, pois Andrei tem uma crise de espirros; tenho certeza absoluta de que todo o prédio ouviu aquilo.

Na primeira vez em que ouvimos passos nítidos sob nós, ficamos paralisados até muito tempo depois de terem desaparecido. Depois, conforme continuamos o caminho, os barulhos ficam mais frequentes. Conseguimos distinguir diálogos, mas a

língua dos dissidentes é tão esquisita que mal consigo captar uma ou outra palavra. Fico espantada com o fato de Leon saber falá-la e menciono isso para Andrei, que me dá a resposta padrão quando se trata das habilidades de Leon.

– Ele é um nerd, o que você esperava?

Andrei envia sinais, por meio do comunicador, para Leon de dez em dez minutos, indicando que estamos vivos e não fomos descobertos. Já se passa mais de uma hora e continuamos a andar pela tubulação de ar até minhas costas ficarem ardendo e minhas pernas, dormentes. Quando não sinto mais minhas mãos, tenho certeza: estamos perdidos. O que mais quero é sair dali, esticar as pernas novamente e respirar um pouco de ar puro.

– Vamos ter de sair daqui. – Andrei se vira para mim. Estamos agachados, espremidos e impacientes. Seu tom não demonstra ansiedade, mas posso ver que seus dedos apertam o mapa com uma força desnecessária. – Temos de ver onde estamos, se quisermos achar a sala de arquivos secretos.

– O que você viu na última grade? – pergunto e olho para trás. Tenho muito mais dificuldade em esconder meu nervosismo que meu companheiro.

– Uma sala com uma mesa e alguns armários. Não tinha ninguém dentro – ele diz e suspira, em um gesto de frustração. – Sybil, não adianta. Estamos perdidos.

– Deveríamos ir só mais um pouquinho. Só mais uma grade – digo, gesticulando. – E aí nós...

Andrei coloca uma mão na minha boca para me calar, mas paro de falar antes. O barulho que ouvimos é um grito de terror tão profundo que faz os pelos da minha nuca se arrepiarem e meu coração dar um salto. Ele é seguido por outro e outro e outro... Cada um mais horrível que o anterior.

São gritos de sofrimento e de dor tão reais que fazem meu peito se apertar. Fecho os olhos e balanço a cabeça na tentativa de afastar o som. Andrei tenta checar com Leon se eles estão bem, se não os pegaram. Se aqueles forem os gritos de Ava... A dor é tão palpável que tenho vontade de sair dali implorando para que parem. Tenho vontade de salvar a pessoa que está sofrendo daquela forma.

O barulho cessa tão subitamente quanto começa. Leon responde que estão bem. Volto a respirar aliviada. Antes que Andrei possa me impedir, estou engatinhando em direção à última grade pela qual passamos e a desaparefuso.

E então, estou fora.

E então, estou no *inferno*.

Capítulo 22

Quando Andrei me alcança, estou parada boquiaberta diante do primeiro dos tanques da sala. Esqueço das câmeras de segurança e dos nossos inimigos; esqueço que estamos no meio de uma missão. A única coisa que me importa é o absurdo do que vejo ao meu redor.

Estou em uma sala mal iluminada, com cinco tanques cilíndricos que vão do chão até o teto, cheios de um líquido verde fluorescente. Em cada um deles, há uma pessoa emersa com diversos fios conectados pelo corpo. *Crianças*. Suas peles são de uma cor pálida doentia, cabecinhas nuas e sem cabelos, olhinhos abertos e vidrados. São tão magras que consigo contar os ossos das suas costelas e seus rostos são quase como caveiras.

Fico alguns segundos concentrada, tentando perceber se fazem algum movimento. Nada. Nenhum sinal de que ainda estejam com vida. Sinto um desespero terrível.

Em um dos cantos da sala, há uma maca com vários equipamentos. O cheiro é de sangue seco e de éter, de hospital e de morte. É óbvio que essa é uma sala de experimentos. As crianças ao meu redor são cobaias mudas, sem escolha alguma sobre seu destino. Por quais tipos de atrocidades elas teriam passado? Se eu havia quase enlouquecido apenas com uma bateria de exames, imagine algo desse nível! Mal suporto pensar no que sofreram.

Encosto no tanque mais próximo e sinto vontade de chorar. Imagino Tomás no lugar do garoto à minha frente, todo preso como se fosse um animal selvagem. Sinto raiva. Como havíamos sido mandados ali para roubar um arquivo e não para salvá-los? Que tipo de pessoas somos?

Começo a caminhar pela sala, ainda em silêncio, parando na frente de cada tanque por algum tempo. Andrei tenta me dissuadir, mas sinto que distinguir os rostos das crianças é o mínimo de dignidade que devo a elas. Será que alguém sabe onde estão essas crianças e por quê? Será que elas têm famílias? Esse sempre foi meu maior medo: morrer e ninguém saber. E se ninguém se importar?

Eu me importo, penso enquanto encosto uma mão em um dos vidros. *E eu sinto muito.*

– Sybil, o que você está fazendo? – Andrei cria coragem para falar e, quando olho para seu rosto, posso ver a preocupação e o desconforto. Ele não gosta dessa sala tanto quanto eu e não vê a hora de ir embora.

– Só mais um – sussurro para ele, em um pedido silencioso. – Só o último.

– Sybil... – ele sussurra e me segue até o último tanque, evitando olhar para a criança. Encosto a cabeça em seu ombro.

– Olhe para ela – sussurro. – Uma garota tão bonita, com bochechas tão redondinhas. Aposto que tinha um sorriso lindo e ria de uma forma engraçada. Aposto que gostava de correr pela grama e caçar borboletas ou brincar de pique-esconde. E veja o que fizeram com ela, Andrei. Veja como ela está. Veja o que fizeram com ela.

– Vamos embora, Sybil. – Andrei passa o braço pelo meu ombro. Seu tom é pesado, e a luz do tanque o deixa parecido com um fantasma. Sinto um aperto no peito, imaginando-o no lugar das crianças, e o abraço. – Não há nada que possamos fazer.

Concordo, mas me aproximo mais uma vez para encostar a mão no vidro e repetir meu mantra. *Eu me importo. Eu sinto muito.*

E é exatamente na hora em que encosto no vidro que a menina se move em um grito silencioso e se joga contra a parede do tanque.

Dou um salto e contenho um grito de horror. Meu coração quase sai pela boca. Andrei me puxa e nós saímos em uma corrida meio cega dali, sem nos importarmos com guardas ou qualquer coisa. Qualquer lugar é melhor do que aquela sala. Sinto um peso na consciência por não ter ajudado a garotinha, mas quem sabe que tipo de monstro não estão criando nesses laboratórios?

Entramos por uma porta lateral que dá para outra sala ainda mais escura. Andrei tropeça em algo e xinga, prosseguindo com passos rápidos mas incertos. Enfio a mão na bolsa de ferramentas e pego a lanterna. Apesar de pequena, ela consegue iluminar o suficiente para discernirmos o que há na nossa frente.

O local é enorme e frio. Há uma mesa com várias caixas em cima, um armário de metal ao fundo e várias estantes. Um almoxarifado, talvez? Dou uma volta com a lanterna, à procura de alguma saída. Quando ilumino o outro lado da sala, vejo gaiolas por toda a parte. Passo a luz devagar por todas elas e quando chego ao final, tenho a impressão de que vejo algum movimento pelo canto do olho. Volto a iluminar todas as pequenas jaulas e procuro Andrei atrás de mim, sobressaltada. Ele encosta uma mão em meu ombro e eu faço o feixe de luz andar. Vejo novamente um movimento na parte de baixo.

– Você viu aquilo? – eu sussurro e volto a iluminar as gaiolas. Nada.

– O quê? – Andrei se põe à minha frente para ver melhor. Apago a lanterna. – Ei, por que fez isso?

– Shh.– Levo um dedo a sua boca, para ele fazer silêncio, enquanto olho fixamente na direção das gaiolas. Espero meus olhos se acostumarem ao escuro. Vejo o contorno da mesa em um canto, das estantes no outro e das gaiolas ao fundo. A respiração de Andrei fica mais pesada, ao mesmo tempo que ele pega minha mão e a aperta.

– Vamos embora, Sybil.

– Fique aqui. – Eu me desvencilho. Não sei de onde vem toda essa coragem, mas tenho de me aproximar para ver o que é. E se é nas gaiolas que eles guardam as outras crianças? E se há alguma ali que pode ser salva por nós?

Andrei protesta, porém mais uma vez não consegue me segurar. Caminho sorrateiramente, desviando dos móveis, até as gaiolas. Ouço Andrei me chamar duas vezes antes de não conseguir mais vê-lo direito nas sombras. Sei que é a situação perfeita para sermos pegos, sei que o que estou fazendo é burrice e pode matar nós todos, mas não estou no meu modo mais racional.

Tento fazer o mínimo de barulho possível. O cheiro fica cada vez mais insuportável conforme me aproximo, uma mistura de podre com excrementos e sangue. Minha teoria de que é ali que eles mantêm as cobaias é cada vez mais plausível e tento conter o enjoo.

– Olá? – pergunto baixinho, mesmo sabendo que é loucura. Mesmo que tenha alguém, provavelmente não fala a mesma língua que eu. – Você não precisa ter medo. Estamos aqui para ajudar.

Nenhuma resposta. Eu me aproximo ainda mais das gaiolas e repito a mensagem, encostando as mãos nas grades engorduradas de uma delas. Considero o que fazer. Podemos achar a saída e ir cumprir nossa missão, na crença de que o que vi foi só um truque de luz. Ou podemos...

Ligo a lanterna exatamente onde estou, na distância em que estou. E lá está ela, uma garotinha encolhida em um canto da gaiola com o cabelo desgrenhado e o olhar assustado.

Ela começa a chorar no instante em que me vê.

Eu me abaixo para tentar arrombar a gaiola de maneira apressada, procurando qualquer ferramenta que sirva para abrir o cadeado que a prende. Andrei se aproxima rapidamente e se abaixa para me ajudar, sussurrando palavras tranquilizadoras para a menina que se desmancha em lágrimas. O desespero fica cada vez maior enquanto lutamos contra a fechadura; nenhuma de minhas ferramentas é realmente adequada para o trabalho que estamos fazendo. Por fim, bato sucessivamente no cadeado para tentar quebrá-lo.

– Tem uma chave! – a garota sussurra, se agarrando às barras. Sua voz está tão embargada que mal a compreendo. – Tem uma chave! Tem uma chave!

– Onde? – É Andrei quem pergunta, fechando as mãos em cima das dela. – Aqui?

A garota aponta na direção do armário e Andrei se levanta a fim de procurar a chave. Ela me encara e seus olhos parecem enormes mesmo no escuro. Então, estica uma mão para mim e eu a seguro nas minhas. Percebo como a mão dela é pequena e frágil, cheia de ossos que parecem prestes a quebrar a qualquer instante. Suas unhas parecem feitas de vidro e tenho medo de apertá-la demais. Nem as crianças mais pobres de Kali, as que morrem de fome, têm mãos assim. Passo um dedão pela pele áspera dela e ela solta um gemido de dor. Sussurro um perdão, ainda intrigada pela sua presença ali.

Andrei volta com alguns objetos e um deles é o chaveiro; ele o joga para mim. Abro o cadeado rapidamente e a menina cai em meus braços. Seu corpo parece o de um passarinho; quando a levanto, ela é leve como uma pluma.

Seu cabelo é castanho e cacheado como o de Ava, mas o tom de pele, na penumbra, parece ser mais próximo do meu. Não faço ideia de quantos anos ela pode ter, mas não parece tão nova quanto as crianças da outra sala. São necessárias várias palavras para ela se acalmar e nos ouvir. Por fim, é Andrei que a convence a me soltar e a se sentar em cima da mesa enquanto enxuga as lágrimas com um dos jalecos que ele tirou do armário.

– Precisamos sair daqui para que isso tenha valido a pena – ele diz. Sinto uma pontada de culpa por ter nos enfiado naquela situação desnecessária. Apesar disso, Andrei não parece ter perdido a calma. – Preciso que você me diga o que sabe para termos mais chances... Tudo bem?

– Sofia. – Seu nome soa como algo exótico e esquisito, com as vogais abertas demais. Não reconheço seu sotaque. Ela assoa o nariz na manga do jaleco em que está agarrada. – Meu nome. Sofia.

– Sofia – repito e dou um sorriso encorajador. – Realmente precisamos sair daqui.

– Vocês são da União – Sofia afirma com certo espanto, como se nunca tivesse nos visto. – Vocês existem de verdade!

– Não por muito mais tempo, se você não nos ajudar. – Andrei se abaixa e fica na mesma altura dela. – Sofia, por favor. Dependemos de você para podermos sair daqui.

Sofia olha para mim com os olhos grandes e depois para Andrei, como quem considera se é melhor ficar ali e acabar como as outras crianças ou se é melhor confiar em duas pessoas inimigas que ela nunca viu antes. Ela opta pela última opção.

Suspeito que Andrei tenha algum outro tipo de mutação secreta envolvendo a persuasão. Em poucos minutos ele consegue fazer com que Sofia não só nos conte onde estamos como também acaba por descobrir que a sala de arquivos fica nesse andar, a ala dos experimentos no quadrante dos cientistas. Tenho um palpite de que o arquivo que queremos é relacionado a essas experiências e, se levá-los de volta para Hari signifique dar fim nelas, farei a qualquer custo.

Visto um dos jalecos que Andrei pegou do armário por cima de minha mochila, ajudo Sofia a colocar o outro e a pego pela mão, enquanto Andrei vai à frente para procurar a porta pela qual os cientistas entram e saem, segundo o relato de nossa nova companheira. Aposto que não entram pela sala dos tanques porque não aguentam olhar para os resultados frustrados de suas experiências os acusando de incompetência.

Sofia aperta minha mão com uma força que me espanta, como se quisesse se certificar de que não a deixarei para trás. Aperto de volta e Andrei acena para nós o seguirmos. A garota tem dificuldade de caminhar e preciso apoiá-la, mas ela dispensa minha ajuda assim que passamos pela porta. O objetivo todo de vestir os jalecos estaria perdido se ela não se esforçasse para andar sozinha e sem apoio, porque precisamos parecer cientistas para poder nos locomover livremente por aqui.

Andrei caminha na frente, como se fosse o dono do lugar e não tivesse nada para esconder. Logo atrás dele, Sofia passa as mãos no cabelo, meio encurvada, parecendo estar uma pilha de nervos. Sigo por último, meus olhos nunca parando em um lugar só e meus ouvidos atentos a tudo. Se alguém nos vir de perto, perceberá logo que não somos cientistas. Não sei exatamente o que Andrei tem em mente, mas ele pergunta para Sofia, com sussurros, o caminho para o arquivo central. Seja lá o que for, confio cegamente em qualquer plano que saia de sua cabecinha loira e desmiolada.

Logo em seguida, o corredor se divide em dois, um seguindo em frente e outro dobrando à direita. No cruzamento, Andrei faz um sinal para pararmos atrás dele enquanto checa os arredores e Sofia se apoia na parede ao meu lado, olhando para o teto à procura de câmeras de segurança. Ela não acha nenhuma. Vai ver os inimigos se sentem tão seguros de que é impossível chegar até esse setor sem autorização, que as precauções de segurança nessa área são menores. Sorte a nossa.

Com mais um sinal de Andrei, entramos no corredor à direita, segundo as instruções da menina. Ela não parece ter muita certeza do caminho, mas a segurança que Andrei transmite é suficiente para irmos adiante sem dúvida alguma.

Nossos passos ressoam pelo corredor metálico enquanto avançamos, passando porta após porta sem olhar duas vezes para elas. Eu me contenho para não entrar em cada uma delas atrás de pessoas como Sofia e uso minhas ferramentas para me distrair. Se eu precisar arrombar uma porta, qual delas terei de usar? Não tenho muito tempo para elaborar respostas, pois Andrei para abruptamente e percebo que chegamos ao fim do corredor.

Capítulo 23

Encaramos uma porta enorme, revestida por alguma liga metálica preta que lhe dá uma aparência assustadora. Com um sinal, eu me coloco ao lado de Andrei e observo a placa com os caracteres ilegíveis acima dela.

– É aqui – Sofia anuncia categórica. – Vocês têm algum plano para entrar?

Com um olhar, Andrei passa toda a responsabilidade para mim. Eu me aproximo da caixinha ao lado da porta, observando-a com curiosidade. Não há teclado em lugar algum e a tela se acende quando encosto nela sem querer. Sofia se aproxima, me observando com curiosidade enquanto toco na tela. Ela se ativa novamente e fico espantada. Uma tela que responde ao toque? É contra esse tipo de tecnologia que estamos lutando?

Uma série de símbolos desconhecidos aparece na tela e pressiono um deles, recolhendo a mão quase imediatamente com medo de que o negócio exploda. Ouço um riso baixinho vir de trás de mim e me sinto constrangida com minha reação. Na tela, um teclado com números e letras no alfabeto ocidental aparece. Provavelmente uma tela para senha.

– Você quer ajuda? – Sofia pergunta, encostando em meu braço. Sinto suas mãos tremendo e suponho que está com medo ou com frio. Ou os dois.

Abro caminho para ela ocupar meu lugar e Andrei para ao meu lado; nós dois formamos uma parede entre ela e o resto do corredor. A garota aperta algumas teclas e passa a mão de forma nervosa pelo cabelo sujo. Andrei olha para mim e sei que ele está pensando exatamente o mesmo que eu: e se a garota for uma espiã? E se ela tiver sido implantada naquele lugar para nos pegar? E se enquanto estamos ali parados, ela está enviando uma mensagem para seus superiores virem nos pegar?

– É impossível entrar – ela diz e se vira para nós, nos observando com seus grandes olhos castanhos. – A tela detecta as digitais e o DNA da pessoa na hora em que ela tecla e libera funções conforme as permissões. Se nós não temos permissão para entrar, não entramos.

– Essa telinha de araque detecta digital e DNA? – Andrei se aproxima curioso e encosta na tela. A reação dele é quase idêntica à minha e vejo um sorriso se formar no rosto da garota, para desaparecer segundos depois. Andrei toca novamente na tela. – Isso é impossível.

– E por que não disparou algum alarme no instante em que encostei a mão? – Eu ignoro Andrei, que volta a encostar na tela como se ela fosse um brinquedo interessante.

Sofia fica em silêncio por tempo suficiente para Andrei largar a tela e a encarar. Meu coração acelera, imaginando se é aquela a hora em que ela revelará que chamou todos para nos matar ou algo assim.

– Porque não lê quem é doente – a resposta sai quase em um sussurro.

– O quê?

– O sistema não lê quem é doente – ela repete e levanta o queixo. Posso ver que está usando todas as suas forças para parecer maior do que é. – Como vocês.

– Não somos doentes – Andrei diz com calma, como se ela fosse maluca e não pudesse ser contrariada.

– São sim – ela insiste. Tenho certeza de que é agora que ela diz “é por isso que chamei os guardas para prendê-los”. – Que nem eu. Vocês vieram aqui para roubar a cura?

– Sofia, nós não precisamos de cura nenhuma – digo em um tom racional.

– Sim, vocês precisam – ela afirma. – Mas se vocês destruírem a fechadura, os alarmes vão soar. Deveríamos ir embora. Sem a cura.

– Sybil, ela enlouqueceu – Andrei sussurra para mim.

– Não precisamos pegar cura nenhuma – reafirmo e olho para Andrei em busca de algum apoio. – Precisamos pegar um arquivo que está nessa sala.

A garota então segura nervosamente na barra do jaleco que está vestindo e olha para os lados. Depois, olha para nós e some. Assim, sem mais nem menos. No lugar onde ela estava há um instante atrás não tem mais nada. Andrei segura meu braço e eu pego o mais próximo de arma que tenho: uma chave de fenda.

– Sofia? – eu a chamo. Não sei se ela desapareceu porque é uma anômala como nós ou porque tem algum equipamento tecnológico muito avançado.

– Vamos prosseguir com o plano – Andrei diz baixo, perto do meu ouvido. – Se ela chamar os guar...

– Eu não faria isso! – A voz de Sofia surge, indignada, de algum ponto nas nossas costas e nos viramos ao mesmo tempo, a chave de fenda em minha mão empunhada como a mais letal das armas. Não há nenhum corpo para acompanhar o som. – Mas vocês não deveriam tentar entrar aí.

– Ignore-a – Andrei diz antes de dar as costas para o local de onde vem o som. – Como você planeja abrir a porta?

– Se eu fosse Ava, poderia tentar derrubá-la... – digo sem me virar, ainda olhando para o ponto de onde a voz de Sofia veio. É um trabalho inútil, porque ela pode estar em qualquer lugar. Aliás, ela pode já ter saído dali. É exatamente esse o tipo de gratidão que se espera de uma dissidente: nós a tiramos da prisão e ela se esconde e nos

apunhala pelas costas. – Nossa alternativa é executar aquela parte barulhenta do plano antes da hora.

– Se fizermos isso, como vamos sair daqui, Sybil?

Eu me viro para encará-lo, esperando que meu silêncio responda sua pergunta. Que o silêncio mostre que não faço a mínima ideia de como vamos sair dali, nem de como vamos levar a garota que provavelmente está invisível em algum lugar por aí.

– E eu realmente achei que você estudasse estratégia de guerra em Kali – ele diz em tom de chacota, mas posso ver em seus olhos uma expressão de alarme. – Vou falar com Leon.

– Você tem mais gente aqui dentro? – Sofia pergunta, aparecendo finalmente ao meu lado. Andrei dá as costas para ela, visivelmente irritado, mas eu me aproximo e a seguro pelos ombros.

– Como você fez isso? – digo com um pouco de raiva e fecho minha mão em um dos seus braços magros. – Não faça mais isso.

Ela olha para o chão, parecendo arrependida, e decido que é impossível entendê-la.

– É a minha doença – ela explica, como que pedindo desculpa. – Qual é a doença de vocês?

Tudo faz sentido de uma vez. Ela chama de doença o que nós chamamos de mutação. Ela pode ficar invisível como parte do seu poder e, provavelmente, só desapareceu para nos provar. Será que está aqui para ser curada? Pela reação dela, é óbvio que ela acredita que algum lugar dessa fortaleza guarda a cura e que nós estamos atrás disso. Ao que me consta, pode até ser verdade, já que não temos permissão para saber o conteúdo do arquivo que estamos tentando furtar.

Meu estômago revira quando a imagem das crianças pálidas flutuando nos tanques me vem à cabeça. Se esses experimentos são para encontrar alguma cura para a mutação, quer dizer que todas aquelas crianças eram como nós. Eles estão matando-as, uma a uma, depois de usá-las como cobaias para tentar curar algo que nem sequer é uma doença!

Como eles são capazes de fazer uma coisa dessas? Como podem convencer seus anômalos de que estão doentes e precisam de cura? Tenho vontade de explodir toda essa ilha de uma vez. Estou tão indignada que me sinto extremamente desafiada e uma coragem enche meu corpo. Não posso deixar que me peguem. Não posso deixar que peguem nenhum de nós.

– Sybil? – É a voz de Andrei que me traz de volta. – Leon está ciente do plano. A qualquer instan...

E, antes que ele termine a frase, todos os alarmes da fortaleza disparam de uma vez.

Capítulo 24

Segundos preciosos se passam antes de começarmos a nos mover. Tento quebrar a pequena tela de acesso com minha chave de fenda, mas parece que é feita de algum material indestrutível. Começo a pensar que talvez devêssemos ter testado isso antes, mas Andrei me afasta da porta e praticamente arranca o controle de acesso com um chute. Os alarmes já estão soando como trombetas do apocalipse, então a descoberta das habilidades em artes marciais de Andrei não faz muita diferença.

Nada acontece e, por alguns instantes, tenho certeza de que nosso plano não vai funcionar. Mas então a porta se abre de uma vez e é impossível não pensar o quão sortudos somos por aquilo realmente ter dado certo. Impeço Andrei e Sofia de entrar e me certifico de que não há nenhuma armadilha ou explosivo. Alguns sistemas de segurança acionam detonadores quando destruídos e sei que preciso ter o máximo de cuidado na hora de entrar em um lugar desconhecido.

Não é o caso. Na verdade, o sistema de segurança parece ser tão elementar que só prova a prepotência dos dissidentes: eles nunca imaginariam uma invasão no centro fortaleza. Sinto uma sensação de triunfo quando finalmente entramos na sala, como se estivéssemos esfregando na cara deles que somos melhores do que pensam.

A sala tem paredes curvas com pelo menos três metros de altura, dando a impressão de estar dentro de um ovo. As paredes são cobertas de cima a baixo por pequenas gavetas metálicas com letras gravadas em pequenas placas. Na parede mais próxima a mim posso ver um “Va-Ve” e “Xa-Xo”. Do lado de fora, os alarmes ainda soam. Não faço ideia do que Leon e Ava fizeram, mas com certeza foi algo grande e precisamos agir rápido para não perdermos mais tempo.

– Qual é o nome do arquivo? Eles obviamente estão divididos por ordem alfabética.

– Vocês vão procurar manualmente? – Sofia pergunta descrente.

– São dois: “Tratamentos Genéticos” e “Inserção Artificial” – Andrei responde após consultar seu material de referência. – Seja lá o que isso signifique. Você fica com a letra T e eu com a I, ok?

Concordo com a cabeça e nos separamos. Sofia me segue, provavelmente por sentir que Andrei não a receberá muito bem. Caminho pelas gavetas verificando as placas e é Sofia que me aponta uma coluna onde estão localizadas as letras T e U. As

três gavetas que acomodam de TO a TS ficam mais ou menos na nossa altura e eu abro a primeira para procurarmos. Ela desliza pelos trilhos suavemente e continua deslizando mesmo depois que paro de puxá-la, até ter mais ou menos dois metros de comprimento.

A gaveta para com um barulho que mais parece um suspiro e vejo pastas pretas penduradas por ganchos. Cada uma tem uma etiqueta indicando o nome em nosso idioma e no idioma dos dissidentes. Fico intrigada por eles terem o trabalho de traduzir para a língua de seus inimigos antes de me lembrar que eles têm dois idiomas. O ilegível, que geralmente usam na região mais próxima à União; e o que é praticamente idêntico ao nosso, usado somente em seu território mais afastado. Não temos tempo de perguntar para Sofia de qual das duas regiões ela é e respiro fundo antes de procurar pela pasta certa.

Ainda ouço os alarmes tocando e prevejo que temos pelo menos cinco minutos para achar tudo e sair dali, antes que nos encontrem e a coisa fique feia. Peço para Sofia procurar na parte mais funda da gaveta, enquanto vejo o início. Sem muita sorte, só encontro documentos com “TO”. A categoria “Tóxico” tem mais de quarenta pastas e começo a pensar que isso vai levar mais tempo do que temos. Chego no TR e tenho um longo caminho até encontrar a palavra “tratamento”. Passo por trabalho, tradução, tráfego, trajeto... Meus dedos trabalham rapidamente e me deparo com *transatlântico*. O primeiro arquivo com esse nome é “Transatlântico Alberto III”; depois vem “Elizabeth IV”, “Herllon” e “Jacques III”.

Reconheço esses nomes. São navios que afundaram saindo de Kali em direção a Arkai ou Hari. Sei disso, pois me recordo da maior parte das aulas de história em minha antiga escola. Alguns deles levavam refugiados como eu para o continente Pacífico ou, no sentido contrário, embarcando marinheiros e soldados para as linhas de guerra.

Sinto as mãos suarem enquanto os nomes vão passando pelos meus olhos. Sei exatamente o que estou procurando. De alguma forma, tenho certeza de que “Titanic III” está em uma das pastas. A curiosidade é maior que meu senso de dever. Esqueço por um momento a missão, o risco que corremos e sinto uma nova onda de ódio ao perceber que provavelmente todas aquelas pessoas morreram em razão de um ataque dos dissidentes. Será que não existe limite para a ambição deles?

Finalmente a encontro, exatamente no mesmo segundo em que Sofia dá um grito de triunfo e levanta uma pasta. Sinto as bochechas ficarem vermelhas e não sei se é de vergonha por ter esquecido que estou no meio de uma missão ou de raiva porque não terei tempo nem para abrir o arquivo do navio.

Sofia caminha até mim e me entrega o documento, lembrando muito um cachorro que acabou de fazer um truque novo e espera por uma recompensa. Agradeço a ela e pego a pasta de sua mão, juntando-a à que peguei sobre o navio, na esperança de

que ela não repare que existe uma pasta a mais. Empurro a gaveta com uma mão e ela se fecha automaticamente, sem nenhum barulho. Vamos ao encontro de Andrei.

Um Andrei com cara de desespero se debruça sobre uma gaveta e parece totalmente perdido. Ele ainda nem chegou à metade. Se o arquivo da letra T era grande, o da I é imenso. Nós duas nos juntamos a ele e rapidamente chegamos à parte de “Inserção”, que parece ocupar quase toda a gaveta. Os alarmes param subitamente e isso nos apressa, fazendo nossos dedos correrem rapidamente pelas pastas. Não temos mais tempo. Tenho certeza de que vão nos pegar.

E aí Andrei grita um palavrão e puxa uma pasta de dentro da gaveta.

Só então percebo que estou prendendo minha respiração e a solto, lentamente. Nós conseguimos. *Nós conseguimos*. Abro minha mochila com as mãos trêmulas e tiro a caixa mágica com cuidado para não deixar que Andrei e Sofia percebam que há outro arquivo. Espero que eu tenha tempo para tirá-lo dali antes de chegarmos ao território da União. Tenho a impressão de que ficarei seriamente encrocada se descobrirem. Ainda assim, sinto como se a pasta estivesse me chamando, pedindo para ser lida. Brinco com as alças da mochila, nervosa.

– Temos de sair daqui – Andrei diz, empurrando a gaveta com o joelho e fechando-a. – Acho que Leon ainda consegue acionar os alarmes mais uma vez, mas não temos tempo a perder.

– Certo. – Minha voz sai meio trêmula e me recomponho. – Você sabe para onde temos de ir?

Ele balança a cabeça em negativa. Eu suspiro, tomando a dianteira. Sofia segue logo atrás. A garota anda muito perto de mim, como se estivesse buscando minha proteção ou algo assim.

Ouçó passos se aproximando assim que chegamos ao cruzamento de corredores e dou um passo para trás, encostando na parede. Sofia esbarra nas minhas costas e quase cai, sendo equilibrada por Andrei, que a puxa para a parede ao meu lado. Os passos se aproximam cada vez mais e Sofia, entre nós, segura nossos braços com força, com uma expressão de alerta.

São quatro soldados que param no cruzamento com uma expressão entediada. Prendo a respiração, contando os segundos para que eles nos achem e tudo termine. Um deles se vira em nossa direção e fecho os olhos, ouvindo-o se aproximar. Vovó Clarisse costuma dizer que se você for morrer, é melhor nunca conhecer o rosto do seu assassino. Ela diz que nesse jogo, todos temos o mesmo tanto de culpa. Não adianta assombrar um peão quando ele só cumpre ordens.

Meu coração bate tão rápido que, se não morrer nas mãos dos inimigos, posso morrer de enfarte. Espero pelo grito dos soldados, pelo momento em que seremos presos e, quem sabe, torturados. Decido que prefiro morrer a ser uma cobaia cheia de fios dentro de um tanque. Continuo esperando alguma reação. Nada. Ouçó passos se

afastando de nós. Abro os olhos e percebo que os soldados andam em direção à sala de arquivos que invadimos, como se não tivessem nos visto. Olho para Andrei e ele olha para baixo, na direção de Sofia.

Ela levanta os olhos para mim. Seu rosto está pálido, seus lábios estão sem cor e uma camada de suor cobre a testa. Andrei a segura por um braço e eu imito seu gesto. Apesar de tudo, ela dá uma piscadela e um meio sorriso e, finalmente, entendo. Ela pode ficar invisível. Ela pode nos tornar invisíveis.

Capítulo 25

Andrei se aproveita do evento inesperado para nos fazer continuar andando. Provavelmente os soldados ficarão algum tempo no arquivo analisando o que aconteceu e, se ficarmos ali, nossa situação só vai piorar. Por precaução, Sofia entrelaça os dedos nos meus e tento não me preocupar com o tremor em sua mão. Andrei nos puxa para o meio do corredor quando saímos da encruzilhada, mas eu os puxo novamente para junto da parede. Não é seguro, mesmo invisíveis, andar por aí como se fôssemos donos do lugar. Também imagino que seja difícil para Sofia estender seu poder para todos nós, então imponho um ritmo rápido, mas cuidadoso.

É quase como se fôssemos fantasmas nos esgueirando pelos corredores da fortaleza sem que ninguém nos veja. Como estou à frente, tento ir para a direção que considero a mais certa, a oposta a que nós viemos. Andrei me corrige algumas vezes com toques no ombro e sinais, mas seu silêncio indica que provavelmente estamos indo para alguma saída. As câmeras de segurança voltam a aparecer e sinto Sofia apertar minha mão com mais força. Fico apreensiva porque não sei se podemos ser vistos pelas câmeras ou se é porque ela está cansada.

Os alarmes voltam a soar exatamente cinco minutos depois de terem parado pela primeira vez. Tenho a impressão de que estão mais altos e ouço também gritos e passos apressados. Temos de nos espremer contra a parede quando um grupo de dez soldados passa correndo por onde estamos e Andrei aproveita o barulho das botas batendo no chão para falar com Leon pelo comunicador.

Nenhuma resposta.

Torço para que Leon não tenha simplesmente ouvido e não acontecido algo pior com ele e Ava. Se acionaram o alarme novamente, é porque estão bem. Enxugo o suor da minha mão livre no jaleco e Andrei inclina a cabeça até ficar perto de mim.

– Temos de bolar um plano. – Seus lábios se movem sem que quase nenhum som saia. – Não podemos continuar andando sem rumo dessa maneira.

Penso que se estivéssemos com Brian, ele poderia atravessar pelas paredes com Sofia até encontrar a saída e depois vir nos buscar. Imagina só? Mas não é possível. Eu e Andrei somos praticamente inúteis fora da água e Sofia não parece aguentar dividir seu poder com a gente por muito mais tempo. Temos de achar Leon e sair daqui o mais rápido possível.

– Leon deve estar nos procurando. Ele provavelmente vai nos achar por causa do nosso batimento cardíaco, cheiro ou algo assim.

– Você é muito engraçada. – Andrei levanta uma sobrancelha. – Acho que temos de sair da fortaleza e esperar um pouco do lado de fora. Se Leon e Ava não aparecerem, vamos embora.

Franzo a testa, tentando não perguntar como exatamente nós vamos embora, e concordo com a cabeça. É um plano melhor do que ficar ali e esperar por Leon; não consigo pensar em nada que seja mais efetivo do que isso. Não quero pensar na hipótese de Leon e Ava não nos encontrarem, porque não sei o que aconteceria se voltássemos sem eles.

Deixo Andrei nos guiar e mergulho em meus pensamentos. É a primeira vez que realmente fico apreensiva quanto a isso. Antes, todo o nervosismo era pela missão, pela viagem, pelo desconhecido, por correr o risco de ser pega. Não havia parado para pensar que há a possibilidade real de não voltarmos ou de não voltarmos por inteiro. Sinto o estômago revirar e várias imagens retornam à minha memória – explosões, tiros, gritos, rostos de pessoas que se foram, coisas que aconteceram no que parece ser outra vida.

É fácil se acostumar com a vida em Pandora. É fácil esquecer tudo o que eu tinha visto antes, em Kali. É mais fácil deixar que as pessoas que conheci em Arkai se acomodem no meu coração, sabendo que não corremos risco nenhum.

E, ainda assim, aqui estamos. Sendo obrigados a colocar nossas vidas em risco por causa de outros. Eu acho que, na verdade, ninguém nunca está a salvo.

Sofia para e saio dos meus devaneios quando esbarro nela. Enquanto andávamos nem percebi para onde estávamos indo, confiando totalmente no senso de direção de Andrei. Sinto-me confusa e percebo que estamos em um cruzamento de corredores; dois soldados estão se aproximando de nós.

Ouçõ Sofia abafar um grito com as duas mãos. Demoro a perceber que se ela não encosta em nós mais, então estamos visíveis e, antes que eu possa reagir, Andrei é empurrado com força contra a parede por um deles. Ele tenta se soltar, sem muito sucesso. A pessoa que o segura provavelmente tem o dobro de sua força, embora seja só um pouco mais alta.

– Ava! Ava! Pare! São eles! – A voz me faz desviar o olhar para o outro lado do corredor. Leon aparece todo vestido com uniforme militar e sem nenhum arranhão, exatamente como estava quando nos separamos.

O alívio é quase imediato e praticamente me joga nos braços dele e o aperto com força. Ele retribui o abraço e posso quase sentir a tensão se dissolvendo, o que é extremamente perigoso. Ainda não estamos a salvo. Há a velha história do desarmador de bombas que se sente vitorioso antes do fim e acaba se explodindo. Espero sinceramente que não seja esse nosso caso.

Ava larga Andrei e parece muito constrangida enquanto pede desculpas. Gasto alguns segundos explicando para Leon quem é a garota que está conosco. Ele não parece muito contente, mas a aceita no grupo. Até porque ele não vai sair correndo e largar a menina sozinha a sua própria sorte.

Nos organizamos em fila, de forma que eu e Sofia ficamos no meio, com Leon à nossa frente, Ava nos guiando e Andrei por último, atrás de mim. Leon me entrega uma das pistolas que são parte do arsenal dos guardas e a seguro com firmeza entre os dedos, pronta para usá-la quando necessário apesar do nervosismo que ela me causa. Ele dá o rifle para Andrei e fica com a menor arma de todas, provavelmente porque não faz muita diferença, já que ele não consegue enxergar o alvo.

– Você sabe usar isso? – pergunto para Andrei com um sussurro.

– O quê? Essa arma? – ele levanta o cano do rifle na minha direção, apontando sem jeito para meu rosto. Levanto a minha por reflexo, alerta. Ele é um soldado patético.

– Não aponte isso para mim! – Meu tom é de irritação enquanto o observo pendurar o rifle no ombro, imitando o gesto de Ava.

– Você quer trocar? Tenho certeza de que você sabe atirar melhor do que eu.

– Não. – Seguro minha pistola com força. Sou pequena demais para aguentar o coice de uma arma maior. Todas as vezes que treinava em Kali saía com um ombro dolorido e com dor de cabeça por causa dos gritos do professor. – Só tente não acertar nenhum de nós.

Andrei levanta uma sobrancelha para mim, em sua expressão máxima de descrença. Seus lábios se curvam em um quase sorriso de deboche, como se eu fosse idiota por duvidar de sua capacidade. Sei que os anômalos têm vários treinamentos militares também, mas não deixo de ficar apreensiva. Uma coisa é a teoria, outra é a prática. Se chegarmos a uma situação em que tenhamos de usar as armas, conseguiremos? Será que somos capazes de puxar o gatilho e ferir alguém?

– Pode deixar – ele responde por fim, segundos antes de Leon nos repreender pelo barulho. O silêncio que se sucede é mais confortável que os momentos em que estávamos só eu e Andrei. Agora, somos cinco pessoas, quatro delas com armas. É a última etapa da missão, os últimos metros antes de podermos voltar para casa.

Mas também é a etapa mais perigosa. Caminhamos a passos rápidos e para mim parece que andamos em círculos. Os corredores são todos iguais, com suas paredes revestidas de metais e portas que dão para lugares desconhecidos. Eu e Sofia temos de praticamente correr para acompanhar os outros. Os alarmes ainda soam pela fortaleza e, com a precisão que Ava nos guia pelo caminho, tenho quase certeza de que eles fizeram algum estrago grande na direção oposta a de onde estamos. Provavelmente explodiram algo. Seria uma sala de controle?

Não se passa muito tempo até que Leon nos avise que alguém se aproxima. Mesmo andando rápido, os passos ficam cada vez mais próximos, a ponto de conseguirmos ouvi-los. Tenho a impressão de que estão na nossa cola e que sabem exatamente aonde vamos. Quase instintivamente transformamos nossa caminhada em uma corrida. Temos de sair dali antes que nos peguem. A expressão de Ava é de concentração, como se pudesse imobilizar nossos perseguidores ao franzir a testa o suficiente.

Chegamos a outro cruzamento de corredores e Andrei sussurra algo que soa como “estamos quase lá”. Ava dá um passo para a frente e tudo acontece rápido demais: um vulto preto, um barulho de tiro e Ava caindo.

E, dessa vez, Sofia não consegue abafar o grito.

Capítulo 26

Às vezes, a diferença entre a vida e a morte são alguns segundos. Segundos preciosos que as pessoas perdem ao ficarem surpresas ou temerosas. Segundos que podem ser gastos com coisas simples, como se abaixar e sair da mira de uma arma.

Existem pessoas que conseguem manter a calma e não se desesperar, independentemente da idade, e existem aquelas que entram em pânico.

Sofia é claramente parte da última categoria. Ela grita tão alto que parece Naoki usando seu poder e preciso tampar sua boca e arrastá-la comigo para a parede oposta à direção de onde os tiros vieram. Ela agarra minha mão com força, seus dedos ficando brancos. Seu corpo treme de encontro ao meu e mesmo sem sentir as lágrimas em minha mão, sei que ela está chorando. Posso até ouvir seus pensamentos: não vamos sair daqui. Pelo menos não com vida.

Andrei se posiciona à nossa frente, abaixado perto da parede, o rifle empunhado na direção do corredor, mas Leon ainda permanece onde está. Fecho os olhos ao perceber que ele provavelmente não faz ideia do que está acontecendo, já que realmente não viu nada e deve estar muito confuso com os barulhos. Sofia se vira para afundar o rosto no meu ombro e me segurar com força.

No corredor, vejo Ava se levantar com o rifle empunhado. Ela não parece, em nenhum momento, a garota de 15 anos insegura que conheci no trem. Seu rosto não está por inteiro no meu campo de visão, mas o que vejo é fúria. Não encontro nenhum machucado aparente, então acredito que o uniforme roubado tenha algum colete à prova de balas, impedindo de acontecer o pior.

– Leon – ela chama, olhando na direção do garoto. Seu tom é contido, mas há algo de perigoso nele. – Junte-se a mim. Eles estão à esquerda e são sete.

Leon caminha em sua direção, apontando a arma para a frente. Imagino que, mesmo sendo cego, sua supersensibilidade o ajude a não atirar nas pessoas erradas. Ava nos encara rapidamente, de forma a parecer que ela só está verificando os arredores. Andrei faz um sinal de positivo. Nós estamos bem e entendemos o recado.

– Onde está a garota? – A voz vem do lado esquerdo e é áspera, com um sotaque carregado que me faz demorar a entender. – A garota que gritou.

– Eu sou a garota que gritou – Ava responde não muito convincente, mas com um tom ameaçador.

Ava está escondendo nossa existência, então provavelmente quer emboscá-los. Ou isso ou está tentando proteger Sofia. Leon se encontra um pouco atrás de Ava e parece extremamente perdido. Ao contrário do que imaginei, percebo que ele não sabe muito bem o que fazer. Provavelmente o excesso de estímulos o está deixando desorientado. Isso não é nada bom.

Ava parece ser o membro mais forte do grupo e o mais preparado para a situação, seguido de Andrei. Por mais que eu tenha vivido em uma zona de guerra e aprendido mais do que todos eles, não tenho exatamente o físico de alguém que investe contra um grupo de sete soldados treinados. Há um motivo pelo qual me dou melhor com a parte mais técnica: penso demais.

Então eu me lembro que, além disso tudo, ainda existem os *poderes*. O meu e o de Andrei são praticamente inúteis fora da água, mas Sofia pode nos ajudar. Abro a bolsa de ferramentas e vejo o que posso usar para nos tirar dali. O plano se forma rapidamente em minha cabeça.

– Se vocês não disserem onde está a garota, nós vamos matá-los. – Há finalmente uma resposta, depois do que parecem longos minutos de silêncio.

– Se vocês nos matarem, nunca vão saber onde ela está. – O tom de Leon é petulante e parece mais adequado a Andrei do que a ele.

Eu quase rio quando há outro silêncio em resposta. Provavelmente eles têm tanta dificuldade com nossa língua quanto temos com a deles, por isso a demora. Se eu conseguir com que eles fiquem mais tempo entretidos, meu plano funcionará perfeitamente.

– Andrei – eu sussurro e ele vira o rosto, batendo a cabeça contra a minha. Faço uma careta e me aproximo do ouvido dele. Sofia levanta o rosto e olha para nós, se aproximando também. – Você confia em mim?

– Você escolheu esse momento entre todos os outros para discutir a relação? – ele responde descrente, mas de um jeito carinhoso. Meu coração dá um pulso. Isso não é hora de sentir coisas estranhas! Tento manter o foco.

– Cala a boca! Não é isso – sussurro com medo de atrair atenção indesejada. – Tenho um plano.

– Mas você precisa que eu confie em você. – Ele completa, encostando a testa na minha. – Você tem alguma dúvida?

Sinto um calor esquisito dentro do peito e desvio os olhos para Sofia, que parece constrangida. Foco. Eu preciso de foco. De alguma forma, parece que a responsabilidade de tirar todos dali não pertence a ninguém além de mim.

– Na próxima vez que ele falar e ficar em silêncio, você corre e atira neles. Não precisa mirar, é só atirar. Mas tem de ser rápido para pegá-los desprevenidos. Ava provavelmente vai se juntar a você, então você precisa correr logo depois – explico,

voltando a olhar para ele. Andrei concorda com a cabeça de forma não muito convincente e olha para Sofia, provavelmente pensando no que vamos fazer com ela.

– Andrei, estou falando sério. Você *foge*. Você vai ficar responsável por Leon e Sofia.

– Desse jeito parece que é *você* que não confia em mim.

– Sofia, preciso que você fique invisível e vá até Leon. Pegue a mão dele suavemente e diga que é você. Vocês têm de andar na direção oposta e esperar, invisíveis, que Andrei apareça. Aí vocês vão atrás de uma saída. – Eu a afasto de mim, olhando-a com seriedade. Seus olhos estão vermelhos e ela está tremendo um pouco, mas concorda com a cabeça. – Você terá pouco tempo para fazer isso, então não pode ter medo, tudo bem?

Ela concorda novamente e aperto um pouco seu ombro. Não consigo deixar de pensar em quão corajosa ela é, por estar se juntando a nós e parecer confiar em mim tão abertamente. Também não consigo afastar a suspeita de que talvez seja uma isca implantada para nos emboscar. Mas não acho que os dissidentes sejam tão inteligentes assim.

– Por que vocês não vêm nos pegar? – Ava grita depois de um tempo, com tom de provocação. Ela provavelmente viu minha movimentação e entendeu que tenho alguma carta na manga. – Estão com medo de duas crianças?

Ouçoo reações raivosas, mas nenhum deles se aproxima. Não sei o que estão esperando. Talvez tenham medo de que Ava seja uma anômala com poderes radioativos ou algo assim. Encosto no ombro de Andrei, pedindo que ele espere. Ainda não é a hora.

– Nós vamos pegá-los! – A resposta vem como um grunhido.

– O que estão esperando? A cavalaria? Porque, sinto lhes informar, nós não somos os únicos aqui. Provavelmente a essa altura nossos companheiros já pegaram seus amigos. É provável que já estejam indo embora com a menina, levando-a para longe. – Ela mente, com um meio sorriso. – Vocês vieram atrás das pessoas erradas. Então venham. Aproximem-se! Quero ver vocês nos derrubarem.

Sinto o corpo de Andrei se flexionar ao meu lado, pronto para correr. Ava olha para nós por alguns segundos e volta a olhar para eles, provavelmente também não entendendo por que ainda não fomos atacados. O que será que Ava e Leon fizeram para chamar a atenção que os deixou tão assustados?

– Vocês estão mortos – grita um dos soldados, com seu sotaque ainda mais carregado. – Se seus amigos já foram embora... Mortos. A única coisa que nos impede de matá-los é que precisamos da menina. Então se isso é verdade, preparem-se para morrer.

– Ok, ok. Não vamos ficar tão violentos assim – Ava diz rapidamente. – Sei que explodimos a central de comunicação de vocês, mas sem ressentimentos, tudo bem? Vocês nos deixam ir e nós não fazemos a mesma coisa com vocês. Transformá-los em

churrasco ou em carvão? Aliás, dizem que carvão vira diamante se você o pressionar por tempo suficiente. Isso me lembra de uma pergunta que sempre quis fazer: é verdade que vocês acham que quando morrem vão para um céu de diamantes, onde ganham uma recompensa pelas suas ações em vida? É assim mesmo?

Ela continua a tagarelar e olha para nós duas vezes, deixando óbvio que só está fazendo isso para nos dar uma chance. Levanto três dedos, como sinal de que estamos quase prontos, e posiciono uma mão nas costas de Andrei. Dois dedos levantados e Ava continua tagarelando bobagens. Um dedo levantado.

– Vocês não deveriam ter ficado aí parados me ouvindo. De verdade – ela diz, e eu abaixo o último dedo, empurrando Andrei.

O barulho das balas contra as paredes de metal é ensurdecedor e Sofia começa a correr, desaparecendo no meio do caminho. Leon é o próximo a desaparecer, enquanto Ava se junta a Andrei, atirando cegamente. Dou um passo à frente, mas sem sair do corredor, e olho na direção dos soldados. Eles parecem parte de uma dança esquisita, alguns feridos movendo os braços loucamente enquanto outros tentam ajudá-los. Eles ainda não entenderam o que está acontecendo.

Mas não tenho tempo de ver o que acontece a seguir. Tenho poucos segundos antes que eles se recuperem e preciso fazer com que não nos sigam depois que sairmos daqui. Abro a caixa de ferramentas e pego uma das duas cápsulas pretas que estão ali dentro. Uma inspeção rápida me dá a certeza de que são redes de aranha, como chamamos em Kali. É um dispositivo que você coloca na arma para substituir uma bala normal e, ao ser disparado, cria uma rede forte e pegajosa, como uma teia de aranha. Geralmente é usada para capturar fugitivos. É anormal que elas façam parte do kit, mas vem bem a calhar no momento, quase como se tivessem imaginado que seria necessário. Tiro o cartucho da pistola que estou segurando e substituo duas das balas pelas cápsulas. Ficam um pouco folgadas, mas não acho que terei problemas.

No corredor, Ava empurra Andrei para seguir Leon e ele tem de sair abaixado, porque o inimigo começa a reagir. Ava dá mais dois tiros, sua munição acaba e ela olha para mim, confusa. Faço um sinal para ela ir andando com a arma em punho.

Existem várias formas de isso dar errado. A cápsula é menor que o calibre da bala, então ela pode não aguentar o impacto e explodir lá dentro. Pode não disparar e a arma explodir na minha mão. E se a rede não funcionar direito e não obstruir o caminho, o que vai acontecer comigo?

Aposto tudo na sorte quando aperto o gatilho, apontando a pistola para a parede em frente. Se eu tivesse calculado o tempo exato, não teria dado tão certo. No momento do disparo, um soldado avança diante dos outros, a fim de atacar Ava mais de perto, porém é pego em cheio pela rede, que envolve seu corpo e o faz parecer uma borboleta encasulada. Ava salta por cima do homem e se junta a mim, mas um dos soldados tropeça no amigo, sendo seguido por outro, e os dois também ficam grudados

na rede. São tão idiotas! Não esperamos para ver o que acontece e logo o barulho dos tiros recomeça. Eu me abaixo um pouco, com medo de ser atingida, enquanto corro, aguardando a oportunidade de atirar novamente. Ava praticamente me protege com seu corpo inteiro. Quando entramos em outro corredor, os tiros param quase imediatamente e são substituídos pelo som de botas batendo no chão, como uma tempestade.

Consigo ver pelo canto do olho a marca no uniforme de Ava onde ela levou o tiro. O tecido é à prova de balas, portanto, os tiros de Andrei não devem ter surtido muito efeito em nossos inimigos. O que quer dizer que todos aqueles soldados ainda estão em nossa cola. Bom, alguns estavam fora de ação por algum tempo. Aquele pelotão demoraria a nos alcançar.

Dou uma olhada rápida para trás e levo um susto. Quando foi que eles se multiplicaram? Ava disse que eram sete, mas conto pelo menos dez. A cada instante que perdemos, mais perseguidores temos. Daqui a pouco teremos um batalhão inteiro para nos derrubar. Se deixarmos isso acontecer, tenho certeza de que nunca voltaremos para Pandora. Tenho vontade de parar e tentar fazer outra armadilha, mas quando diminuo um pouco o passo, Ava praticamente me coloca no colo para não diminuir o ritmo. Começo a explicar que podemos impedi-los com a outra rede, mas ela não me dá ouvidos.

Não tenho a mínima ideia de onde estamos. Essa fortaleza é um maldito labirinto, impossível de sair. Enquanto amaldiçoo todos os culpados por estarmos ali, os soldados chegam mais perto, o som de seus passos cada vez mais alto e assustador.

A porta que marca o final do corredor se aproxima rapidamente, um pouco aberta. Vejo uma cabeça loira aparecer e desaparecer e sei que é para lá que estamos indo. Não é inteligente se esconder em uma sala em uma situação dessas, mas é melhor do que nada. Ava impõe um ritmo frenético de corrida, sinto meu peito queimar e minha respiração sair com dificuldade. Mas ao mesmo tempo, o ritmo dos pés que nos persegue fica mais urgente.

Falta pouco para chegar, não mais que alguns metros. Andrei estica as mãos para nós, como se esse fosse um jogo de pique-cola e estivesse nos esperando para poder se mover. Ava é a primeira a encostar, seguida por mim.

No momento em que nossos dedos se entrelaçam, sinto mãos me puxarem para trás de uma vez. Meu ombro faz um barulho, me desequilibro, fico sem ar e minha vista escurece. Antes que possa entender o que está acontecendo, sinto um puxão em meu cabelo. Isso só pode dizer uma coisa: eles me pegaram.

Capítulo 27

– Sybil!

Andrei grita e tenta agarrar meu pulso para impedir que me arrastem, mas quem me segura é mais rápido. Grito e esperneio, tentando me soltar, mas puxam meu cabelo com força suficiente para me fazer lacrimejar. Meus pés saem do chão e a pressão em minha cabeça se alivia quando me seguram pelo ombro. Tento dar um chute para trás, mas não atinjo ninguém e apertam meu ombro com força, me deixando sem ar. Com certeza ele saiu do lugar.

Com a vista embaçada, consigo ver Ava cercada e dois ou três soldados no chão. Provavelmente levaram uma surra dela. Na distância em que estamos, trocar tiros seria pedir por um massacre e, desde o início, é óbvio que as instruções dos soldados são para nos capturar vivos. Andrei tenta sair da sala, mas Ava o empurra de volta para dentro, sussurrando algo que não entendo. Minha arma, com a outra rede, está em algum canto e Ava tem de pegá-la.

– Ava, a minha arma! – Aponto com o pé para onde ela caiu. – Ava!

Meu captor me puxa pelo cabelo, com força, e mordo a língua sem querer. Fecho os olhos, respirando fundo. Avalio minhas chances de fugir. Minhas mãos e meus pés estão soltos e acho que estou sendo segurada pelos ombros e pelo cabelo. Levo a mão que consigo mexer à cabeça. Em vez dos puxões de cabelo, sou atingida pela parte de trás de um rifle na altura da costela. A dor é avassaladora. Sinto como se todo o ar tivesse saído dos meus pulmões e nunca mais fosse voltar, como se dezenas de pequenas garras estivessem me rasgando por dentro. Minha vontade é de me encolher até que isso passe, mas estou suspensa como um porco esperando o abate.

– Não a machuque – Ava diz em um rosnado baixo, mas poderoso.

– Diga para seus amigos saírem daí de dentro e nós a soltamos. – A resposta vem do meu captor, que revela ser uma mulher. Ela fala praticamente sem sotaque e, pelo seu tom, suponho que deva ser a chefe da operação. – Caso contrário, creio que achará interessante ver o que podemos fazer com ela.

Prendo a respiração, tentando lidar com a dor e com o que acabo de ouvir. Eles estão me usando como chantagem? Estão ameaçando fazer algo comigo caso meus amigos não se entreguem? O que fariam conosco? Provavelmente nos prenderiam em uma cela e nos tratariam como animais, nos investigando e sondando, até entender

como funcionamos para depois tentarem criar uma cura para nossa *doença*. Sinto minha raiva aumentar.

– Vá em frente então. – Ava parece indiferente e não sei se sinto alívio ou medo. – Mas eu me sinto na obrigação de avisá-la que ela não fica muito *amigável* quando está irritada.

Olho para os lados rapidamente e percebo o desconforto reinar entre os soldados. Boa carta para se jogar, Ava. Eles sabem que nós somos anômalos, mas não fazem ideia dos nossos poderes. Será que foi isso que os impediu de se aproximar?

Movo os dedos só para ter o pequeno prazer de vê-los se afastar. A mulher me segura com mais força pelo cabelo, mas ainda assim deixa minhas mãos livres. Eles morrem de medo de mim, que não posso fazer nada de verdade contra eles, por causa de sua ignorância. Saber disso me dá uma energia renovada para tentar me soltar.

Provavelmente a comandante supôs que sou a mais inofensiva por causa do meu tamanho. Ela poderia ter pegado Ava, mas Ava a teria destruído antes que ela pudesse saber o que a atingiu. De alguma maneira, sinto vontade de mostrar que ela está enganada, que cometeu um erro ao vir atrás de nós. Mostrar que cinco crianças anômalas são mais poderosas que um batalhão de dissidentes.

Levanto as mãos, apesar da dor que sinto em um dos ombros, e encontro o braço que segura meu cabelo. Agarro-o com força, envolvendo-o com as duas mãos, e aperto. A pressão em minha cabeça aumenta e ela me sacode, tentando me fazer parar de tocá-la. Finco as unhas no tecido de sua roupa até encontrar sua pele e ela começa a berrar algo para seus subordinados em uma língua que não entendo, soltando meu ombro e me deixando ficar em pé.

Eu me viro e olho para ela com meu melhor olhar maníaco, sem soltá-la. Consigo pegar seu outro braço e a seguro com força, impedindo sua movimentação. Ela não solta meu cabelo, apesar de tudo, e sei que serão poucos segundos antes que perceba que não está acontecendo nada. Talvez eu devesse entrar para o grupo de teatro da escola quando voltar para Pandora. Ela berra novamente e ouço o barulho de uma arma engatilhando.

Tenho certeza de que essa é a hora que eles vão me matar, então fecho os olhos e prendo a respiração. Pela primeira vez desde que me tornei anômala, desejo que meu poder seja algo mais *potente*. Algo que não envolva só a habilidade estúpida de não morrer afogada.

Mas o golpe final não vem e, em vez disso, são gritos que me fazem abrir os olhos e ver o que está acontecendo. Gritos vindos da mulher que me segura, que se debate loucamente tentando me soltar em vão. Não consigo entender por que ela ainda não reparou que o que estou fazendo é só uma distração, uma mentira, até que olho para ela e a vejo chorando. E suando. E secando a olhos vistos.

Meu primeiro reflexo é soltá-la e correr, mas sua mão continua presa em meu cabelo. E ela continua berrando, berrando e berrando, enquanto tento me soltar, incapaz de fazer nada, incapaz de dar ordens ou de entender o que está acontecendo. Ninguém se move. Nem seus aliados. Ninguém parece compreender nada. Andrei sai da sala e vem em minha direção, sendo seguido por Ava, que derruba qualquer um que se aproxime de nós. Olho desesperada para Andrei quando se aproxima e começa a tirar meu cabelo da mão da mulher. Tento ajudá-lo, mas a mulher faz de tudo para nos impedir. Andrei parece irritado e dá um dos melhores socos que já vi no rosto da comandante, deixando-a desacordada, o que não ajuda muito, pois parece que a mão dela está colada em meu cabelo.

Os soldados saem do transe e avançam furiosos em nossa direção. Ava berra para corrermos. Sem muitas opções, Andrei pega a mulher desmaiada e a leva apoiada no ombro com dificuldade; então começamos a correr para a porta. Cada passo que dou é como se estivessem enfiando uma faca em minhas costelas e em meu ombro. São poucos metros, me esforço para continuar, me esforço para ignorar a dor, me esforço para acompanhar o ritmo de Andrei. Séculos parecem se passar no espaço de tempo que levamos até chegar à porta.

Estou em um estágio em que tudo é surreal demais, como se fosse parte de um sonho esquisito. Dos barulhos de tiro até a voz do garoto me incentivando para correr mais rápido, dizendo que falta pouco, tudo parece estar a quilômetros de distância. A única coisa que parece real é a dor, o barulho do meu coração desesperado e a pressão incerta na minha cabeça, que vai e vem conforme o ritmo das batidas do meu pé no chão.

Sinto um alívio enorme quando a porta se abre à minha frente e praticamente me jogo para atravessá-la. A próxima coisa que sei é que estou no chão, fazendo o máximo possível para respirar sem sentir dor. Ouço Ava dizer algo e Leon responder. Imagino que encontraram uma forma de nos trancar aqui e isso nos dará algum tempo antes que os soldados invadam a sala. Vejo Sofia engatinhar em minha direção, mas ela passa direto para algum lugar além de onde estou. Andrei. Ela está tentando chegar até ele.

Tento me levantar com dificuldade, mas sinto a pressão em minha cabeça voltar e me obrigar a deitar novamente. Ainda estou presa pelo cabelo à mão da mulher, que está deitada ao meu lado, desmaiada. Me aproximo dela, com medo de que acorde, mas logo vejo que ela não vai acordar nunca mais. Consigo ver buracos de tiros em seu corpo, dois deles na cabeça. Seu próprio povo a matou.

Sinto o pânico subir pelo meu peito e me deixar sem ar enquanto me apoio em um dos braços. Andrei foi atingido. E se ele estiver morrendo nesse exato instante? E se ele estiver morrendo com uma bala que era para me atingir?

– Andrei? – Minha voz sai esquisita quando o chamo.

– Sofia, ajude-a a se soltar. – Seu tom na resposta é tão baixo que acho que é Leon, mas depois reconheço sua voz. O alívio é imediato.

Sofia engatinha agora em minha direção, com um canivete na mão. Tento me levantar, mas ela me empurra gentilmente contra o chão para que eu continue lá. Ela corta devagar meu cabelo, mecha por mecha. O processo demora um tempo dolorosamente longo e quando ela termina, a dor em minhas costelas já se tornou algo suportável.

– Você está bem? – ela pergunta em um sussurro e respondo com um aceno de cabeça, por mais que não seja verdade. – O que você fez?

Não entendo a pergunta, então não respondo. Apoiando na parede, consigo me sentar e analiso a cena. Andrei está sentado logo depois do corpo da mulher, observando algo com uma mistura de curiosidade e horror, enquanto Leon enfaixa seu ombro. Ava está na porta, segurando o rifle dela e de Andrei. Minha pistola está enfiada no coldre da calça. Estamos em algum observatório cheio de mesas metálicas, com um quadro branco pendurado em uma das paredes. As outras são cobertas por imensas janelas transparentes, onde posso ver somente o céu azul e o mar cinzento.

No meio, a mulher está deitada como uma boneca de pano, uma perna dobrada em um ângulo esquisito sob seu corpo e com a boca aberta. Seus lábios estão rachados, assim como o resto de sua pele. Mas o que chama mais atenção é a mão que segurava meu cabelo, que virou algo ressecado, cadavérico, feito de pele e osso e praticamente impossível de mover.

Então fica óbvio que *eu fiz aquilo*.

– Eu não sei – respondo fracamente. – Sinceramente não sei.

– O que Sybil fez? – Leon pergunta, levantando a cabeça em minha direção. – O que você fez?

– Parece que ela morreu desidratada. – Andrei franze a testa. – É como se Sybil tivesse tirado a água do corpo dela, sabe?

– Eu não fiz isso – respondo na defensiva. Sinto medo de alguma coisa, mas não sei dizer exatamente o que é.

– Você fez sim. – Ava olha para mim e não consigo identificar o que ela está sentindo. – Você pegou o braço dela e, quando eu vi, ela estava, tipo, escorrendo. Foi assustador.

– Eu não fiz isso! – volto a repetir com insistência.

– É comum que no início você não saiba o que possa fazer, nem saiba controlar seus poderes direito – Leon explica em tom professoral, como se nada disso fosse incomum. Como se todo dia algum amigo dele desidratasse alguém e seguisse a vida adiante. – Você estava muito estressada, então seu corpo deve ter se defendido como podia.

– Eu já disse que não fiz isso. – Olho para o lado de fora, me sentindo desconfortável com tudo.

Eu havia desejado aquilo: um poder mais útil. Porém, ter uma habilidade como essa é bizarro demais. Se eu soubesse que alguém poderia desidratar outra pessoa só por sua vontade, mandaria enjaulá-lo no mesmo instante. Não é mais divertido. É perigoso demais. Um verdadeiro circo de horrores.

– Precisamos sair daqui. – Andrei quebra o silêncio e desvia a atenção do assunto constrangedor. – E a nossa melhor chance é quebrar esse vidro e sair por ele, enquanto os soldados não conseguem entrar aqui. Devemos estar a uns cinco ou seis metros de altura, então não vamos nos machucar muito na queda.

– Que sala é essa, afinal? – pergunto, me apoiando em uma das mesas para me levantar. Sinto a dor voltar e me curvo, colocando uma mão na barriga. – Acho que quebrei uma costela. E desloquei um ombro.

– Então não se mova – Leon responde e caminha com rapidez em minha direção, me segurando com mãos firmes.

– É uma sala de observação. Eles praticamente não usam, porque não têm nada para vigiar lá fora. Mas isso também quer dizer que a porta é reforçada – Ava responde.

– Ela é reforçada, mas não vai aguentar o resto da vida. Aposto que estão tentando arrumar uma forma de abri-la nesse instante – Leon complementa. – Mas eles devem demorar bastante, porque têm de mandar mensageiros por toda a fortaleza para trazer reforços.

– Vocês realmente explodiram o centro de comunicação deles? – Andrei pergunta, olhando para Ava com um meio sorriso.

– Bem, eles nos deram seis granadas. Bastaram duas – ela diz, retribuindo o sorriso. – E usamos outra para promover a primeira distração.

– Isso quer dizer que ainda temos três granadas. Hummm.

Não é necessário ser um especialista em comportamento humano para saber que a expressão de Andrei e a forma com a qual ele caminha ao longo da janela, como se a analisasse, significam que ele está pensando em algo.

– Não vai funcionar – diz Leon, ainda me apoiando.

– Você não sabe onde estou nem o que eu estou pensando. Como é que você diz que não vai funcionar?

– Claro que sei que você está apoiado do lado da janela, Andrei. Você respira tão alto que seria capaz de acordar um morto. Quanto ao plano, não é preciso ser um gênio para deduzir que você quer usar uma das granadas para explodir a janela e podermos pular por ela. – A resposta é dada em um tom de obviedade e Andrei cruza os braços, irritado. – Acredito que a queda não vá nos matar, mas você já analisou o vidro? Já viu se é realmente um vidro ou se é outra coisa?

– Seja lá o que for, não seria capaz de resistir a uma explosão, Leon.

– Nem a gente. Essa sala é pequena demais.
– Poderíamos nos esconder.
– E depois que tudo explodir, sair correndo o mais rápido que podemos e nos jogar? Andrei, eu sou cego. Você levou um tiro no ombro. Nós temos uma criança. Sybil mal consegue andar. – Quando ele fala meu nome, aperta um pouco meu ombro bom de forma que espero que seja reconfortante. – A única pessoa aqui em condição de fazer o que você propõe é Ava.

– Não é uma ideia tão ruim assim – Ava diz, em um tom defensivo. – Pelo menos é uma alternativa. O que você propõe?

Leon não responde nada e sinto a tensão ficar ainda maior. Desvio o olhar para Sofia, que me olha de forma assustada. Logo percebo que Andrei e Ava também estão olhando para mim, à espera de minha opinião. Lambo os lábios ansiosa.

– É um bom plano B – respondo, evitando olhar para Andrei. – Mas nós precisamos de um plano A que não envolva a possibilidade de nos transformar em carvão.

– E qual é a sua sugestão? – Andrei parece me desafiar.

– Preciso saber o que temos para bolar algo, não é?

Tiro a mochila das costas e coloco em cima da mesa em que estou me apoiando. Começo a tirar tudo o que tenho de dentro dela devagar e Sofia vem me ajudar. A pasta com os arquivos, a caixa de ferramentas com as duas cápsulas da rede de aranha e um alicate a menos, uma muda de roupa, um kit de primeiros socorros intacto e um saco com comida desidratada e água.

Andrei me imita e depois pega a mochila de Ava, deixando-a só com suas armas, enquanto Sofia descarrega a mochila de Leon. Ava e Leon usaram seus kits de água e comida por inteiro, mas eu e Andrei não. Além das roupas de cada um, temos três granadas, duas facas, um rolo de corda, as plantas da fortaleza, três pistolas, minhas ferramentas, dois rifles, munição e uma bússola.

A primeira coisa que faço é abrir um dos kits e procurar por algo para diminuir a dor. Acho uma cartela de comprimidos e engulo três, não me importando muito com a forma correta de tomá-los.

– Vocês têm comida? – Sofia se aproxima e apoia na mesa ao meu lado.

– Não muita – Andrei responde e dá seu saco de comida para ela. – Pode comer. Não estou com fome.

– Eu não queria falar nada, mas acho que essa não é a melhor hora para fazer um banquete – Ava nos repreende irritada. – Não sei quanto a vocês, mas quero voltar para casa logo.

– Voltar para casa? Que horror, Ava! Não está se divertindo nas suas férias com seus melhores amigos e a hospitalidade dos nossos anfitriões? – Andrei responde com um sorriso travesso, fazendo pequenas covas em suas bochechas. Ava fica menos carrancuda

com isso e abaixo os olhos, me sentindo desconfortável. – Sybil, você é a nossa mecânica. Como podemos usar essas suas coisas para sair daqui?

– Podemos bater na janela até quebrar, que tal? – respondo no mesmo tom de brincadeira que o dele e depois suspiro. – Se Naoki estivesse aqui, ela poderia dar um grito supersônico e aí estaríamos fora.

– Vivos, mas surdos. Eu poderia viver com isso – Andrei brinca.

– Mas ela não está aqui – Leon diz sério. – E se você quiser vê-la novamente, temos de arrumar um jeito de sair. E estamos esquecendo que pode não ser vidro na janela. Existem compostos transparentes que são mais flexíveis em janelas grandes; é o que geralmente utilizamos na União. Pode ser algo que fazem aqui também.

Olho para os objetos espalhados pela mesa e tento pensar em algo. Se for vidro, a janela deve ser aparafusada pelo lado de fora, então não adianta usar as chaves de fenda de forma clássica. Talvez se atirmos nela, ele possa quebrar e nos dar passagem. Precisamos descobrir do que é feito, antes de mais nada.

– Andrei, pegue uma das chaves de fenda e vá até a janela – digo por fim. Ele olha para mim com curiosidade, mas obedece sem fazer nenhuma gracinha. – Veja se consegue enfiar na fresta entre ela e a parede. O que você sentiu?

– Ela afunda um pouco, mas depois para – ele responde, olhando para o espaço com curiosidade. – Sofia, traga uma mais fina, por favor, e coloque do lado da minha chave, bem aqui.

Sofia o obedece e fica na ponta dos pés para alcançá-lo. Os dois conversam em voz baixa enquanto se movem e fico extremamente curiosa.

– O que descobriram?

– A janela é colada na parede – Sofia responde com uma animação esquisita. – E quando faço assim, ela descola!

Uma janela colada. *Uma janela colada.* Isso é imbecil demais para que eu possa processar.

– Com certeza isso não é vidro ou essa cola não aguentaria. Deve ser algo mais leve – Andrei diz. – E acho que deve ser algum tipo de cola especial. Estudamos sobre isso. Existem algumas substâncias que quando aquecidas ficam mais resistentes e aumentam o poder de aderência. Provavelmente todo esse vidro é à prova de explosões.

– O que quer dizer que se tivéssemos explodido as granadas, só teríamos morrido – Leon conclui triunfante. – Cadê a rodada de agradecimentos por eu ter salvado nossas vidas novamente?

– Obrigado, mestre Leon – Andrei usa um tom quase robótico. – Não sei como teria sobrevivido a dezesseis anos da minha vida sem você.

– Leon, me ajude a guardar nossas coisas nas mochilas enquanto eles trabalham no vidro. Todos temos de ajudar se quisermos sair daqui e, quando terminarmos, é só ir embora – peço.

Rapidamente empurramos tudo para dentro de nossas bolsas, deixando só a corda e a caixa de ferramentas de fora. Imagino que seja mais fácil descer pela corda até onde der e depois se jogar no mar. A distância seria menor e o impacto também.

– Ava, você acha melhor nos ajudar ou ficar como guarda? – pergunto enquanto ajudo Leon a pendurar as mochilas nos braços.

– Vou ajudar a chegar até a janela. Se trabalharmos juntos, conseguiremos sair daqui mais rápido. – Ela caminha até mim e praticamente me levanta pelos braços, tornando meu esforço mínimo enquanto caminhamos em direção à janela.

Sofia e Andrei puxam a cola animadamente com certo grau de facilidade. Isso é esquisito além do que posso imaginar. Está fácil demais para ser verdade. Quando me aproximo, sinto uma leve corrente de ar que passa pela fresta já aberta por eles. Resolvo ajudá-los, imitando seus gestos, mas com um pouco de dificuldade, pois meu corpo todo dói quando me mexo.

A cola é grudenta e esquisita, mas sai com tanta facilidade quando puxo com a ponta da chave de fenda que fico espantada. É um trabalho estranhamente prazeroso e flui muito bem para todos nós. Andrei e Ava começam a empurrar o material transparente para cima, para desencaixá-lo da parede, e fica cada vez mais fácil soltá-lo.

– E se esse negócio cair lá embaixo? – Ava pergunta preocupada. – Será que ele pode quebrar? Não gosto da ideia de cair em cima dele.

– Acho melhor do que continuar aqui – Andrei responde e Ava dá um meio sorriso, continuando com o trabalho.

Sofia vem até onde estou e começa a me ajudar, suas mãos se movendo com uma rapidez que não consigo acompanhar. Ava e Andrei empurram novamente, para fora e para cima, e Sofia tem a presença de espírito de passar a chave de fenda ao longo do vidro, descolando apenas a parte que encosta nele.

Agora há espaço suficiente para enfiar pelo menos três dedos, o que torna ainda mais fácil tirar a cola. Mais um empurrão e um palmo livre. Começamos a trabalhar em uma das laterais e, com mais um empurrão, há espaço suficiente para eu ou Sofia nos esgueirarmos. Outro empurrão e os dois precisam se segurar para não se desequilibrar.

Andrei e Ava empurram mais uma vez e a janela se desencaixa, dando espaço suficiente para podermos sair.

Ao mesmo tempo que a porta da sala explode, dando passagem a um enxame de soldados raivosos e doidos para nos matar.

Capítulo 28

Os erros que cometemos nos últimos minutos são vários: não deixamos ninguém vigiando a porta, nos concentramos todos no mesmo lugar, abandonamos nossas armas para mover o vidro, ficamos de costas para o único ponto pelo qual poderiam nos atacar. Se isso fosse uma aula, e não a vida real, teríamos sido reprovados quase imediatamente. O problema é que aqui reprovação quer dizer morte.

Sou a primeira a gritar um aviso e me jogar atrás de uma das mesas, puxando Sofia junto comigo. Bato de barriga no chão e a dor que sinto é tão intensa que não consigo pensar em nada. Rolo de barriga para cima e fecho os olhos, respirando fundo para não desmaiar. Perder a consciência nesse momento é o mesmo que perder a vida.

– Sybil – Sofia sussurra e sinto a pressão de suas mãos em meus braços. Seu tom é urgente. – Sybil, não desmaie.

Respiro fundo mais uma vez e abro os olhos. Os olhos da garota mostram alívio e ela me segura pelo pulso. A sala está cheia de barulho de todo o tipo, e, entre tiros e gritos, não consigo entender nada do que está acontecendo. Ainda seguro a corda em uma das mãos e tento me concentrar no que posso fazer, mas a dor atrapalha meus pensamentos. Os comprimidos que tomei não fizeram diferença alguma.

– Fique acordada – ela diz e concordo com a cabeça. – Você consegue se mover?

– Devagar.

Ela me ajuda a sentar, pega a corda da minha mão e manda que eu não saia do lugar até ela voltar. Antes que eu possa impedi-la, desaparece e encaro a janela de vidro, reparando os inúmeros reflexos invertidos e borrados de soldados. Não parecem muito perto. Se não chegaram até mim, então estamos resistindo. Se estamos resistindo, temos alguma chance.

Procurro pela minha pistola. Então me lembro que está com Ava. Ava! Ela pode atirar a rede e impedir os soldados da porta por tempo suficiente para nos deixar sair! Preciso me levantar para avisá-la, mas só lembrar da dor me faz fraquejar. Sinto as bochechas queimarem de vergonha e olho para o chão, me sentindo péssima. Como posso ter deixado isso acontecer? Como posso ter me esquecido de tudo que aprendi em Kali para sobreviver?

Os barulhos da batalha se tornam cada vez mais alarmantes enquanto espero uma pequena eternidade por Sofia. Tento me esticar para ver o que está acontecendo e onde

estão os outros, mas tenho medo de ser vista. Preciso encontrar Ava e avisar da rede. O cheiro de munição fica cada vez mais intenso e quando estou começando a achar que a garota foi atingida, Sofia reaparece com as bochechas vermelhas e ligeiramente ofegante. Ela se acomoda ao meu lado e respira fundo algumas vezes, para se acalmar.

– O que você foi fazer? O que está acontecendo?

– Amarrei a corda para podermos sair. Andrei e Ava estão trocando tiros com eles. Como a porta é pequena, eles estão tendo dificuldade para entrar. Parece que Ava conseguiu se aproximar o suficiente para colocar algumas mesas viradas no meio do caminho – ela fala de forma objetiva, segurando o tecido da sua roupa com força. – Eu ajudei Leon a achar as granadas, mas ele quer que você já esteja do lado de fora quando eles explodirem tudo.

– Preciso dar um recado para Ava. Você consegue me ajudar?

Mas antes que Sofia possa responder, um barulho ensurdecedor vem da direção oposta de onde estamos e nos jogamos no chão novamente. Coloco uma mão por cima da cabeça de Sofia e sinto a mesa cair em cima de nós, nos esmagando contra o chão. Sinto o ar faltar e minha vista escurece novamente. A temperatura da sala aumenta exponencialmente e sei que eles tiveram de usar uma das granadas para conter o avanço.

Vejo Sofia mexer os lábios e, mesmo sem ouvi-la, sei que está rezando. Os dissidentes são adeptos de uma religião única, idolatrando uma divindade esquisita que é três pessoas em uma só e um profeta abençoado, ao mesmo tempo, e recorrem a ela (ou eles, não consigo entender) em momentos difíceis. Eu já soube de histórias de presos condenados que imploram para rezar antes da execução. É um conceito ultrapassado para nós da União, porque, embora possamos acreditar no que quisermos, a maior parte das pessoas não acredita em nada, como eu. Acredito em ações. Em fazer o que deve ser feito.

Mesmo com dor nas costelas, apoio as mãos no chão e empurro a mesa para cima o suficiente para Sofia poder sair e me ajudar. Nos escondemos atrás do tampo da mesa e vejo que ela amarrou a corda em um pedaço de metal fixo na parede intacta, ao lado da janela. Precisamos chegar até lá e sair o mais rápido possível. Olho por cima do ombro para procurar os outros. Sofia precisa avisar Ava da pistola.

A sala parece um inferno: as mesas mais próximas da porta estão pegando fogo e o calor se espalha cada vez mais pelas paredes metálicas. Desvio o olhar da porta quando percebo que dois soldados estão queimando, berrando de dor enquanto nos movimentamos. Os sons estão distorcidos em razão da explosão e parece que estou embaixo d'água. Um zumbido bem irritante fica nos meus ouvidos e balanço a cabeça, tentando me livrar dele sem sucesso.

As balas continuam zunindo em todas as direções, mas não me importo mais em ser atingida. Só quero sair daqui, viva ou morta. Torço para que alguém acabe com os

gritos de sofrimento dos homens que queimam com a explosão. De algum lugar à minha direita, Ava retribui os tiros com uma precisão absurda, derrubando mais um soldado nas chamas.

Andrei se aproxima abaixado por trás das mesas viradas, com Leon seguindo-o com uma expressão de dor. Se o barulho foi ensurdecedor para nós, o que teria feito a ele? E se não conseguir mais ouvir, o que acontecerá com ele? Andrei se acomoda ao nosso lado, ajudando Leon a se sentar também. Parece exausto e a bandagem no seu ombro está vermelha, manchada de sangue. Devemos compor uma cena maravilhosa, todos feridos e machucados.

A boca dele se mexe e ouço alguns sons, mas não entendo o que diz. Balanço a cabeça e aponto para meu ouvido, tentando explicar que não ouço nada. Então, ele aponta para a janela. Depois, aponta para Sofia e Leon. Depois para mim e, por fim, para Ava. Enfia uma pistola em minhas mãos e segue em frente e eu só posso supor o que ele quer que eu faça. Tento ver se é a minha, com a cápsula, mas Andrei me apressa. Falo da rede, mas ele não entende e aponta para a frente e para eles. Ele quer cobertura.

Leon o segue e faço um sinal para Sofia segui-lo também. Eles passam por mais duas mesas antes de se abaixarem perto do buraco que abrimos. Andrei explica algo com gestos elaborados e os dois concordam com a cabeça. Ele entrega as duas mochilas para Sofia e se levanta devagar. Nenhum dos tiros vai em sua direção. Sofia e Andrei ajudam Leon a passar pelo buraco, com dificuldade, e depois Sofia desaparece como se tivesse sido sugada para baixo.

O medo de um tiro acertá-los me impede de abrir o carregador, pois minhas mãos tremem. Andrei se abaixa novamente e anda até mim, mas quando está a uma mesa de distância, o barulho de extintor de incêndio desvia minha atenção. Não sei se me sinto feliz por minha audição estar voltando aos poucos ou se me assusto por eles estarem controlando o fogo. Pelo visto não é o suficiente, não sinto o calor diminuir. Com cuidado, levanto a cabeça e vejo três pessoas entrando com uma mangueira de emergência. Um soldado aponta a mangueira para as chamas e com uma facilidade espantosa a água apaga o fogo. Sinto um calafrio percorrer meu corpo e uma sensação esquisita, como um chamado. Como se a água, sendo jogada ali, quisesse que eu me aproximasse dela.

Olho para Andrei para ver se ele sentiu algo parecido, mas sua expressão só demonstra determinação. Ele indica a janela com a cabeça, me oferecendo o braço que não está machucado para que eu me apoie.

– Ava? – pergunto, testando minha voz. Ele olha para o lado direito e consigo vê-la atrás de uma mesa mais próxima, com o rosto vermelho e parecendo exausta.

Ela se levanta e dá um tiro, acertando o soldado que segura a parte da frente da mangueira. A água jorra descontroladamente por tempo suficiente para Andrei me

arrastar com dificuldade para uma mesa mais próxima da janela. Ava se aproxima também e estamos a uma mesa de distância.

– Só tenho mais três balas – ela anuncia. – E as granadas. Quando as explodo?

– Ava! Minha pistola tem uma rede de aranha! – digo desesperada. – Se você usar uma agora, vamos ter tempo de sair.

– Uma rede de aranha?

– É! Aquilo que usei no corredor. Qual é a minha arma? – pergunto nervosa. – Está com você?

Ava está com apenas um dos rifles e onde estava minha pistola não há nada. Ela olha para mim um pouco confusa.

– Eu não sei...

– Ava! – Andrei diz. – Precisamos sair daqui. Sybil está delirando.

– Eu não estou delirando, Andrei! – Entrego a pistola para ele. – Abra e veja se tem uma cápsula na munição.

– Sybil, eu atirei com essa pistola. Não tem nenhuma rede de aranha ou sei lá o quê!

– Mas Ava estava com minha pistola! – resmungo antes de perceber que estou nos atrasando.

– Precisamos sair daqui agora – Andrei insiste. – Não vamos precisar da granada se formos rápidos.

– Mal consigo respirar – respondo com a voz fraca. – Como você espera que...

O que me interrompe é uma bala que atravessa a mesa a centímetros de distância de Andrei e atinge a parede, ficando alojada ali.

– Corram! – Ava grita enquanto puxa o pino da granada e a joga com força na direção oposta.

Andrei praticamente me carrega quando levantamos e corremos na direção da janela. Ava acompanha nosso movimento e chegamos juntos ao vidro descolado, nos abaixando. A garota nos cobre com seu corpo quando a explosão enche a sala novamente e, dessa vez, meu ouvido faz um barulho insuportável enquanto me agarro em Andrei. A temperatura aumenta ainda mais, mas a explosão nos deu um tempo precioso.

Faço um sinal para Andrei ir adiante e Ava concorda. Minha dor é quase inexistente, mas sei que estou movida a adrenalina e no momento em que parar não serei capaz de descer a corda sozinha. Se ele for primeiro, pode me segurar caso eu caia.

Ava pega a pistola das minhas mãos e volta seus olhos para a sala. A explosão abriu um buraco na parede logo ao lado da porta e, para nosso azar, dessa vez não houve fogo. A mangueira de água continua jorrando no chão, mas com menos pressão. Sinto outro calafrio e me concentro em achar o momento ideal para levantar e sair pelo buraco. Quando finalmente me levanto e me sento no parapeito, Ava se levanta

comigo, a arma em punho. Coloco uma perna para fora e depois a outra, devagar. Seguro na corda e fecho os olhos, me jogando para baixo.

Desço com dificuldade e, quando olho para o mar lá embaixo, sinto náusea. Há pouca coisa que me deixa mais desestabilizada do que altura. Não posso pensar na queda. Não posso pensar na possibilidade de bater a cabeça contra uma das pedras. Tenho de me lembrar constantemente de que não posso morrer afogada.

Ouçõ outra explosão e paro, esperando por Ava. Fico apreensiva depois de algum tempo, porque já era para ela estar fora, descendo a corda comigo. Quando finalmente vejo uma movimentação na janela, começo a descer.

Mas então consigo ver que não é Ava. E consigo ver algo brilhante na mão que segura a corda.

E, quando percebo, estou caindo.

Caindo, caindo e caindo, na direção das pedras, na direção do mar, na direção da morte.

Mas não vejo a queda. Tudo fica escuro muito antes.

Capítulo 29

Quando acordo, tenho a impressão de que tudo foi um pesadelo. Tudo foi uma piada de mau gosto pregada pelo meu subconsciente, desde o momento em que anunciaram uma “caça ao tesouro” até a queda infinita. Os tiros, os gritos, o desespero – tudo não passa de coisa da minha cabeça. Outro dos meus pesadelos malucos.

Tento me virar na cama desconfortável onde estou e sinto uma pontada dolorosa no tórax. Eu seria sortuda demais se nada daquilo tivesse sido verdade. Mas a sorte não gosta muito de mim.

– Ela acordou. – Ouço uma voz fina e infantil carregada de preocupação. Percebo uma movimentação e uma mão quente toca minha testa. Tento abrir os olhos, mas eles ardem. Tento me levantar e sou impedida.

– Fique quieta. Não faça movimentos bruscos – Andrei pede, não adiantando nada, pois meu primeiro reflexo é levantar o braço rapidamente a sua procura. Meu ombro dói.

Ele segura minha mão carinhosamente e eu me acalmo, respirando fundo.

– Leon?

– Na cama em frente à sua, com Sofia ao seu lado.

– Ava?

Silêncio. Sinto um nó na garganta. Tudo que mais quero é que essa parte seja mentira. Que Ava tenha, de alguma forma, conseguido me seguir para o lado de fora daquela sala, que tenha encontrado minha pistola com a rede para conseguir alguns minutos de vantagem.

– Ava? – pergunto mais uma vez, incapaz de acreditar na realidade.

– Ela não conseguiu. – Andrei tenta manter o máximo de emoção fora de sua voz, mas o tremor em sua mão o trai. – Ela ficou para trás.

Sinto um turbilhão de emoções ao mesmo tempo. Ava se sacrificou para nos salvar. Se sacrificou para *me* salvar. Ela tinha as melhores condições de sair inteira daquele lugar infernal e, ainda assim, ficou para trás até o último segundo para nos defender. Que tipo de mundo injusto é esse? Que tipo de mundo admite que uma garota tão doce e gentil quanto Ava acabe dessa forma?

O mesmo tipo de mundo que permite que crianças morram de fome e sejam usadas como cobaias. Eu já deveria estar acostumada. Porém, de alguma forma, não me

importar é impossível.

Abro os olhos e me levanto, não me importando com o embrulho no estômago e a dor nas costelas. Andrei protesta, mas me sinto muito melhor do que nos últimos momentos na fortaleza. Se não me mover bruscamente, a dor é inexistente.

Estamos em uma cela. Não há dúvidas quanto a isso. Dois beliches de ferro estão encostados em paredes opostas, um de frente para o outro. Em um canto, uma pequena cabine que deve abrigar o banheiro. Fora isso não há janelas, barras ou nenhum outro indício de porta. Tudo é doentiamente branco, para variar, e o teto é coberto por lâmpadas fluorescentes. A luz é forte e, posso apostar, constante. Não vejo nenhuma das nossas mochilas e reparo que estou usando uma camisola de algodão branca. Os outros vestem roupas similares, como se fôssemos pacientes de hospital.

– Fomos capturados? – pergunto, segurando o tecido da camisola com força.

– Estamos em casa – Leon responde com calma.

Sinto Andrei se aproximar de mim e colocar uma mão em meu ombro.

– Não estamos em casa. Estamos presos em algum lugar, mas essa é a União.

– Bela recepção.

– Você não tem ideia.

– Eles vão enviar um grupo para nos tirar daqui? – Sofia pergunta esperançosa.

Para minha surpresa, Leon dá um riso amargo.

– Não. Nos deixar de molho aqui é protocolo.

– Não sabia que era protocolo enjaular quatro pessoas machucadas que eles capturaram no mar. Quatro *crianças* – Andrei diz amargo.

– Nenhum de nós é criança, Andrei. Somos anômalos. Não se esqueça disso. Somos inimigos até que se prove o contrário.

– O homem que nos traz comida todos os dias é anômalo também e não o vejo preso em um inferno como esse.

– Você disse dias? – interrompo a discussão. Olho na direção de Sofia, encolhida ao lado de Leon, que tem um braço envolvendo seus ombros de forma paternal. – Há quanto tempo estamos aqui?

– Eles apagam e acendem as luzes quando querem. Não temos como saber – Sofia responde solícita. – Pelo menos trazem comida regularmente.

– Quantas vezes eles apagaram e acenderam as luzes?

– Cinco.

– Fiquei desacordada por *cinco* dias?

Eles ficam em silêncio de novo. Isso me deixa irritada e completamente louca. Por que parecem esconder algo de mim? O que realmente aconteceu? Fuzilo Andrei com o olhar e ele dá um passo para trás, me soltando. Sua expressão é de cautela e ele lambe os lábios antes de responder.

– Eles só trouxeram você para cá há poucas horas. Até então, achávamos... – Ele faz uma pausa mais uma vez e desvia o olhar. – Quando caiu, ninguém conseguia acordar você.

Volto para cama de forma automática, me sentando na beirada. Levo as mãos para meu cabelo, que está cortado de forma regular um pouco acima do ombro. Isso deve ser obra deles, porque, nem que quisesse, Sofia teria feito um trabalho tão bom. Procuro por algum ferimento ou cicatriz na cabeça, mas não encontro nada além do corte no lábio, que vai deixar cicatriz. Uso os dedos para sentir minhas costelas, tentando ignorar os olhos de Sofia e de Andrei em cima de mim. Sinto dor quando encosto, mas nada comparado ao que sentia anteriormente. Mexo o ombro machucado e sinto alguns repuxões, mas nada muito intenso. A não ser por um vazio no estômago, me sinto bem demais para uma pessoa que ficou vários dias desacordada.

A menos que eu tenha acordado. A menos que tenha acordado várias vezes, mas tenham me obrigado a voltar a dormir. Posso ter acordado, feito algo e depois apagaram minha memória. A não ser que tenham me usado para alguma tarefa, como abrir os arquivos, enquanto eu estava desacordada. E se estamos presos aqui por causa do arquivo extra que roubei? E se estamos encrocados por que eu trouxe Sofia conosco?

De repente, as decisões que tomei não parecem tão sensatas assim. Como pude colocar em risco meus amigos por uma curiosidade idiota? Sinto-me um monstro egoísta e tenho vontade de sumir. Mas não sobre Sofia, concluo enquanto a observo sentada ao lado de Leon. Estou disposta a pagar o preço por salvá-la.

No beliche à minha frente, Leon conversa em sussurros com Sofia e mal posso ouvi-los. Quando ficaram tão próximos assim? Provavelmente Leon a vê como sua irmã mais nova, que deve ter mais ou menos a mesma idade da menina. A cama em que estou afunda um pouco quando Andrei se acomoda ao meu lado.

– Não entre em pânico – ele tenta me acalmar.

Engulo em seco, olhando para meus joelhos. Como não entrar em pânico? E se eles decidirem mandar todo mundo para Kali como punição? Eu não aguentaria isso e tenho certeza de que nenhum deles nunca mais falaria comigo.

– Eles não podem fazer nada conosco.

– Eles podem sim. Essa é a pior parte – respondo inquieta. Quero contar sobre o arquivo que peguei, mas perco a coragem assim que penso nisso. – Precisamos sair daqui.

– Nós somos cidadãos da União, Sybil. Nossos pais pagam impostos e são pessoas importantes. Eles não podem fazer nada.

Dou um meio sorriso e balanço a cabeça, impressionada com sua ingenuidade. Enquanto estivermos aqui, enquanto não voltarmos para casa, ainda estamos em missão. E sozinhos.

– Vocês querem saber o que aconteceu com Seeley? – Leon chama nossa atenção.

Sofia se levanta, caminhando até mim. Ela senta do meu outro lado, se aninhando como um filhotinho de gato com frio. Eu a abraço, me sentindo estranhamente mais calma de tê-la por perto.

– O mesmo que aconteceu com Ava? – Andrei diz, com um tom meio irônico. – É melhor não falarmos sobre isso.

– Não, precisamos falar sobre isso – diz Leon incisivo. – Nossa missão era muito menos perigosa do que a que fizemos dessa vez. Só recuperar alguns arquivos que estavam em um barco congelado na Sibéria. Sem soldados, nem nada. Éramos três: eu, Seeley e uma garota chamada Hannah, que estava prestes a se formar.

– Eu me lembro dela. Ruiva, alta e com uns peitos desse tamanho – diz Andrei, fazendo um gesto para indicar o “desse tamanho”, e eu suspiro, balançando a cabeça.

– Mesmo que eu tivesse visto o gesto que você fez, eu não saberia dizer o que “desse tamanho” significa – Leon responde debochado. – Hannah tem o poder de esquentar objetos, então ela é como um aquecedor ambulante.

– Com aqueles peitos, ela esquentava qualquer coisa mesmo – Andrei ri sozinho de sua piada.

– Andrei, nos poupe de seus comentários estúpidos – digo irritada.

– Sou um gênio incompreendido – Andrei soa ofendido. – Um dia serei reverenciado por fazer as piadas mais engraçadas da humanidade.

– Sinto muito que nosso intelecto não consiga acompanhar você.

– Posso continuar? – Leon nos interrompe, parecendo indiferente ao humor precário de Andrei. – Seeley tinha supervisão, como raios X, e era uma das pessoas mais inteligentes que já conheci. Poucos detalhes lhe escapavam. E é por isso que eu o conheci antes de irmos para a missão. Muito antes, aliás.

– Andrei disse que vocês eram amigos – digo, modificando um pouco o que ele me contou. O termo usado foi *namorado*, mas não é de meu interesse falar sobre isso.

– Eles estudavam juntos o tempo inteiro. Era bizarro – Andrei comenta. – Estavam sempre na biblioteca. Seeley lendo coisas em voz baixa para Leon enquanto ele concordava com a cabeça.

– Não estudávamos. Estávamos investigando. Um dia meu pai chegou em casa meio abalado porque a filha de uma amiga dele não havia voltado de uma missão. Foi mais ou menos na época em que um dos garotos da nossa escola também não voltou e comecei a achar esquisito. Por que havia tantas missões para nós? Por que tantos de nós não voltávamos? E então comecei a pesquisar.

– Perguntando para as pessoas? – indago, e Sofia se mexe, dobrando as pernas em cima da cama e parecendo curiosa.

– Não. Procurei os obituários dos jornais dos últimos três anos. Se você tem um filho que morreu em uma missão para o governo, você vai querer pelo menos um pouco de glória, não é? – Leon explica, e percebo que nunca pensaria em algo assim.

Ele continua. – Só que com a minha condição, é difícil. Geralmente tenho de pedir para alguém ler para mim, mas não queria que ninguém soubesse o que estava pesquisando. Pensei em pagar para alguém passar o texto para braille, mas teria o mesmo efeito. Então pensei nas minhas opções: poderia pedir para Naoki ou para Brian, mas os dois não são muito conhecidos pelo seu compromisso. Então tinha Seeley. Sentávamos juntos nas aulas e ele me ajudava às vezes, mas não éramos exatamente amigos. Eu não queria ter de conversar sobre isso fora dos horários da pesquisa, então achei que seria ideal.

– Então você o convidou – digo meio pasma. Leon parece tão independente e eficiente sozinho que, às vezes, é fácil esquecer que ele tem certas limitações, principalmente relacionadas à leitura.

– Não. Ele praticamente se convidou sozinho. Eu ainda estava pensando em como ia explicar toda a situação, mas um dia ele me seguiu até a biblioteca e me observou enquanto eu lutava contra os papéis e tentava discernir as formas das letras impressas. E aí se ofereceu para me ajudar.

– O garoto da visão de raios X e o cego – diz Andrei rindo. – Uma dupla dinâmica. Eu assistiria a esse programa.

Dou um beliscão no braço de Andrei para ele ficar quieto.

– Sybil, pare de ser tão rabugenta. Você está viva, pelo menos dê um sorriso. – Ele dá um sorriso exagerado para exemplificar e depois se volta para Leon. – O que ele achou da sua proposta, Leon?

– A irmã dele havia sumido em uma das missões três anos antes, então ficou bastante interessado. Estava começando a desconfiar de algumas coisas. Começamos com os obituários e depois fizemos um mapa com todos os desaparecidos de Pandora. – Ele cruza os braços. – Chegamos à conclusão de que eles alternam: dois anômalos, pelo menos, de dois bairros diferentes por mês. É por isso que não temos aula de TecEsp o tempo inteiro, só quando precisam de gente para missões.

– Se eles precisam de pessoas para missões, por que não fazer uma escola especial para isso? Por que escolher adolescentes de bairros diferentes, com intervalos de tempo entre eles? Por que sempre alguém fica para trás, como Ava? Não é algo controlável o que acontece em uma missão. É coincidência demais que somente uma pessoa acabasse morta em cada missão. – Andrei faz várias perguntas e eu me sinto confusa e impotente.

– Não é estranho? – Leon concorda. – Começamos a entrevistar os parentes das pessoas, como se fosse um trabalho para a escola. Descobrimos que, em algumas missões, mais de uma pessoa ficou, mas nunca o grupo todo voltou. Tentamos encontrar algumas pessoas que participaram de missões anteriormente. Sem sucesso. Nenhuma delas colaborou. Uma delas até nos disse claramente que era melhor nos mantermos longe, porque aquilo só ia trazer mais problemas.

– Mas vocês continuaram – digo admirada com a coragem dos dois.

– Sim. Você me conhece, Syb. – Ele passa uma mão pelo cabelo. – Quando começo uma coisa, vou até o fim. Só que...

Ele parou e todos nós ficamos em silêncio, esperando. Leon desvia o rosto da nossa direção e o vira para cima, como quem pondera o que vai falar a seguir. Andrei parece meio irritado, mas é tão comum que Leon faça essas pausas dramáticas que nenhum de nós realmente se incomoda.

– Eu não quero que me julguem – Leon pede em um tom mais baixo. – Nenhum de vocês.

– Ninguém vai julgar você – Andrei diz com um suspiro. – O que você fez? Matou Seeley?

Leon não responde nada, o que desperta todos os tipos de alerta dentro de mim. Andrei se levanta e se aproxima dele.

– Leon? Me diz que você não o matou.

– Ele gostava de mim – Leon diz nervoso. – Gostava, *gostava*. Ele queria que fôssemos mais do que amigos.

– E aí... – Andrei o incentiva, cruzando os braços.

– Minha mãe tem um plano bem traçado para minha vida. Ela quer que eu me case, que tenha dois ou três filhos. Que arrume uma profissão em que possa usar meu dom direito. – O tom de Leon é mais apressado ainda e ele atropela as palavras umas nas outras. Acho que nunca o vi tão nervoso assim, tão fora de si. – Eu não podia...

– Leon, você gostava dele também? – pergunto, e ele vira o rosto na minha direção.

Leon fica em silêncio novamente e Andrei olha para mim com uma expressão de triunfo que não é adequada para a situação. Sofia observa tudo com atenção, em silêncio.

– Sempre achei que vocês estavam juntos – Andrei fala. – Parecia, pelo menos. Você sabe que nenhum de nós tem problemas com isso. Meu pai se veste de mulher para ensinar receitas na televisão. Como eu poderia ter?

– Não é fácil assim, Andrei. Eu sempre achei que ia seguir um plano e... é assustador. – Ele passa as mãos pelo rosto. – Fomos chamados para a missão logo depois disso. Estávamos com medo, porque algo me dizia que nós dois não tínhamos sido convocados juntos à toa. E realmente não fomos. Nós fizemos tudo sem nenhum problema e, quando nos buscaram, nos trouxeram para um lugar como esse.

– Os três? Vocês três? – pergunto, me encolhendo na cama como Sofia. Se a resposta for positiva, já imagino o que vem depois.

– Nós três. Inteiros. Sem nenhum ferimento. E aí nos colocaram em salas separadas. Eu podia ouvi-los, mas os sons vinham de todos os lados. E aí alguém,

embora não ache que a pessoa estivesse na sala comigo, mandou que eu escolhesse. Disse que só dois de nós poderiam voltar e eu tinha sido eleito para escolher um deles.

– E você escolheu Seeley – concluiu.

– Para morrer, Sybil. Eles queriam que eu escolhesse alguém para morrer e não para voltar comigo. Só entendi isso quando era tarde demais.

Capítulo 30

Sofia estremece em meus braços. Minha cabeça parece rodar com tantos pensamentos. Por que eles nos matariam gratuitamente? Por que precisam que voltemos para casa com alguém do grupo faltando? Será que farão isso conosco, mesmo Ava tendo ficado para trás?

Ficamos todos calados. Apenas ouço nossas respirações. A de Andrei é a mais alta de todas. Aos poucos vou me acalmando e minha mente clareia. Talvez faça algum sentido nisso tudo. Afinal, qual é a melhor maneira de assustar um bando de adolescentes idiotas e mantê-los em silêncio sobre as missões? Eles precisam mostrar que possuem poder para nos esmagar, se quiserem.

– Você sabia disso quando aceitou participar dessa missão – Andrei acusa Leon com raiva. Uma veia salta em sua testa.

– Andrei. – Solto Sofia e me aproximo dele.

– Não havia como recusar. Recebi uma carta bem ameaçadora dizendo que ou vinha, ou vinha – Leon responde, com a voz mais frágil que jamais ouvi.

– Mas você sabia disso e não nos contou – diz Andrei fechando o punho. – Você sabia que não poderíamos voltar da mesma forma que viemos e ainda assim nem sequer nos avisou. Quem é que você vai matar dessa vez? Eu? Sybil? Ou você veio esperando que Ava morresse mesmo, já que não era nossa amiga?

– Andrei, pare com isso – peço desesperada.

– Eu não podia avisá-los, Andrei. Tentei falar com Sybil, mas...

– Não falou. É esse o tipo de coisa que você faz pelos seus amigos? Você os joga na cova dos leões e espera vê-los morrer?

– Cale a boca, Andrei! – Leon se levanta e para na frente de Andrei. Frente a frente, Leon é pelo menos um palmo mais alto que o loiro e, em uma briga, tenho certeza de que leva vantagem.

– Aposto que você fez uma festa depois que seu namoradinho morreu. Aposto que está mentindo que achou que ia salvá-lo, só para Sybil não ficar com raiva. Eu o conheço, Leon. Há mais tempo do que ela. Sei que você pode ser um mentiroso filho da...

O punho de Leon se move rápido demais para Andrei perceber e o acerta em cheio no nariz. O garoto solta um gemido de dor, mas se recupera rápido e devolve o soco,

acertando o amigo na bochecha. Leon dá outro soco, acertando-o na lateral da cabeça, e grito para os dois pararem. Em vão. Leon segura Andrei pela gola e o joga para longe. Andrei se levanta rapidamente e vai em direção a Leon, segurando-o pelo cabelo. Os dois colidem juntos contra a parede.

Olho para Sofia e ela está em silêncio, observando a luta com olhos alarmados. Penso que terei de me jogar entre eles para que parem com essa briga ridícula, quando, do nada, uma porta se abre na única parede livre. Dois soldados com cara de poucos amigos entram na cela, separando Andrei e Leon. Os dois estão com manchas de sangue nas roupas e ofegantes.

– Quem começou? – pergunta o soldado mais alto, olhando para nós. Ele não tem nenhum símbolo amarelo na roupa.

– Ele – diz Sofia apontando para Andrei.

Acho estranho a menina entregar Andrei sem nenhuma cerimônia. Tem algo errado nessa cena, mas não sei dizer o que é.

– Mas o imbecil mereceu! – Andrei responde na defensiva, cuspiendo na direção de Leon. Uma atitude exagerada até para ele.

– Se você não sabe se comportar, vai ficar sozinho – diz o soldado, segurando Andrei com mais força.

– Não. Eu sei me comportar. Só não deixa esse babaca perto de mim.

– Não vamos tirá-lo daqui.

– Como vocês vão deixar um imbecil desses com as meninas? Deve ser contagioso.

– Ok, garotão, baixe a bola. Se não tivéssemos entrado aqui, ele teria quebrado você em dois.

– O quê? – Andrei se debate e consegue atingir o nariz do soldado com o cotovelo. O homem não o solta e, em vez disso, o chuta nas costas.

– Você está muito animadinho. Para seu próprio bem, vamos removê-lo.

Antes de arrastá-lo para fora, Andrei olha para mim com um meio sorriso e dá uma piscadela. O outro soldado só solta Leon quando Andrei está fora de vista, mas ainda consigo ouvi-lo berrando algo como: “Tenho direito a uma ligação”.

Aí tudo se encaixa: a reação exagerada de Andrei, a briga, a passividade de Sofia. Eles combinaram isso para tentar nos tirar daqui!

Leon se senta na cama e usa um pedaço de um dos lençóis para estancar o sangue que escorre da bochecha, deixando-o cor de carmim em poucos minutos. Fico parada onde estou, ainda chocada demais para perguntar alguma coisa.

– Tenho de admitir: Andrei é muito mais inteligente do que parece – ele diz com um meio sorriso. – E tem um soco de esquerda muito forte para um cara baixinho.

Estou meio chocada. Não sabia que Leon é um ator tão bom, porque até instantes atrás eu tinha acreditado em cada uma das suas palavras. Tento controlar a raiva que sinto por ter sido enganada dessa forma, mas quando falo, ela é visível.

– Quanto disso foi mentira?

– Só a briga – ele responde com calma. – Partes dela. Se eu soubesse que ele ia me atingir com tanta força, não teria colaborado com o plano.

Olho para meus pés sem saber exatamente o que fazer. Qual é o objetivo de nos separar? Fico confusa e insegura, porque gosto de saber onde os planos vão dar. Não gosto de ficar no escuro. Não gosto de não fazer parte.

– Por quê?

– A mãe de Andrei é uma pessoa importante, então nunca fariam nada com ele. Ia chamar atenção demais. E, do jeito que ele é, provavelmente vai conseguir entrar em contato com ela ainda hoje, para nos tirar daqui – explica, franzindo a testa. – Parou de sangrar?

– Sim. – Contenho meu impulso de ir ajudá-lo porque, no momento, sinto que merece ser castigado de alguma forma por ter me mantido no escuro. – Achei que a mãe de Andrei praticamente morasse com outro homem e nunca fosse vê-lo.

– Ela trabalha com aquele senador representante dos anômalos. Fenrir é o nome dele. – Leon tira o lençol do rosto. – Ela é assessora dele ou algo assim.

– Fenrir? – Logo me vem à cabeça a imagem do homem cheio de sorrisos e do garoto insuportável que encontrei quando acompanhei Dimitri a Prometeu. Não consigo evitar um calafrio. – Ele é um idiota.

– Você o conhece? – O tom de Leon é de surpresa. – Ou foi Andrei que falou sobre ele?

– Conheci o mimado do filho dele – digo com raiva. – Não quero que ele nos ajude.

– Você prefere ter de escolher qual de nós vai morrer? – pergunta Sofia com sua voz fina e sotaque esquisito, olhando para mim com os olhos grandes. Ela fica tão quieta algumas vezes que quase me esqueço de sua presença.

– Tem de ter outra forma – digo, balançando a cabeça e inconformada.

– Eu não acho que tenha – Leon responde. – Pensamos em todas as possibilidades.

O sorriso predatório de Fenrir volta à minha mente e sinto um arrepio ao pensar no que pode significar pedir ajuda a ele. Preferia recorrer a quem conheço e, quando penso em uma saída, lembro imediatamente de Rubi e de seu aviso: se precisar de ajuda, é só falar com ela. Talvez ela não tenha a mesma influência, mas quem sabe não possa fazer algo?

– Preciso ligar para Rubi. Ou preciso que Andrei ligue para ela. Ela vai poder nos ajudar.

– Você acha? – pergunta Leon em um tom de descrença.

– Ela trabalha no setor de missões. Não é possível que...

Ela trabalha no setor de missões. Ela sabe. Ela sabe? Se sabe, por que não fez nada para impedir? Por que não nos avisou? Subitamente compreendo a raiva que Andrei

fingiu ter. Se Rubi sabia, por que não nos impediu? Ela podia estar sob ameaça. Ou esperava que nada acontecesse conosco. Ou, na pior das hipóteses, não sabia de nada. Tento controlar a sensação de traição, sem muito sucesso.

O que ela havia dito? “Lembre-se: qualquer coisa peça para mim. E só para mim.” E se aquilo fosse uma dica, um aviso de que quando aquele momento chegasse, eu teria de contatá-la?

Essa opção me parece mais razoável e cruzo as pernas em cima da cama com a mente a mil. Andrei deveria ter esperado eu acordar para fazermos um plano juntos, sem envolver um político dissimulado e nada agradável.

Antes que consiga formular alguma ideia, a porta se abre silenciosamente e um rapaz não muito mais velho que nós entra por ela. Seu uniforme tem detalhes amarelos e um A bordado no peito. Traz um carrinho com três bandejas e três copos de água. O simples fato de pensar em comida faz meu estômago roncar.

O rapaz não diz nada enquanto puxa o carrinho até ficar no pequeno espaço entre um beliche e outro. Ele entrega talheres de plástico para Leon e o ajuda a pegar seu prato, que permanece no carrinho enquanto ele come. Sofia faz uma pequena reverência para ele, pega sua bandeja e volta a se sentar onde estava. Os três agem como se tivessem feito isso inúmeras vezes nos últimos dias, mas em vez de imitar Sofia, encaro o soldado.

Ele tem a pele da mesma cor que a minha e os mesmos traços que me tornam diferente da maior parte das pessoas de Arkai. Com cabelos escuros e lisos, olhos amendoados e lábios finos, poderia se passar por meu irmão com facilidade. Não é comum encontrar pessoas como nós e, tirando Dimitri, esse soldado é a primeira que vejo que é visivelmente de Kali. Sinto uma sensação esquisita, como se tudo aquilo fosse surreal demais. Mas também sinto que posso confiar nele, não só porque somos do mesmo lugar, mas também porque ele deve ter passado por um processo parecido com o meu. Ele deve me compreender.

– De que cidade você é? – pergunto, mas, em vez de responder, ele entrega um par de talheres de plástico e aponta para a comida.

– Ele não fala – Sofia explica. – Ele nunca fala quando vem trazer comida.

– Não? – Eu olho para ela e depois para o soldado. – Você não consegue falar?

Ele balança a cabeça negativamente e aponta para minha bandeja. Eu me levanto e a pego, sentando e a equilibrando em cima dos meus joelhos como Sofia, mas não como ainda.

– Eu sou de Achalraj, aquela cidade que fica no pé das montanhas, sabe? Perto da base de Himam. – Olho para ele mais uma vez e o vejo dar de ombros, como se não pudesse se importar menos. – Bem, você deve ser de alguma outra região então.

Também não recebo resposta alguma. Frustrada, concentro minha atenção em comer. O purê de batatas tem gosto de isopor e o arroz parece areia, mas não me

importo. Nem lembro a última vez que comi comida de verdade. Quando termino, o soldado me entrega o copo de água solicitamente e o pego sem sequer levantar os olhos da bandeja. Minha ideia de puxar conversa não deu muito certo, então tento outra abordagem.

– Eu queria falar com minha tutora – digo, me levantando e colocando a bandeja no carrinho. – Dizer a ela que estamos bem e que já estamos em casa. Ela deve estar preocupada.

O soldado tira a bandeja do colo de Sofia, coloca no carrinho e olha para mim por três segundos antes de começar a puxá-lo para fora, sem dizer nenhuma palavra.

– Seriam só dez segundos. Só dizer que estou bem. – Eu o sigo, mesmo sabendo que estou sendo irritante e que ele provavelmente tem ordens para nos ignorar. – E as nossas coisas? Em minha mochila tem um presente que meu irmão me deu e eu não queria perdê-lo.

Mas, como é de esperar, não recebo nenhuma resposta. Quando a porta se fecha, percebo que nossa única esperança de sair daqui é Andrei.

Capítulo 31

Quando apagam as luzes, Sofia se enfia embaixo das cobertas comigo e deita a cabeça em meu ombro. Não consigo não pensar em Tomás e a abraço, desejando que uma situação terrível como essa nunca aconteça com ele. É horrível demais pensar em tudo o que Sofia deve ter passado e dói pensar em casa. Deve ter uma semana que saímos de lá, mas parecem meses.

Em tão pouco tempo, me tornei parte de uma família e Pandora, agora, é meu lar. Eu me sentia em casa lá, completa. Como se o tempo que passei em Kali, meus 16 anos, fossem só um prólogo do tempo em que passarei no lugar onde me sinto bem. Onde me sinto uma pessoa de verdade. Quero que Sofia também se sinta assim.

Tento desviar meus pensamentos para o que me aguarda em casa, mas eles insistem em voltar para a missão. Conseguimos o arquivo, porém eles precisam de mim para abrir a pasta. Isto é, se já não me convenceram a fazê-lo enquanto eu estava desacordada. Se eles ainda não possuem o arquivo, pelo menos estou a salvo quanto à minha insubordinação. Mas, se já descobriram, o que acontecerá comigo? Prefiro pensar que já teriam feito algo, se fosse o caso.

Sem falar no que fiz com a dissidente que tinha me capturado. Com todos os últimos acontecimentos, não tive tempo algum de pensar no que ocorreu com aquela mulher lá na ilha. Fui responsável por deixá-la daquela forma? Os testes da professora Rios provaram que eu não sou capaz de manipular a água, então como eu havia feito aquilo? Tento me lembrar da pele ressecada e de como ela parecia estar escoando pelos olhos, pelo nariz, pela boca, pelos ouvidos. Não faz sentido algum.

O que foi mesmo que Leon disse? Que, em momentos de estresse, é comum anômalos descobrirem novas habilidades. Mas vivi a vida inteira em situações estressantes em Kali. Por que algo assim só aconteceu agora? Será que eu tinha evoluído? Tenho vontade de rir com a ideia ridícula e decido que talvez seja melhor esquecer isso. Pode ter sido apenas uma coincidência, uma reação alérgica acontecendo na hora errada com a pessoa errada no local errado.

Não sei por quanto tempo fico imersa em meus pensamentos, mas quando acendem as luzes novamente, tenho a impressão de que não se passaram nem duas horas. A porta se abre e, dessa vez, três soldados entram no quarto. Um deles manda

que nos levantemos e, quando obedecemos, cada um pega um de nós pelo ombro e nos faz marchar com eles.

Os corredores são brancos e quase infinitos, lembrando a fortaleza dos dissidentes, o que me dá calafrios. Subimos algumas escadas e eles nos separam. Continuo subindo as escadas, enquanto eles levam Leon e Sofia por um corredor à direita, no andar de baixo.

Quando finalmente chegamos ao destino, estamos em uma sala pequena e aconchegante quando comparada às outras, cheia de televisores em um dos cantos. Meu guia me acomoda em uma das cadeiras, que são estranhamente confortáveis, e se senta na outra, virado para mim. Os televisores estão apagados e percebo que Andrei não conseguiu ajuda.

– Saagaram.

Olho para o soldado e só então percebo que foi quem levou comida para nós mais cedo. Levanto uma sobrancelha e ele permanece imóvel e com uma expressão passiva.

– Saagaram. É de onde venho.

– Então você fala – digo, cruzando os braços.

– Quando posso. – Ele dá de ombros. – Já fui a Achalraj uma vez. É uma boa cidade.

– Não como as daqui.

– Não como as daqui – concorda. – Faz tempo que você está aqui?

– Seis meses. Eu também já fui a Saagaram. Para pegar o navio que me trouxe para cá.

– Sorte sua não ter passado muito tempo lá. Estou aqui há quatro anos agora. É bem melhor.

– Você sente saudade de Kali?

Ele fica em silêncio e olha para as telas, que piscam uma vez e acendem. Eu me pergunto se ele sabe o que acontece aqui, se é parte do que vai acontecer a seguir. Todos os seus gestos são de um soldado e soldados não contrariam ordens.

– Não. De nada, nem de ninguém. Minha vida é aqui.

Uma imagem surge na televisão da esquerda, mostrando um garoto loiro sentado em uma cadeira e uma mulher de cabelo escuro sentada em outra. Demoro algum tempo para reconhecer que o loiro é Andrei e sento na beirada da cadeira, apreensiva. Os dois estão conversando, mas não consigo ouvir o quê. Andrei parece estranhamente relaxado, como se estivesse em sua casa em vez de em uma sala de interrogatório.

– Você não se sente culpado? – pergunto ao soldado, na esperança de conseguir respostas sobre meu destino e o dos meus amigos.

– Já me senti, no início, mas acho que é normal. Você não deveria se sentir culpada. A vida é melhor aqui. – O tom dele é meio fraternal e dou um meio sorriso, mas não desvio os olhos da tela.

A do meio acende e reconheço Sofia quase imediatamente por causa do seu cabelo e do seu tamanho. Uma mulher vestida com um uniforme idêntico ao do soldado à minha frente está sentada com ela e as duas parecem estar em silêncio. Não preciso esperar a tela da direita acender para saber que Leon vai aparecer nela, sentado com alguma outra pessoa. Quando ele finalmente aparece, está encarando com seus olhos brancos um homem fardado e corpulento. O soldado tem uma expressão de desaprovação exagerada, e é quase uma pena que ele a desperdice com alguém que não consegue enxergá-la.

– Eles estão nos vendo? – pergunto.

– Não – ele diz. – Você é a sortuda que vai ver todo mundo, mas ninguém vai ver você.

– Você está mentindo.

O homem dá um meio sorriso e balança a cabeça.

– Você parece minha irmã.

– Não que isso faça alguma diferença para você. Você vai continuar com essa besteira até o fim – digo, cruzando os braços. O meio sorriso do homem vira um sorriso inteiro e ele se vira para mim.

– Você sabe qual é o meu poder? – ele pergunta de forma retórica. – Eu consigo saber quem está falando a verdade e quem está mentindo. Sei se o que as pessoas dizem é algo que elas acreditam que é verdade ou não. Sou um detector de mentiras ambulante.

Eu o encaro com uma expressão de “ninguém se importa com isso” e volto a olhar para as televisões. Percebo ele se mover com o canto do olho e, quando minha curiosidade é maior que a força de vontade, vejo que ele colocou seu aparelho de escuta no ouvido e o de comunicação em cima da mesa, desligado.

– A maior parte das pessoas mente o tempo inteiro, você sabia? De bobagens, como o que realmente comeu no café da manhã, a coisas grandes. Todos estão mentindo. Odeio mentiras. Elas me dão dor de cabeça. – Ele continua, olhando para mim com seriedade. – Odeio pessoas falsas, mesmo que eu mesmo seja uma delas. Mas conheci um homem que nunca mentia, uma vez. Ele prometeu que daria uma vida melhor para mim e para minha irmã, e ele cumpriu. Desde então, faço qualquer coisa que ele me peça, porque sei que nunca pediria mais do que posso realizar.

Eu me perco em algum momento do que diz, mas consigo entender que o que está fazendo é um favor para o “Homem-Que-Nunca-Mente”. Mas o que exatamente ele está fazendo?

– Então, confie em mim. Faça o que digo e tudo vai dar certo no final, ok? – Ele pede e ajusta o aparelho de transmissão. – Aliás, Rubi disse que quando você voltar para casa, vocês vão comer pizza de pepperoni juntas.

Ele prende o transmissor no cinto do uniforme e o liga com um toque, enquanto eu o encaro, com os olhos alarmados e muito confusa. Rubi disse o quê? Rubi sabe que estou aqui. Será que ela é amiga desse soldado? Antes que eu consiga juntar as peças do quebra-cabeça, a televisão do meio começa a emitir sons.

– Quantos anos você tem? – pergunta a mulher na televisão.

– Doze ou 13 – Sofia responde com uma voz quase inaudível.

– Você não sabe quantos anos tem?

Sofia responde balançando a cabeça negativamente. Ao meu lado, o homem sussurra algo e tenho quase certeza de que está confirmando que a garota fala a verdade.

– Quanto tempo você ficou presa com os dissidentes?

Sofia olha para a mulher e, embora eu não consiga ver direito, aposto que está confusa. A mulher tenta novamente.

– Quanto tempo você ficou como prisioneira do Império?

– Não sei – ela diz e dá de ombros. – Um século. Dois?

– Ela está brincando – digo para o homem ao meu lado, por reflexo, e ele concorda com a cabeça.

– Como você foi parar na fortaleza?

– De barco.

– Seja mais específica.

Sofia respira fundo antes de responder.

– Meus pais eram adeptos do confidencialismo e mantinham sua doença escondida até o dia em que eles vieram. Acho que alguém nos denunciou – ela conta, em um tom robótico, como se tivesse praticamente decorado. Ou então como se não quisesse se importar com o que estava dizendo. A mulher prossegue.

– O que eles faziam com você?

Sofia não responde, mas levanta o rosto para a mulher, desafiadora.

– Vocês sabem muito bem.

– Você é velha demais para os experimentos deles.

– Eles estão tentando com pessoas mais velhas agora, para ver se funciona – Sofia esclarece e volta a abaixar o rosto. – Eles injetaram um soro em mim e fiquei uma semana sem...

– Uma semana? – interrompe a mulher bastante surpresa, levantando-se. – Você ficou uma semana sem seus poderes?

Olho para o soldado ao meu lado para ver se ele dá algum indício de que Sofia está mentindo, mas não. Ele parece tão espantado quanto eu.

– Você sabia que eles fazem experimentos? – pergunto.

– Sim – ele diz. – Todos nós sabemos. Mas não é como se pudéssemos invadir todos os centros de pesquisa deles e libertar todas as cobaias.

Volto a olhar para tela, uma ideia impossível se formando em minha cabeça. Observo a mulher se sentar novamente, com os cotovelos apoiados na mesa. Talvez pudéssemos. Talvez não fosse possível libertar todas as cobaias, mas algumas com certeza é, como fizemos com Sofia.

– Você consegue ficar invisível. Por que não desapareceu quando a trouxemos para cá?

– Meus amigos confiam em vocês – Sofia diz. Sinto um aperto no coração e tenho vontade de ir abraçá-la. Olho para o homem ao meu lado, mas, dessa vez, ele não olha para mim.

– Ela não mentiu nenhuma vez até agora. Sua amiga é inteligente – ele olha para mim sério.

– Você sempre é sério assim ou só quando está ajudando a decidir qual é o próximo anômalo que não vai voltar para casa? – me atrevo a perguntar, olhando para ele.

– Fique quieta – ele diz em um tom firme.

Dobro a língua para não falar mais nada impertinente e volto a atenção para a tela. A mulher fala algo que não ouço e Sofia concorda com a cabeça.

– Aqui não achamos que pessoas como nós são doentes. Nós somos cidadãos especiais. Temos nossas próprias cidades, nosso próprio governo e uma representação no senado geral da União. Nós recebemos educação, treinamento e podemos seguir a profissão que escolhermos. Mas para poder fazer parte, você terá de se tornar cidadã da União e renunciar à sua cidadania do Império.

– Eu não acho que eu seja uma cidadã do Império. – A forma como ela diz isso é de cortar o coração. – Acho que nunca fui.

– Tome. Beba uma água. – A mulher empurra um copo na mesa na direção dela e depois olha na direção da câmera. – Terminamos aqui.

E a sala volta a ficar silenciosa.

Capítulo 32

– O que aconteceu? Ela está bem? – A voz de Leon logo surge e sei que, em algum lugar, alguém está controlando o que exatamente é transmitido para nós. Embora só eu possa vê-los, sei que meus amigos podem ouvir os interrogatórios.

– Sim, ela está bem, Leon. E você também, pelo que vejo. Quanto tempo desde a última vez em que nos vimos! – A voz do homem soa amigável, como se fosse um velho conhecido. – Continua com suas atividades de pesquisa?

– Não sei do que está falando – Leon mente tão naturalmente que, se eu não soubesse, acreditaria. Ao meu lado, o homem sussurra algo e o interrogador para um instante para ouvir.

– Você não sabe do que estamos falando, é? Bem, interessante, porque eu tinha a impressão de que você e aquele garoto, qual era mesmo o nome dele? Seethey. Serjei. Sei lá. Que vocês estavam fazendo perguntas demais sobre nossas missões inofensivas.

– Isso é passado – Leon responde, colocando as mãos em cima da mesa. – Eu já sei o que acontece nas missões.

– Interessante, porque não foi o que ouvimos.

– Alguém deve estar mentindo para vocês, então.

– É impossível mentir para nós – o interrogador fala, se inclinando na direção da mesa. – Você falou com alguém sobre isso?

– Falei com meus companheiros.

– E ainda assim eles vieram?

– Eu só contei no final.

– Ah! Muito esperto. Por isso o loirinho ficou indignado. E você espera que nós tenhamos confiança em você, que trai seus amigos e mente descaradamente em um interrogatório?

– Eles confiam em mim. A garota confia em mim. Talvez essa seja a coisa mais inteligente a se fazer.

– Ou talvez eles tenham feito algumas escolhas erradas na vida. Afinal, eles estão aqui, não estão?

Diferente do interrogatório de Sofia, o de Leon é incisivo e exige que ele responda tudo com muita rapidez. Além disso, o homem que o interroga parece um cachorro raivoso, pronto para morder o pescoço de sua presa a qualquer momento.

– Eles não poderiam recusar.
– Eles teriam recusado, se pudessem?
– Se soubessem, sim.
– Eles sabem o que você fez? Da escolha que você fez?
– Sim.
– E eles ainda confiam em você?
– Não sei. – É a única vez que a voz dele vacila.
– Você escolheria novamente?
– Isso não é uma opção.
– Isso não é uma resposta. Você escolheria novamente?
– Eu não...
– Leon, você é um garoto esperto. Você escolheria novamente?
– Não – ele diz, levantando o rosto. Sinto um orgulho meio irracional por ele. – Não, eu não escolheria.

– E se eu te disser que não escolher torna você automaticamente o candidato mais provável para não voltar para casa? Pense bem, Leon. É a segunda vez que está aqui.

– Se é para isso que você me trouxe, então é melhor fazer seja lá o que vocês fazem com quem fica. Eu não vou deixar vocês pegarem nenhum dos meus amigos.

– Nem a garotinha? Ela pode ser uma espiã, você sabia?

– Ela não é uma espiã – ele responde com convicção. – E vocês deveriam soltá-la, porque ela já passou por coisas terríveis demais na vida.

– Então aquela outra garota, qual é o nome dela? Simone? Ela não tem nada a ver com a gente. Devia voltar para Kali, que é o lugar dela.

Eu me encolho na cadeira e olho para o homem que acompanha os interrogatórios comigo. Ele me dá dois tapinhas nas costas de forma descuidada, em uma tentativa frustrada de me confortar.

– Kali não é lugar para ninguém. – Leon cruza os braços. – E Sybil é quase como se fosse minha irmã. Eu nunca a escolheria.

– E o loiro metido? Ele te deu um soco. Parece discutir com você a cada oportunidade que tem. Por que não ele? Sua vida não seria mais fácil sem ter de ouvi-lo tagarelando o tempo inteiro?

– Sua estratégia não vai funcionar. Eu não vou escolher nenhum deles. Andrei pode ser tudo isso que você falou, mas ele é uma das pessoas mais geniais que já conheci. E por mais improvável que você ache que seja, nós somos amigos. Então você pode desistir porque, se analisar bem, sou a opção mais óbvia.

– Você estaria disposto a se sacrificar pelos seus amigos? Que ato nobre e emocionante! – diz o interrogador em tom de deboche. – Estou comovido!

– Não brinque comigo. – A voz de Leon fica séria.

– Mas não estou brincando. Você cresceu muito desde a última vez que veio para cá. O que foi? A culpa consumiu você? Ou isso é só uma encenação para que os outros não o escolham? – O soldado faz uma acusação atrás da outra. Leon fica quieto. – Responda.

– Você não pode me obrigar.

– Ah, mas eu posso. – O interrogador se inclina na direção de Leon, que não se move. – E você sabe que posso. Sabe por que eles me colocaram aqui? Porque, da última vez, fui o único que conseguiu fazer você ceder. Eu sei que você está assustado e sei que, se eu pressionar só mais um pouquinho, você explode.

– Ou eu posso virar um diamante.

– Você não pode transformar lama em diamante, Leon. Não importa o quanto você pressione. Então me responda com sinceridade... por que essa vontade de ser herói?

– Não é vontade de ser herói, é fazer o que é certo.

– Mas isso não é a definição de herói?

– Estamos em uma aula de filosofia agora?

– Eu faço as perguntas. – O homem dá um rosnado assustador. – É bom que você continue a obedecer, ou da próxima vez não nos daremos ao trabalho de passar por esse procedimento.

– Sou o servo mais fiel – Leon diz, e o homem ao meu lado ri. O interrogador para um minuto; suas costas estão tão tensas que consigo perceber pela televisão.

– Acabou – ele rosna. – Você escapou por pouco.

Respiro fundo e percebo que estou sentada na ponta da cadeira, nervosa da cabeça aos pés. O soldado ao meu lado caminha até o fundo da sala e volta com um copo de água, que agradeço enquanto bebo.

– Qual é o ponto disso tudo? – pergunto, e ele faz um sinal para eu ficar em silêncio.

– Agora é a vez do encenqueiro.

E, obviamente, o som da televisão em que Andrei aparece liga sozinho e sua voz indignada praticamente enche a sala.

– ... absurdo que façam isso com uma garota daquele tamanho e um garoto cego. Onde está a outra? Onde está Sybil?

– Ela está bem – responde uma oficial morena de cabelo curto. – Não se preocupe, não vamos fazer nada com você e com ela. Vocês dois são essenciais para nossos planos. Agora, o problema é que nós não podemos ficar com todos vocês.

– Se você vai me pedir para escolher qual deles não volta conosco, está perdendo seu tempo.

– Andrei, você é um garoto inteligente. Você tem muito potencial, então deve perceber que não colaborar só vai nos deixar irritados.

– Tenho muito potencial? – diz ele rindo. – Muito potencial para o quê? Navegar os sete mares e conversar com animais aquáticos?

– Não precisamos só de seus poderes. Nós precisamos de inteligência e isso é algo que você tem em abundância.

– Você não deve ter conversado com os meus professores dos últimos anos.

– Não estamos interessados em inteligência acadêmica.

– Você está tentando me recrutar para o exército? O que aconteceu com aquelas propagandas legais com caras subindo em cordas e explodindo dissidentes enquanto o hino nacional toca no fundo e eles choram ao olhar para a bandeira? Vocês agora vão de porta em porta dizendo: “Junte-se ao exército! Nós temos biscoitos”?

– Não é uma brincadeira. Nós fazemos um trabalho sério – a mulher responde, com um tom defensivo.

– Não é uma brincadeira? Se eles quisessem que não fosse uma brincadeira, teriam colocado o buldogue que interrogou Leon para me interrogar. Em vez disso, colocaram você, que acredita no que eles fazem. Você acredita que o que está fazendo é o certo. O que eles disseram para você? Que nós somos monstros e que se livrar de nós é um favor que estão fazendo à sociedade?

– Não. – A mulher abaixa a cabeça e fica por alguns instantes assim, pensativa, e depois a levanta. – Você sabe por que vocês vão a essas missões? Nós sabemos que eles estão em busca da cura. E nós precisamos impedi-los, mas, para isso, precisamos saber em que nível da pesquisa eles estão. E uma coisa que você deve saber sobre os nossos inimigos, Andrei, é que eles são orgulhosos. E que eles se preocupam mais com grandes ataques do que com pequenas invasões. Então, qual é a melhor maneira de conseguir a informação que queremos?

– Nós. Porque é a última coisa que eles esperariam.

– Exatamente. E sabe por que precisamos impedi-los? Porque no momento em que as pessoas normais souberem que existe uma forma de transformar vocês, aberrações, em pessoas iguais a elas, vão querer isso. Elas vão querer obrigá-los a se curar, obrigá-los a se tornar como elas. E não podemos deixar que isso aconteça, não podemos deixar que um lado da população se volte contra o outro.

– Não consigo entender onde estamos nisso tudo. Nem por que precisam se livrar de um de nós.

Eu consigo entender, embora não tenha certeza: para nos assustar. Para nos manter calados. Para deixar o que fazemos em segredo. A mulher fica em silêncio e Andrei se inclina na direção dela e, mesmo sem ver, sei que está com uma expressão séria.

– Você não sabe, não é mesmo? Eles mandam fazer isso e você faz, sem pensar nas consequências.

– Nós não os matamos, se é disso que você está me acusando.

– É o que você acha. O que eles fazem com quem é deixado para trás em cada missão? Eles replicam as experiências que roubamos? Nós viramos cobaias? Ou é uma forma de controle populacional?

– Essa informação é confidencial.

– O que quer dizer que você não sabe a resposta.

– Isso quer dizer que você não pode saber a resposta. – A mulher se inclina na direção dele. – Você deveria parar de enrolar e escolher logo. O garoto cego ou a menina invisível?

Andrei se afasta dela e se apoia no encosto da cadeira, analisando-a.

– E se eu não escolher ninguém?

– Estamos um tanto rebeldes hoje, hein? – Ela parece se divertir. – Eu acho que se você não escolher, nós teremos de fazer isso por você. E aí, posso garantir, Andrei, que você não vai gostar do resultado.

– Você disse que eu e Sybil estávamos salvos – ele responde depois de um silêncio pensativo.

– Pense nisso como uma quebra de contrato. Você colabora, vocês dois estão a salvo. Caso contrário...

– Eu não me importo de ficar! – falo alto antes de perceber que não estou na conversa e tampo a boca com as mãos para não falar mais nada. Esses interrogatórios são demais para mim. Não quero que Andrei escolha Leon ou Sofia para que eu possa ficar livre.

– Ela está mentindo – diz meu companheiro me tranquilizando. – E ela é uma péssima mentirosa. Quanto tempo vai demorar para seu amigo perceber?

Andrei continua em silêncio e aposto que ele está tentando analisar sua interrogadora e bolar alguma jogada.

– Falei com minha mãe. Ela sabe que estamos aqui – ele conta em um tom preguiçoso. Jogar a carta da mãe é golpe baixo, mas parece surtir efeito. – Você não quer criar problemas com ela, quer?

– Você poderia ser filho do cônsul e não faria diferença – a mulher responde, mas sua voz não é tão segura quanto antes. – Consigo ver, Andrei, que você não é tão disposto ao sacrifício quanto seu amigo cego. Ele se ofereceu e o que você faz? Corre para a barra da saia da mamãe. Não vai funcionar. Não aqui. Então faça a escolha mais fácil e resolva de uma vez por todas nosso problema.

– Eu me recuso a fazer parte disso – Andrei finaliza, colocando as mãos na nuca e apoiando os pés na mesa.

– Então nós vamos ficar aqui até você mudar de ideia.

– É melhor você pegar um café, porque vamos ficar aqui por muito tempo.

Eles ficam calados e eu desvio os olhos da tela para o soldado, que voltou a se sentar ao meu lado. Não faço ideia do que vai acontecer a seguir, mas também não me

sinto à vontade o suficiente para perguntar. Em vez disso, ficamos em um silêncio estranhamente confortável.

– Posso esperar o tempo que for necessário, Andrei – a mulher fala, visivelmente incomodada, mas o garoto não responde.

– Ele pode ser uma peste quando quer – digo, na tentativa de quebrar o silêncio na sala. – Ela vai esperar muito tempo lá.

– Bem, nós só podemos prosseguir quando tivermos ordens dos nossos superiores. E se eles querem ver o quanto seu amigo aguenta, vamos ficar aqui por um bom tempo.

– Ela deveria ter dito aquele tanto de informações para ele?

– Provavelmente não. Mas ela faz qualquer coisa para ganhar a simpatia dos outros.

– Ele cruza os braços. – Não é como se eles tivessem vindo do mesmo lugar. É difícil criar vínculo com as pessoas que você interroga.

– Você vai me interrogar? – pergunto surpresa. Mas depois de alguns segundos, me sinto meio idiota por não ter previsto isso.

– Na verdade, não. Só tenho de pedir gentilmente que você abra a pasta e nos dê o arquivo que conseguiu. Na verdade, acho que isso nem é tão necessário, já que vocês trouxeram uma das cobaias deles – responde e passa uma mão pelo rosto, pensativo. – Acho que a amostra de sangue que tiraram dela vai dizer muito mais do que qualquer arquivo idiota que vocês trouxeram.

– Você não acha que por causa disso deveriam abrir uma exceção e todos nós irmos para casa? – Tento parecer simpática.

– Não trabalhamos com exceções. Sabe por que você e Andrei estão salvos?

Balanço a cabeça, meio confusa com o rumo que a conversa está tomando.

– Vocês são classif...

Ele é interrompido pela porta, que se abre abruptamente.

Um homem alto, com o cabelo loiro amarelado penteado cuidadosamente para trás e um sorriso imenso, parecido com o de um tubarão, entra por ela. Ele se veste elegantemente: terno cinza, blusa preta, gravata amarela. Posso até não me lembrar de sua fisionomia, mas o sorriso é inesquecível.

É Fenrir.

E, para meu desgosto, ele veio nos salvar.

Capítulo 33

Fenrir entra na sala e segura a porta com uma postura autoritária. O soldado levanta os olhos para ele e o vejo ficar tenso.

– Já chega! Eu prossigo daqui. Muito obrigado pelo seu serviço – diz Fenrir soando entediado.

– Não recebi nenhuma ordem sob... – O soldado para e leva uma mão ao ouvido. Balança a cabeça uma vez e abre a boca para falar algo, mas depois a fecha. – Tudo bem. Sybil, é com o senhor Fenrir agora.

Ele se levanta e vejo que hesita um pouco. Deixa algo cair no chão e se abaixa para pegar, se aproximando de mim. Eu me abaixo para ajudá-lo.

– Não confie nele – ele sussurra quando ficamos próximos o suficiente para que Fenrir não consiga ver que estamos falando. – Vou ficar do lado de fora; então, o que precisar, é só chamar.

– Você nunca disse seu nome.

– Hassam – ele responde. – Hassam Darzi.

– Vou começar a achar que vocês dois estão combinando algo em vez de procurando a caneta do tenente Darzi.

Hassam estica a mão, pega a caneta e se levanta, me ajudando logo depois. Seu toque no meu braço me causa arrepios. Ele arruma o uniforme e me agradece, marchando para fora do cômodo, mas não sem antes me lançar um olhar demorado. Prendo a respiração e me acomodo na cadeira, sentindo os olhos de Fenrir sobre mim. Ele fecha a porta e se senta na cadeira ao meu lado, colocando a caixa dos arquivos secretos em cima da mesa.

– Então nos encontramos novamente, senhorita Varuna. Você deveria ter me corrigido naquele dia, quando supus que era filha de Koukleva – ele diz em um tom amigável, mas, quando fito seus olhos, só consigo ver sua expressão predatória. – Também deveria ter dito que era amiga do filho de Zorya Novak. Nós teríamos saído para tomar um café, se eu soubesse.

Não respondo nada, mas o encaro estupefata. Ele realmente achou que eu estaria feliz de sair com eles depois de ouvir do seu filho que os refugiados da guerra são um fardo para a nação?

– Bem, não importa. Que enrascada você foi se meter, hein? – ele prossegue, não se importando com meu silêncio. Como se eu tivesse optado por estar aqui. – Ainda bem que Andrei foi rápido e conseguiu ligar para Zorya. Quando ela me disse, larguei tudo o que estava fazendo e vim para cá quase imediatamente. Não consigo impedir que isso aconteça todas às vezes, mas quando posso...

Não sei o que ele espera que eu faça. Que o elogie pelo seu altruísmo? Que o agradeça por ter largado tudo e vindo nos salvar? E, se ele está nos salvando, por que as ordens dos superiores foram para que ele substituísse Hassam no interrogatório?

– Bem, estou fazendo o possível para que essas missões sejam abolidas ou feitas da melhor forma possível para todos, mas é necessária muita paciência para convencer meus colegas do senado de que isso é sem propósito. A maior parte deles é indiferente, mas os poucos que acham que essa é uma ótima forma de solucionar dois problemas de uma vez só são muito fortes para que um só representante os combata. – Fenrir dá um suspiro teatral, passando uma mão pelo cabelo penteado de forma exagerada com gel. – É uma batalha que tem de ser ganha pouco a pouco.

– Deve ser difícil – digo mais por educação do que por compaixão. Não faço ideia de como funciona o senado geral ou o sistema político, nem o que eles fazem geralmente. A única coisa que sei é que Kali tem um representante e os anômalos também, sendo o resto dividido conforme a população da União. O senado elege um cônsul uma vez a cada três anos, responsável por administrar as questões mais burocráticas e representar os interesses gerais de todos os territórios da União.

– Você não tem ideia de como. E ninguém dá valor ao que fazemos, sabe? – ele diz, apoiando um cotovelo no joelho e ficando mais próximo de mim, com uma expressão de cansaço. – É como se todo o esforço que faço fosse pelo ralo. Consegui mais vagas nas universidades, mais leitos de hospital, permissão para ampliação de várias cidades anômalas, e o que recebo como recompensa? Críticas. Indiferença. Desrespeito. Dá vontade de desistir de tudo, às vezes.

Não consigo entender aonde ele quer chegar com esse desabafo, mas sinto um pouco de pena. Deve ser difícil carregar nas costas o peso de toda a população anômala da União, de todas as regiões. Mas se ele se ofereceu para o cargo, não deveria saber que era um pacote que incluía todo tipo de dor de cabeça?

– Mas agora não é sobre mim, é sobre você. – Ele sorri novamente e, de perto assim, não consigo não pensar que talvez sua mutação seja ter um sorriso assustadoramente branco e afiado, mais apropriado a um tubarão. – Quando soube que vocês foram geniais na missão, que até salvaram uma das cobaias das mãos dos dissidentes, fiquei orgulhoso. Eles não dão valor para nós e só nos veem como armas e é bom mostrar a eles que somos úteis. Soube, pelos registros, que foi você que insistiu para que trouxessem a garota. Além disso, soube também que vocês sacrificaram um dos membros da missão para trazê-la. Isso foi muito corajoso de sua parte, Sybil.

– O mérito não é meu – digo, lambendo os lábios meio nervosa. – Eu não queria trocar Sofia por Ava! Só não achei certo que...

– Não. Tudo bem, querida. Você agiu com rapidez e acho que somente a interação do time de vocês foi capaz de fazê-los chegar aqui vivos. Se tivessem roubado apenas os arquivos, eles nunca teriam se preocupado em ir atrás de vocês. O que são alguns arquivos para eles? Mas a garota... – Ele aponta para a tela onde Sofia aparece encolhida em sua cadeira com as pernas cruzadas. – Isso foi uma provocação sem tamanho. Principalmente porque ela parece ser importante para a pesquisa deles. E você seguiu seu instinto e fez a coisa certa.

Desvio o olhar para a caixa com as pastas em cima da mesa, me sentindo desconfortável com todo esse discurso cheio de elogios e floreios. Eu não fazia ideia de que Sofia poderia ser uma peça-chave, nem que isso ia ajudar ainda mais nossa missão. Falando assim, ele me faz parecer uma pessoa fria e sem coração, que toma decisões estrategicamente. Salvei Sofia porque aquilo era tão errado que não podia continuar.

– Precisamos de pessoas como você, Sybil. Pessoas que sabem o que estão fazendo, que são inteligentes o suficiente para entender a extensão dos danos, mesmo estando no olho do furacão. Essa capacidade de tomar decisões sob pressão é o tipo de habilidade que torna as pessoas poderosas.

– Eu vim de Kali para fugir do exército – digo com firmeza, levantando os olhos para ele. – Porque não faz parte dos meus planos morrer enquanto tento matar alguém.

– Não estou falando do exército, querida. – Ele soa amável e tenho vontade de jogar minha cadeira na sua cabeça exageradamente loira para que não me chame mais de querida. – Estou falando dos anômalos. De nós. Das *aberrações*. Nós precisamos ser ouvidos e precisamos de pessoas que despertem a compaixão. Você sobreviveu a uma missão, salvou uma garota dos dissidentes e ainda abriu mão de sua melhor amiga no processo.

– Isso não é verdade. Ava não era minha melhor amiga, mas eu gostava dela. E eu nunca abriria mão de sua vida. Isso não é certo. – Respiro fundo. A acusação de que deixei Ava na ilha para morrer em troca de Sofia me deixa enojada. Fecho as mãos e minhas unhas afundam nas palmas. – E eu não sou uma espécie de líder. Somos um time. Nós quatro completamos a missão e trouxemos Sofia conosco.

– Olho para seus amigos e vejo um grupo patético composto por uma criança dissidente, uma aberração cega e um garoto com sérios problemas de sociabilidade. Olho para você e vejo uma sobrevivente. Qual dos dois parece mais atraente?

Fico em silêncio, me sentindo extremamente ofendida. Minha garganta se fecha e preciso de cada grama do meu autocontrole para não atacá-lo. Não existem palavras para rebater seu argumento que não sejam palavrões ou xingamentos.

Ele toma meu silêncio por assentimento. Aposto que é de propósito.

– Então, tenho uma proposta para você, Sybil. – Ele pega a caixa dos arquivos e empurra em minha direção. – Eles querem que você abra isso e sabem muito bem que se você não quiser, não precisa. Que isso lhe dá poder de barganha. É por isso que eles deixaram você por último.

– Continuo podendo escolher o que fazer. Posso não abrir a caixa e exigir que todos nós voltemos para casa sãos e salvos – digo, me esticando para parecer maior e mais imponente do que realmente sou.

– Não. Porque se você ficar com a pasta, eles ficam com a menina.

Eu o encaro e espero que não tenha deixado transparecer minha indignação. Eles não seriam capazes de continuar experimentos e testes em Sofia, depois de tudo o que ela passou. Seriam?

– Você parece gostar dela. E parece gostar dos seus amigos também. Não seria perfeito se todos eles voltassem para casa com você, para que possam assistir filmes, andar de bicicleta ou correr no parque?

– Seria sim – respondo o mais friamente possível.

– Posso fazer com que isso seja possível.

A temperatura da sala parece cair. Minha mente tenta absorver todas as informações despejadas na última hora e não vejo nenhuma saída que nos deixe seguros. Encaro por alguns segundos o homem à minha frente. Fenrir demonstra uma expressão amigável, mas seus olhos estão escuros e com um brilho de vitória. Sinto-me encurralada.

– Mas você tem um preço.

– Todo mundo tem um preço. – Ele concorda e agradeço mentalmente por não estar sorrindo. Aquilo tornaria tudo pior.

– Algumas pessoas têm um preço que é caro demais para ser pago.

– Você é uma garotinha sábia, não é? – Fenrir estende a mão para mim. – Vamos, pegue-a.

Eu o encaro por alguns segundos e ele faz um sinal para que eu coloque a mão sobre a dele. Lembro de Dimitri me contando sobre o poder de seu filho, capaz de manipular vontades. E se Fenrir for assim também? E se ele quer que eu encoste nele para poder me forçar a fazer algo que não quero?

– Eu não vou fazer nada com você, juro – ele diz, provavelmente deduzindo meu pensamento.

Estico a mão e a coloco sobre a dele, indo contra meu instinto de fuga. Não confio nesse homem. Ele ofendeu meus amigos. Ele quer fazer uma troca comigo e eu nem sequer sei seu preço. Não sei nada sobre ele. Mas, por outro lado, ele está oferecendo a liberdade para todos nós.

Quando minha mão encosta na dele, Fenrir fecha a mão no meu pulso, como se eu fosse uma criança. Seus olhos não desviam dos meus e tenho a impressão de que

está usando algum tipo de poder, mas não sinto nada de diferente. Quando ele finalmente me solta, limpo a mão na roupa e me afasto o máximo possível dele.

– Você é difícil de dobrar, hein? – Ele se levanta, enfiando as mãos no bolso. – Eu não negocio sem saber se meu investimento é seguro, por isso precisei da sua mão.

– O que você fez? Leu meu futuro? – digo sem pensar, furiosa com todo o teatro.

– Não, minha querida. – Fenrir me dá seu sorriso predatório, enquanto caminha pela sala com as pernas longas. Ele olha para mim mais uma vez. – Você sabe o que acontece no ano que vem?

Balanço a cabeça, confusa pela mudança de assunto da conversa. Olho para meu pulso discretamente, para ver se há algo de diferente nele, mas não vejo nada.

– As eleições. Os anômalos com idade suficiente votam em um candidato para representá-los no senado. Alguns não vão querer votar, mas a maior parte vai fazer valer seus direitos. Isso quer dizer que ano que vem será o ano da campanha. O ano em que terei de derrotar novamente todos os meus oponentes, de todos os lugares da União, para poder manter meu lugar. Pelos últimos três mandatos, eu consegui fazer isso muito bem.

Concordo, tentando me lembrar das eleições em Kali. É patético, com poucas pessoas que vão efetivamente votar. Todos lá são jovens demais, velhos demais ou já não se importam com nada. Nenhum dos candidatos é memorável o suficiente para me deixar com alguma impressão dele, todos misturados em um emaranhado de pessoas e de propostas que nunca foram cumpridas.

– Dessa vez, tenho um concorrente à minha altura. Ele tem o apoio de uma camada cada vez maior da população, vendendo ideias erradas que nunca dariam certo na prática. Ele é um idealista sem escrúpulos que faria qualquer coisa pelo poder. – Fenrir olha para mim. – E eu preciso de todas as ferramentas possíveis para combatê-lo, para impedir que o trabalho de anos seja jogado pela janela.

Tento conectar tudo o que ele disse até agora com o que poderia querer de mim. Ele me dá alguns minutos de silêncio para que eu possa processar e, quando finalmente tudo começa a fazer sentido, volta a falar.

– Preciso de você, Sybil. Do meu lado, me ajudando a fazer campanha, me apoiando publicamente. As pessoas vão se identificar com você, que passou por tanta dificuldade e, no fim, foi recebida por uma amorosa família, em uma cidade capaz de lhe dar uma vida digna. Você vê o lado bom de Pandora, os benefícios de estar em um lugar feito especialmente para atender suas necessidades. Você sabe como nosso treinamento não deixa a desejar ao de Kali, sabe como as coisas funcionam bem.

Eu me sinto completamente desconfortável e olho para meus pés, sem saber o que fazer. Como começar a dizer que ele tem uma ideia completamente errada de mim? Como explicar que não sou o que acha que sou, que não me encaixo na carapuça de

sobrevivente? Como dizer que não admito que ofenda meus amigos e que depois venha me implorar para ajudá-lo?

Por outro lado, parece ser um preço pequeno a se pagar pela vida dos outros. Mas não deixo de sentir que deve haver outra forma, alguma saída que não consigo ver por causa da pressão em que estou.

– Você não está convencida ainda – ele diz com um tom de impaciência e senta novamente, pegando meu queixo e me forçando a olhar para ele. Luto um pouco, mas com a outra mão ele me segura pelo braço, com força. Mal consigo me mover e sinto medo quando percebo como estou vulnerável. – Então vamos colocar as coisas em termos mais claros, querida. Você está vendo seus amigos ali? Então, se não fizer o que digo, mais de um deles não voltará para casa com você.

Demoro alguns segundos para assimilar a ameaça e, diferentemente da mulher que interrogou Andrei, não tenho dúvidas de que ele seja capaz de cumpri-la. Sua expressão é rígida, enquanto seus dedos afundam mais no meu braço, e a sala parece diminuir. Meu peito se aperta e sinto uma tontura, como se fosse desmaiar. Fenrir pode fazer qualquer coisa comigo e ninguém nunca saberá.

– Como posso ter certeza de que você não vai me enganar? – pergunto, tentando parecer mais corajosa do que me sinto.

– Sou um homem de palavra. – Ele me solta. Passo uma mão pelo pulso, agora com marcas vermelhas onde os dedos dele me apertaram.

– Um homem de palavra não ameaça uma garota. – Meu tom é amargo.

– Não, você está confundindo as coisas. Eu cumpro minha palavra. Se eu disse que vou fazer algo, eu faço. Seja ela desagradável ou não. – Ele dá um dos seus sorrisos terríveis. – Você está de acordo com nossos termos? Quando eu precisar de você, a chamarei. Em troca, você e seus amigos saem daqui inteiros.

– E o que eles ganham com isso? – Faço um gesto com a cabeça para cima e ele entende imediatamente quem são eles.

– Os arquivos que eles querem. Um favor meu. – Fenrir dá de ombros. – Nada que não possa ser pago.

– E se eles não nos deixarem ir? Como fica a sua palavra? – digo, segurando a caixa dos arquivos com uma das mãos. Preciso de cada grama de coragem para prosseguir a conversa, para tentar levá-lo para o lado que quero. Porque se tenho de aceitar a proposta dele, pelo menos alguma coisa tem de ser nos meus termos.

Fenrir olha para mim demoradamente e cruza os braços, me medindo de cima abaixo.

– Você tem razão em querer garantias. Assim como eu. Vamos fazer um acordo? Eu converso com eles enquanto vocês se arrumam e só quando nós sairmos você entrega os arquivos. Que tal?

– Parece razoável. – Concordo.

– Em compensação, isso deve ser mantido em segredo. Toda essa conversa. A nossa troca. Quando eu entrar em contato com você, todo mundo deve acreditar que é porque você ficou comovida com minha causa e quis ajudar. – Ele se aproxima de mim e eu me encolho na cadeira, sem saber o que ele fará a seguir. Ele apoia as mãos no encosto e se inclina, deixando o rosto a centímetros do meu. As palavras seguintes são ditas em tom baixo, com uma calma controlada. – Você gosta da sua família adotiva, não gosta? Então acho bom que você cumpra nosso acordo.

Quando Fenrir se afasta, percebo que preendi a respiração durante todo o tempo em que ele esteve falando. Solto a caixa que estava segurando com força e observo enquanto o sangue volta para os dedos, tentando não pensar no que ele acaba de dizer. As coisas adquirem uma dimensão ainda maior e sinto que quanto mais tempo eu ficar próxima a ele, mais ele vai me prender em sua teia.

– Tudo bem. – Finalmente concordo, quando sinto que minha voz vai soar estável. – Mas tenho de vê-los saindo das salas.

Fenrir dá de ombros e abre a porta, enfiando a cabeça para o lado de fora. Consigo ver a bota de alguém, provavelmente Hassam, antes de Fenrir voltar para dentro e fechar a porta atrás de si. Como um mágico, ele faz um gesto teatral e aponta para as televisões.

O primeiro a se levantar e ser conduzido para fora é Leon, sendo seguido por Andrei. Não consigo ouvir o que falam, mas Andrei levanta o rosto na direção da câmera como se procurasse algo. A última a sair é Sofia, que praticamente arrasta os pés enquanto caminha para fora da sala.

– Satisfeita, querida?

– Não me chame de querida – falo rispidamente.

– Nos encontramos na saída. É bom que esteja com os arquivos. – Ele dá mais um dos seus sorrisos calculistas e sai da sala.

A porta mal fecha e começo a tremer. Seguro com força a caixa para tentar impedir o descontrole do meu corpo, mas meu coração está acelerado e sinto vontade de vomitar.

Tento me convencer de que fiz uma boa troca, mas não consigo me livrar da sensação de que acabo de cair em uma armadilha.

Capítulo 34

Quando os encontro, estamos em um lugar que mais parece um vestiário do que uma cela. Uma das paredes é recoberta de armários e a outra tem pequenas cabines, com um chuveiro em cima. Nossas mochilas estão empilhadas em um canto no chão e meus três amigos estão sentados em um dos bancos, em silêncio. Todos os olhos se voltam para mim quando Hassam finalmente me deixa lá dentro e vou até minha mochila.

Todas as minhas coisas estão ali dentro, inclusive o botão que Tomás me deu. Eu o seguro com força, tentando pensar que agora estamos mais perto de voltar para casa. Sinto-me um pouco triste de não ter conseguido nenhum presente para ele, mas depois percebo que é idiota. Eu nunca conseguiria trazer algo. Por outro lado, eu havia trazido Sofia comigo. Será que poderia ser considerado como um presente?

– Podemos ir? – Andrei quebra o silêncio, se juntando a mim. Tiro uma muda de roupa da minha mochila e olho para ele.

– Sim.

– Todos nós? – Ele parece surpreso.

– Todos nós – digo em um tom cansado. – Sua mãe falou com Fenrir e ele conseguiu nos tirar daqui.

Ele tenta não sorrir, em vão. Não consigo compartilhar a felicidade dele, sabendo que estou devendo um favor irrevogável a Fenrir. Ele olha para Sofia e Leon e os dois também parecem felizes. Tento me convencer de que é isso que importa e dou um sorriso falso.

– Eles me disseram que sua mãe aceitou cuidar de mim – Sofia diz para Andrei. – Vamos ser irmãos.

– Isso é fantástico! – respondo com sinceridade. – Parece que sua mãe tem a tendência de aparecer e salvar o dia.

– Só às vezes. – Andrei dá de ombros, pegando a mochila dele e a de Leon. – Boas respostas lá, Sofia. Mas a gente precisa trabalhar um pouco na sua história. Não funciona você não saber quantos anos tem.

– Mas eu não sei – Sofia responde, abraçando as pernas. – Eu não sei quanto tempo faz desde meu último aniversário.

– Nós sempre podemos inventar sua idade. Quantos anos você quer ter? Treze? Catorze? – digo, tentando animá-la. Mas então vejo que há uma mochila sobrando e lembro de Ava. Sinto o estômago revirar. Agora ela pertence a Sofia. Fico em silêncio. Logo Andrei e Sofia também ficam quietos ao repararem o que estou olhando.

– O que foi? – Leon pergunta, enquanto tira as roupas de dentro de sua bolsa como se nada tivesse acontecido. – Por que ficaram em silêncio subitamente?

– Hum... tem uma mochila extra. Deve ser sua, Sofia – digo, pegando-a pela alça e entregando para a menina. Meu coração dói com o gesto, pensando que Ava deveria estar aqui. Quando me lembro dela, do esforço que ela fez durante a missão, minha promessa a Fenrir não é nada.

– Obrigada. – Ela pega a mochila, abaixando os olhos e abrindo-a.

As coisas de Ava foram substituídas por roupas simples, e Sofia escolhe um vestido preto. Entramos em cabines separadas e nos trocamos. Eu me visto com pressa, não querendo ficar um segundo a mais ali dentro. Sinto uma agonia, uma asfixia, como se estivesse presa. Quero sair desse lugar o mais rápido possível para voltar para casa, me enrolar em um cobertor e fingir que nada disso aconteceu.

Quando saio das cabines, Andrei não está em nenhum lugar do vestiário. Vejo que Sofia e Leon decidiram tomar banho e aproveito o momento sozinha para pegar a caixa com os arquivos. Ela é a garantia de que vamos ficar bem. Mas também há algo dentro que me interessa: o arquivo sobre o navio que me trouxe até ali. Depois da conversa com Fenrir, tenho certeza de que se encontrarem algo adicional, qualquer acordo que eu tenha feito será cancelado. Passo o dedo com delicadeza na lateral e ela se abre com um pequeno estalo. Os três arquivos estão lá dentro: dois sobre a pesquisa e o que surrubei sem ninguém perceber. Pego a última pasta e a curiosidade é maior do que a cautela, porque a primeira coisa que faço é abri-la.

As páginas estão escritas com caracteres esquisitos, o idioma dos dissidentes. Há uma lista com nomes de passageiros, algumas fotos, um mapa com o que creio ser o itinerário do navio e uma única folha com o resumo do arquivo na língua unidense. Puxo a folha com a nossa escrita e passo os olhos por cima, lendo as palavras “carga”, “mão de obra” e “guerra”. Ouço um barulho vindo da direção da porta e levo um susto, enfiando o papel dentro da pasta de qualquer forma.

Andrei está parado a alguns metros de distância, me observando com os braços cruzados.

– O que você está lendo? Os arquivos que trouxemos?

Concordo com a cabeça. Ele se aproxima lentamente e eu puxo a mochila para o meu colo, tentando enfiar dentro dela a pasta sobre o *Titanic III* sem que ele veja. Nesse processo, os outros dois arquivos caem, espalhando papel por todo canto. Andrei se abaixa para juntá-los e tenho a oportunidade de esconder o arquivo antes de me juntar a ele.

Se havia alguma ordem nos papéis, ela é perdida enquanto os enfiamos aleatoriamente dentro das pastas pretas.

– Acho que seria bom você esconder bem aquele arquivo que colocou na mochila – ele diz em voz baixa, com um tom tenso quando terminamos de juntar os papéis. – Você não é a melhor pessoa para guardar segredos, sabia?

– Nós não vamos ter mais problemas com eles, se é com isso que você está preocupado – respondo irritada, enquanto guardo os outros dois arquivos na caixa especial.

– Minha mãe falou com você? – Andrei diz perturbado e se aproximando de mim.

– Não. Não foi ela. Fenrir falou comigo. Foi por causa dele que nós conseguimos escapar. Obrigada, aliás. Acho que não teríamos conseguido sem você.

Andrei fica em silêncio, pensativo, e encosto a cabeça em seu ombro. Ele me abraça e eu respiro fundo, me controlando para não contar exatamente o que aconteceu instantes antes. Não há dúvidas quanto à intenção de Fenrir de cumprir suas ameaças.

– O que ele quis? – questiona, apertando ligeiramente meu ombro.

– Nada. – Balanço a cabeça.

– Sybil, eu o conheço desde criança. Ele nunca me deu um presente de aniversário sem esperar alguma coisa em troca.

– Isso é jeito de falar dos outros, Andrei Novak? – Uma voz de mulher chama a nossa atenção e Andrei me solta, assustado.

– Baseado no que ouço de você, é – ele responde petulante. Está visivelmente irritado. – O que você está fazendo aqui?

– Não fale assim com a sua mãe – falo precipitadamente e ele olha para mim com uma sobrancelha arqueada.

– Ah, querida. Não se preocupe, já estou acostumada. Ele herdou meu temperamento, infelizmente. – Ela se aproxima de nós, seus saltos fazendo um barulho oco enquanto caminha. – Você deve ser Sybil, não? Muito prazer em finalmente conhecê-la! Os homens da minha casa falam muito de você.

– Prazer em conhecê-la, senhora. Andrei também fala bastante da senhora – respondo. Andrei revira os olhos ao meu lado provavelmente porque os dois sabem que estou mentindo.

É engraçado que os dois não se deem bem, apesar de serem tão parecidos. A senhora Novak tem o cabelo loiro e levemente cacheado como o filho, os mesmos olhos escuros e o mesmo desenho dos lábios. Os dois têm a mesma altura quando ela está de salto e, se não fosse pelos traços do senhor Novak, eu diria que Andrei só tem mãe.

– Como vocês estão? Todos inteiros? – ela pergunta, olhando para Leon quando ele sai do banho. Por último, Sofia aparece toda arrumada como uma boneca. – Ah,

você deve ser a nova garotinha que vai fazer parte da nossa família! Bem-vinda! Sou sua nova mamãe, Zorya. Pode me chamar de Zoe. Sei que é difícil para vocês falarem esses nomes.

– Mãe, por favor – Andrei diz impaciente.

Tenho vontade de bater nele por fazer tão pouco caso dela. Ela está aqui, não é? Nos ajudando a sair com vida dessa enrascada, apesar de tudo.

Sofia encara Zorya e depois olha para mim. Eu a encorajo e ela se aproxima, estendendo uma mão para a mãe de Andrei. Em vez de pegá-la, Zorya abraça Sofia e bagunça seu cabelo recém-penteado. Andrei cruza os braços e diria que está com ciúme se não o conhecesse tão bem.

– Meu pai sabe que você está levando ela para casa?

– Claro que sim, Andrei. – Zorya solta Sofia, virando-se para o filho. – Nós estamos atrasados. Vocês estão prontos? Sybil, está com os arquivos?

– Sim – respondo as duas perguntas, colocando a mochila nas costas. Pego a caixa e mostro para ela, mecanicamente.

– Certo, então vamos.

Capítulo 35

Zorya caminha rápido demais para quem está usando saltos tão finos e altos. Nós a seguimos em fila e apresso o passo, não vendo a hora de sair desse lugar. Andrei, pelo contrário, parece não ter pressa alguma e fica por último. Ele parece um garotinho teimoso e isso irrita sua mãe, que fica mandando-o se apressar. Quando vê que não tem como vencer, desacelera o passo e me acompanha pelos corredores.

– Fenrir teve uma ótima impressão de você, Sybil – ela diz animada. Tenho vontade de dar uma resposta malcriada, mas só concordo com a cabeça. – Ele disse que você é uma garota brilhante.

– Ele não deve conhecer muitas garotas então – respondo exausta.

– Além disso, ainda é modesta. – Ela dá um sorriso e olha para Andrei pelo canto do olho antes de apoiar uma mão em meu ombro. – Você devia ensinar modos para meu filho.

– Mãe, dá um tempo! – Andrei soa tão cansado quanto eu. – Quando vamos chegar em casa?

– Em algumas horas. Vocês vão no trem privativo de Fenrir, então terão espaço para dormir. – Zorya sorri e anda mais rápido, fazendo um sinal para eu acompanhá-la. Logo os outros ficam para trás e ela se inclina em minha direção.

– Eu estava conversando com Fenrir antes de encontrá-los e estávamos falando sobre você e sua família. Como você está com eles? – ela pergunta, parecendo genuinamente preocupada. Baixo a guarda. Ela é mãe de Andrei, não pode ser tão ruim assim.

– Muito bem. Eles me tratam como se eu realmente fosse da família e me adaptei completamente à vida com eles.

– Eles... – Ela hesita por alguns minutos e encosta em meu ombro. – Vocês conversam sobre a sua vida antes de vir para cá?

– Minha vida em Kali? – Franzo a testa, confusa. – Dimitri veio de Kali também; às vezes conversamos sobre isso.

Zorya dá um suspiro e sorri de maneira melancólica. Seu olhar se perde em algum lugar na nossa frente e só depois de alguns segundos ela parece voltar ao normal.

– Quando eu era bem pequena, meu pai se alistou no exército para ir para a guerra. Ele achava que era a melhor forma de dar uma vida melhor para nós, porque era um

emprego constante. A vida de um anômalo fora das cidades especiais pode ser muito difícil e o lugar onde morávamos não oferecia nenhuma oportunidade. – Ela faz uma pausa, como se ponderando as próximas palavras. – Ele não teve a sorte de voltar de Kali.

– Sinto muito – digo com sinceridade. Eu não fazia ideia de que o avô de Andrei havia morrido na guerra.

– Ele fez o que achou que era certo para nossa família. – A mulher balança a cabeça e dá um sorriso triste. – Admitir que às vezes precisamos fazer o que parece absurdo para garantir o bem-estar de quem amamos é meio caminho andado para lidar com a dor.

Olho para baixo, sentindo o peito apertar e um nó se formar em minha garganta. A última coisa que esperava era que a mãe de Andrei tentasse me consolar e tenho vontade de agradecer, mas sei que se abrir a boca, vou começar a chorar. Zorya olha para mim e seus olhos se suavizam. Ela respira fundo e para.

– Sybil – ela diz antes de olhar para trás. Ao ver que os outros não se aproximam, me segura pelo ombro. – Fenrir pediu que eu não fizesse isso, mas não acho certo deixá-la no escuro.

– O que foi? – Minha voz soa tão incerta que nem sequer a reconheço.

– Preciso que você jure para mim que não vai contar a ninguém o que vou dizer. Não pergunte para seus pais, não conjecture com seus amigos e não fale para Andrei. – Seu tom é tão sério que só concordo com a cabeça, sem pensar muito no assunto. O que é mais um segredo só meu comparado aos que já tenho? – Sybil, jure. Se alguém descobrir que contei isso, não sei o que Fenrir faria com Charles e Andrei.

– Eu juro – digo, engolindo em seco.

– Fenrir sabe, praticamente desde que você chegou aqui, quem é o seu pai. Nada desde que você chegou aqui foi uma coincidência, Sybil. Sua família, sua escola, a posição que você tem, essa missão. Nada foi por acaso.

Dou um passo para trás e só não caio porque Zorya está me segurando. O que ela diz é impossível e de repente todas as minhas defesas voltam, porque é óbvio que só está aqui porque Fenrir quer me manipular de todas as formas possíveis. Fico estupefata com o sentimento de traição e de decepção e demoro um pouco a me recompor.

– Você acha que isso é engraçado? – Dou mais um passo para trás, tentando me afastar dela. – Você acha que sou um brinquedo, que você e Fenrir podem fazer o que querem comigo!?

– Não, Sybil. Não é assim! – Zorya é uma ótima atriz, porque a expressão que faz, de dor, de pena e de surpresa, é perfeita. – Por favor, eu nunca acharia nada disso. Eu só acho que você tem o direito de saber que você não é sozinha nesse mundo. Você não é órfã e embora eu não saiba os motivos de seu pai, sei que ele está fazendo o melhor por você.

– Você está insinuando que Fenrir é meu pai? – pergunto ultrajada. A ideia de que eu compartilhava parte do material genético daquele homem era nojenta e ridícula.

– Não. – A loira franze o rosto em uma expressão de antipatia. – Não, embora ele tenha usado a informação para fazer seus planos. Sybil, a verdade é que...

– Mãe? – A voz de Andrei a interrompe e ela olha para mim com uma expressão de aviso antes de se virar. Os três estão no fim do corredor, se aproximando exatamente na mesma velocidade. Sofia arruma o cabelo atrás da orelha quando nos vê, seu olhar voltado para baixo.

– Vocês demoraram tanto! – ela exclama, arrumando o blazer. – Mais um pouco e ia começa a achar que viraram lesmas.

– Teríamos alcançado vocês antes se não tivessem andado como se o prédio estivesse prestes a explodir – Andrei diz secamente. – Sofia não consegue acompanhar o ritmo de vocês.

– Não se preocupem comigo – Sofia responde, passando a mão nervosamente pelo tecido do vestido. – Prometo que não vou atrasá-los.

– Não estamos com pressa – Zorya diz, com um sorriso reconfortante. – É só o costume. Prometo que da próxima vez vamos mais devagar.

Suspiro e olho na direção que temos de seguir. Não sei o que pensar de Zorya, nem se devo confiar ou acreditar nela. A ideia de que ela sabe quem é meu pai e, pior ainda, que ele sabe quem eu sou me deixa inquieta. Se fosse o caso, por que não tinha ido me buscar antes? E se não era Fenrir, por que Fenrir sabia disso? Era tudo muito confuso e, naquele momento, só queria deitar e dormir, ali mesmo, e esperar que tudo passasse.

Meus devaneios são interrompidos quando vejo Hassam se aproximar no corredor junto com outro homem, os dois conversando naturalmente. Fico curiosa quando percebo que, ao nos verem, mudam a postura. O companheiro de Hassam arruma o uniforme azul-marinho e tira o chapéu, caminhando de forma mais tensa do que antes. Não consigo ver direito as marcas de sua farda, mas tenho certeza de que é alguém de alto escalão, um capitão no mínimo, e que é anômalo. A marca amarela do uniforme é visível de longe. Hassam também adquire uma postura mais séria ao seu lado.

– Vejo que ainda estão aqui – comenta o oficial se aproximando. – Está tudo certo?

Zorya se vira e sua expressão de surpresa é breve, mas aparente. Logo se recompõe e cruza os braços, dando um sorriso que julgo ser apaziguador.

– Almirante Klaus. – Zorya o cumprimenta. Ela se aproxima do homem e estende uma mão, mas o almirante apenas levanta uma das sobrelanceiras para ela. – Só estávamos conversando.

– Veio buscar as crianças do passeio da escola? – ele responde, e sua voz é grave e contida, mas não consigo deixar de perceber o tom de crítica que permeia o comentário.

– Você sabe como é. Essas crianças estão sempre se metendo em encrencas. – Ela põe uma mão no quadril, com uma postura meio beligerante, e olha para nós. Tenho a impressão de que seu olhar demora um pouco mais em mim. – Deixe-me apresentá-los. Aquele é Andrei, meu filho. Sofia, minha filha recém-adotada. Leon, logo atrás de mim. E essa é Sybil Varuna.

Sinto os olhos do almirante sobre mim e nos encaramos. Ele desvia o olhar rapidamente, voltando a fitar Zorya. Aproveito o momento para analisá-lo, percebendo com humor inesperado que o traço mais marcante do comandante é um nariz pontiagudo, como o meu. É uma característica que se encaixa em seu rosto muito melhor do que no meu, deixando-o bonito de uma forma não muito óbvia. Por que a mãe de Andrei tem uma postura tão hostil com esse homem?

– Prazer em conhecê-los – ele diz em um tom cortês. – Soube o que aconteceu e, quando os vi, queria certificar de que estavam todos bem. Mas se me dão licença, tenho outros compromissos urgentes.

– Espero vê-lo em breve, almirante. Soube que o senhor realmente vai se candidatar ao senado. – Zorya mostra o sorriso mais falso que já vi e olho para o oficial, curiosa. A resposta da minha dúvida é clara: ele é o adversário perigoso de Fenrir.

– Sim, eu vou, senhora Novak. Fenrir deve estar prestes a enlouquecer. Não deixe que ele a enlouqueça também. Você é uma boa pessoa – ele diz e sinto que está olhando para mim. Levanto os olhos e ele desvia o olhar. – Tome mais cuidado com suas crianças.

– Tenho cara de mãe relapsa? – ela pergunta, cruzando os braços indignada, e ouço Andrei sussurrar algo como: “Se a carapuça serviu”...

– Nunca acusaria ninguém sem provas. – O almirante faz uma medida com a cabeça para nós. – Crianças, senhora, até mais.

Respondemos educadamente antes que ele siga em frente. Olho para trás uma vez enquanto caminhamos na direção oposta, só para ver Hassam me olhando também. Ele sorri para mim, mas logo parece preocupado. Para um pouco, mas depois continua a seguir o homem.

Depois do encontro, caminhamos mais devagar até um lobby espaçoso, com uma porta de vidro na frente. Fico desnorteada quando percebo que esse lugar é idêntico ao Centro de Apoio ao qual fui levada logo depois do naufrágio. Quantas pessoas em situações parecidas com a nossa também estarão presas aqui?

Ao meu lado, meus amigos estão tão quietos e pensativos quanto eu. Será que estão pensando em como fomos sortudos? Se Andrei não tivesse as conexões que tinha, não sei o que teria acontecido conosco. Ou pior, nós poderíamos nunca ter chegado ali. Lembrar de Ava me deixa com um vazio no peito e uma sensação de incapacidade imensa; sinto que se não me controlar, não vou suportar o que estou sentindo. Fico grata quando questões mais práticas obrigam que eu volte ao mundo real.

Perto da porta, há um homem com uma roupa pomposa ao lado de Fenrir. A forma como nos olha é assustadora e, pela tensão em seu rosto, percebo que falou comigo e não obteve resposta. Ele estende a mão, fazendo uma mímica de caixa, como se estivesse falando com alguém que tem problemas de compreensão. Eu a pego, apesar das minhas mãos trêmulas, e passo meu dedo para abri-la antes de entregar para ele.

– Muito obrigado pela sua colaboração – diz ele agradecendo, sem muita sinceridade na voz, e se vira para Fenrir. – Você sabe o que combinamos.

– Sim, sem problemas – Fenrir responde com um sorriso ganancioso e os dois se despedem.

Ele então olha para nós e enfia as mãos nos bolsos.

– Zorya, acho que eles estão doidos para voltar para casa. O que acha se eu pedir que façam uma lasanha para comermos no trem enquanto voltamos? Podemos ter bolo de chocolate de sobremesa! – Da forma que fala, parece um pai preocupado em fazer os filhos felizes.

– Seria ótimo! – Zorya comenta, com entusiasmo. Ela se aproxima de Fenrir e fala um pouco mais baixo. – Encontramos o almirante lá dentro antes de sairmos, sabia?

– Mesmo? – A expressão de Fenrir é a de quem acaba de descobrir que sua gravata amarela preferida está manchada. – Espero que ele esteja bem.

– Melhor do que nunca – a mulher responde amarga. – Disse que mal pode esperar para nos ver mês que vem, quando abrirem as candidaturas para o senado.

Fenrir faz uma careta e nos mantemos em silêncio. Troco olhares com Andrei, que levanta uma sobrancelha. Vamos ter muito o que conversar quando chegarmos em casa, mesmo com todos os meus segredos. À nossa frente, Fenrir segura a porta enquanto todos saímos. Sou a última e ele me segue, segurando meu ombro com uma força desnecessária.

– Lembre-se, Sybil. Nossa diversão só está começando – diz ele, inclinando-se em minha direção. Sinto um calafrio.

Quando ele me solta, não consigo deixar de pensar em como diversão é a última coisa que vem à minha mente quando penso no acordo que fizemos.

Porque vendi minha alma para ele.

E agora sou sua marionete.